



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ANÁLISE POLIFÔNICA DE ESTEREÓTIPOS NA  
MÍDIA: UMA NOVA IDENTIDADE PARA A MULHER  
NA MATURIDADE?**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Fátima Andréia de Jesus Tamanini-Adames**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2010**

**ANÁLISE POLIFÔNICA DE ESTEREÓTIPOS NA MÍDIA:  
UMA NOVA IDENTIDADE PARA A MULHER NA  
MATURIDADE?**

**por**

**Fátima Andréia de Jesus Tamanini-Adames**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras – Área de Concentração em Estudos Linguísticos, Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social” – da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr. Vera Lúcia Pires**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2010**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**ANÁLISE POLIFÔNICA DE ESTEREÓTIPOS NA MÍDIA: UMA NOVA  
IDENTIDADE PARA A MULHER NA MATURIDADE?**

elaborada por  
**Fátima Andréia de Jesus Tamanini-Adames**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Letras**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Vera Lúcia Pires, Dr. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)**

---

**Adail Ubirajara Sobral, Dr. (UCPEL)**

---

**Désirée Motta-Roth, Dr. (UFSM)**

---

**Luciane Kirchhof Ticks, Dr. (UFSM)  
(Suplente)**

Santa Maria, 28 de maio de 2010.

Mas o que quer dizer este poema? - perguntou-me alarmada a boa senhora.  
E o que quer dizer uma nuvem? - respondi triunfante.  
Uma nuvem - disse ela - umas vezes quer dizer chuva, outras vezes bom tempo...  
(Mário Quintana)

Ao meu pai, Névio Tamanini (*in memoriam*),  
inteligência singular e exemplar.

## AGRADECIMENTOS

Ao Espírito Santo de Deus, *Ruah* que me ilumina com sua Feminina e Divina Força e sopra Sabedoria em meus ouvidos, sem as quais seria impossível a caminhada até aqui.

À minha orientadora, tão feminista quanto feminina, Professora Vera Lúcia Pires, pela generosidade em ter me aceito em seu restrito e inteligente Círculo Bakhtiniano. A ela, minha amizade e gratidão eternas!

À Professora da Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social” Désirée Motta-Roth, pela inestimável confiança, bem como pelos fundamentais ensinamentos acerca da Análise Crítica do Discurso.

À Professora da Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social” Nina Célia Almeida de Barros, por introduzir-me nos pontuais e sedutores meandros da Linguística Sistêmico-Funcional.

Às Professoras Ana Marilza Bittencourt e Tânia Regina Taschetto, pelas primeiras e valiosas orientações no Curso de Letras – Português, Inglês e Literaturas - da UFSM.

Às Professoras da Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social” Luciane Kirchhof Ticks, a qual permitiu o surgimento da ideia central dessa pesquisa, bem como Graciela Habuske Hendges, que gentilmente me aceitou como ouvinte em suas aulas sobre “Multimodalidade” que, com certeza, permitirão maiores estudos no futuro.

Aos Professores Adail Sobral, Désirée Motta-Roth, e Luciane Kirchhof Ticks, pela disponibilidade e paciência de lerem meus escritos e compartilharem esse momento comigo.

Ao amigo Jandir Martins, da secretaria do PPGL/UFSM, pelo estímulo constante e necessário.

A todos do PPGL/UFSM, representados nas pessoas de sua coordenadora, Professora Amanda Eloína Scherer, e da secretária Irene, pelo incessante incentivo à pesquisa acadêmica.

À Coordenação de Pessoal de Nível Superior – CAPES -, pelo suporte acadêmico.

Aos meus alunos da Disciplina de “Teorias de Gênero Social” da UFSM, os quais, certamente, bem mais me ensinaram do que aprenderam comigo.

Às colegas mestrandas Cristina dos Santos Lovato e Amanda Post da Silveira, pela amizade sincera em todos os momentos.

Aos outros queridos da Pós-Graduação: Fábio, Sayonara, Ana Nelcinda, Patrícia, Vítor, Rogéria, Maria do Socorro, Tânia, Ângela, Liane, Thaianne, Cristiano, Sara, Alberto, Gra... testemunhas de horas tão divertidas quanto difíceis...

A todos os amigos que injustamente não foram citados, mas os quais, bem sei, permaneceram em “conexão mental positiva” comigo durante todas as etapas desse estudo, e perdoaram as minhas ausências.

À Nara, por fazer a vida real funcionar enquanto a vida acadêmica estava aqui.

Ao meu irmão Névio, pela presença solidária, e à minha amada mãe, Ana Maria, pelo apoio incondicional e orações fortalecedoras.

Aos meus filhos, Gabrielle e Fabrizzio, minhas “inspirações” de sempre e para sempre, por todo amor que possa haver nesse mundo!!!

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM - Brasil

### **ANÁLISE POLIFÔNICA DE ESTEREÓTIPOS NA MÍDIA: UMA NOVA IDENTIDADE PARA A MULHER NA MATURIDADE?**

AUTORA: Fátima Andréia de Jesus Tamanini-Adames

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Dr. Vera Lúcia Pires

LOCAL E DATA DA DEFESA: Santa Maria, 28 de maio de 2010.

Ainda hoje, a violência exercida por discursos de exaltação da juventude supõe um modelo de desvalorização do envelhecer, como se não pudesse mais existir o desejo nem o acesso a direitos elementares. Isso é mais significativo para as mulheres que, até o século XIX, tinham na menopausa o marco final da vida fértil e o término da feminilidade. Entretanto, a imagem das “avós” não é mais a mesma, muitas têm autonomia para usufruir tanto dos avanços cosméticos quanto das conquistas feministas das últimas décadas. A pós-modernidade evidencia essas transformações sociais rápidas e profundas, as quais criam uma tensão que ora pressiona no sentido da estabilização de uma nova ordem social, ora pressiona continuamente pela mudança. Embora a rigidez própria dos estereótipos não implique necessariamente em uma percepção falsa da realidade, como eles adquirem alto grau de estabilidade e convencionalidade social no tempo, mesmo quando os atores sociais que os detêm dispõem de ulteriores informações que invalidam o seu conteúdo, são dificilmente alteráveis. Quanto à identidade, sendo uma descrição continuamente substitutiva de nós mesmos, no caso da mulher são árduas e lentas as mudanças sociais, pois cada alteração deve desconstruir processos históricos de séculos de preconceitos e crenças, solidamente estratificados. O modo como são construídas as identidades através da linguagem é central na definição de como nos engajamos e engajamos os outros no discurso e construímos significados. Nesse sentido, a mídia tem um papel preponderante na construção de novos estereótipos e reforço de antigos, refletindo ideias que circulam no cotidiano social, e refratando conceitos, distorcendo-os, de maneira a chegar aos leitores uma história construída pela voz da instituição. Uma análise crítica e feminista do discurso localiza discursos que tentam manter relações de poder que privilegiam os homens como grupo social e excluem e enfraquecem as mulheres como tal. Apesar da linguagem da mídia ser um espaço onde se acredita haver imparcialidade, verificam-se formas gramaticais presentes nos textos que sinalizam o controle exercido sobre uma ocasião social, no caso, sobre o gênero discursivo reportagem, lugar privilegiado para o confronto entre os discursos dos atores sociais. A metodologia, de caráter polifônico por estar aberta a vozes sistemáticas, críticas e dialógicas, combinou as abordagens da Linguística Sistêmico-Funcional, da Análise Dialógica do Discurso e da Análise Crítica do Discurso. A análise qualitativa revelou a existência de forças centrípetas que aspiram ao monologismo e buscam o fechamento, bem como padrões discursivos ditos “masculinos” ainda diretamente responsáveis formação identitária da mulher na maturidade.

Palavras-chave: Gênero Social; Mídia; Polifonia; Metalinguística; Linguística Sistêmico-Funcional; Análise Crítica do Discurso.



## **ABSTRACT**

Master's Thesis  
Post Graduation Program in Letters – Linguistic Studies  
Federal University of Santa Maria – UFSM - Brazil

### **POLYPHONIC ANALYSIS OF STEREOTYPES IN MASS MEDIA: NEW IDENTITIES FOR MATURE WOMEN?**

AUTHOR: Fátima Andréia de Jesus Tamanini-Adames

ADVISER: Vera Lúcia Pires, Ph.D.

PLACE AND DATE OF DEFENSE: Santa Maria, May 28th, 2010.

Until these days, the violence practiced by exaltation of youth discourses convey a model of devaluation of aging, as if desire and access to fundamental rights were forbidden for aging people. It is more meaningful for women who, until the XIX century, had the menopause as the edge of their reproductive life and the end of their womanhood. However, the “grandma’s” image is not the same. Many of them have the autonomy to enjoy both cosmetic advances and feminists’ achievements from the last decades. Post-modernity evidences such fast and deep social transformations, which create a tension that on one hand pumps the continuous establishment of a new social order and on the other hand presses continuously for changes. Although the rigidity of stereotypes themselves do not imply necessarily a false perception of reality, as they acquire high social stability and conventionality degree along time, even when the social actors who possess them have ulterior information which invalidate their content, they are rarely altered. Concerning the identity, understood as a continuously replaced description of ourselves, in the case of women it relates to hard and slow social changes, since each alteration must deconstruct historical processes from centuries of prejudices and beliefs that are solidly stratified. The way in which identities are built through language is fundamental for the definition of how we engage and engage others in discourse and create meanings. In this sense, media has a preponderant role in building new stereotypes and reinforcing old ones, reflecting ideas which make part of everyday social life, refracting concepts, distorting them in a way that they approach readers with the voice of an institution. A critical and feminist discourse analysis places discourses that intend to maintain power relations which favor men as a social group while exclude and weaken women as such. Though media is a space in which impartiality is believed to exist, we can evidence grammar forms present in such texts that signal the control on a social occasion, in this case, on the reportage genre, which is a favored place for social actors’ discursive confrontation. The methodology - which has a polyphonic character, because it is open for critical, systematic and dialogical voices, has combined Systemic Functional Linguistics, Dialogical Discourse Analysis and Critical Discourse Analysis approaches. The qualitative analysis revealed the existence of centripetal forces which search for closing, as well as discursive patterns so-called “male”, still directly responsible for mature women identity.

Keywords: Gender; Mass Media; Polyphony; Metalinguistics; Systemic Functional Linguistics; Critical Discourse Analysis.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ACD / ADC - Análise Crítica do Discurso

ADD - Análise Dialógica do Discurso

DB – Discurso Bivocal

DD – Discurso Direto - Citação Paratática – Citação

DH / H – Discurso Híbrido

DI – Discurso Indireto - Relato Hipotático - Relato

Ex(s). – Exemplo(s)

F - Fernanda

GSF - Gramática Sistêmico-Funcional

LSF - Linguística Sistêmico-Funcional

M – Marcelo

N-R – N(*new information*)–Rema

PCO – Processo Comportamental

PEX – Processo Existencial

PMA – Processo Material

PME – Processo Mental

PRE – Processo Relacional

PVE – Processo Verbal

PVT – Processos Verbais de Transitividade

R – Rema

S - Susana

T - Tema

TM - Tema Marcado

TNM - Tema Não–Marcado

Trad. - Tradução

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>FIGURA 1:</b> Rede Sistêmica.....	48
<b>FIGURA 2:</b> Linguagem e seu Ambiente Semiótico.....	48
<b>FIGURA 3:</b> Avaliação e Avaliatividade.....	49
<b>FIGURA 4:</b> Categorias Sociossemânticas de Representação dos Atores Sociais.....	55
<b>FIGURA 5:</b> Julgamento e Apreciação como Afeto Institucionalizado.....	62
<b>FIGURA 6:</b> Representação da Realidade no Nível da Oração.....	69
<b>FIGURA 7:</b> Composição da Rede Sistêmica.....	106
<b>FIGURA 8:</b> O “Triângulo”.....	111
<b>FIGURA 9:</b> Com mais prazer.....	139
<b>FIGURA 10:</b> “Madura”, não.....	140
<b>FIGURA 11:</b> Perfis Estereotípicos do “Triângulo”.....	141

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1:</b> Configuração Contextual e Estrutura Potencial do Gênero.....	47
<b>QUADRO 2:</b> Cruzamento da Visão Social da Linguagem segundo a ACD e a LSF.....	51
<b>QUADRO 3:</b> Julgamentos.....	60
<b>QUADRO 4:</b> Apreciações.....	61
<b>QUADRO 5:</b> Resumo dos Recursos de Engajamento.....	63
<b>QUADRO 6:</b> Recursos de Avaliatividade.....	63
<b>QUADRO 7:</b> Processos Verbais de Transitividade.....	70
<b>QUADRO 8:</b> Organização Retórica da Reportagem.....	83
<b>QUADRO 9:</b> Citações, Discursos Híbridos e Relatos.....	119
<b>QUADRO 10:</b> Principais Inclusões com Avaliações de Atores Sociais.....	123
<b>QUADRO 11:</b> Exemplos de Afeto, Julgamento e Apreciação no Texto.....	128

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1:</b> Presença do “Triângulo” no Tema.....	116
<b>GRÁFICO 2:</b> Processos Verbais de Transitividade relacionados ao “Triângulo” .....	118
<b>GRÁFICO 3:</b> Processos Verbais de Transitividade.....	118
<b>GRÁFICO 4:</b> Citações, Discursos Híbridos e Relatos.....	119
<b>GRÁFICO 5:</b> Ocorrências de Julgamentos e Apreciações.....	132

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> Ocorrências de Tema e Rema no “Triângulo”.....	116
<b>TABELA 2:</b> Ocorrências dos Processos Verbais de Transitividade Relacionados ao “Triângulo”.....	118
<b>TABELA 3:</b> Ocorrências dos Processos Verbais de Transitividade no Texto.....	118
<b>TABELA 4:</b> Ocorrências de Citações, Relatos e Discursos Híbridos.....	119

## LISTA DE ANEXOS

<b>ANEXO 1:</b> Sociedade: Escândalo, pó e morte.....	161
<b>ANEXO 2:</b> Capa da <i>Veja</i> .....	167

## **LISTA DE APÊNDICES**

<b>APÊNDICE 1:</b> Avaliação do Texto no Sistema Linguístico.....	170
<b>APÊNDICE 2:</b> Exemplos de Discurso Bivocal.....	208
<b>APÊNDICE 3:</b> A “Novela”.....	212



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	26
<b>1.1 Análise Crítica do Discurso</b> .....	30
<b>1.2 Análise Dialógica do Discurso</b> .....	34
1.2.1 Dialogismo.....	36
1.2.2 Polifonia.....	39
1.2.3 Análise Metalinguística.....	43
<b>1.3 Linguística Sistêmico-Funcional</b> .....	45
1.3.1 Uma Abordagem Sistêmica e Crítica.....	50
1.3.2 Uma Abordagem Sistêmica e Dialógica.....	52
1.3.3 Subsistema Semântico.....	54
1.3.3.1 Metafunção Ideacional – Representação dos Atores Sociais.....	54
1.3.3.2 Metafunção Interpessoal – Avaliatividade.....	56
1.3.3.2.1 Atitude.....	58
1.3.3.2.2 Engajamento.....	62
1.3.3.2.3 Gradação.....	63
1.3.3.3 Metafunção Textual – Tema e Rema.....	64
1.3.4 Léxico-Gramática – Sistema Verbal de Transitividade.....	68
<b>1.4 Gênero Discursivo</b> .....	71
1.4.1 Mídia.....	75
1.4.2 Gênero Reportagem.....	79
<b>1.5 Gênero Social</b> .....	84
1.5.1 Gênero Social e Mídia.....	90
1.5.2 Estereotipia.....	91
1.5.3 Identidade.....	95
1.5.4 A Identidade Feminina na Maturidade.....	99
<b>2 METODOLOGIA, CORPUS E MULHER “MADURA”</b> .....	103
<b>2.1 Estudo Contextual e Linguístico</b> .....	104
2.1.1 Análise Sistêmica.....	104
2.1.2 Análise Dialógica.....	107
2.1.3 Análise Crítica .....	107
<b>2.2 Revista <i>Veja</i></b> .....	108

<b>2.3 Susana Vieira.....</b>	<b>109</b>
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>112</b>
<b>3.1 Sistematização.....</b>	<b>112</b>
3.1.1 Sistema de Dados do Contexto Social.....	113
3.1.1.1 Campo.....	113
3.1.1.2 Relações.....	114
3.1.1.3 Modo.....	114
3.1.2 Sistema Linguístico.....	114
3.1.2.1 Sistema Linguístico - Avaliação do Texto.....	115
3.1.2.1.1 Tema.....	115
3.1.2.1.2 Processos Verbais de Transitividade.....	116
3.1.2.1.3 Discurso Citado e Transitividade Verbal.....	118
3.1.2.1.4 Representação dos Atores Sociais.....	122
3.1.2.2 Sistema Linguístico - Avaliatividade do Sistema.....	128
<b>3.2 Metalinguística.....</b>	<b>135</b>
3.2.1 Discurso Bivocal.....	136
3.2.2 Vozes Valorativas.....	138
<b>3.3 Análise Crítica e Feminista do Discurso.....</b>	<b>140</b>
3.3.1 Tipo da Reportagem.....	141
3.3.2 Modelo Analítico de Fairclough.....	142
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS DAS REPORTAGENS CITADAS.....</b>	<b>159</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>160</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
 És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
 Ouro nativo, que na ganga impura  
 A bruta mina entre os cascalhos vela... [...]  
 (Olavo Bilac)

No último ano do Curso de Letras da UFSM – primeiro semestre de 2005 – quando da Disciplina de Inglês VII, ministrada pela Professora Luciane Kirchhof Ticks, desenvolvi uma pesquisa intitulada *Prototypes* - “Protótipos”. Hurford & Heasley (1983, p. 03) definem o protótipo como um “objeto” descrito por um predicado gerado por conceitos abstratos, que adquire uma aceitação generalizada, tornando-se um “exemplo típico de uma classe”.

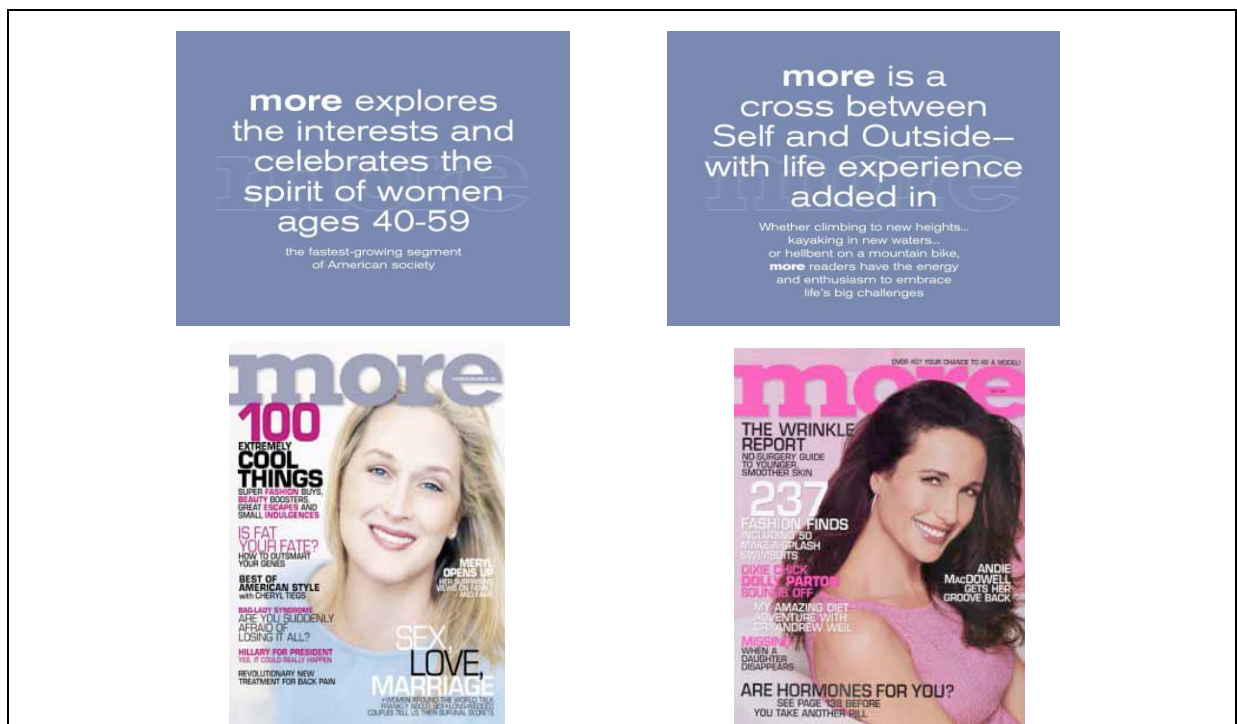
Observei na época que “mulher de estatura média, peso médio, algumas rugas, fios brancos no cabelo, na menopausa, dona-de-casa, e sem maiores características ou defeitos” poderia ser, em muitos lugares do mundo, um protótipo do predicado que chamei *women over 40 years old* - “mulher madura”.

Na Semântica, entretanto, as noções relacionadas de protótipo e estereótipo são relativamente novas, advertem Hurford & Heasley (*id., id.*), e não significam a mesma coisa. O protótipo do predicado “mulher madura” é composto por uma lista de características que vão descrevê-lo, ou seja, por seu estereótipo, que representa essa lista, e que pode ser ativado por esquemas mentais e reconhecido a partir de um predicado.

Para Hurford & Heasley (*id., id.*), o estereótipo de um predicado frequentemente especifica uma linha de possibilidades (como a linha de ocupações profissionais, por exemplo, de uma típica “mulher madura”), mas seu protótipo necessariamente vai tomar um lugar particular nessa linha (como por exemplo, estar na “meia-idade”).

Baseada nessas informações, me interessou verificar no referido trabalho como a mídia estava representando o estereótipo do que chamei de uma “nova mulher madura”, visto que essa mulher era fruto de um século que testemunhou a introdução da pílula anticoncepcional, e que teve nos anos 60 e 70 a emergência do revolucionário movimento feminista. Assim, a lista de características relativas ao protótipo “mulher madura”, obviamente, estaria em processo de mudança; e a mídia, refratora e refletora de conceitos, deveria ser um espaço privilegiado para essa evidenciação.

Na mídia norte-americana, por exemplo, verifiquei que já havia revistas especialmente dedicadas a leitoras com mais de 40 anos, e que requisitavam anunciantes com o argumento de que, nessa idade, elas tinham não só ainda uma aparência jovem e um espírito aventureiro, mas estavam no auge do seu poder de consumo (no EXEMPLO A - a seguir - mostrei fragmentos da associação da imagem da revista *More* com a fabricante de carros *Toyota*). Esse dado contrastava com o estereótipo da “dona-de-casa de meia-idade grisalha e consumidora de revistas culinárias e de artesanato” evocado por muitas avós.



Ex. A (Fonte: <<http://www.writingthatsells.com/toyota.pdf>>).

Posteriormente, na Disciplina de Inglês VIII, ministrada pela Professora Désirée Motta-Roth, eu tive meu primeiro contato com as ideias de Norman Fairclough (1985, 1989, 1995, 1997, 2001, 2003a, 2003b) e com a Análise Crítica do Discurso – que se interessa particularmente em trazer à tona a natureza discursiva das mudanças sócio-culturais contemporâneas – e desenvolvi um trabalho final intitulado: *Identities' construction through genre interview: an English as Foreign Language classroom application* – “Construção de identidades através do gênero entrevista: uma aplicação na sala de aula de Inglês como Língua Estrangeira”.

Nesse momento, pela primeira vez discuti não só o conceito de gênero discursivo, mas também de gênero social e questões identitárias, através da comparação entre duas entrevistas:

uma de um jogador de futebol, e outra de Britney Spears<sup>1</sup> para a *Elle* norte-americana. A análise mostrou que Britney, apesar de ter atingido muito cedo um grande sucesso profissional e financeiro como cantora, era refletida no discurso muito mais como um símbolo sexual feminino imaturo e ingênuo (abaixo está a edição da revista, datada de outubro de 2005, com a entrevista citada e a cantora grávida na capa – EXEMPLO B).



Ex. B (Fonte: <<http://www.whosdatedwho.com/topic/7951/britney-spears-elle-magazine-october-2005.htm>>).

Segundo Barker & Galasinski (2001, p. 30), a identidade não é uma essência por si só, mas uma descrição continuamente substitutiva de nós mesmos. O significado das categorias identitárias é dado ao sujeito através de contínuos e infinitos processos de complementariedade ou de diferença. Então, “as entidades sociais são constitutivas do uso da linguagem, isto é, o modo como construímos as identidades das pessoas é central na definição de como nos engajamos e engajamos os outros no discurso e construímos significados” (MOITA-LOPES, 2002, p.54).

Assim, em 2007, cheguei em busca de orientação para esse Mestrado até a Professora Vera Lúcia Pires<sup>2</sup> - conhecida por seus trabalhos acerca de gênero social feminino sob uma perspectiva dialógica bakhtiniana -, com os seguintes **questionamentos**:

- qual é essa “lista de características”, ou estereótipo, que constroem nosso esquema mental para o conceito de “mulher madura”?;
- a mídia brasileira está acompanhando o surgimento de uma “nova mulher madura”?;
- e, por fim, como a mídia pode afetar o processo da construção da identidade feminina na maturidade através das vozes que veicula?

<sup>1</sup> Britney Spears será outra vez citada adiante.

<sup>2</sup> A Professora Vera Lúcia Pires foi uma das fundadoras do movimento feminista *Germinal* nessa cidade de Santa Maria e militante assídua nos anos 80.

Historicamente, após a segunda metade do século XX, a geração *Beat*, e posteriormente, a contracultura e o movimento *hippie* questionaram valores sociais tais como o real papel do indivíduo na sociedade. A partir daí, surgiram muitos movimentos sociais protagonizados por grupos de etnia e/ou orientação sexual diversa dos que mantinham o poder, os quais lutavam por direitos civis semelhantes aos dos cidadãos representantes do *status quo* vigente, culminando na emergência do movimento feminista na década de 60.

As relações entre os gêneros sociais e o papel de cada sexo variaram conforme o desenvolvimento de lutas sociais femininas e masculinas, e também conforme as orientações das suas reivindicações. Os estudos acerca do *status* social feminino, as suas relações com o universo masculino, com a vida privada e com a vida pública, levaram ao questionamento do papel e da função dos gêneros sociais, já que hoje se postula que não se pode olhar para o mundo feminino ignorando o mundo masculino e vice-versa.

Para o projeto de pesquisa da Professora Vera Lúcia Pires, construir novas identidades de gênero social é um processo que se fundamenta na interação entre indivíduos e implica no reconhecimento de diferenças em relação a alguns e de particularidades em relação a outros, revelando um tenso processo de movimentação em direção – e não contra – (a) esses outros. Refratados e refletidos na mídia - meu interesse -, os discursos cotidianos registram a construção dessas novas identidades de gênero cujo fundamento é a interação, implicando no reconhecimento de diferenças e particularidades individuais.

Através de minha orientadora, comecei a conhecer melhor a obra do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin (1993, 1997, 2006, 2008) e seus fundamentais e edificadores conceitos de “dialogismo” e “polifonia”, e logo percebi, concordando com Schnaiderman (2005, p. 15), que sua lição sobre a importância da multiplicidade de vozes no mundo contemporâneo era uma lição de afirmação democrática e antiautoritária.

**Meu objetivo, então, foi verificar se o gênero social feminino na maturidade estaria revelando uma identidade em transformação com valoração positiva através da “lista” de características avaliativas expressa nos gêneros do discurso midiático, a qual, nesse caso, também deveria revelar-se positiva. Ou seja, será que a mídia estaria veiculando também vozes que apoiassem as conquistas femininas das últimas décadas, e não só as que estivessem interessadas na manutenção dos estereótipos ou do *status quo*?**

A partir desse questionamento, uma segunda etapa se iniciava: a seleção do *corpus*. Como estava interessada em revistas femininas e havia verificado que no Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, não existia nenhuma publicação destinada a mulheres “com mais idade”, o mais lógico foi procurar primeiro nas mais conhecidas, verificando como uma mulher na

maturidade poderia estar representada. Entretanto, em dezembro de 2007 uma reportagem de capa da *Época* me chamou a atenção sobre as reportagens destinadas ao público em geral, não só ao feminino, por eu pensar que representariam melhor a ideologia da instituição midiática a qual, sabidamente, ainda tem no universo masculino a detenção do poder.

Nessa época eu já havia atentado também para o fato de que a revista *Veja*, de tiragem semanal comprovadamente superior à primeira, vir publicando “edições especiais” com o nome de *Veja Mulher* – a última encartada com a *Veja* em de maio de 2008 e com Carla Bruni, então 40 anos, na capa. Mas a eleição definitiva de um *corpus* formado por reportagens da revista *Veja* aconteceu quando da publicação de outra reportagem, também de capa, em 9 de julho de 2008, intitulada “A vida começa aos 50” (as três capas das revistas citadas estão no EXEMPLO C abaixo, respectivamente ).



Ex. C (Fontes: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EGG0-15210-7,00.html>>, <<http://veja.abril.com.br/especiais/index.shtml>>, e <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/090708/sumario.shtml>>).

A **outra pergunta** que fiz dessa vez foi: **será que as “mulheres maduras” estão representadas, democraticamente, da mesma forma que os homens de mesma idade no gênero discursivo reportagem?** E a ajuda para esse questionamento chegou em dezembro daquele mesmo ano... A atriz Susana Vieira, então com 66 anos, teve seu nome envolvido em uma reportagem, outra vez de capa (*vide ANEXO 2*) da *Veja*, quando da notícia da morte trágica do ex-marido, testemunhada pela então atual namorada, chamando minha atenção para

o modo com que o(a) autor(a) do texto avaliava esses três atores sociais, incluindo sobremaneira Susana na notícia do óbito.

No entanto, em uma última etapa, me deparei com o desafio da questão metodológica. **Como uma analista crítica e feminista do discurso, tinha por objetivo revelar discursos que pudessem estar sustentando relações de poder e privilegiando os homens como grupo social, excluindo e enfraquecendo as mulheres como tal. Por outro lado, como uma linguista, precisava achar na linguagem respostas para questões de caráter marcadamente sociológico.** Como o observado por Bathia (2007, p. 291-292), os sociólogos, fazendo suas análises somente a partir do contexto social, dificilmente chegavam ao nível do texto; enquanto eu, crítica e dialógica, jamais seria uma linguista que, segundo ele (*id., id.*), corria o risco de partir do texto sem chegar ao contexto originário.

Então, eis que entra em cena um quarto e decisivo personagem para esse estudo acadêmico, a Professora Nina Célia Almeida de Barros – também minha Professora na Graduação - que, na Disciplina da Pós-Graduação “Avaliação na Linguagem”, introduziu teorias usadas na Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana, tais como a de “Representação dos Atores Sociais” de van Leeuwen (1997) e a da “Avaliatividade” de White (2004), essa última de declarada inspiração no dialogismo de Bakhtin. Halliday (2004), aprendi, também estava interessado no contexto sócio-ideológico dos textos.

Passei, a partir disso, a “mergulhar auto-didaticamente” na Gramática Sistêmico-Funcional do autor (*id.*) a fim de **desenvolver uma metodologia que combinasse minha visão linguística, agora definitiva, igualmente sistêmica, dialógica e crítica, e que culminou no que chamei aqui de “análise polifônica”** por dar espaço - teoricamente justificado nesse estudo - às vozes das três grandes abordagens analíticas dessa Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social” e com as quais me identifiquei, a saber: Análise Crítica do Discurso, Análise Dialógica do Discurso e Linguística Sistêmico-Funcional.

Esse trabalho encontra-se inserido na Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social”, no Grupo de Pesquisa “Linguagem como Prática Social” e no Projeto de Pesquisa “Representação das Subjetividades de Gênero nos Discursos do Cotidiano” da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, nos quais estou inserida.

A Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social” objetiva investigar o processo dialético e recíproco entre sociedade e linguagem por meio dos gêneros textuais ou discursivos associados a atividades humanas que constituem a cultura em contextos específicos.



Dentro da Linha de Pesquisa supracitada, a partir da contextualização de textos no universo sócio-histórico e do estudo das conexões entre linguagem verbal e não-verbal e grupos sociais, situa-se o Grupo de Pesquisa "Linguagem como Prática Social", promovendo reflexões sobre as condições de produção, distribuição e consumo de gêneros textuais e/ou discursivos produzidos pela/na sociedade.

Quanto ao Projeto de Pesquisa "Representação das Subjetividades de Gênero nos Discursos do Cotidiano", esse compreende as relações sociais de sexo nas representações e práticas femininas e masculinas, comparando como as pessoas enunciam e definem certas práticas sociais. As relações de gênero social são entendidas como determinadas pela cultura e pela história, construindo valores e comportamentos diferenciados e discriminatórios entre mulheres e homens, perpetuando-se social e economicamente. A interpretação das desigualdades de gênero social, vinculadas à enunciação da subjetividade, via gêneros textuais e/ou discursivos do cotidiano, como os midiáticos, é questão fundamental.

Divido essa dissertação em três seções, em que agrego a proposta da Linha de Pesquisa "Linguagem no Contexto Social" com os objetivos do Grupo de Pesquisa "Linguagem como Prática Social" e do Projeto de Pesquisa "Representação das Subjetividades de Gênero nos Discursos do Cotidiano".

Na FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, primeiramente discorro sobre as três abordagens geradoras desse estudo, a Análise Crítica do Discurso – onde inicio a discussão sobre poder e ideologia-; a Análise Dialógica do Discurso – onde introduzo os conceitos bakhtinianos de dialogismo, polifonia e análise metalinguística -; e a Linguística Sistêmico-Funcional – onde ligo a Gramática Sistêmico-Funcional às duas abordagens anteriores e onde também apresento as teorias que vão suportá-la: Representação dos Atores Sociais, Avaliatividade, Sistema de Tema e Rema e Sistema Verbal de Transitividade. Depois, discorro acerca de Gênero Discursivo e Textual, papel da Mídia, e definição de Gênero Reportagem. Finalmente chego nas discussões sobre Gênero Social, sobre a representação feminina na Mídia, e sobre os conceitos de Estereotipia e Identidade - anteriormente mencionados - até concluir com meu objeto de análise: "A identidade feminina na maturidade".

Na METODOLOGIA, *CORPUS* E MULHER "MADURA", delimito como esse "Estudo Contextual e Linguístico" é realizado através de uma Análise Sistêmica, Dialógica e Crítica, bem como aprofundo considerações acerca da instituição midiática revista *Veja* – cujas reportagens são selecionadas no *corpus* – e da atriz Susana Vieira – representante do que considere uma "nova mulher madura".

No final, faço a ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS através de três procedimentos: 1º de Sistematização, onde percorro o “Sistema de Dados do Contexto Social” e depois o “Sistema Linguístico”, procedendo ao que chamo de “Avaliação do Texto” e “Avaliatividade do Sistema”; 2º de Metalinguística, onde analiso o discurso bivocal, bem como vozes de outras reportagens; 3º de Análise Crítica do Discurso propriamente dita, relacionando todos os achados.

Na pesquisa, a análise qualitativa do discurso midiático revela a existência de forças centrípetas que aspiram ao monologismo e buscam o fechamento através de padrões discursivos que tendem à manutenção de “velhos” estereótipos que contribuem na formação identitária da mulher na maturidade.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

(Louis Hjelmslev)<sup>3</sup>

No primeiro item dessa seção, parto dos pressupostos de Fairclough (1985, 1989, 1995, 1997, 2001, 2003a, 2003b), principal teórico da Análise Crítica do Discurso, a qual, de acordo com Wodak (2004, p. 225), está interessada fundamentalmente na análise das relações estruturais de discriminação, poder e controle, manifestas na linguagem, transparentes ou veladas. A abordagem crítica do discurso, com a qual me identifico, almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, e legitimada através do uso da linguagem.

Knoll (2007, p. 32) lembra que o modelo da Análise Crítica do Discurso ajuda a explicar como a linguagem, em sua materialidade, atua nas relações de poder, nos conflitos entre dominantes e subalternos, conectando, então, linguagem e sociedade, e tendo – juntamente com os estudos do discurso em geral – em Mikhail Bakhtin uma referência fundamental, “pois é um dos primeiros teóricos a defender a existência de uma relação entre o uso da linguagem e a ação humana” (*ibid.*, p. 27).

Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2006, p. 96)

O segundo item diz respeito à Análise Dialógica do Discurso, uma vertente da análise/teoria do discurso na perspectiva bakhtiniana da linguagem que, segundo Rodrigues (2008, p. 65), é também uma teoria axiológica; ou seja, pressupõe “avaliação”, tomada de posição perante a realidade cotidiana, e onde as relações dialógicas, de natureza semântica, acontecem entre enunciados<sup>4</sup> concretos e não em seu interior. “Bakhtin desvela o fato de que

<sup>3</sup> Cf.: HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo, SP: Perspectiva, 1975, p.01.

<sup>4</sup> Enunciados vistos por Fairclough (2001, p. 134) como “textos”, embora, segundo Fiorin (2006, p. 52), Bakhtin distinga texto como sendo a manifestação do enunciado.

a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Não há neutralidade no jogo das vozes” (FIORIN, 2006, p. 31-32): então essa abordagem é trazida nesse estudo de forma a potencializar e complementar a avaliação discursiva crítica final através da sua proposta de análise metalinguística.

A importância da obra de Bakhtin não alcança somente a teoria literária, senão toda a Linguística. Seus trabalhos são relevantes para a compreensão de como se efetua a produção da significação no funcionamento dos discursos da vida cotidiana, aqueles que se relacionam diretamente com a situação em que são produzidos, identificando-se neles, mais facilmente, a natureza social da linguagem. Para ele, a linguagem é uma prática social cotidiana que envolve a experiência do relacionamento entre sujeitos. Essa experiência é parte integrante do sentido do dizer. (PIRES, 1999, p. 63)

Conforme Fiorin (2006, p. 59), os enunciados serão sempre históricos, pois são constitutivamente dialógicos. Valendo-se dessa concepção dialógica bakhtiniana, uma análise histórica de textos deixa de ser apenas a narração de uma época para transformar-se em uma análise semântica diferenciada, que mostra “aprovações ou reprovações, adesões ou recusas, polêmicas e contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc.”. Acreditando que o sentido é que é histórico, a História não pode ser exterior a ele, e sim interior.

O real interesse de Bakhtin (1993, 1997, 2006, 2008) não é o sistema, e sim a linguagem em uso e interação social. Na abordagem dialógica, a enunciação seria então esse momento de uso “que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação” (PIRES, 1999, p. 67). “Pela enunciação Bakhtin recupera o sujeito para o discurso e institui um processo de intersubjetividade no qual a identidade é um reconhecimento desse sujeito através do outro” (*ibid.*, p. 63).

O sujeito de Bakhtin se constitui na e através da interação, e reproduz na sua fala e na sua prática o seu contexto imediato e social. Mas “não se pode dizer que haja dois tipos de dialogismo: entre enunciados e entre o locutor e seu interlocutor. Na verdade, o interlocutor é sempre uma resposta, um enunciado e, por isso, todo dialogismo são relações entre enunciados” (FIORIN, 2006, p. 32). Bakhtin (2008, p. 309) chama esse estudo de metalinguístico.

Bakhtin (2008, p. 308) definiu Dostoiévski<sup>5</sup> como o criador do chamado “romance polifônico”, entendido como um texto em que diversas vozes ideológicas contraditórias

---

<sup>5</sup> O escritor russo Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881), descrito como um dos maiores romancistas de todos os tempos, foi considerado o fundador da corrente literária existencialista principalmente pelo romance *Notas do subterrâneo*, também traduzido no Brasil por *Memórias do subsolo*, descrito por alguns críticos como a

coexistem em pé de igualdade com o próprio narrador, embora Emerson (2003, p. 164) perguntar se a polifonia pode existir, se fazia parte, realmente, do plano de Dostoiévski. Parafraçando Kariakin<sup>6</sup>, o autor (*id.*, p. 165) questiona se a polifonia não seria uma hipótese falha e acredita que deve-se considerar sempre a terceira voz da palavra do autor como diretor de cena.

Rechdan (2003, p. 46) adverte que o dialogismo não deve ser confundido com polifonia, pois, conforme Fiorin (2006, p. 19), “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, enquanto que a polifonia se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso. Nos discursos polifônicos, então, têm de haver vozes polêmicas como às dos personagens dos romances de Dostoiévski. Ao contrário, como na monodinia musical<sup>7</sup>, ou como nos discursos que tendem ao monologismo, as vozes trazidas a tona no discurso estão em consonância com a voz do autor do texto.

Apesar da noção de polifonia - juntamente com dialogismo e metalinguística - figurar entre as principais contribuições dos trabalhos de Bakhtin, lembro com Amorim (2004, p. 16) que a adoção à sua perspectiva dialógica não significa uma recusa aos textos que buscam ao fechamento e à monologia. Embora para Bakhtin (2006, p. 99) a enunciação monológica ser uma abstração, acredito que é preciso, sim, analisar qual(is) a(s) voz(es) que o texto suprime, e qual o efeito disso na produção do conhecimento. “A dimensão monológica no texto científico é tão necessária quanto o é na poesia, nos ensina Bakhtin” (AMORIM, 2004, p. 16).

O terceiro item refere-se à Linguística Sistêmico-Funcional, por onde começo a análise do *corpus*. Essa abordagem se propõe a analisar a linguagem em torno de seu “Sistema de Dados do Contexto Social” e do seu “Sistema Linguístico”, formando uma rede

melhor proposta para existencialismo já escrita. Dostoiévski explora em sua obra a autodestruição e a humilhação inerentes ao ser humano, além de analisar patologias que podem levar ao suicídio, à loucura, ou mesmo ao homicídio. O modernismo literário, os estudos linguísticos, a teologia e a psicologia foram especialmente influenciados por suas ideias. Adaptado de: **Wikipédia**. (s/d). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Fi%C3%B3dor\\_Dostoi%C3%A9vski](http://pt.wikipedia.org/wiki/Fi%C3%B3dor_Dostoi%C3%A9vski)>. Acesso em 21/11/2008.

<sup>6</sup> Cf.: KARIAKIN, Y. **Dostoevskii i kanun XXI veka**. Moscou, RU: Sovetskii pisatel', 1989.

<sup>7</sup> A trajetória da homofonia à polifonia na história da música ocidental inicia-se durante o papado de Gregório, por volta do ano 600, quando a Igreja Católica, então a principal potência política do Ocidente, procurou unificar o canto da Igreja sobre o modelo romano. Duzentos anos depois, Carlos Magno interessou-se pela unificação da liturgia, com um duplo fim político - disciplinar o poderoso papado e fortificar a unidade de seu império -, impondo um repertório de cantos de Igreja que julgava ser o verdadeiro canto prescrito por Gregório. O chamado “canto gregoriano”, composto de melodias unitárias e homofônicas, tentava expressar o poder político-religioso da Igreja Católica. Somente no século XII surge outro tipo de composição em que vários segmentos melódicos desenvolvem-se interdependentemente, na qual as melodias diferenciam-se e não são mais as mesmas nas várias vozes. Depois de séculos de imposição de um repertório musical monódico, sucessivo e horizontal, surgia o emaranhado polifônico de várias vozes desenvolvendo-se simultaneamente, ou seja, a música polifônica, que irá predominar de forma mais efetiva a partir do século XIV. Fonte: MOTTA, P. A. F. A música polifônica medieval européia como precursora da noção de tempo métrico na ciência moderna. **Artnet**. Juiz de Fora, MG, 2006. Disponível em: <<http://www.artnet.com.br/pmotta/gillaum.htm>>. Acesso em 05/12/2009.

sistêmica inter-relacionada. Dentro dessa perspectiva, apresento aqui teorias que suportam essa análise polifônica, a saber: Teoria da Representação dos Atores Sociais, Teoria da Avaliatividade, Sistema de Tema e Rema e Sistema Verbal de Transitividade.

A Linguística Sistêmico-Funcional, embasada pela Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1989, 2004), pode servir tanto a outras abordagens críticas – como a Análise Crítica do Discurso, na qual essa gramática é utilizada como instrumento de análise – quanto a abordagens não-críticas; pois, segundo a perspectiva sistêmico-funcional, os textos variam de acordo com a natureza dos contextos em que são usados. Assim, em acordo com Rodrigues (2008, p. 73), acredito que tanto o texto como ponto de partida, quanto a abordagem sociológica da linguagem, não estão em contradição na Análise Dialógica do Discurso, mas configuram-se em dois olhares diferentes e complementares.

No quarto item estão expressas conceituações acerca de gêneros discursivos e textuais – processos sociais que acontecem recorrentemente em contextos situados – sob uma concepção dialógica e ideológica da linguagem. Nessa parte, discorro sobre o papel das instituições midiáticas na contemporaneidade, crendo que a situação enunciativa corre no fluxo contínuo da corrente comunicativa em que circulam sujeitos portadores de discursos formados por diferentes palavras, contaminadas por diversas vozes, que, em relação à mídia, são interminavelmente selecionadas de modo a inovar ou perpetuar outros discursos, nunca neutros, de acordo com a intenção do veículo midiático, e sempre visando uma reação específica no leitor-alvo. No caso, o gênero selecionado para análise e maiores considerações é o gênero reportagem, constituído como lugar privilegiado para observarmos como o veículo informativo seleciona e organiza as vozes em conflito dos atores sociais.

Por fim, na quinta e última parte, apoiada principalmente pelas reflexões de Scott (1989, 1994, 1995, 2005), insiro o estudo contextual nessa pesquisa, levantando questões históricas e culturais acerca do surgimento do conceito de gênero social, bem como sobre a formação do movimento feminista desde o século XX até o momento atual. Isso se deve à minha adesão à metodologia sociológica bakhtiniana que inicia pelo contexto e segue em direção ao texto.

Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser o seguinte: 1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza. 2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal. 3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual. (BAKHTIN, 2006, p. 127)

Aqui discorro também acerca da representação feminina na mídia e dos conceitos de “estereotipia” e “identidade”, com o objetivo de mostrar que estereótipos veiculados pelas vozes da mídia – instituição considerada representativa da opinião da sociedade – afetam a construção identitária da mulher.

Minhas últimas considerações nesse item referem-se ao que chamei de “identidade feminina na maturidade”, meu real objeto de estudo, por concordar com autores que ainda detectam nos gêneros midiáticos discriminações implícitas e visões negativas do envelhecer feminino, bem como por criticamente questionar a quem interessa essa manutenção de poder, cuja visão ideológica, mesmo no propagado pós-modernismo do século XXI, ainda relaciona a figura feminina à sua capacidade sexual reprodutiva.

### 1.1 Análise Crítica do Discurso

Segundo Ramalho (2005, p. 281), o expoente da Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, é reconhecido em Norman Fairclough que, em *Language and power* (1989) e *Discurso e mudança social* (2001[1992]), “apresenta uma concepção de linguagem como forma de prática social atrelada às noções de poder e ideologia que se aproxima do enfoque discursivo-interacionista de Bakhtin”. “Não há linguagem fora do mundo, nem mundo fora da linguagem”, professa Norman Fairclough (2001); e a linguagem, agindo em todos os contextos e práticas, demonstra que os fenômenos linguísticos são sociais, assim como os fenômenos sociais são linguísticos.

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e constituindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

“A Análise Crítica do Discurso concebe o uso da linguagem como prática social, não como atividade puramente individual, como no caso da linguística saussuriana, nem como reflexo de variáveis situacionais, como na sociolinguística”, continua Fairclough (*id.*, p. 90). A prática discursiva “é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença), como é, mas também contribui para transformá-la” (*ibid.*, p. 92).

Além da descrição ou da aplicação superficial, a ciência crítica de cada campo de conhecimento levanta questões que vão além, como as que dizem respeito à responsabilidade, interesses, e ideologia. Ao invés de focalizar problemas puramente acadêmicos ou teóricos, a ciência crítica toma como ponto de partida problemas sociais vigentes, e assim adota o ponto de vista dos que sofrem mais, e analisa de forma crítica os que estão no poder, os que são responsáveis, e os que dispõem de meios e oportunidades para resolver tais problemas. (van DIJK, 1986, p. 4)

Wodak (2004, p. 224) considera o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial. Lembrando Fairclough, a autora postula que a ACD tem um interesse particular na relação entre a prática social da linguagem e o poder. A ACD tem sido usada para se referir à abordagem linguística crítica adotada por pesquisadores que consideram a unidade comunicativa básica a unidade mais ampla do texto, e as pesquisas decorrentes dessa perspectiva se voltam para os discursos institucional, político, de gênero social, e da mídia, que materializam relações mais ou menos explícitas de luta e conflito.

Atualmente, entretanto, o termo “crítica” está sendo usado, de modo convencional, num sentido mais amplo, reconhecendo que, “em questões humanas, as interconexões e as redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão. Assim, a atividade crítica consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas” (FAIRCLOUGH, 1985, p. 747).

Há, no mínimo, duas acepções de discurso em ADC: como substantivo abstrato, significando linguagem e outros tipos de semiose como momentos da vida social e, mais concretamente, como um substantivo contável, significando modos particulares de representação de parte do mundo (FAIRCLOUGH, 2003, p. 26). Este momento irreduzível, que se enquadra na primeira acepção, articula-se dialeticamente, em constantes relações mutáveis, com outros momentos constituintes de (redes de) práticas sociais (relações sociais, fenômenos mentais e atividade material), cada qual, a exemplo do momento semiótico, com seus próprios mecanismos causais, agindo em diferentes estratos e gerando efeitos no mundo. A semiose, dotada de força gerativa, interioriza elementos da ação social, das relações sociais, das crenças de pessoas, e, também, do mundo material em que se desenvolve a ação, além de ser interiorizada por eles em diferentes formas de articulação. [...] a ADC de vertente faircloughiana trabalha com as noções de vida social constituída em torno de práticas, ou seja, maneiras habituais, em tempos e espaços particulares, pelas quais pessoas aplicam recursos para (inter)agirem, e discurso, um momento sempre presente em práticas sociais, submetido a relações dialéticas constantes com os demais momentos, quais sejam, relações sociais, fenômenos mentais e atividade material. (RAMALHO, 2006, p. 318)<sup>8</sup>

Entre os conceitos considerados indispensáveis para a ACD estão o conceito de poder e o conceito de ideologia, que se propõem instrumentos para que se investigue criticamente “como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada, e assim por diante, através do uso da linguagem (ou no discurso)” (WODAK, 2004, p. 224).

---

<sup>8</sup> Leia-se aqui: (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 26).



Os conceitos de ideologia, poder, hierarquia e gênero social, assim como variáveis sociológicas estáticas, foram considerados relevantes para a interpretação ou explicação do texto. Os temas investigados variam de acordo com os vários departamentos e estudiosos que aplicam a ACD. Questões de gênero social, de racismo, os discursos da mídia, ou as dimensões da identidade, tornaram-se proeminentes. (WODAK, 2004, p. 226)

Para Thompson (2002), o estudo da ideologia é o estudo “de como o significado é construído e transmitido através de formas simbólicas de vários tipos” e, nesse caso, “a ideologia está ligada ao signo, de forma que não existe ideologia sem signos” (BAKHTIN, 2006, p. 16).

No meio social, as diversas condições sócio-econômicas essenciais para a dinâmica e articulação do grupo em sua rede de relações interpessoais agem sob os sentidos e sob as significações interindividuais, formando signos e os saturando de valores (recortes valorativos) e de orientações (ideológicas). (ACOSTA-PEREIRA, 2008b, p. 133)

Wodak (2004, p. 226) diz que, se a dominação estrutura o discurso, então o discurso está situado no tempo e no espaço, pois é historicamente produzido e interpretado. A autora acredita que “as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder” e a “ACD possibilita a análise das pressões verticalizadas, e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder, que figuram como convenções sociais”.

As teorias críticas, visando à conscientização e à emancipação dos sujeitos, são como guias para a ação humana, não só descrevendo e explicando, mas também expondo enganos. “Ainda que adotem conceitos diferentes de ideologia, as teorias críticas pretendem despertar nos agentes a consciência de que, com frequência, eles são enganados a respeito de suas próprias necessidades e interesses”, sublinha Wodak (*id.*, p. 236).

Não sendo poderosa em si mesma, a ACD muitas vezes adota a perspectiva dos que sofrem; ela frequentemente se propõe a analisar a linguagem daqueles que acredita serem os responsáveis pela existência de desigualdades, daqueles que estão no poder e dispõem dos meios e oportunidades para melhorar as condições gerais da sociedade.

“Os textos costumam ser espaços de luta uma vez que guardam traços de diferentes discursos e ideologias em disputa pelo controle” (*ibid.*, p. 237). Os textos contêm as diferenças discursivas negociadas dentro deles. Essas diferenças discursivas, por sua vez, são regidas por diferenças de poder que são em parte codificadas e determinadas pelo discurso e pelo gênero. A ACD esforça-se para desenvolver uma teoria linguística que incorpore a concepção de poder como condição central da vida social. Então, estudando a

intertextualidade e a recontextualização de discursos que competem entre si, a ACD volta-se também para a noção de luta pelo poder e pelo controle.

De acordo com Wodak, “o poder envolve relações de diferença, particularmente os efeitos dessas diferenças nas estruturas sociais” (*id.*, p. 237). A linguagem está permanentemente ligada às questões sociais e, conseqüentemente, ao poder social de várias maneiras, classificando-o, expressando-o, e estando presente nas disputas por ele. A linguagem tem sido utilizada para desafiar e subverter o poder numa alternância de distribuição ao longo da história.

A linguagem constitui um meio articulado com precisão para construir diferenças de poder nas estruturas sociais hierárquicas. Pouquíssimas estruturas linguísticas não foram colocadas, em algum momento, a serviço da expressão do poder através de um processo de metáfora sintática ou textual. (WODAK, 2004, p. 237)

Interessa à ACD o modo como a manipulação do poder está expressa através do uso de diferentes formas linguísticas. As formas gramaticais presentes no texto sinalizam o poder, mas igualmente sinalizam o “controle que uma pessoa exerce sobre uma ocasião social através do gênero” (*ibid.*, *id.*). Assim, dentro das ocasiões sociais associadas aos gêneros, é que se exerce e se desafia o poder institucionalizado na maior parte das vezes (isso é discutido no item 1.4).

Fairclough (1989), estabelecendo as teorias sociais que dão suporte à ACD, analisa uma variedade de textos para ilustrar o campo, seus objetivos e métodos de análise. Mais tarde, Fairclough (2001) e Chouliaraki e Fairclough (1999) explicam e elaboram alguns avanços da ACD, ao mostrar como o quadro analítico para investigar a linguagem em relação ao poder e em relação à ideologia se desenvolveu, bem como a utilidade da ACD em revelar a natureza discursiva de muitas das mudanças sociais e culturais contemporâneas.

A linguagem da mídia, particularmente, é analisada de modo a confrontar sua aparente transparência e imparcialidade com o espaço de lutas ideológicas e de poder que representa (isso é melhor discutido no item 1.4.1). Segundo Wodak (2004, p. 230-231), Fairclough ilustra o papel mediador e construtivo da mídia com inúmeros exemplos, e demonstra a falácia da crença na neutralidade das instituições midiáticas, as quais costumam se dizer objetivas por acreditarem dar espaço ao discurso público, refletir os fatos de forma desinteressada e expressar os argumentos dos jornalistas. Assim, toda a enunciação (*vide* item 1.2) está impregnada de conteúdo ideológico, e todo enunciado cria o novo, mas só o pode fazer a partir do já existente, sob pena de não ser compreendido, escreve Sobral (2005, p. 25).

No caso das “revistas de mulheres”, por exemplo, Caldas-Coulthard (2005, p. 124-125), conclui que vários tipos de ideologias são suas âncoras: “a ideologia do consumo, a ideologia do conselho e a ideologia da informação”, em que a primeira seria a principal, sendo a própria feminilidade definida através do consumo. Também pesquisando o gênero social feminino (*vide* item 1.5), Magalhães (2005, p. 181), baseada na ACD, investigou as vozes e a interdiscursividade em três diferentes gêneros, focando nos modos pelos quais a identidade feminina era textualmente mediada em um contexto de mudança social, e observou a coexistência de identidades novas e velhas entre mulheres de três gerações diferentes, sugerindo a necessidade da discussão acerca da identidade em relação à diferença. Concordando com as autoras supracitadas, nessa pesquisa, verifico como a identidade da mulher pós-menopausa está sendo veiculada na mídia.

É importante registrar, para concluir o presente item, que a abordagem da ACD começou a ser utilizada no Brasil no início dos anos 1990, com os trabalhos pioneiros das pesquisadoras Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Izabel Magalhães - e teve um marco quando da publicação, em 1996, do livro *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*, editado por Carmen Rosa Caldas-Coulthard e Malcolm Coulthard. -; atualmente, pesquisas ancoradas na abordagem da ACD e da LSF (*vide* item 1.3.1) vêm sendo desenvolvidas em programas de pós-graduação na área das ciências da linguagem em diversas universidades brasileiras, conforme enfatizam Figueiredo & Moritz (2008, p. 57).

## **1.2 Análise Dialógica do Discurso**

Apesar de Faraco (2001) dizer que é problemático identificar Bakhtin como precursor da análise do discurso, pois embora tenha, cronologicamente, levantado a base de uma teoria do discurso antes das teorias do discurso contemporâneas, e escrevendo que “os pósteros, quando começaram a dizer, desconheciam aquele já-dito, de forma que não partiram diretamente dele” (*ibid.*, p. 28), acredito nesse estudo que uma análise dialógica, doravante ADD, partida de suas concepções, pode colaborar com a ACD e ajudar a levantar relevantes questões acerca da sociedade, que está dividida em grupos sociais com interesses divergentes e cujos enunciados são um espaço de luta entre vozes sociais, ou seja, um lugar de contradição. Diferentes grupos sociais empregando o mesmo sistema linguístico se utilizam

de palavras com valores ideológicos contraditórios, tendo o seu sentido firmado pelo contexto e pela situação imediata em que ocorrem, diz Pires (1999, p. 66).

[...] alguns conceitos-chave para uma análise dialógica do discurso são: discurso, ideologia, atividade humana, enunciado, dimensão social e verbal (ou outro material semiótico) dos enunciados, esferas sociais, interação humana, gêneros do discurso, horizonte axiológico, que possibilitam ao pesquisador construir um horizonte analítico e um percurso metodológico para a análise interpretativa dos dados. (RODRIGUES, 2008, p. 69)

Os enunciados são unidades de comunicação social que se regularizam nas interações na forma de gêneros de discurso. Diferentes esferas sociais, nas suas diversas interações, produzem diferentes gêneros, que se constroem sócio-historicamente, pois não são unidades convencionais, normativas ou imanes, mas dinâmicas e flexíveis às diversas práticas sociais (os gêneros do discurso são melhor discutidos no item 1.4).

Para Bakhtin (2006), não há produção linguística fora de um gênero, o qual se constitui sócio-historicamente com outros gêneros na relação dialógica: o sujeito e seus enunciados, conseqüentemente, são sempre históricos. E, sendo o enunciado dependente de outros discursos, dialogicamente, podemos concluir que é também determinado de acordo com a imagem que o enunciador tem de seu interlocutor (jovem/maduro(a), mulher/homem, etc.).

Fiorin (2006, p. 20) escreve que “não são as unidades da língua que são dialógicas, mas os enunciados”. O autor (*id.*, p. 22) também diz que as unidades da língua não são dirigidas a ninguém, só os enunciados têm destinatário. De acordo com Bakhtin (2006, p. 135), para compreendermos a enunciação de outrem, devemos nos orientar em direção a ela e encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação em processo de compreender, faz-se corresponder uma série de palavras individuais que formam uma réplica. Então, só podemos compreender enunciados quando reagimos às palavras que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à nossa vida. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. “O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que determina essa refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 45). Assim, olhando os enunciados, sempre heterogêneos, podemos estudar duas posições de um mesmo sujeito: a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói.

A leitura da obra bakhtiniana faz aparecer diversos Bakhtins: há um Bakhtin que mostrou que todas as explicações totalizantes eram monológicas; há um Bakhtin interacionista que tratou das relações do eu com o outro; há um Bakhtin marxista contraditório; há um

Bakhtin linguista que não produziu uma teoria acabada da linguagem e dos diferentes níveis da língua; e há um Bakhtin teórico da literatura que não ofereceu uma teoria literária completa, conforme Fiorin (2006, p. 15-16). Aqui, acredito fundamentalmente em um pensador maior que, segundo Schnaiderman (2005, p. 17), antecipou questões filosóficas contemporâneas, particularmente as de Sartre<sup>9</sup> e Heidegger<sup>10</sup>.

[...] em Bakhtin coexistem um homem religioso e um marxista, dialogando entre si. É o dialogismo aparecendo soberano na própria vida de quem teorizou sobre ele. Não cabe, pois, levantar dúvidas desse tipo sobre um pensador que concebe tudo em confronto, em diálogo, e para quem o importante é, sobretudo, a manifestações das diferentes vozes. (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 17)

A linguagem é heterogênea e dialógica e os enunciados serão sempre dialógicos porque todo discurso terá vozes de outros discursos. As relações estabelecidas entre dois ou mais enunciados são chamadas de “dialogismo” e esse estudo, ao qual me proponho também nessa pesquisa, é chamado de “Metalinguística” (BAKHTIN, 2008, p. 309). Entretanto, as vozes trazidas à tona na análise dos enunciados podem ou não estar em relação de contradição, revelando se o texto tende ao monologismo ou à centralização em torno de uma ideologia, ou se o texto é “polifônico” ou aberto a ideias de grupos sociais diversos. Daí a importância desse tipo de estudo nessa dissertação.

### 1.2.1 Dialogismo

De acordo com Fiorin (2006, p. 19), “o dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”, e o autor (*id.*) entende que há dois conceitos para o dialogismo. No primeiro, chamado de constitutivo – que “não se mostra no fio do discurso” (*ibid.*, p. 32) -, “o dialogismo é o modo de funcionamento da linguagem”, pois todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado e tem pelo menos duas vozes, diz Fiorin (*id.*, p. 24). No segundo, chamado de composicional – que se mostra -, há a “incorporação pelo enunciador da(s) voz(es) do outro no enunciado” (*ibid.*, p. 32). Nesse último, que é uma forma particular de composição do discurso, podemos inserir o discurso do outro citando abertamente o discurso alheio ou através do discurso bivocal, “internamente dialogizado, em que não há separação muito nítida do enunciado citante e do citado” (*ibid.*, p. 33).

<sup>9</sup> Cf.: SARTRE, J. P. *L'âge de raison*. Paris, FR: Gallimard, 1972.

<sup>10</sup> Cf.: HEIDEGGER, M. *El Ser y el Tiempo*. 7ª ed. Trad. J. Gaos. México/Madrid/Buenos Aires: F. Cultura Economica, 1989.

Brait (2000, *apud* RECHDAN, 2003, p. 47) lembra que, para precisar teoricamente o conceito bakhtiniano de dialogismo, deve-se entender o princípio da heterogeneidade ou a ideia de que a linguagem é heterogênea, isto é, de que o discurso é construído a partir do discurso do outro, que é o “já dito” sobre o qual qualquer discurso se constrói. O sujeito de Bakhtin, construído pelo outro, é também um sujeito construído na linguagem, que tem um projeto de fala que não depende só de sua intenção, mas depende do outro: primeiro é o outro com quem fala; depois o outro ideológico, tecido por outros discursos do contexto; ao mesmo tempo, o sujeito é corpo, são as outras vozes que o constituem. Não há sujeito anterior à enunciação ou à escritura.

Para Fiorin (2006, p. 115), o romance tem lugar central na obra de Bakhtin porque é a expressão máxima do dialogismo, destacando mais do que os outros grandes gêneros a diversidade, a diferença e a heterologia. Bakhtin (2008, p. 292), observando a obra de Dostoiévski, aponta que em seus romances a autoconsciência do herói é totalmente dialogada, estando sempre voltada para fora, dirigindo-se a si, a um outro, e a um terceiro. Fora do que ele chama de *apelo vivo para si mesma e para os outros*, a autoconsciência não existe nem para si mesma. Não é possível dominar e entender o homem interior através de uma análise neutra indiferente, assim como não é possível dominá-lo fundindo-se com ele ou penetrando em seu íntimo. Somente através da comunicação com ele, por via dialógica, podemos forçá-lo a revelar-se a si mesmo. ”Representar o homem interior como o entendia Dostoiévski só é possível representando a comunicação dele com outro. Somente na comunicação, na interação do homem com o homem revela-se o homem no homem para outros ou para si mesmo” (*ibid.*, p. 292).

No mundo de Dostoiévski, o diálogo é a própria ação, afirma Faraco (2005, p. 48). “Ser significa comunicar-se pelo diálogo. Quando termina o diálogo, tudo termina. Daí o diálogo, em essência, não poder nem dever terminar” (BAKHTIN, 2008, p. 293). A obra de Dostoiévski nunca está acabada, está sempre na disputa de um diálogo e aberta à interação. “Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada termina e nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida, o mínimo de existência” (*ibid.*, *id.*).

Segundo Bakhtin (*id.*, *id.*), o esquema do diálogo nesse escritor é “muito simples”: trata-se da contraposição do homem ao homem enquanto contraposição do eu ao outro. Para exemplificar, o autor cita o herói do livro *Memórias do Subsolo*, o qual pensava em sua mocidade: “Eu sou um, eles são todos.” Para esse herói, o mundo se desintegra em dois campos: em um estou eu, no outro estão eles; cada pessoa existe antes de tudo como um outro, e essa definição do homem determina imediatamente a atitude daquele em face desse,

reduzindo todas as pessoas a um denominador comum, que é o outro. De acordo com Bezerra (2005, p. 194), isso é um novo enfoque do homem, o enfoque dialógico. É uma nova posição que transforma o objeto, ou melhor, o homem reificado, em outro sujeito, em outro eu que se auto-revela livremente.

A vida no enredo, na qual existem amigos, irmãos, pais, esposas, rivais, mulheres amadas, etc. e na qual ele poderia ser irmão, filho ou marido é por ele vivida apenas em sonho. Em sua vida real não existem essas categorias humanas reais. Por isso os diálogos interiores e exteriores nessa obra são tão abstratos e tão precisos [...]. (BAKHTIN, 2008, p. 294)

Para Bakhtin (*id., id.*), em *Memórias do Subsolo*, a infinitude do diálogo exterior se manifesta da mesma maneira que a infinitude do diálogo interior. O outro real só pode entrar no mundo do herói como o outro com o qual ele já vem travando sua polêmica interior. Qualquer voz real do outro se funde inevitavelmente com a voz do outro que já soa aos ouvidos do “homem do subsolo”. E a palavra real do outro é, da mesma forma, levada para o que Bakhtin chama de *perpetuum mobile*, tal quais todas as réplicas antecipáveis do outro: “para Bakhtin, nunca há um primeiro a falar qualquer coisa, só o Adão mítico” (FIORIN, 2006, p. 24). A voz humana real e a réplica antecipável do outro não podem dar por acabado o interminável diálogo interior do personagem, destaca Bakhtin (2008, p. 295). Então, só resta ao “homem do subsolo” permanecer em sua irremediável oposição ao outro. A essência da ciência do diálogo em Dostoiévski está na inter-relação do diálogo interior e do exterior.

Rechdan (2003, p. 46) escreve que o diálogo, tanto no exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. O diálogo refere-se a qualquer forma de discurso, desde relações dialógicas do cotidiano até textos literários. Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica socialmente compartilhada que, embora exista em um tempo e local específicos, é sempre mutável devido às variações do contexto.

De acordo com Venturelli (2006)<sup>11</sup>, um autor, ao escrever, não está sozinho, mas inserido numa série, criando uma teia entre seu trabalho e os que o precederam e os que o sucederam, sintetizando muitas vozes com a sua. Um autor está sempre em relação dialógica com os outros e sua voz é chamada à interação com as outras tantas vozes da sociedade em que se insere. Em Dostoiévski, os heróis estão abertos uns aos outros, a monologia é destruída, e forma-se um novo gênero novelístico, percebido por Bakhtin através de sua original teoria do discurso, em que o sentido só pode nascer do diálogo.

---

<sup>11</sup> Entrevista retirada da *Internet* e sem numeração de páginas.

Conforme Scorsolini-Comin *et al.* (2008, p. 6), o conceito de dialogismo de Bakhtin entende a palavra como possuindo um constante movimento; entende o sujeito, não apenas sendo influenciado pelo meio, mas também agindo sobre o ambiente, transformando-o. O dialogismo acontece dentro de qualquer produção cultural, letrada ou analfabeta, verbal ou não verbal, elitista ou popular, e ratifica o conceito de comunicação como interação verbal e não verbal não meramente como transmissão da informação.

### 1.2.2 Polifonia

De acordo com Faraco (2005, p. 48), Bakhtin deu esse “experimental e fatídico” nome de polifonia a essa inovação na relação autor/herói dos romances dostoiévskianos, e esse seria um dos temas mais difíceis de seu pensamento. “Bakhtin não tinha um conceito *ad hoc* de polifonia para testar nos escritos de Dostoiévski” (BRAIT, 2006, p. 24), o conceito é formulado a partir dos textos desse autor. Uma característica fundamental da ADD é justamente “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir do ponto de vista dialógico, num embate” (*ibid., id.*).

Na década de vinte do último século, Bakhtin lançou a ideia de polifonia sugerindo que a ficção dostoiévskiana colocava em jogo uma multiplicidade de vozes ideologicamente distintas, as quais resistiam ao discurso autoral. No ano de 1929, foi escrito *Problemas das obras criativas de Dostoiévski*, reeditado em 1963 sob o título de *Problemas da poética de Dostoiévski*. Nesse livro, Bakhtin (2008, p. 04) defende que “Dostoiévski não cria escravos mudos (como Zeus), mas pessoas livres, capazes de colocar-se lado a lado com seu criador, de discordar dele e até rebelar-se contra ele”.

O termo polifonia era até então usado somente na música para designar um tipo de composição musical em que várias vozes, ou várias melodias, se sobrepõem em simultâneo. Nesse caso, em oposição à polifonia está a monodia - ou homofonia, na qual as vozes executam o mesmo movimento melódico, seguindo um mesmo padrão rítmico. Ou então uma determinada melodia se sobrepõe às outras vozes, que se subordinam, adquirindo um mero papel de acompanhamento.

Scorsolini-Comin *et al.* (2008, p. 06) reitera que Bakhtin emprega a palavra polifonia para descrever o fato de que o discurso resulta de uma trama de diferentes vozes trazidas pelo



autor do texto sem que não exista a dominação de uma voz sobre as outras<sup>12</sup>. Essa lição de Bakhtin sobre a importância da multiplicidade de vozes em nosso mundo, segundo Schnaiderman (2005, p. 15), é uma lição de afirmação democrática e anti-autoritária, partida de alguém que era vítima da violência stalinista.

Bakhtin (2008, p. 100) destaca que Dostoiévski tinha o dom de “auscultar” o diálogo de sua época como um grande diálogo, de captar não só as vozes isoladas de seu tempo, mas a interação dialógica entre elas. Tal qual um médico, ele “auscultava” as vozes dominantes da época em que vivia, fossem elas vozes oficiais ou fossem elas vozes ainda fracas, em termos de “ideias latentes ainda não auscultadas por ninguém”.

Bakhtin mostra que o novo enfoque do homem em Dostoiévski representa uma profunda revolução do conceito de realismo no tocante à construção da personagem, na medida em que o homem-personagem é visto em seu movimento interior, vinculado ao movimento da história social e cultural de sua época e nela enraizado mas não estagnado, razão pela qual não é mero objeto do discurso do autor. (BEZERRA, 2005, p. 199)

Faraco (2005, p. 46) diz que Bakhtin descobriu em Dostoiévski um grande inovador na arte do romance porque esse encontrou meios de construir a imagem artística da inconclusibilidade humana, mudando radicalmente a posição do autor-criador, o qual reserva para si apenas “o mínimo indispensável do excedente que é necessário à condução da narrativa, deslocando todo o demais para o campo de visão e conhecimento do próprio herói” (*ibid.*, p. 47).

Entretanto, o fato dos romances dostoiévskianos deixarem as vozes pulularem no texto - soltas em confronto - e nunca terminarem com um final em que tudo fica resolvido foi visto como “mau acabamento” pela crítica da época, destaca Venturelli (2006), até Bakhtin entrar com sua percepção de linguagem polifônica.

Na polifonia, a voz do autor requisita a voz do leitor para o diálogo e para entrar no entrevero dos vários planos ideológicos que são chamados para o texto, que é comparado a uma arena com pontos de vista em disputa, em que não há escravos do narrador, mas gente livre para contradizê-lo. Assim, para Bakhtin (2008, p. 308), Dostoiévski cria esse novo gênero denominado polifônico, que apresenta vários pontos de vista e várias vozes, cada qual recebendo do narrador o que lhe é devido.

Bezerra (2005, p. 194) destaca que esse dialogismo polifônico contrapõe-se ao tratamento reificante do homem. Desse modo, a imagem do homem é construída dentro da

---

<sup>12</sup> Vide Emerson (2003, p. 164), o qual considera que não se deve desconsiderar a terceira voz da palavra do autor como diretor de cena.

comunicação interativa na qual o ser humano se reconhece através do outro e na imagem que o outro faz dele. Dostoiévski procura conhecer o homem em sua verdadeira essência como um outro eu único e inacabável; não se propõe conhecer a si mesmo, propõe-se conhecer o outro, o eu estranho. Nesse caso, só se compreende o próprio eu - o eu para mim - juntamente com o outro, com o outro eu e com o reconhecimento do meu eu pelo outro - o eu para o outro. O eu assim nunca será um eu sozinho, pois só pode ter vida real em um mundo povoado por múltiplos sujeitos independentes e isônomos. “O que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico” (*ibid.*, *id.*), mas esse autor é ativo na medida em que rege vozes que ele cria ou recria, deixando que se manifestem com autonomia.

Conforme Bezerra (*id.*, p. 199), Bakhtin, não reservando uma função secundária ao autor no processo polifônico, o qual não renuncia ao seu ponto de vista, nem se limita a montar pontos de vista alheios, enfatiza a relação de reciprocidade inteiramente nova e especial entre a verdade do sujeito e a verdade do outro. O ativismo do autor estabelece uma relação dialógica entre a consciência criadora e a consciência recriada, participando do diálogo com direito à interlocução com outras vozes, inclusive com a voz do autor nas suas peculiaridades de falante, e está diretamente vinculado à consciência ativa e isônoma do outro: “trata-se de uma mudança radical da posição do autor em relação às pessoas representadas, que de pessoas coisificadas se transformam em individualidades” (*ibid.*, p. 194). Em um mesmo espaço do texto pode haver a convivência e a interação de uma multiplicidade de vozes plenivalentes e consciências independentes, imiscíveis e equipolentes, que na polifonia não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos e, possuindo independência, combinam-se com a palavra do autor e com as vozes de outras personagens, finaliza Bezerra (*id.*, p. 195).

As relações que Bakhtin mantém com Dostoiévski alcançaram uma intimidade como a que existe entre duplos, principalmente porque Bakhtin dedicou sua vida meditando sobre o papel do outro em relação ao eu, acredita Venturelli (2006). “O homem em Dostoiévski é o sujeito do apelo. Não se pode falar sobre ele, pode-se apenas dirigir-se a ele” (BAKHTIN, 2008, p. 292). Segundo Fiorin (2006, p. 17), para Bakhtin, “viver é agir em relação ao que não é o eu, isto é, o outro”.

Em toda parte é o cruzamento, a consonância ou a dissonância de réplicas do diálogo aberto com as réplicas do diálogo interior dos heróis. Em toda parte um determinado conjunto de ideias, pensamentos e palavras passa por várias vozes imiscíveis, soando em cada uma de modo diferente. (BAKHTIN, 2008, p. 308)

Bakhtin, defendendo essa ideia de que todo texto é um objeto heterogêneo, de que todo texto é constituído por várias vozes, é a reconfiguração de outros textos que lhe dão origem, dialogando com ele, retomando-o, introduz a visão de sujeito constituído nas ações interativas, cuja consciência se forma no processo de interiorização de discursos pré-existentes, materializados e atualizados em diferentes gêneros discursivos nas contínuas e permanentes interlocuções de que vão participando.

Para esse filósofo da linguagem (2006, p. 29-37), a comunicação é uma interação social e histórica de consciências individuais com outras consciências individuais, num processo que ganha em complexidade quando o conteúdo e a forma dessa comunicação são observados como signos, que, por sua vez, também possuem forma e conteúdo ideológicos em constante interação a partir de esferas e de campos específicos, evidentes em múltiplos discursos. Dessa maneira, a realidade fundamental da linguagem é a atividade sociosemiótica, que se dá entre indivíduos nas relações sociais historicamente situadas, sendo a consciência ideológica, dialógica e também semiotizada. Essa autoconsciência do herói de Dostoiévski, percebida como um dado incisivo na representação de sua imagem no plano polifônico bakhtiniano, é vista como uma guinada “copernicana” por Venturelli (2006).

O autor do romance polifônico não define as personagens e suas consciências à revelia das próprias personagens, mas deixa que elas mesmas se definam no diálogo com outros sujeitos-consciências, pois as sente a seu lado e à sua frente como “consciências equipolentes dos outros, tão infinitas e inconclusíveis” como a dele, autor. (BEZERRA, 2005, p. 195)

Dialogismo e polifonia estão vinculados à natureza ampla e multifacetada do texto, ao seu grande número de personagens, à capacidade do autor de “recriar seres e caracteres humanos traduzida na multiplicidade de vozes da vida social, cultural e ideológica representada” (BEZERRA, 2005, p. 191-192). “[...] a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência” (*ibid.*, p. 193).

Lembrando com Grillo (2005, p. 1164) que as noções de dialogismo e de polifonia estão entre as principais contribuições dos trabalhos de Bakhtin, não esqueçamos aqui que, nessa última, “não basta que haja diversas vozes, antes é preciso que elas se constituam, por meio do diálogo, em pontos de vista contraditórios” (*ibid.*, p. 1165). Essas vozes de grupos sociais com interesses divergentes e manifestas nos enunciados podem ser percebidas através de uma análise metalinguística.

### 1.2.3 Análise Metalinguística

De acordo com Bakhtin (2008, p. 310), o diálogo exterior expresso é inseparável do diálogo interior e, em certo sentido, nesse se baseia; e ambos são igualmente inseparáveis do grande diálogo do texto no seu todo, que os engloba. Bakhtin (*id.*, *id.*) chama esse tipo de estudo de metalinguístico, o qual é o estudo das múltiplas variedades do chamado discurso bivocal<sup>13</sup> e sua influência em diversos aspectos da construção do discurso. Na obra de Dostoiévski o discurso bivocal encontra matéria abundante: o objeto fundamental da representação é o próprio discurso, o discurso plenissignificativo. “As obras de Dostoiévski são o discurso sobre o discurso, voltado para o discurso” (*ibid.*, *id.*).

[...] Metalinguística, aqui interpretada como teoria/análise dialógica do discurso, faz parte das estratégias utilizadas por Bakhtin para, a partir da minuciosa leitura e análise do conjunto da obra de Dostoiévski, configurar o gênero polifônico, e apresentar o conceito de polifonia. E não o contrário. (BRAIT, 2006, p.14)

Para Fiorin (2006, p. 90), a palavra que é representada, e não a que representa, é sempre bivocal: “o discurso bivocal é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano do discurso”, afirma Acosta-Pereira (2008a, p. 12). O discurso bivocal orienta-se simultaneamente para o objeto do discurso e para o discurso do outro, numa dupla orientação do discurso que se materializa na forma de enunciados. Brait (2006, p. 13) diz que é justamente essa bivocalidade de diálogo, situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo, que caracteriza a novidade da Metalinguística e de suas consequências para os estudos da linguagem.

O discurso representável converge com o outro discurso representativo em um nível e em isonomia. Penetram um no outro, sobrepõe-se um ao outro sob diferentes ângulos dialógicos. [...] Como resultado desse encontro, revelam-se e aparecem em primeiro plano novos aspectos e novas funções da palavra. (BAKHTIN, 2008, p. 309)

Faraco (2001, p. 28) afirma que o “antes-dito” bakhtiniano, considerando-se a multivocalidade presente nos discursos, entrou na análise do discurso como um “elemento danificador dos significantes portadores de nossas identidades teóricas”. Esses discursos heterogêneos carregam enunciados com a memória de outros discursos. As palavras que vêm de outros enunciados e remetem a eles na interação verbal nunca são neutras, mas plenas das visões de mundo que carregam, segundo Rodrigues (2007, p. 155). “Não há trabalho de

---

<sup>13</sup> Coloco outras considerações sobre discurso bivocal – DB - no item 3.2.1.

campo que não vise ao encontro com um ‘outro’, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do ‘outro’ no texto” (AMORIM, 2004, p. 16).

Por exemplo, relações dialógicas, dialetos sociais (posições socioaxiológicas), autoria, vozes da construção enunciativo-discursiva [...] o autor também explica seu conceito de discurso, contrapondo-o à visão objetivista da língua, e afirma que as relações dialógicas pertencem ao campo do discurso e, portanto, são objetos da Metalinguística. O conceito de discurso é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica, isto é, sob o plano da discursividade, especificando que o discurso orienta-se para o objeto do discurso como para o discurso do outro. Essa dupla orientação materializa-se na forma de enunciados e, por conseguinte, pressupõe uma autoria enunciativo-discursiva. Neste sentido, a autoria é concebida como uma postura de autor, ou seja, uma postura discursivo-dialogizada, posto que, segundo a perspectiva bakhtiniana, a autoria implica reação dialógica. (ACOSTA-PEREIRA, 2008b, p. 87)

Entretanto, conforme Fiorin (2006, p. 128), forças centrípetas – que aspiram ao monologismo e buscam o fechamento, a unidade, a homogeneidade, bem como forças centrífugas – que buscam tanto a abertura, a diversidade, a heterogeneidade, quanto buscam desvelar o dialogismo constitutivo do discurso, atuam incessantemente sobre as línguas. “As vozes do poder têm sempre uma ação centrípeta, desejam impor-se como centro de sentido, buscando reduzir o plurívoco ao unívoco” (*ibid.*, p. 82). Mas um sujeito nunca pode ser completamente assujeitado, pois sempre participa de forma única do diálogo de vozes, e a história da formação de sua consciência é singular, diz o autor (*id.*, p. 58).

A autoconsciência do herói, personagem, ou “ator social” como característica principal na construção de sua imagem no enfoque polifônico pressupõe também uma posição nova do autor na representação desse personagem. Descobre-se um aspecto novo do ser humano, do “homem no homem”<sup>14</sup>, que requer um enfoque novo do ser humano e uma nova posição do autor, destaca Bezerra (2005, p. 193). E o “homem no homem” não é um objeto silencioso, é sim outro sujeito a quem cabe autorrevelar-se livremente, outro eu com direitos iguais no diálogo interativo com os demais falantes.

Sendo a consciência sociossemiótica, ou seja, formada de discursos sociais, o que significa que seu conteúdo é sógnico, cada indivíduo tem uma história particular de constituição de seu mundo interior, pois ele é resultante do embate e das inter-relações desses dois tipos de vozes. Quanto mais a consciência for formada de vozes de autoridade, mais ela será monológica, ptolomaica. Quanto mais for constituída de vozes internamente persuasivas, mais será dialógica, galileana. (FIORIN, 2006, p. 56)

---

<sup>14</sup> Na Língua Portuguesa, “homem” é sinônimo para “humanidade em geral”, o que acredito já evidencia uma exclusão gramatical discriminatória de gênero social para com a “mulher”.

Em um estudo metalinguístico, recupera-se marcas do discurso relatado indireto de outrem integrado(as) no discurso citante, o qual, segundo Bakhtin (2006, p. 169), irá adquirir um relevo que acomoda matizes do autor à sua coloração. As vozes do grande e ininterrupto diálogo no qual o sujeito social participa são assimiladas de diferentes maneiras no processo de construção da sua consciência, destaca Fiorin (2006, p. 56) e, segundo ele (*id.*, p. 38-39), essas marcas do discurso alheio não demarcadas - discurso bivocal - podem ser nitidamente evidenciadas em um estudo metalinguístico. Há vozes que são incorporadas como vozes de autoridade e que se aderem de modo incondicional e, por isso, são centrípetas, impermeáveis, e resistentes a impregnar-se de outras vozes. Em contrapartida, outras vozes são assimiladas como posições de sentido internamente persuasivas, vistas como uma entre outras, centrífugas e permeáveis à impregnação por outras vozes, estando sempre abertas à mudança. Essas vozes centrífugas são partes de um mundo polifônico que, para Fiorin (*id.*, p. 83), “seria um mundo em que o pluralismo de ideias fosse efetivamente respeitado, porque todas as vozes seriam equipolentes, nenhuma voz social se imporia como a palavra última e definitiva”.

[...] a palavra a duas vozes ou bivocal a orientações diversas, entre as quais encontramos três tipos: o discurso bivocal de orientação única (estilização, narração do narrador, discurso não objetificado do herói-agente das ideias do autor, *Icherzählung*); o discurso bivocal de orientação vária (paródia, qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento, *Icherzählung* parodístico); tipo ativo ou discurso refletido do outro, no qual a palavra do outro influencia ativamente o discurso do autor (polêmica interna velada, autobiografia e confissão polemicamente refletidas, qualquer discurso que visa ao discurso do outro, réplica do diálogo, diálogo velado). O último tipo ou a palavra bivocal, na fonte da noção de polifonia em Dostoiévski, é o objeto privilegiado do estudo de Bakhtin. (GRILLO, 2006, p. 124)

É pertinente também aqui dizer com a autora (*id.*, *id.*) que, apesar serem oriundas da análise da prosa dostoiévskiana, “as relações dialógicas e, em especial, a palavra bivocal, enquanto objetos de estudo da metalinguística, são encaradas por Bakhtin como pertencentes às nossas práticas cotidianas, não se restringindo à literatura”.

Bakhtin formulou, nos textos de sua última fase, uma disciplina de estudo da linguagem, a metalinguística, que tem por objeto as relações dialógicas e a palavra bivocal. Essas relações são de natureza axiológico-semântica, ocorrem entre enunciados e também no interior de um mesmo enunciado. [...] Apesar de a proposição de uma ciência dialógica da linguagem ter suas origens nos estudos de obras literárias, o projeto da metalinguística contempla um conjunto de fenômenos que não se restringem aos enunciados da esfera literária. (GRILLO, 2006, p. 121)

### 1.3 Linguística Sistêmico-Funcional

De acordo com Gee (2000), a Gramática Sistêmico-Funcional – GSF -, na qual está apoiada a Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, possibilita identificar elementos linguísticos que podem ser interpretados no discurso – na formulação linguística de pontos de vista e atitudes acerca do mundo – como marcas ideológicas da linguagem, fornecendo uma ferramenta teórica de descrição da linguagem.

Além de embasar estudos linguísticos na LSF, a GSF é utilizada na ACD como instrumento de análise, escreve Meurer (2007, p. 84). Entretanto, Ventura & Lima-Lopes (2002, p. 15) lembram que ainda há relativamente poucos estudos em Língua Portuguesa apoiados na GSG, mostrando que há uma série de registros que ainda precisam ser pesquisados<sup>15</sup>. Nessa pesquisa, aplico a GSF como instrumento embasador de uma “análise polifônica” de Gênero Social (*vide* item 2.1).

A abordagem hallidayana organiza a linguagem em torno de seu “Sistema de Dados do Contexto Social” e em torno do seu “Sistema Linguístico” que se inter-relacionam e formam uma “rede sistêmica”. O Sistema de Dados do Contexto Social é formado pelas escolhas dos falantes nas variáveis Campo, Modo e Relações que, por sua vez, permitem as outras escolhas no Sistema Linguístico – composto dos Subsistemas Semântico, Léxico-Gramatical e Fonológico<sup>16</sup> - que vão determinar o significado da língua. E todos os subsistemas estão interligados. Assim, a LSF conceitua linguagem como um sistema sociosemiótico: um complexo de elementos, regras e rotinas articulados, que se prestam às trocas simbólicas na experiência da vida em sociedade.

O contexto é identificado como um sistema semiótico manifestado total ou parcialmente por meio da linguagem que, segundo Martin (1992, p. 493), tem seus significados expressos pelas formas da linguagem. Compreendendo tudo aquilo que é relevante para a interação, “o contexto da situação se define por três variáveis” (HASAN, 1996, p. 39): a natureza da prática social, o Campo; os papéis dos participantes da situação e a conexão entre eles, as Relações; e a maneira simbólica e os canais retóricos que são adotados para a transmissão da mensagem, o Modo.

Essas três variáveis do contexto são realizadas no Sistema Linguístico, respectivamente, por três metafunções da linguagem: Ideacional, que expressa o conteúdo do texto, possibilitando, assim, ao sujeito observador tirar partido da capacidade da linguagem de representar a natureza da prática social, as experiências do mundo interior e exterior; Interpessoal, que expressa as interações sociais das quais o sujeito participa, possibilitando-

---

<sup>15</sup> Deve-se considerar que essa afirmação foi feita há oito anos.

<sup>16</sup> O Subsistema Fonológico não é objeto desse estudo.

lhe, assim, representar a natureza da conexão entre os participantes da situação e concretizar as ações de uns sobre os outros dentro da realidade social e desencadear novas ações; Textual, que expressa a estrutura e o formato do texto, possibilitando, assim, ao sujeito representar a natureza do meio de transmissão da mensagem e estruturar a experiência em textos coesos e coerentes a partir do sistema da língua – QUADRO 1.

<b>CONFIGURAÇÃO CONTEXTUAL</b>		
<b>Campo</b>	<b>Relação</b>	<b>Modo</b>
Natureza da atividade social.	Papéis desempenhados pelos participantes. Relações existentes entre eles.	Natureza do meio de transmissão da mensagem.
<b>ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO</b>		
<b>F. Ideacional</b>	<b>F. Interpessoal</b>	<b>F. Textual</b>
Escolhas léxico-gramaticais dos interlocutores.	Maneira como os interlocutores usam a linguagem para interagir socialmente.	Relação entre os aspectos semânticos e gramaticais do texto.

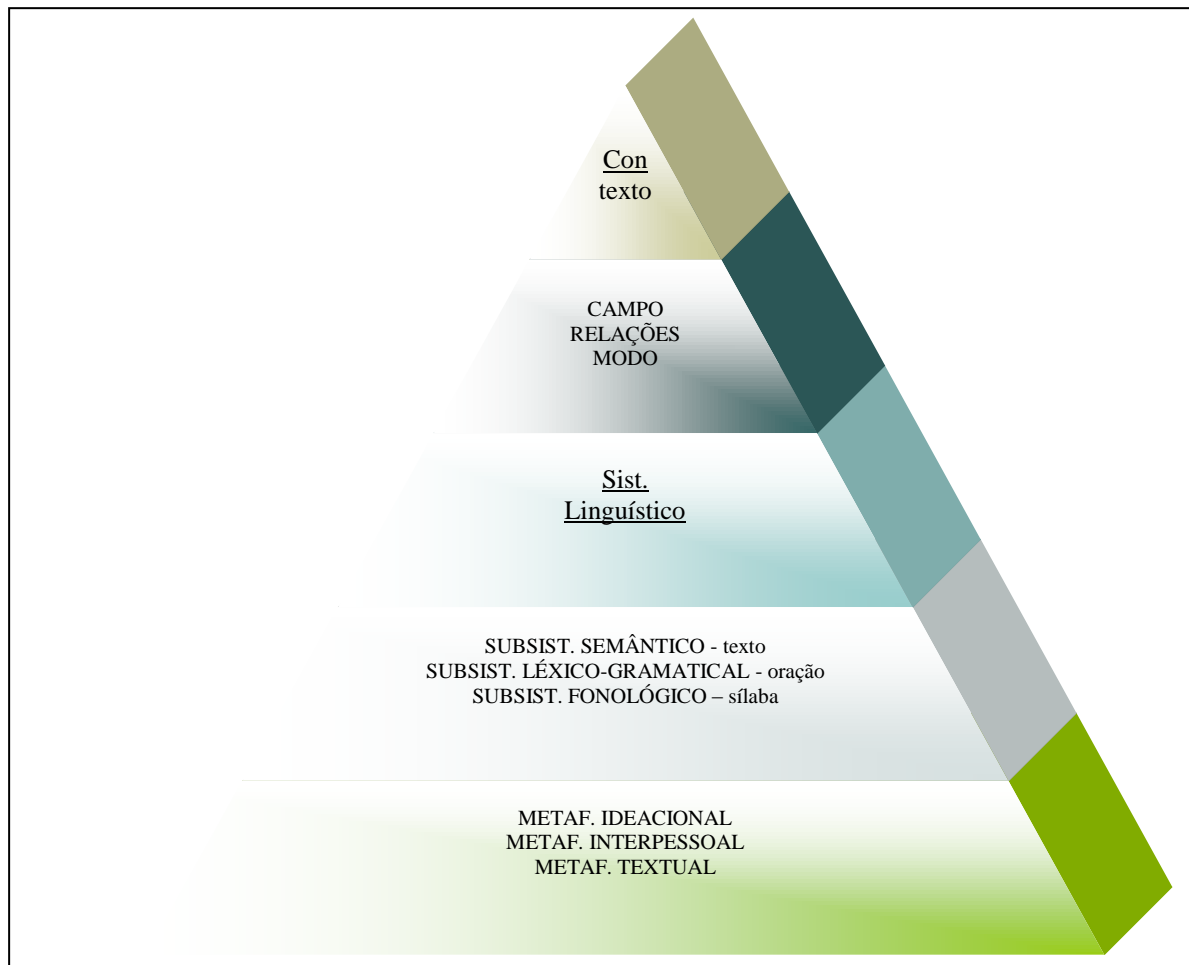
**QUADRO 1: Configuração Contextual e Estrutura Potencial do Gênero - adaptado de Halliday & Hasan (1989) e Motta-Roth & Heberle (2005).**

A linguística sistêmico-funcional (LSF), desenvolvida por Halliday, é tanto uma teoria da linguagem quanto um método de análise de textos e seus contextos de uso. Devido a essa natureza dual, a LSF objetiva explicar como os indivíduos usam a linguagem e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos (Eggins, 2004)<sup>17</sup>. Adotando uma visão multifuncional da linguagem, ou seja, de que a linguagem é como é para realizar as funções sociais a que serve, a LSF divide os significados realizados pelos textos em três tipos: ideacionais, interpessoais e textuais. De acordo com essa perspectiva, a linguagem é considerada sistêmica porque consiste de um conjunto de sistemas de escolhas, em que cada sistema oferece ao falante/escritor uma variedade de maneiras para expressar o significado proposto, e é funcional porque serve a propósitos funcionais. Os aspectos funcionais da linguagem são expressos, simultaneamente, nos três tipos de significados citados anteriormente. (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 54)

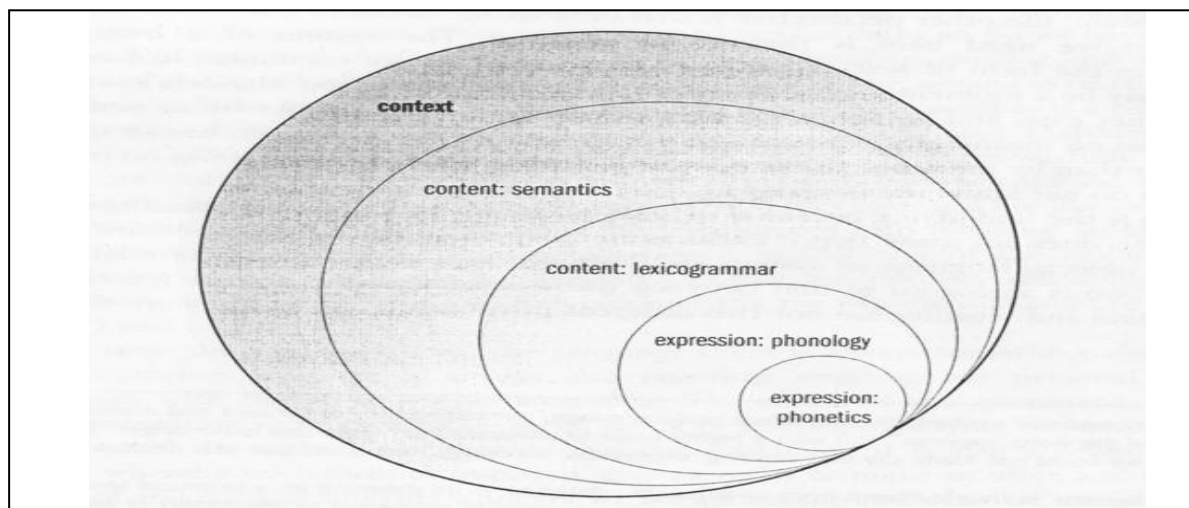
“O significado é produto das inter-relações entre as partes” do texto e do contexto (HALLIDAY, *apud* MARTIN, 1992, p. 497). Segundo Martin (*id.*, p. 494), a linguagem desempenha uma metafunção de representar a realidade social. À medida que a análise avança da fonologia ou grafologia (primeiro plano) para o discurso ou contexto ideológico, as unidades de análise também se expandem do fonema e da sílaba, para a palavra e a oração no nível da léxico-gramática, para o parágrafo no nível da semântica discursiva, para o estágio do texto no nível do registro, para o texto inteiro no nível do gênero, para o discurso manifestado em vários textos no nível da ideologia, enuncia o autor (*id.*, p. 496), conforme pode ser visualizado nas FIGURAS 1 e 2.

<sup>17</sup> Cf.: EGGINS, S. **An introduction to systemic functional grammar**. London/New York: Continuum, 2004.





**FIGURA 1: Rede Sistêmica.**

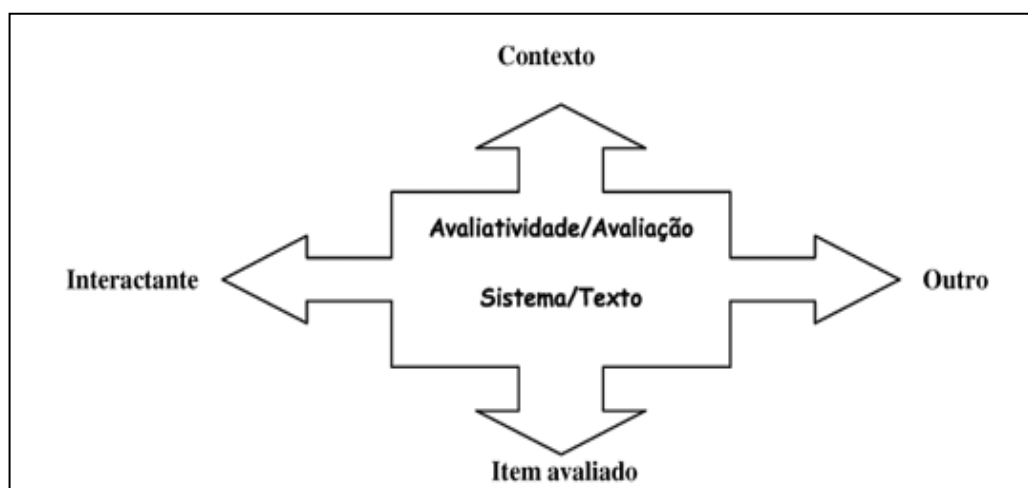


**FIGURA 2: Linguagem e seu Ambiente Semiótico (HALLIDAY, 2004, p. 25).**

Vian Junior (2009, p. 106) sugere “alguns possíveis diálogos, embora de perspectivas espaciais, sociais e teóricas diferentes, entre Bakhtin e Halliday”. O autor destaca que, tanto a interação verbal permanente entre os participantes do diálogo, quanto a intertextualidade ou a

relação dialética interdependente entre discurso e contexto, correlacionam-se com o dialogismo. “O Campo, as Relações e o Modo do discurso determinam como a linguagem será realizada léxico-gramaticalmente nos textos produzidos em dado contexto” (*ibid., id.*).

Conforme Fuzer (2008, p. 91), é possível analisar as orações, sistematicamente, de três modos: “como representação (metafunção ideacional que materializa a variável Campo), como troca (metafunção interpessoal que materializa a variável Relações), e como mensagem (metafunção textual que materializa a variável Modo)”. Além de analisar essas três metafunções no Subsistema Semântico (*vide* item 1.3.3), também analiso o Subsistema Léxico-Gramatical (*vide* item 1.3.4). Desse modo, vendo a linguagem “sob duas perspectivas: como ‘sistema’ e como ‘texto’” (VIAN JUNIOR, 2009, p. 109), percorro a rede sistêmica<sup>18</sup> - FIGURA 3.



**FIGURA 3: Avaliação e Avaliatividade (VIAN JUNIOR., 2009, p. 125).**

A LSF, portanto, é uma teoria funcional que se ocupa da linguagem em uso, baseada em uma gramática que se define como um potencial de significados. Como parto do pressuposto de que fenômenos linguísticos são também ideológicos e sociais, e vice-versa, a presente pesquisa mostra que é possível a combinação das ferramentas da LSF com a ACD (*vide* item 1.3.1) e com a ADD (*vide* item 1.3.2).

Para Fairclough (2001, p. 275), ao estabelecer os princípios de sua ACD, “não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso”. O autor deixa em aberto a possibilidade de conexão entre diferentes abordagens que sejam complementares e adequadas aos objetivos de cada pesquisa (a própria ACD tem

<sup>18</sup> Menos no Subsistema Fonológico.

natureza interdisciplinar). Sendo assim, a GSF vem sendo usada por analistas críticos do discurso, com frequência, como ferramenta analítica específica no nível linguístico dos textos. Para um estudo do gênero feminino como esse, que se insere em uma perspectiva bakhtiniana da linguagem, focado em uma reportagem em que, por definição, se manifestam diferentes vozes, recorro também à ADD, o que configura a pesquisa como, ao mesmo tempo, sistêmica, crítica e dialógica.

### 1.3.1 Uma Abordagem Sistêmica e Crítica

Segundo Ramalho (2006, p. 320), na LSF, “o social é trazido para o tecido gramatical da linguagem”. Para a ACD, isso significa “a constituição da semiose pela sociedade, assim como a constituição da sociedade pela semiose”. Mas a ACD localiza aspectos da LSF a serem contornados para uma efetiva abordagem da linguagem como prática social, os quais não são problemas da gramática sistêmica e sim, “da sua utilização como ferramenta da ACD, cuja preocupação principal é mapear conexões entre discurso e sociedade” (*ibid.*, *id.*).

Figueiredo & Moritz (2008, p. 56) observam que, embora de forma distinta, Halliday e Fairclough veem linguagem e textos como multifuncionais. Para Fairclough (2003a), “os textos refletem e constroem formas de representar, formas de agir e formas de ser, estando ligados ao evento social no qual são gerados, aos participantes desse evento, e ao mundo físico e social mais amplo”, preferindo “falar não em funções exercidas pelos textos, mas em diferentes significados que eles criam, reproduzem ou alteram” (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 56).

De acordo com Figueiredo & Moritz (*id.*, p. 55), a ACD baseia-se na noção de uso da linguagem como “modo de ação social e historicamente situado, numa relação dialética com outros aspectos do social”, formado pelo social e formando o social. Sendo assim, o uso da linguagem constitui três aspectos simultaneamente, “identidades sociais, relações sociais, e sistemas de conhecimento e crença” - QUADRO 2. Os três aspectos estão ligados à LSF, teoria “interessada na relação entre linguagem e outros elementos e aspectos da vida social, e com abordagem de análise linguística sempre orientada para o caráter social dos textos” (FAIRCLOUGH, 2003a, p. 05).

Aspectos do social constituídos (em parte) pelo discurso	Significados textuais (FAIRCLOUGH, 2003a)	Metafunções hallidayanas (HALLIDAY, 2004)
Sistemas de conhecimento e crença	Representacionais	Metafunção Ideacional
Relações sociais	Acionais/Relacionais	Metafunção Interpessoal
Identidades sociais	Identitários	Metafunção Interpessoal

**QUADRO 2: Cruzamento da Visão Social da Linguagem segundo a ACD e a LSF (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 57).**

[...] os três grandes grupos de significados textuais são: a) representacionais: correspondem à metafunção ideacional de Halliday. b) acionais: correspondem à metafunção interpessoal de Halliday. Ao investigarmos os significados acionais de um texto nosso foco está na forma como esse texto atua como meio de interação em eventos sociais, englobando as relações entre os participantes (i.e. os textos desempenham relações sociais). c) identitários: também correspondem à função interpessoal de Halliday, embora Halliday não distinga entre as funções relacionais e identitárias da linguagem. Para Fairclough, por outro lado, o que Halliday chama de função interpessoal é dividida em dois grupos de significados: os acionais, relativos às relações sociais estabelecidas via texto, e os identitários, relativos às formas de ser, às identidades sociais construídas pelos textos. (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 56)

Para Fairclough (2001, p. 104), toda oração é multifuncional, toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais e textuais. Resende (2006, p. 1073) diz que o que mantém a noção de multifuncionalidade na LSF é a operacionalização desses três significados, pois Fairclough (2003a) enfatiza que eles atuam simultaneamente em todo enunciado. Conforme Resende (2006, p. 1073), Fairclough (2003a) “propõe uma correspondência entre ação e gêneros, representação e discursos, identificação e estilos – gêneros, discursos e estilos são modos relativamente estáveis de agir, de representar e de identificar, respectivamente”.

A metafunção ideacional, relacionada a significados representacionais, relaciona-se “aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Em termos do significado ideacional, a oração é transitiva: significa um processo de um indivíduo particular agindo fisicamente (note-se a metáfora) sobre uma entidade. Poderíamos muito bem ver aqui um investimento ideológico diferente de outras formas de significar os mesmos eventos [...] Em termos do significado interpessoal, a oração é declarativa (oposta à interrogativa, ou imperativa) e contém uma forma verbal do presente do indicativo que é categoricamente autoritário. A relação autor(a)-leitor(a) aqui é entre alguém dizendo o que está acontecendo em termos seguros e alguém que recebe a informação; são essas as duas posições do sujeito estabelecidas na oração. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 104)

Fairclough identifica os significados “relacional” e “identitário” da linguagem como subdivisões da metafunção interpessoal. Quanto à função ou significado relacional, Fairclough (*id.*, p. 92) diz que corresponde às maneiras “como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas”; quanto à função ou significado identitário, está relacionado aos “modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas

no discurso”. Para o autor, segundo Ramalho (2006, p. 320), “a questão da identidade é um aspecto discursivo de mudança cultural e social muito importante que tem sido negligenciado, por exemplo, em alguns aspectos, pela LSF, que contempla de maneira insuficiente o papel da linguagem na construção de identidades”. Assim, comparados à metafunção interpessoal de Halliday, para a autora (*id.*, *id.*), esses significados “avançam na percepção da contribuição da linguagem para a constituição não só de relações sociais, mas também de identidades sociais e particulares”.

“Quanto à terceira metafunção hallidayana, a textual, Fairclough não distingue um grupo de significados textuais separadamente, mas os inclui nos significados acionais” (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 56). Segundo as autoras (*id.*, p. 55), da perspectiva da LSF, os significados textuais, projetados pelas orações vistas como mensagens através do Sistema de Tema e Rema (*vide* item 1.3.3.3), referem-se ao modo pelo qual o texto organiza-se em relação ao seu contexto e à sua mensagem, ao modo com que o texto organiza as metafunções ideacional e interpessoal. Para Fairclough (2001, p. 227), analisar as orações nesses termos significa examinar como as funções textuais estruturam a informação num sentido geral. Fazemos escolhas estruturais por orações que “resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença”, postula Fairclough (*id.*, p. 104).

### 1.3.2 Uma Abordagem Sistêmica e Dialógica

Conforme mencionado, para atendermos as exigências de uma adequada contextualização, Halliday (1989) diz que é preciso definir primeiramente três aspectos: Campo – natureza da atividade social, o que está sendo promovido e com quais propósitos naquela situação de uso da linguagem; Modo - papéis desempenhados pelos participantes da atividade social e relações existentes entre eles, maneira como a linguagem se organiza no texto, papel constitutivo ou auxiliar, canal gráfico ou fônico, meio de transmissão falado ou escrito, etc.; e Relações - natureza do meio de transmissão da mensagem, participantes da atividade social e conexão entre eles, quem são os participantes, qual distância social, etc. Pautam-se enquanto variáveis que operam no Sistema de Dados do Contexto Social (*vide* FIGURA 7 – Composição da Rede Sistêmica – item 2.3) e realizam as escolhas dos usuários da língua nos níveis semântico e léxico-gramatical.

De acordo com Vian Junior (2009, p. 107), a palavra “sistema” refere-se a um sistema de opções em nível semântico-discursivo instanciado em um texto pelos mecanismos

linguísticos avaliativos disponíveis na língua no nível léxico-gramatical que “nada mais são que atitudes, ou seja, a posição que assumimos perante algo ao avaliarmos o mundo que nos rodeia” (*ibid.*, p. 108).

A linguagem “realiza” o contexto e o texto “instancia” o sistema, escreve Vian Junior (*id.*, p. 109), que vê a linguagem “tanto como sistema de escolhas disponível aos usuários como quanto texto (materialização linguística desse sistema), bem como a relação entre o contexto de cultura e o contexto de situação”.

Existe uma relação direta entre o nível do sistema (valoração, avaliatividade<sup>19</sup>) e o nível do texto (avaliação)<sup>20</sup>. A manifestação do sistema linguístico no texto é a instanciação, processo dialético que “se manifesta, constrói e reconstrói os potenciais de significado de determinada cultura” (*ibid.*, *id.*).

Concordando com Acosta-Pereira (2008b, p. 71), sob a perspectiva da ADD, os signos possuem acentos de valor que significam a interação.

Outro aspecto relevante na inter-relação entre esfera e ideologia é o entrecruzamento entre apreciação e significação, à medida que cada campo social (esfera socio-discursivo-ideológica) é engendrado por índices sociais de valor (valorações; apreciações) que determinam a criação ou orientação ideológica dos gêneros que se produzem nessa determinada esfera. [...] Essa apreciação social é realizada, de acordo com Bakhtin (2006), por meio da entoação expressiva, da seleção lexical, dos recursos fraseológicos, gramaticais, textuais e discursivos de que os interlocutores se utilizam nas situações de interação. Essa orientação valorativa é determinada pela situação imediata e ampla e engendra-se na orientação ideológica do campo no qual a interação se desencadeia. (ACOSTA-PEREIRA, 2008b, p. 71)

Para Bakhtin, todo signo está sujeito aos critérios de valoração ideológica; assim, são mutuamente correspondentes os domínios ideológico e do signo: “ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo o que é ideológico possui um valor semiótico” (BATHKIN, 2006, p. 30). Bakhtin (*id.*, p. 45-46) acrescenta que os índices valorativos constituem os signos e, para o autor (1997), compreensão e valoração são simultâneas e inseparáveis, constituindo um ato único.

Halliday (1989) entende a noção de texto como dependente de uma situação em especial: o texto só se torna uma unidade semântica levando-se em conta, além dos elementos textuais, também os extratextuais. Vian Junior (2009, p. 105) diz que essa “indissolubilidade na relação texto-contexto” pontua não só uma análise crítica, mas também uma análise dialógica baseada na GSF. Segundo o autor (*id.*, p. 107), tanto um sistema linguístico quanto

---

<sup>19</sup> Vistos nos itens 3.2 e 3.1.2.2, respectivamente.

<sup>20</sup> Aqui considero os termos *avaliação* e *valoração* como diferentes do termo *avaliatividade*, que vem do inglês *appraisal* (*vide* item 1.3.3.2).

um sistema social estão imbricados no texto, pois só em referência ao sistema da língua a que pertence, um texto terá um posicionamento semiótico. “É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral” (BAKHTIN, 2006, p. 31).

Com base em Vian Junior (2009) e em Figueiredo & Moritz (2008, p. 47), autoras que postulam que a adoção da teoria sistêmico-funcional como base linguística para uma análise do discurso pode ser feita a partir de pesquisas de abordagens não-críticas – “pesquisas de natureza basicamente descritiva sobre os usos da linguagem” – e críticas<sup>21</sup> – “trabalhos que buscam, além de descrever as práticas discursivas utilizadas em diferentes contextos sociais, investigar e interpretar os modos como o discurso é condicionado por ideologias e relações de poder”, reitero aqui que a abordagem da LSF pode servir – tanto quanto à ACD - à ADD.

### 1.3.3 Subsistema Semântico

Conforme anteriormente mencionado, na abordagem da LSF, o Sistema de Dados do Contexto Social, formado pelas escolhas dos falantes nas variáveis Campo, Modo e Relações, permite as outras escolhas no Sistema Linguístico formado pelos Subsistemas Fonológico, Léxico-Gramatical e Semântico, as quais determinam o significado da língua. Apesar das três metafunções realizarem-se concomitantemente nos três subsistemas através de uma rede sistêmica, optei por colocá-las nesse estudo apenas no nível semântico e relacioná-las a uma teoria correspondente, a fim de atender aos objetivos metodológicos e analíticos expostos nos itens METODOLOGIA, CORPUS E MULHER “MADURA” e ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS (*vide* FIGURA 1 – item 1.3 - e FIGURA 7 – item 2.1.1).

#### 1.3.3.1 Metafunção Ideacional – Representação dos Atores Sociais

A metafunção ideacional – *clause as representation* (HALLIDAY, 2004) – refere-se a escolhas dos interlocutores que expressam o conteúdo do texto, possibilitando, assim, ao sujeito observador tirar partido da capacidade da linguagem de representar a natureza da prática social, as experiências do mundo interior e exterior.

---

<sup>21</sup> Este segundo grupo de pesquisas inclui a Linguística Crítica iniciada no final dos anos 70 por Fowler et al. (1979), a Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988), os estudos sobre a multimodalidade (KRESS; van LEEUWEN, 1996, 2001), a abordagem proposta por Pêcheux (1992), os trabalhos em Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 1995, 2003, 2006), e os trabalhos sobre Linguagem e Gênero (CAMERON, 1992, 1995, 2002; SUNDERLAND, 1994; HEBERLE, 2000; ECKERT; MCCONNELL-GINET, 2003; HEBERLE; FIGUEIREDO; OSTERMAN, 2006). (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 47-48).

No nível semântico, van Leeuwen (1997, p. 169) tenta responder a três questões básicas que se referem: a) aos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados no discurso; b) às escolhas que nos apresenta a língua para nos referirmos às pessoas; e c) à maneira como os atores sociais de relevo estão representados em um determinado tipo de discurso.

Dessa forma, antes de analisar como se realizam linguisticamente, ele procura esboçar um “inventário sociossemântico” dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados, e estabelecer a relevância sociológica e crítica das categorias sociossemânticas – não linguísticas – propostas e divididas em dois grandes grupos: de Inclusão e de Exclusão - FIGURA 4 - que o autor (*id.*, p. 171) chama de “pan-semióticas”.

• <u>1. EXCLUSÃO</u>	• 2.6.1.6.2. Semiformalização
• <u>1.1. Supressão</u>	• 2.6.1.6.2.1. Titulada
• <u>1.2. Encobrimento</u>	• 2.6.1.6.2.2. Pseudotitulada
• <u>2. INCLUSÃO</u>	• 2.6.1.6.3. Informalização
• <u>2.1. Ativação</u>	• 2.6.1.6.3.1. Titulada
• <u>2.2. Passivação</u>	• 2.6.1.6.3.2. Pseudotitulada
• 2.2.1. Sujeição	• 2.6.1.6.4. Titulação
• 2.2.2. Beneficiação	• 2.6.1.6.4.1. Honorificação
• <u>2.3. Participação</u>	• 2.6.1.6.4.2. Afiliação
• <u>2.4. Circunstancialização</u>	• 2.6.1.6.1. Destitulação
• <u>2.5 Possessivação</u>	• 2.6.1.7. Determinação única
• <u>2.6 Personalização</u>	• 2.6.1.8. Sobredeterminação
• 2.6.1. Determinação / Indeterminação	• 2.6.1.8.1. Inversão
• 2.6.1.1. Associação	• 2.6.1.8.1.1. Anacronismo
• 2.6.1.1.1. Parataxe	• 2.6.1.8.1.2. Desvio
• 2.6.1.1.2. Circunstâncias de acompanhamento	• 2.6.1.8.2. Simbolização
• 2.6.1.1.3. Com pronomes possessivos	• 2.6.1.8.3. Conotação
• 2.6.1.2. Dissociação	• 2.6.1.8.4. Destilação
• 2.6.1.3. Diferenciação	• 2.6.2. Indeterminação
• 2.6.1.4. Indiferenciação	• 2.6.2.1. Anonimização do ator social (com pronomes indefinidos)
• 2.6.1.5. Categorização	• 2.6.2.2. Por referência exofórica
• 2.6.1.5.1. Funcionalização	• 2.6.2.3. Agregada
• 2.6.1.5.1.1. Com substantivo associado	• 2.6.3. Generalização [1]
• 2.6.1.5.1.2. Com substantivo formado por substantivo	• 2.6.4. Especificação [2]
• 2.6.1.5.1.1. Com substantivo formado por verbo	• 2.6.4.1. Individualização
• 2.6.1.5.2. Identificação	• 2.6.4.2. Assimilação
• 2.6.1.5.2.1. Classificação	• 2.6.4.2.1. Coletivização
• 2.6.1.5.2.2. Identificação relacional	• 2.6.4.2.2. Agregação
• 2.6.1.5.2.1. Identificação física	• <u>2.7. Impersonalização</u>
• 2.6.1.5.2.1.1. Com substantivos que denotem características físicas	• 2.7.1. Abstração
• 2.6.1.5.2.1.2. Com adjetivos	• 2.7.2. Objetivação
• 2.6.1.5.2.1.1. Com/Sem sintagmas preposicionais	• 2.7.2.1. Espacialização
• 2.6.1.5.3. Avaliação	• 2.7.2.2. Automização do enunciado
• 2.6.1.6. Nomeação	• 2.7.2.3. Instrumentalização
• 2.6.1.6.1. Formalização	• 2.7.2.4. Somatização
• 2.6.1.6.1.1. Titulada	• 2.7.3. Generalização (*)
• 2.6.1.6.1.2. Pseudotitulada	• 2.7.4. Especificação (*)
	•
	• [1] Comum à Personalização e à Impersonalização (*).
	• [2] Comum à Personalização e à Impersonalização (*).

**FIGURA 4: Categorias Sociossemânticas de Representação dos Atores Sociais - adaptado de van Leeuwen (1997, p. 219).**

Segundo van Leeuwen (*id.*, p. 169), há duas razões importantes para proceder desse modo: a) a “falta de biunicidade na língua”, em que “agente/paciente” são categorias sociológicas, enquanto que “ator/meta” (*vide* item 1.3.4) são categorias linguísticas - a “agência”, como um conceito sociológico, revela-se de grande importância na ACD: quais os



atores sociais e em que contextos estão eles representados sociologicamente como “agentes” e como “pacientes”?; b) outra razão apontada por van Leeuwen (*id.*, p. 171) é a de que “o significado é inerente à cultura e não à língua e não pode ser associado a uma semiótica específica”.

[...] a agência sociológica nem sempre é realizada pela agência linguística, pelo papel gramatical do “agente”, e pode ser realizada, por exemplo, através de pronomes possessivos [...], ou através de um sintagma preposicional [...], no qual o agente gramatical é sociologicamente “paciente”. (van LEEUWEN, 1997, p. 169-170)

Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir o que é incluído e o que é excluído, escreve Pires (1999). Sobre isso, Fairclough (2003a, p. 47) questiona que vozes são explicitamente incluídas e que ausências significantes há.

Para Fairclough (1995, p. 55), a intertextualidade passa a ser uma recontextualização das relações autor/evento e autor/texto: “quando a voz de outro é incorporada a um texto, há sempre escolhas sobre como inseri-la, como contextualizá-la em termos das outras partes do texto”. De acordo com Melo (2006, p. 10-11), trabalhos voltados para o estudo da representação imagética de atores sociais na mídia mostram geralmente escolhas por vozes que associam as mulheres a estereótipos de fragilidade física e emocional, e os homens a estereótipos de força, independência e racionalidade. Esses estereótipos podem ser comparados a uma “metonímia social”, diz Knoll (2007, p. 66), em que se toma a parte - um indivíduo - pelo todo - o grupo em que ele se insere.

[...] um contexto de cultura não só tem a sua própria ordem de formas de representar o mundo social, mas também as suas próprias formas de representar as diferentes semióticas nesta ordem, de determinar, com maior ou menor rigor, aquilo que pode ser realizado verbal, visualmente, etc. (van LEEUWEN, 1997, p. 169-171)

### 1.3.3.2 Metafunção Interpessoal – Avaliatividade

Na interação, expressamos nossas atitudes, através de textos, para o nosso interlocutor. No nível semântico, a metafunção interpessoal – *clause as exchange* (HALLIDAY, 2004) – está ligada ao relacionamento entre as pessoas, à maneira como os interlocutores usam a linguagem para interagir socialmente. Então, o modo como um produtor de texto posiciona-se em relação ao seu leitor mostra a forma como julga o mundo através de diferentes índices avaliativos.

Segundo Vian Junior (2009, p. 100), esses índices avaliativos não estão em um universo textual, em nível léxico-gramatical, mas vão além disso: para um universo extra-textual, em nível semântico-discursivo. Por isso, continua o autor (*id.*, p. 101), é preciso que adotemos uma perspectiva dialógica para se analisar o sistema linguístico e as possibilidades nele disponíveis para essas avaliações.

White (2004, p. 184) baseia-se na “noção bakhtiniana de dialogismo e heteroglossia”, onde qualquer forma de comunicação verbal é dialógica e “significa referir-se a, ou retomar de alguma forma, o que já foi dito/escrito, e simultaneamente antecipar as respostas de leitores/ouvintes reais, potenciais ou imaginados”. Sobre essa interação em função “do”, “para”, e “com” o outro”, Vian Junior (2009, p. 105) constata que, assim, o dialogismo é o ponto de partida da discussão sobre avaliatividade.

A Teoria da Valoração (Martin & White, 2005) tem se revelado uma ferramenta eficaz para que se possa perceber o caráter opinativo dos textos jornalísticos, uma vez que não são somente os qualificadores que atribuem valores a nomes, coisas e eventos. Tal aparato teórico permite que se analise, através dos elementos linguísticos, a semântica do discurso empregado. Os recursos utilizados pelo escritor, tanto sob o ponto de vista da atitude, da intertextualidade e da dialogia permitem estabelecer que tipo de autor se constrói no texto e que tipo de leitor o escritor constrói para que consuma seu texto. (CABRAL & BARROS, 2006, p. 724)<sup>22</sup>

Para Martin & White (2005, *apud* CABRAL & BARROS, 2006, p. 726), a maneira pela qual os autores valorizam as palavras, observações, pontos de vista, textos e falas de outros, reflete o posicionamento intertextual, a intertextualidade, a heteroglossia. Nas citações de palavras de outrem, o autor manifesta uma “avaliação tanto pelo tipo de citação que escolheu quanto pelo modo como faz a referência no texto, o que já é um indício da relevância de tais falas para os propósitos comunicativos em questão”.

De acordo com White (2004, p. 178), no início dos anos 1990, linguistas australianos, estudando a forma como o estilo variava de acordo com a posição do autor no discurso jornalístico, notaram que os diferentes “estilos” ou “vozes” estavam associados a certas combinações de diferentes tipos avaliativos, e de escolhas de recursos existentes que expressavam “avaliação e perspectiva”, dando início a uma nova abordagem.

Para White (*id.*, p. 177), a Teoria da Avaliatividade está interessada nas funções sociais de como a avaliação e a perspectiva operam em textos, nos meios através dos quais os indivíduos se utilizam para tomar posições de valor determinadas socialmente, e debruça-se sobre duas questões centrais: à forma como os textos ativam avaliações positivas e negativas -

---

<sup>22</sup> Aqui considero os termos *avaliação* e *valoração* como diferentes do termo *avaliatividade* (do inglês *appraisal*).

natureza da atitude; e à forma como essas avaliações e significados são negociados intersubjetivamente - forma como os textos assumem uma posição em relação a essas avaliações e a significados avaliativos similares.

Vian Junior (2009, p. 101) atenta para a questão de confusão terminológica entre os termos “avaliatividade”, “valoração”, ou mesmo “apreciação”. Nesse estudo, fiz a opção pela palavra avaliatividade, do inglês *appraisal*, que não advêm, de acordo com Vian Junior (*id.*, p. 102), dos termos *evaluation* ou *assessment*.

Segundo Martin & White (2005), podemos categorizar recursos léxico-gramaticais para realizarmos as avaliações em três tipos principais: recursos de Atitude (recursos de Afeto, recursos de Julgamento e recursos de Apreciação), recursos de Engajamento e recursos de Gradação. A funcionalidade desses recursos, entretanto, só pode ser explicada adequadamente levando-se em conta, paralelamente, os efeitos dialógicos, lembra White (2004, p. 185).

[...] as aplicações desenvolvidas até o momento voltaram-se para as seguintes questões: diferenças em perfis Atitudinais (diferentes padrões de ocorrência de subtipos Atitudinais) através dos quais textos individuais, ou grupos de textos (por exemplo, os que representam determinado registro ou gênero), podem ser contrastados; padrões intratextuais de ocorrência de valores Atitudinais que permitem a identificação de estágios funcionais; associações entre certos atores sociais e tipos particulares de avaliação Atitudinal; o papel da Atitude na criação da despersonalização estratégica nos textos; a associação de padrões particulares de recursos dialógicos com efeitos retóricos, tais como a construção de personas autorais, ou a criação de um público ‘preferencial’; padrões de integração entre Atitude e Engajamento que revelam as pressuposições ideológicas presentes no texto. (WHITE, 2004, p. 201)

#### 1.3.3.2.1 Atitude

“Os significados atitudinais (positivos e negativos) podem ser agrupados em três grandes campos semânticos: Afeto, Julgamento e Apreciação” (*ibid.*, p.179). Entretanto, de acordo com Cabral & Barros (2006, p. 725), esse tipo de posicionamento nem sempre está explícito, podendo ser desvendado com o auxílio do contexto em que o texto está inserido.

##### 1º Afeto

Os valores do afeto são “significados fundamentalmente atitudinais associados à emoção – os textos indicam visões positivas ou negativas através de relatos das respostas emocionais do falante/escritor, ou relatos das respostas emocionais de terceiros” (WHITE,

2004, p. 179), que podem ser expressos na forma de adjetivos, na forma de processos verbais, ou ainda na forma de comentários adjuntos como substantivos, através de nominalizações.

O afeto pode ser classificado de acordo com seis fatores, conforme WHITE (*id.*, p. 186-187): sentimentos construídos pela cultura como positivos (agradáveis) ou negativos (desagradáveis); sentimentos representados como uma onda comportamental envolvendo algum tipo de manifestação paralinguística ou extralinguística, ou representados na forma de um estado emotivo ou de um processo mental em andamento; sentimentos representados como reação a um estímulo, ou como um estado de espírito geral; sentimentos, numa escala de baixa, média, a alta intensidade; sentimentos envolvem intenção com relação a um estímulo ainda não realizado ou em oposição a um estímulo já realizado; por fim, as emoções podem ser reunidas em três grupos ligados à in/felicidade (“assuntos do coração” – tristeza, raiva, felicidade e amor), in/segurança (bem-estar eco-social – ansiedade, medo, e confiança), e in/satisfação (busca de objetivos – tédio, desprazer, curiosidade, respeito).

## 2º Julgamento

Os valores de julgamento são “significados que indicam uma visão da aceitabilidade social do comportamento de agentes humanos, uma avaliação feita através de referências a algum sistema de normas sociais” (*ibid.*, p. 179) através dos quais construímos posições de aprovação/condenação em relação ao comportamento humano - avaliações do caráter de alguém - através de referências à aceitabilidade e às normas sociais (WHITE, p. 187). Para Cabral & Barros (2006, p. 726), o julgamento deve variar considerando-se a posição social e ideológica do autor.

Existem os julgamentos de sanção social, que “envolvem questões de legalidade e moralidade” (WHITE, 2004, p. 187) e relacionam-se com os conceitos de veracidade (quão sincero alguém é) e propriedade (quão ético ele é). O autor (*id.*, p. 188) escreve que esses julgamentos codificam-se através de “leis, regulamentos e normas produzidas por instituições de grande poder social, como o governo, o sistema jurídico e a igreja”.

Também existem os julgamentos de estima social, os quais “envolvem avaliações que podem levar o indivíduo a ser elevado ou rebaixado na estima de sua comunidade, mas que não possuem implicações legais ou morais” (*ibid.*, *id.*). Esses, por sua vez, relacionam-se com os conceitos de normalidade (até que ponto alguém é estranho ou pouco usual), capacidade (quão capaz esse alguém é) e tenacidade (quão determinado ele é). As redes sociais cotidianas, a família e a amizade, são formadas através desses valores, diz White (*id.*, p. 188).

Essa taxonomia de cinco partes conceituais - QUADRO 3 - é inspirada na noção hallidayana de metáfora interpessoal, como uma lexicalização das “categorias gramaticais da modalidade” de Halliday (2004): “a normalidade está para a usualidade; a capacidade está para a habilidade; a tenacidade está para a inclinação; a veracidade está para a probabilidade; e a propriedade está para a obrigação” (WHITE, 2004, p. 188-189).

<b>Estíma social</b>	Positiva [admiração]	Negativa [crítica]
<b>normalidade</b> (costume) ‘O comportamento do indivíduo é pouco usual, especial, comum?’	<i>padrão, corriqueiro, médio...; sortudo, felizardo...; elegante, avant garde...</i>	<i>excêntrico, estranho, dissidente...; azarado, infeliz...; cafona, fora de moda...</i>
<b>capacidade</b> ‘O indivíduo é capaz, competente?’	<i>habilidoso, inteligente, engenhoso...; atlético, forte, poderoso...; lúcido, centrado...</i>	<i>burro, lento, simplório...; desajeitado, fraco, sem coordenação...; insano, neurótico...</i>
<b>tenacidade</b> (resolução) ‘O indivíduo é confiável, bem disposto?’	<i>corajoso, valente, heróico...; confiável, responsável...; incansável, decidido, perseverante...</i>	<i>covarde, impetuoso, cabisbaixo...; pouco confiável, irresponsável...; distraído, preguiçoso, dispersivo...</i>
<b>Sanção Social</b>	Positiva [elogio]	Negativa [condenação]
<b>Veracidade</b> (verdade) ‘O indivíduo é honesto?’	<i>honesto, sincero, verdadeiro...; autêntico, genuíno...; franco, direto...</i>	<i>falso, desonesto...; impostor, falso...; enganador, enrolador...</i>
<b>Propriedade</b> (ética) ‘O indivíduo é ético, acima da crítica?’	<i>bom, virtuoso...; respeitador das leis, justo...; carinhoso, sensível, respeitoso...</i>	<i>mau, imoral, lascivo...; corrupto, injusto...; cruel, mesquinho, bruto, opressor...</i>

**QUADRO 3: Julgamentos (WHITE, 2004, p. 188).**

### 3º Apreciação

Os valores apreciativos são “significados utilizados para fazer avaliações de fenômenos semióticos e naturais através de referências a seu valor num determinado campo, talvez de forma mais típica referindo-se às suas qualidades estéticas” (*ibid.*, p. 180). Conforme White (*id.*, p. 191), a apreciação é o campo semântico relacionado com avaliações de objetos materiais, e também de fenômenos naturais e estados de coisas, atribuindo-se a esses objetos um valor negativo ou positivo.

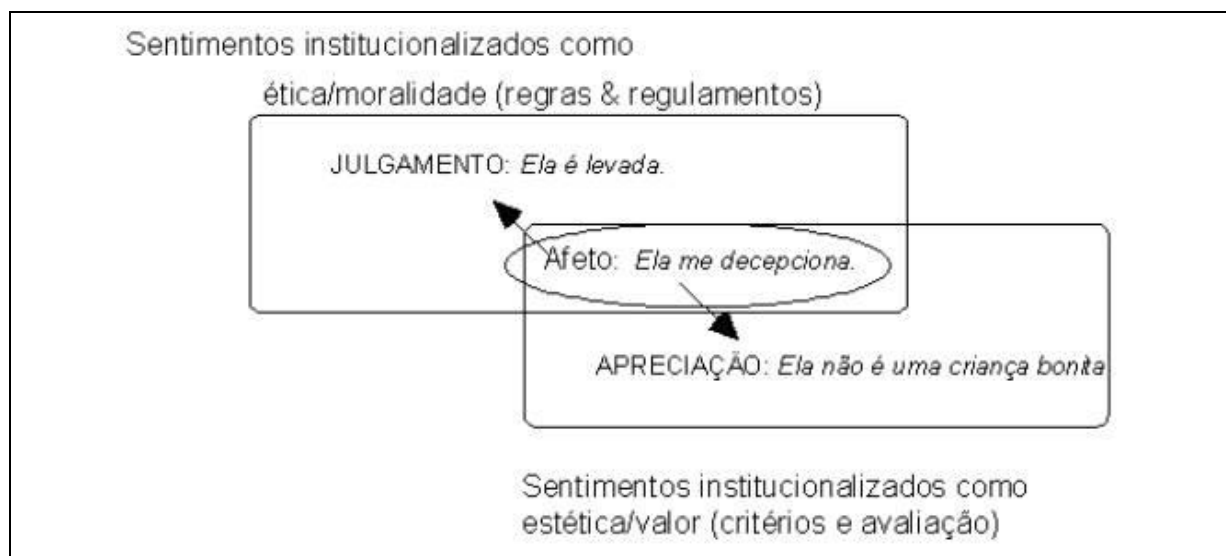
De acordo com Cabral & Barros (2006, p. 726), a Apreciação “é a avaliação estética da composição, estrutura e forma, da apresentação, do conteúdo e da disposição de objetos”. Entretanto, também seres humanos podem ser apreciados quando se discute suas qualidades estéticas e seus comportamentos em sociedade, como lembra White (2004, p. 191), o qual subdivide a apreciação em três tipos avaliativos: de reação, de composição, e de valorização -

QUADRO 4.

	POSITIVO	NEGATIVO
<u>reação</u> : impacto 'Isso mexeu comigo?'	<i>chamativo, cativante, atrativo... ; fascinante, excitante, comovente... ; animado, dramático, intenso... ; notável, surpreendente, sensacional...</i>	<i>sem-graça, tedioso, cansativo... ; seco, ascético, pouco atraente... ; unidimensional, previsível, monótono... ; banal, comum...</i>
<u>reação</u> : qualidade 'Eu gostei disso?'	<i>adorável, lindo, esplêndido... ; atraente, encantador, bem- vindo...</i>	<i>comum, feio, grotesco... ; repulsivo, revoltante, repelente...</i>
<u>composição</u> : equilíbrio 'Isso me parece bem elaborado?'	<i>equilibrado, harmonioso, unificado, simétrico, bem proporcionado... ; consistente, bem elaborado, lógico ... ; bem formado, curvilíneo, longilíneo ...</i>	<i>sem equilíbrio, discordante, irregular, torto, imperfeito ... ; contraditório, desorganizado ... ; mau formado, amorfo, retorcido...</i>
<u>composição</u> : complexidade 'Isso foi difícil de entender?'	<i>simples, puro, elegante... ; lúcido, claro, preciso... ; intrincado, rico, detalhado, preciso...</i>	<i>complicado, extravagante, bizantino... ; misterioso, obscuro, vago ... ; simples, monolítico, simplista...</i>
<u>valorização</u> 'Isso valeu a pena?'	<i>penetrante, profundo... ; inovador, original, criativo... ; no tempo certo, há muito esperado, divisor de águas... ; inimitável, excepcional, único... ; autêntico, real, genuíno... ; valioso, de valor incalculável, meritório...</i>	<i>superficial, reducionista, insignificante... ; derivativo, convencional, prosaico... ; ultrapassado, fora de época, datado... ; feito em série, ordinário, comum... ; falso, espalhafatoso... ; sem valor, de má qualidade, caro demais...</i>

QUADRO 4: Apreciações (WHITE, 2004, p. 191).

Valores afetivos subjazem as categorias atitudinais, mas White (*id.*, p. 191-192) alerta para não confundirmos o Afeto – “construção das emoções do sujeito” – com Apreciação – “atribuição a coisas do poder de gerar emoções no sujeito” - FIGURA 5.



**FIGURA 5: Julgamento e Apreciação como Afeto Institucionalizado (WHITE, 2004, p. 183).**

#### 1.3.3.2.2 Engajamento

Segundo White (*id.*, p. 192), o tratamento dado aos recursos de posicionamento subjetivo ou de engajamento dentro da Teoria da Avaliatividade tem como base a noção de que todos os enunciados verbais são, em última análise, dialógicos. Entretanto, esse engajamento pode ser monoglóssico ou heteroglóssico, ainda que existam “opções que permitem uma orientação diferente da diversidade heteroglóssica na qual o texto opera” (*ibid.*, p. 194). De acordo com sua variação em termos de funcionalidade retórica, essas opções linguísticas são divididas em duas categorias antagônicas: geradoras de “expansão dialógica” – levantando posições e vozes dialógicas alternativas – e geradoras de “contração dialógica” – desafiando, dispersando ou restringindo o escopo dessas vozes.

O autor (*id.*, p. 193) cita as seguintes opções que permitem que a voz textual varie os termos de seu engajamento com vozes alternativas: Refutar (a voz textual se posiciona contrariamente a uma posição por meio de negação ou concessão/contra expectativa); Declarar (ao apresentar uma proposição altamente plausível, a voz textual se opõe a, suprime ou descarta posições alternativas concordando, declarando, ou endossando); Considerar (ao ancorar a proposição em uma posição subjetiva individual textual a apresenta como apenas

uma dentre um leque de posições possíveis, considerando ou invocando alternativas dialógicas); e Atribuir (ao ancorar a proposição na subjetividade de uma voz externa, a voz textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis, supondo alternativas dialógicas de distanciamento) - QUADRO 5.

<p><b>Contração dialógica:</b></p> <p>Refutar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Negar: e.g. <i>É uma crítica que não considera os sentimentos da comunidade chinesa.</i></li> <li>* Contrapor: e.g. <i><b>O que é surpreendente</b> é encontrar uma opinião tão ofensiva no the Guardian.</i></li> </ul> <p>Declarar:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Concordar: e.g. <i>O Primeiro-Ministro, é claro, quer que nós o vejamos como um bom antirracista.</i></li> <li>* Afirmar: e.g. <i><b>Está absolutamente claro para mim</b> que o que Charlotte estava querendo dizer era que O Tigre e o Dragão era um filme ruim.</i></li> <li>* Endossar: <i>O trabalho do Dr Ruffman mostrou que os pais ou cuidadores que conversam com seus filhos sobre estados mentais – pensamentos, crenças, desejos e sentimentos – acabam criando crianças que conseguem saber, mais cedo do que outras, o que os outros estão pensando.</i></li> </ul> <p><b>Expansão dialógica:</b></p> <p>Supor: e.g. <i><b>Talvez</b> o fato mais revelador da crítica de Charlotte Raven sobre O Tigre e o Dragão não esteja na crítica em si, mas no preâmbulo de uma linha que se encontra no site do the Guardian.</i></p> <p>Atribuir</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* Atribuir/Reconhecer: e.g. <i><b>O preâmbulo declara:</b> “uma grande chatice, um drama engessado: Charlotte Raven ousa discordar da aclamação unânime recebida pelo filme O Tigre e o Dragão, de Ang Lee”.</i></li> <li>* Atribuir/Distanciar: e.g. <i>e alguém <b>até sugeriu</b> que, ao usar a oração “parecia conter multidões” para descrever a performance do elenco, Charlotte estava fazendo alusão a imagens ocidentais das “massas chinesas”.</i></li> </ul>
--

**QUADRO 5: Resumo dos Recursos de Engajamento (WHITE, 2004, p. 200).**

### 1.3.3.2.3 Gradação

Segundo Cabral & Barros (2006, p. 726), a gradação é inerente aos recursos de avaliatividade, mas Martin & White (2005) advertem que os recursos para gradação são complexos e apresentam diversos desdobramentos, podendo ser realizados por dois mecanismos: o do “foco” e o da “força” - QUADRO 6.

Avaliatividade		
Envolvimento	Atitude	Gradação
Monoglóssico Heteroglóssico	Afeto Julgamento Apreciação	Força Foco

**QUADRO 6: Recursos de Avaliatividade (VIAN JUNIOR, 2009, p. 114).**

Conforme Vian Junior (2009, p. 118), ao avaliarmos, o foco de nossas atitudes acaba por recair em categorias sem escalas gradativas, vistas pela perspectiva experiencial, mas que



“operam como forma de reconstruir categorias de gradação em relação ao item que é avaliado”, acentuando ou amenizando determinada perspectiva.

O autor (*id., id.*) escreve que a língua também fornece muitos recursos para que possamos graduar e reforçar positiva ou negativamente nossa avaliação sobre algo, como os “mecanismos de repetição e a utilização de prefixos e sufixos que aumentam ou diminuem a força das avaliações”, além do emprego de palavras com campos semânticos associados negativa ou positivamente a outras.

#### 1.3.3.4 Metafunção Textual – Sistema de Tema e Rema

Diferentes estudos demonstram que cada gênero discursivo possui seus próprios padrões temáticos, os quais, por sua vez, estão relacionados aos propósitos comunicativos de cada um. Segundo Rojo (2007, p. 189), o que um texto “produz ao se manifestar em alguma instância discursiva é o sentido, a significação, o tema do enunciado”. Nesse caso, a autora toma “tema” no sentido bakhtiniano, em que ele só existe se tomarmos a enunciação como fenômeno histórico, e a busca do analista bakhtiniano é a “busca da significação, da acentuação valorativa e do tema do enunciado.

Sob uma perspectiva sistêmico-funcional, de modo diferenciado, através da metafunção textual – *clause as message* (HALLIDAY, 2004) – que relaciona aspectos semânticos e gramaticais do texto, dando à sentença seu *status* de mensagem e sendo “responsável pela organização dos significados experienciais (primeiro nível) e interpessoais (segundo nível) em um todo coerente” (VENTURA & LIMA-LOPES, 2002, p. 01), pode-se também verificar a presença do tema nas orações pelo Sistema de Tema e Rema.

Segundo Fuzer (2008, p. 92), na metafunção textual, a oração é analisada como mensagem, possuindo um significado especial conforme o modo como foi organizada e, nessa perspectiva, criando relevância para o contexto, “especificando as relações dentro do próprio enunciado (os componentes da mensagem Tema e Rema) ou entre o enunciado e a situação”.

Apesar do Sistema de Tema e Rema ser recorrentemente estudado dentro do Subsistema Léxico-Gramatical, Ventura & Lima-Lopes (2002, p. 01) atentam para o fato de que, na Língua Portuguesa – e em muitas outras – a organização dos significados poder ser feita principalmente através da escolha que fazemos do elemento que ocupa a posição inicial de cada oração que enunciamos – Tema, ou ponto-de-partida da mensagem – dentro da GSF.

Para Halliday (2004, p. 64-105), na primeira parte da oração, no Tema (T), encontramos informações que fazem a ligação entre a oração que está sendo criada e as orações que vieram antes dela, estabelecendo um contexto para a compreensão do Rema (R), que vem a seguir. A ideia – geralmente já conhecida do leitor/ouvinte e recuperável no contexto – veiculada pelo Tema é, então, desenvolvida no Rema, que veicularia informação nova – conteúdo que o autor do texto quer dar a conhecer ao leitor/ouvinte. Apesar de Tema–Rema e Dado–Novo serem dois níveis de análise diferentes na LSF, às vezes coincidem.

Aqui acredito, com Ventura & Lima-Lopes (2002, p. 02), no fato de que “a organização temática das orações é o fator mais significativo no desenvolvimento de um texto, o que dá a essas estruturas uma importante função para a construção da coesão”. Através da análise temática das orações podemos evidenciar a ênfase informacional do texto, daí a importância do Tema para a área da análise do discurso em geral: “se mudarmos os elementos que ocupam a posição temática, mudamos também o significado da mensagem” (*ibid.*, p. 03).

Dentre as várias estruturas que, simultaneamente, compõem uma oração, a Estrutura Temática é aquela que dá à oração o seu caráter de mensagem – as outras estruturas são a de Transitividade, que confere à oração o caráter de representação do mundo em que o falante está inserido, e a de Modo, que fornece à oração o caráter de troca entre os participantes de uma dada interação. (VENTURA & LIMA-LOPES, 2002, p. 02)

Ventura & Lima-Lopes (*id.*, p. 03) advertem para o fato de que, segundo a LSF, o que define Tema é o “meio através do qual a função de Tema é realizada”, e não apenas sua posição inicial na oração. “Tema é tudo o que aparece em posição inicial na oração, até o final do primeiro elemento experiencial (participantes, processo verbal ou circunstância)”, não sendo necessariamente um sintagma nominal: pode ser também um sintagma adverbial ou um sintagma preposicionado. Sobre isso, Halliday (2004, p. 71-79) faz uma distinção entre Tema Marcado – TM – e Tema Não-Marcado – TNM - (típico), dependentes do Modo da oração: declarativo, interrogativo ou imperativo, e interrogativo polar (tipo sim/não) ou interrogativo de conteúdo (tipo QU–).

Na Língua Portuguesa, segundo Ventura & Lima-Lopes (2002, p. 05-06), nas “orações declarativas”, o TNM é sujeito da oração, e o TM pode ser um sintagma adverbial ou preposicionado, funcionando como adjunto na oração, ou um complemento, que é um sintagma nominal deslocado que não está funcionando como sujeito. Nas “orações exclamativas” o TNM é o elemento QU– exclamativo (existem orações exclamativas – sem

verbo - sem estruturas de transitividade, nem estrutura temática). Nas “orações interrogativas” (pergunta do tipo sim/não), o TNM é o sujeito (ou o operador verbal finito, caso o sujeito seja elíptico); nas “orações interrogativas” (pergunta do tipo QU-), o TNM é o elemento QU-, e o TM pode ser outro elemento da oração com exceção do elemento QU-. Nas “orações imperativas”, o TNM é o verbo no imperativo; e o TM é o sujeito ou qualquer outro elemento (com exceção do verbo no imperativo).

Halliday (2004, p. 71-79) admite processos como Temas no caso das orações imperativas, que, no inglês, não necessariamente possuem sujeito, mas que na Língua Portuguesa pode ter o sujeito omitido, mas recuperado através da flexão verbal. Os linguistas sistêmicos adotam duas posturas quanto a isso, de acordo com Ventura & Lima-Lopes (2002, p. 04): uma onde o processo é considerado o Tema da oração - uma vez que ele é o primeiro elemento experiencial da sentença - e outra onde o Tema é considerado implícito - inferindo que esse seria o ponto de partida da mensagem. Nessa análise qualitativa e dialógica, optei pelo recurso de recuperação temática pela coesão verbal e contextual.

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes. O tema da enunciação é concreto, tão concreto como o instante histórico ao qual ela pertence. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação. (BAKHTIN, 2006, p. 132)

Halliday (*id.*, p. 79-92) fala também sobre Tema múltiplo, formado por um Tema experiencial precedido por Temas textuais (Tema textual + Tema experiencial) e/ou interpessoais (Tema interpessoal + Tema experiencial), ou uma combinação dos três (Tema textual + Tema interpessoal + Tema experiencial). Ele não deve ser confundido com o Tema simples, que pode ser constituído de dois ou mais sintagmas, formando um único elemento estrutural.

Há elementos que possuem um status especial na estrutura temática. São elementos que, quando estão presentes tendem a ser, ou são, obrigatoriamente, temáticos. Aqueles que são tipicamente, mas não obrigatoriamente, temáticos, são os adjuntos conjuntivos (de fato, ou seja, além do mais, assim...) e os adjuntos modais (certamente, talvez, infelizmente...). Os que são obrigatoriamente temáticos são as conjunções (e, logo, mas...) e os relativos (o qual, cujo,...). [...] Para explicar isso melhor, pensemos na estrutura de Transitividade. Tal estrutura é composta de três elementos: processo (que representa a ação), participantes (que ora realizam ora são afetados pela ação) e circunstâncias (responsáveis pelo pano de fundo). O princípio relevante para a estrutura temática é o seguinte: o Tema contém um e somente um desses elementos, chamado de Tema topical, ou experiencial. Os elementos conjuntivos e modais não entram na estrutura de Transitividade: não são nem processo, nem participante, nem

circunstância. Portanto, como já dissemos anteriormente, o Tema se estende desde o início da oração até (e incluindo) o primeiro elemento da estrutura de Transitividade, ou seja, até o primeiro elemento experiencial. (VENTURA & LIMA-LOPES, 2002, p. 07-08)

De acordo com Ventura & Lima-Lopes (*id.*, p. 08), a estrutura Tema–Rema pode ser analisada em dois níveis nos complexos oracionais: “analisar a oração dependente como sendo o Tema e a independente (principal) como Rema, ou fazer uma análise de Tema e Rema separada para a oração dependente e para a independente”. A opção fica a cargo do analista, mas aqui sigo a recomendação dos autores (*id.*, p. 09) que aconselham, no caso de orações em relação de hipotaxe ou subordinação: a) se a oração dependente ocorrer antes da independente considerar a oração dependente inteira como Tema da sentença, b) se a oração independente ocorrer antes considerar seu constituinte inicial como Tema da sentença inteira. No caso de orações em relação paratáticas ou coordenadas, eles recomendam considerá-las independentes entre si e fazer uma análise de Tema e Rema para cada uma delas.

Há ainda, outros problemas na identificação do Tema na Língua Portuguesa, como é o caso do discurso citado, muito usado no discurso jornalístico. No caso de uma citação paratática – DD -, a qual pode ser ou não invertida, mudando o foco em relação à mensagem, os autores (*id.*, p. 11) escrevem que “os Temas das duas orações são importantes, devendo, portanto, ser analisados separadamente”. No caso do relato hipotático – DI, os autores advertem que a questão se complica por “haver a possibilidade de trabalhar a questão a partir de dois ângulos”: a oração projetada é tratada como combinada à oração principal, não se analisando seu Tema separadamente; e, como fiz nessa análise, a oração projetada é considerada como uma outra mensagem, e sua estrutura Tema–Rema deve ser também analisada.

Ventura & Lima-Lopes (*id.*, p. 11-12) atentam também para as interpolações, comuns nos textos jornalísticos, em que o autor interrompe o seu Tema em favor de outras informações, e “a opção por mantê-la junto com o Tema nasce, então, do fato do falante encaixá-la nessa posição por razões de ênfase”. Além disso, existem atributivos prepostos como tema que, por terem conteúdo experiencial, poderiam constituir, por si só, o Tema. No entanto, eles são expressos como estruturalmente dependentes, e amarrados ao sintagma nominal - verdadeiro ponto–de–partida da mensagem - que os segue, apenas trazendo uma informação adicional.

Existem quatro hipóteses principais para o papel exercido pelo Tema dentro de um texto, que também estão os tipos de significados relacionadas ao papel de orientador para o leitor: que são colocados em posição temática variam dependendo do propósito do é possível manipular as

reações dos leitores e ouvintes em relação ao escritor; padrões diferentes de textos mudando o conteúdo dos Temas desses textos; o conteúdo dos progressões temática correlacionam-se a gêneros diferentes; Temas correlacionam-se com o método de desenvolvimento de um texto ou de um segmento, método este que é percebido pelo leitor do texto. (VENTURA & LIMA-LOPES, 2002, p. 13)

Conforme Bakhtin (2006, p. 132-133), “o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido”. Em relação a essa afirmação, lembramos do Rema, menos estudado na LSF. Ventura & Lima-Lopes (2002, p. 14) citam Fries (1994)<sup>23</sup>, que usa o termo N-Rema – N-R - (N: *new information*) para indicar o último constituinte da oração, a parte da oração que o autor quer que gravar na memória do leitor. O que é expresso no N-R deve correlacionar-se “aos objetivos do texto como um todo, aos objetivos do segmento do texto dentro desses objetivos maiores, e também aos objetivos da sentença e da oração”.

O tema e a forma do signo ideológico estão indissoluvelmente ligados, e não podem, por certo, diferenciar-se a não ser abstratamente. Tanto é verdade que, em última análise, são as mesmas forças e as mesmas condições que dão vida a ambos. Afinal, são as mesmas condições econômicas que associam um novo elemento da realidade ao horizonte social, que o tornam socialmente pertinente, e são as mesmas forças que criam as formas da comunicação ideológica (cognitiva, artística, religiosa, etc.), as quais determinam, por sua vez, as formas da expressão semiótica. Assim, os temas e as formas da criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa. Este processo de integração da realidade na ideologia, o nascimento dos temas e das formas, se tornam mais facilmente observáveis no plano da palavra. (BAKHTIN, 2006, p. 45)

#### 1.3.4 Subsistema Léxico-Gramatical - Sistema Verbal de Transitividade

As escolhas do Subsistema Semântico vão determinar as escolhas no nível de Subsistema Léxico-Gramatical, o qual, segundo Almeida (2002), permite a realização de significados no fraseamento, composto pela gramática e pelo vocabulário. O Subsistema Léxico-Gramatical vai se organizar em torno do Sistema de Modo e Modalidade – não estudado aqui -, do Sistema de Tema e Rema (*vide* item 1.4.3.1.3) e do Sistema de Transitividade.

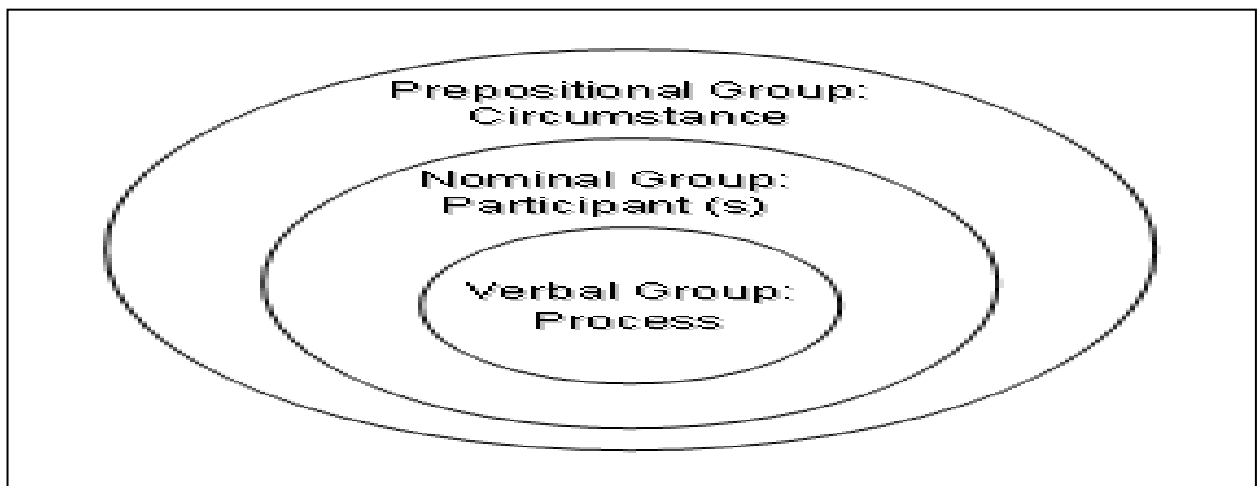
---

<sup>23</sup> Cf.: FRIES, P. H. On theme, rheme and discourse goals. In: COULTHARD, M. (ed.). **Advances in written text analysis**. London, UK: Routledge, 1994.

Para Heberle (1999), os Processos Verbais de Transitividade – PVT – tornaram-se um instrumento linguístico importante para a interpretação de aspectos ideológicos, sócio-culturais ou estilísticos na ACD.

A transitividade do verbo é fundamental para as necessidades expressivas dos usuários, no tocante à veiculação da experiência no texto escrito e construção do efeito de sentido pretendido. A transitividade organiza o conteúdo informacional nos gêneros textuais, visto que as estruturas transitivas cumprem funções comunicativas na linguagem. (SOUZA, 2006, p. 21)

Halliday (2004, p. 280-305) escreve que, no Sistema de Transitividade, cada proposição consiste de três elementos: o processo - elemento central; seu(s) participante(s); e as circunstâncias, que são de caráter opcional - FIGURA 6.



**FIGURA 6: Representação da Realidade no Nível da Oração (BUTT, 1998, p. 42).**

Os processos, por sua vez, são em número de seis: Materiais, Mentais, Relacionais, Comportamentais, Verbais, e Existenciais - QUADRO 7.

PROCESSO DE TRANSITIVIDADE	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
<u>Material</u> PMA	Fazer, acontecer	Ator (agente)	Meta (afetado), Extensão e Beneficiário
<u>Mental</u> PME a) Perceptivo PME-PE b) Cognitivo PME-CO c) Afetivo PME-AF d) Desiderativo PME-DE	Sentir	Experienciador (agente) e Fenômeno (paciente)	-
<u>Relacional</u> PRE a) Intensivo [X é ou está A] PRE-IN (ser/estar, como?, o quê?) b) Circunstancial [X é ou está em A] PRE-CI (estar "em", quando?, onde?) c) Possessivo [X tem A] PRE-PO (ter) - Atributivo [A é atributo (circunstância) de X] - Identificativo [A = X]	Ser / estar / ter Classificar Definir	Portador e Atributo / Identificador e Identificado / Possuidor e Possuído [Circunstância] Característica e Valor	-
<u>Verbal</u> PVE	Dizer	Dizente e Verbiagem	Dito (o quê?) Alvo (sobre o quê?, de quê?) Receptor (por quem?)
<u>Existencial</u> PEX	Existir	Existente	-
<u>Comportamental</u> PCO	Comportar-se	Comportante	Fenômeno

**QUADRO 7: Processos Verbais de Transitividade - adaptado de Halliday (2004, p. 208-210).**

Os Processos Materiais – PMA - são processos de “fazer”, relacionados a ações do mundo físico, ensina Halliday (2004). Nesse sentido, são responsáveis pela criação de uma sequência de ações concretas, sejam elas criativas ou de transformação. O *Ator* é quem realiza a ação propriamente dita, sendo que sua presença é obrigatória: todo processo tem um Ator, mesmo que ele não seja mencionado na proposição, esclarece Thompson (1996, p. 78). *Meta* é o participante a quem o processo é dirigido, aquele que efetivamente é modificado pela ação. “Em termos de gramática tradicional, ele seria o objeto direto” (EGGINS, 1994, p. 231).

Os Processos Mentais – PME – são processos de “sentir” (HALLIDAY, 2004), “relativos à representação do nosso mundo interior” (THOMPSON, 1996, p. 82). “Isso implica que esses processos se referem a ações que não se dão no mundo material, mas no fluxo de nosso pensamento (consciência), ou em sua representação” (HALLIDAY, 2004, p. 197). O autor (*id.*, p. 208-210) divide esses processos em quatro subtipos: de cognição - relacionados a decisão e compreensão: “saber, entender, decidir”... -, de percepção - relacionados à observação de fenômenos: “sentir”... -, de afeição - relacionados aos sentimentos: “gostar, amar”... -, e de desejo: “querer, desejar”... Os participantes desse tipo de

processo são o *Experienciador*, em cuja mente o processo está se realizando, e o *Fenômeno*, que é o elemento percebido pelo Experienciador.

Os Processos Relacionais – PRE, ou processos de “ser, ter e pertencer”, possuem uma função classificatória, relacionando duas entidades no discurso. Halliday (*id.*) identifica três formas sistemáticas de realização dos processos relacionais como sendo as principais: intensivo - *onde X é (ou está) A*; circunstancial - *onde X é (ou está) em A* (a preposição em pode também ser substituída por outra); e possessivo - *onde X tem (ou possui) A*. Cada um desses tipos pode ainda ser classificado de dois modos: atributivo - *onde A é um atributo de X*; e identificativo - *onde A é a identidade de X*. Os participantes desse tipo de processo são *Portador e Atributo, Identificador e Identificado, Possuidor e Possuído, Característica e Valor*.

Os Processos Comportamentais – PCO – são ações que englobam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea. Segundo Halliday (*id.*), esses processos estão entre os materiais e os mentais. A exemplo dos Processos Mentais, os PCO exigem que pelo menos um de seus participantes seja uma figura animada ou personificada. Seus participantes são o *Comportante* - entidade que realiza a ação - e o *Fenômeno* – que define o escopo do processo.

Os Processos Verbais – PVE – são processos de “dizer”, e estão na fronteira entre os Processos Mentais e os Processos Relacionais. Para Halliday (*id.*), não precisam possuir um participante humano. Quatro são seus participantes: o *Dizente* - que realiza a ação, o *Dito* - o quê?, o *Receptor* - para quem a mensagem é direcionada, o *Alvo* - a entidade que é atingida pelo processo, e a *Verbiagem* - a mensagem propriamente dita. Charaudeau (2006, p. 149) lembra que também “a modalidade de enunciação pode ser expressa por verbos de modalidade como “dizer, declarar, fazer saber”, etc., cujo semantismo é mais ou menos revelador da atitude da instância de enunciação com relação à fonte original”.

Segundo Halliday (2004), o Processo Existencial - PEX - se encontra entre o Processo Relacional e o Processo Material. Proposições existenciais são realizadas tipicamente pelos verbos “haver, existir e ter” (em português brasileiro), sendo que “emergir, surgir e ocorrer”, por exemplo, podem ser considerados existenciais em alguns contextos. Nesse processo, há apenas um tipo de participante, o *Existente*.

#### 1.4 Gênero Discursivo



Conforme mencionado anteriormente, para a LSF, a linguagem é vista como um sistema sociossemiótico composto de elementos, regras e rotinas articulados, que se prestam às trocas simbólicas na experiência da vida em sociedade. Esses processos sociais discursivos que acontecem recorrentemente em contextos situados são os gêneros textuais ou discursivos.

Para Bakhtin (1997), os discursos se concretizam em enunciados e são mediados pelos gêneros do discurso, bem como nossa compreensão e resposta ativa ao enunciado do outro também é mediada pelos gêneros, diz Rodrigues (2008, p. 67). Adquirimos as formas da língua e os gêneros paralelamente, na interação, “o que inclui uma determinada concepção de gêneros que se amplia para todos os campos de interação humana mediada pela linguagem (verbal ou não)” (*ibid.*, *id.*). Nesse contexto, há a proposição de um estudo geral dos gêneros baseado em uma concepção dialógica e ideológica da linguagem.

Determinadas esferas sociais de comunicação, constituídas por um sistema de normas sociais, legitimam sócio-historicamente os enunciados, constituindo formas relativamente padronizadas de situações de interação e acarretando a produção e a circulação de gêneros.

Paralelamente aos conceitos bakhtinianos, Fairclough (2003a, p. 65) escreve que gêneros “são o aspecto especificamente discursivo de formas de agir e interagir no curso dos eventos sociais”. Analisar um texto ou interação em termos de gênero, que varia no seu grau de estabilização, fixidez e homogeneização, é investigar como ele atua na e contribui para a ação e interação nos eventos sociais.

Apesar de ser comum definir gênero de acordo com os propósitos da atividade, deve-se lembrar que um gênero particular pode ter vários propósitos, que podem ser hierarquicamente ordenados, implícitos ou explícitos. De acordo com Fairclough (*id.*, *id.*), olhar a hierarquia dos propósitos é uma forma de ver como um texto ou interação atua em redes de práticas. Porém, há problemas em privilegiar o propósito na definição do gênero e, também, os textos misturam gêneros, o que faz com que muitas vezes seja difícil identificar sua estrutura. Entretanto, quanto mais ritualizada uma atividade, mais relevante é a análise. “Os gêneros, como formas de interação, constituem tipos particulares de relações sociais entre os interagentes” (*ibid.*, p.75). As relações sociais são relações entre agentes sociais, que podem ser organizações, grupos ou indivíduos, entre os quais se dá a comunicação.

As formas estáveis do gênero do enunciado. O querer-dizer do locutor se realiza acima de tudo na escolha de um gênero de discurso. Essa escolha é determinada em função da especificidade de uma dada esfera da comunicação verbal, das necessidades de uma temática (do objeto do sentido), do conjunto constituído dos parceiros, etc. (BAKHTIN, 1997, p. 35)

Partindo de Bakhtin, Fairclough (2001, p. 161) diz que um gênero discursivo é um “conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente representa, um tipo de atividade socialmente aprovado”, desde uma conversa informal, até um artigo acadêmico. Gêneros e práticas sociais são interligados: gêneros determinam discursos, e discursos determinam gêneros, escreve Knoll (2007, p. 62). Então, a autora (*id.*, *id.*) conclui que, se por um lado, os discursos são limitados por convenções, por outro, a possibilidade de mudança nessas práticas é uma constante, daí Bakhtin dizer que os gêneros são “relativamente estáveis”.

Fairclough (2001) adota o conceito de gênero discursivo como elemento potencial de significados para possíveis mudanças sociais, constituindo as ordens do discurso e sendo responsável, ainda, pela constituição dos tipos de discursos. O sujeito negocia, contribui e interpreta as contribuições dos outros nas interações sociais, e essas “circunstâncias sociais particulares criam graus de estabilidade e durabilidade para articulações particulares e potências particulares para a combinação de práticas de novas formas” (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. 13). Aos olhos de Fairclough (2003a, p. 66), implica dizer que “neste período de transformação social rápida e profunda, há uma tensão entre pressões pela estabilização, parte da consolidação da nova ordem social, e pressões pela fluidez e pela mudança”.

No Brasil, segundo Rojo (2007, p. 184), só a partir dos anos 1995/1996 os trabalhos acadêmicos fazem menção a teorias de gêneros, a gêneros específicos ou à teoria da enunciação, observando (*id.*, p. 185) que esses trabalhos podem ser divididos em duas vertentes metodológicas enraizadas em diferentes releituras bakhtinianas: “teoria de gêneros do discurso ou discursivos” e “teoria de gêneros de texto ou textuais”.

Conforme Rojo (*id.*, *id.*), segundo pesquisas da *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL* - (2000), a teoria discursiva de gêneros começou centrando-se principalmente no estudo das situações de produção e nos aspectos sócio-históricos dos textos ou enunciados (trabalhos baseados em autores como Holquist, Blank, Silvestre, Brait, Faraco, Tezza, Castro, etc.). A teoria de gêneros textuais centrou-se, sobretudo, na descrição da composição e materialidade linguística textual (trabalhos baseados em autores como Bronckart e Adam). Mas as duas vertentes recorriam a autores em comum, além do próprio Bakhtin, tais como Bronckart, Adam, Charaudeau, Maingueneau, Kerbrat-Orecchioni, Authier-Revuz e Ducrot.

Os trabalhos classificados por Rojo (*id.*, p. 186) como uma teoria de gênero de texto tendiam a um “plano descritivo intermediário”, trabalhando com noções herdadas da

linguística textual. Já a vertente da teoria de gêneros discursivos não tinha a “pretensão de esgotar a descrição dos aspectos linguísticos ou textuais”, mas preocupava-se mais com a materialidade linguística expressa na significação gerada pelas “marcas linguísticas” e pelos temas discursivos da situação enunciativa. Daí a autora (*id., id.*) perguntar: se quando enunciamos gênero – textual ou discursivo – estamos “significando o mesmo objeto teórico”.

A vertente da “teoria dos gêneros textuais” (baseada em autores como Marcuschi, 2002) se aproxima da definição de Wittgenstein<sup>24</sup>, de “gênero como família de textos”, tanto em nível de texto como de contexto de produção - leitura pragmática, compatibilizando análises textuais com descrições dos textos em gêneros, numa “aproximação polifônica com o discurso bakhtiniano” (Rojo, 2007, p. 192-193).

(a) Usamos a expressão “tipo textual” para designar uma espécie de construção teórica definida pela “natureza linguística” de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Em geral, os tipos “textuais” abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: “narração, argumentação, exposição, descrição, injunção”. (b) Usamos a expressão “gênero textual” como uma noção propositalmente vaga para referir os “textos materializados” que encontramos em nossa vida diária e que apresentam “características sócio-comunicativas” definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, “outdoor”, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante. (MARCUSCHI, 2002, p. 22-24)

Em relação à “teoria dos gêneros discursivos”, com a qual me identifico aqui, Rojo (2007, p. 194) escreve que, na interpretação bakhtiniana, o movimento discursivo inicial de afiliação ao discurso do autor é quase sempre seguido de um movimento de resistência discursiva “por meio de assinalamento de discordâncias, críticas, de apontamentos de defeitos ou fraquezas da teoria, renomeações a partir de outros temas, reinterpretções [...] sempre interessantes, pois tornam finalmente o discurso polifônico”.

[...] aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos -, e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas [...] Será sempre um estilo de trabalho mais “top-down” e de idas e vindas da situação ao texto e nunca um estilo “bottom-up” de descrição

<sup>24</sup> Cf.: WITTGENSTEIN, L. **Gramática Filosófica**. Trad. L. C. Borges. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2003. / WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Tradução de Marcos G. Montagnoli. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. / WITTGENSTEIN, L. **Observações filosóficas**. Trad. Adail U. Sobral. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2005. / WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Trad. Luiz H. Lopes dos Santos. São Paulo, SP: Edusp, 1994.

exaustiva e paralela de textos, para, depois, colocá-los em relação com aspectos da situação social ou de enunciação. (ROJO, 2007, p. 199)

Rodrigues (2008, p. 72), também evocando Bakhtin, fala do texto como mediador da constituição social do homem e de sua linguagem, então, o texto, elemento da cadeia discursiva, é o dado primário da pesquisa. Parte-se do texto como materialidade do enunciado, “da dimensão social para a sua materialidade” (*ibid.*, p. 73), pois tudo que é ideológico vai se *encarnar* em algum material semiótico, ou seja, na linguagem, que reflete e refrata a realidade (BAKHTIN, 1997, *apud* RODRIGUES, 2007, p. 72).

“Os produtos midiáticos podem ser olhados e desconstruídos a partir da teoria de gêneros, porque são eles que orientam o uso da linguagem que corresponde à natureza das práticas sociais nas quais estão engajados” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 76), apesar de, segundo Grillo (2003, p.108), atualmente a imprensa estar em fase de reconfiguração devido à entrada da *Internet* como veículo informativo, levantando dois aspectos na teoria de gêneros do discurso: “o seu modo de existência diferencial e sua constituição histórica”.

#### 1.4.1 Mídia

A mídia se interessa pela construção da história dos homens, organizando fragmentos da realidade estruturados pelos interesses dos produtores da notícia, não apenas divulgando os fatos da coletividade. A análise dos textos midiáticos revela-se “vital para a edificação de uma consciência que nos permita compreender a influência que ela exerce na construção das imagens coletivas e, conseqüentemente, nas percepções da realidade e decisões humanas” (SOUZA, 2007, p. 01).

Em uma variedade de contextos culturais e institucionais – incluindo a mídia e setores como o educacional, o de trabalho e o governamental – os estudos mostram os caminhos complexos e sutis nos quais certezas e relações de poder hegemônicas são produzidas, perpetuadas, negociadas e desafiadas. (LAZAR, 2005, p. 1-2)<sup>25</sup>

As ideologias das classes sociais são determinadas pelo veículo linguagem, pelo qual se veicula pontos-de-vista, e no qual, segundo Silva (2007a, p. 1056), a palavra é o instrumento que possibilita ao homem seguir sua história manifestando opiniões, convencendo e sendo convencido pela linguagem. A mídia tem o papel de registrar os

---

<sup>25</sup> Trad. minha.

acontecimentos da história, mas o cumprimento dessa função social não acontece com neutralidade.

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. (NOVO MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO, 2001, p. 45)

Silva (2007a, p. 1058) destaca o que chama de “torneio opinativo” centrado no texto jornalístico: “o jornalismo por si só é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. A arma dessa batalha é a palavra, seja escrita ou oral”. Essa batalha é temperada pelo mito da objetividade, e a força dessa arma, chamada palavra, bem manuseada, influencia a opinião pública ao ponto de conduzir sua história. “As instituições midiáticas costumam se considerar neutras por que acreditam que dão espaço para o discurso público, refletem os estados de coisa de forma desinteressada, e expressam as percepções e os argumentos dos jornalistas” (WODAK, 2004, p. 230-231). Silva (2007a, p. 1058) acredita na utopia de que a imprensa deveria colocar-se numa posição neutra e publicar o que ocorre objetivamente, deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

Bakhtin (2006) ressalta o valor da palavra como “o modo mais puro e sensível de relação social”, e diz que cada época e cada grupo social possuem um repertório discursivo determinado pelas relações de produção e pela estrutura sócio-política. Acordando com o autor, Melo (2006, p. 04) conclui que grupos sociais diferentes, vivenciando condições sociais diferentes, produzem representações sociais diversas expressas em diferentes discursos.

Como já mencionado no item 1.2, Grillo (2005, p. 1165) destaca como as principais contribuições dos trabalhos de Bakhtin, a noção de dialogismo e o conceito de polifonia, formulado a partir da análise da obra de Dostoiévski, na qual as vozes do autor e das personagens estão representadas em sua autonomia ideológica. Dostoiévski foi interpretado como aquele que ouvia em cada voz pelo menos duas vozes em discussão, “em cada expressão via uma fratura e a prontidão para se converter em outra expressão oposta [...] percebia a profunda ambivalência e a pluralidade de cada fenômeno” (BAKHTIN, 2008, p. 34).

Bakhtin diz que o contato com o jornal diário e sua forma de representar a atualidade foi de grande influência para aquele escritor: “a compreensão profunda e sutil da página do jornal como reflexo vivo das contradições da atualidade social no corte de um dia [...] devem-se precisamente à particularidade fundamental da sua visão artística” (*ibid.*, p. 33). Segundo

Grillo (2005, p. 1165), Bakhtin usou como base para sua noção de polifonia, em que as diferentes vozes são constituídas, por meio do diálogo, em pontos de vista contraditórios, sua observação de que no jornal impresso diário havia a convivência de perspectivas diversas que não se reduziam a um denominador único.

Uma forma de manifestação da polifonia pode ser o discurso citado, diretamente nas citações – DD - ou indiretamente nos relatos – DI -, comum no discurso midiático: “o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 147). As diferentes formas (citação, relato<sup>26</sup>, modalização em discurso segundo, etc.) caracterizam o diálogo estabelecido entre o contexto transmissor e o discurso alheio, lembra Grillo (2005, p. 1165). Porém, a transmissão do discurso alheio não é desinteressada, visa a fins específicos percebidos nas formas de diálogo entre o contexto transmissor e o discurso citado: “Para a fala cotidiana, o sujeito que fala e sua palavra não é um objeto de representação literária, mas um objeto de transmissão praticamente interessado” (BAKHTIN, 1993, p. 140).

Para a análise de textos midiáticos, a concepção bakhtiniana parece ser a mais adequada, pois a flexibilidade de sua teoria permite a adequação e a transposição de seus fundamentos sobre a organização genérica às obras deste tempo, especialmente, aos textos midiáticos contemporâneos. (PINHEIRO, 2002, p. 267)

Outra importante consideração acerca da mídia é feita por Melo (2006, p. 04), quando ela percebe que há um jogo de influências entre a imagem que a mídia cria do seu público-alvo e o público real na construção do discurso. Inúmeros esforços são empreendidos para a identificação desse público real, mas ele continua desconhecido na sua maioria, e passível de respostas muitas vezes imprevisíveis. Então, a mídia, trabalhando com representações, sobrevive na “crença infundada de um poder de manipulação absoluto” (*ibid.*, *id.*).

As vozes representadas num texto são sempre secundárias e, em relação às pessoas reais, tudo que se pode ouvir é silêncio. [...] O destinatário é um momento da obra intrinsecamente necessário e não se confunde em nenhum momento com o que se chama “público real” e cujas exigências podem conscientemente ser levadas em conta na escrita do texto. (AMORIM, 2004, p. 114)

De acordo com Amorim (*id.*, p. 115), o destinatário bakhtiniano é um destinatário segundo tal como o supomos a partir da sua presença no texto que representa a instância de pertencimento social do texto, trabalhando-o do seu interior, sem que o autor possa

---

<sup>26</sup> Citações paratáticas ou DD e relatos hipotáticos ou DI são melhor discutidos no item 3.1.2.1.3.

necessariamente se aperceber. Mas o texto também é dirigido a um “sobredestinatório”, uma presença terceira que, como indica Bakhtin (1997), distingue-se da figura precedente pela sua extraterritorialidade. O autor fala a esse sobredestinatório superior, cuja compreensão responsiva é pressuposta até mesmo em um tempo distante. “De acordo com as circunstâncias, esse destinatário de compreensão idealmente concreta assume uma identidade concreta variável – o povo, o julgamento da história, a ciência, etc.” (AMORIM, 2004, p. 115-116). O rastro desse sobredestinatório constitutivo de todo enunciado pode ser identificado numa análise mais aprofundada. “Toda criação se desenvolve na presença de um terceiro invisível que se situa além de seus supostos pares” (*ibid.*, p. 116). Quanto à imagem do autor do texto, segundo a autora (*id.*, p. 118), ela é considerada contraditória por Bakhtin (1997), pois, “se a imagem é criada, não pode ser criadora”.

[...] numa perspectiva polifônica do texto, procurar seu destinatário não consiste em identificar seu público real ou os constrangimentos reais que a instituição acadêmica ou editorial determinam inevitavelmente toda escrita. Buscar os destinatários é buscar as instâncias criadoras. Aqueles que, por oposição ou por acordo, compõe com o autor um diálogo permanente que atravessa o texto e constitui sua tensão de base. Também é buscar as escolhas do autor: aqueles a quem ele escolheu responder e aqueles a quem ele escolheu não responder. (AMORIM, p. 16-17)

Como a linguagem não é neutra, todo discurso tende a refletir e, ao mesmo tempo, difundir valores culturais, e os discursos de representação trazem à superfície sistemas de valores dos quais os indivíduos se servem para julgar a realidade. No movimento de troca indivíduo-sociedade, o sujeito é, ao mesmo tempo, ativo produtor dos discursos que ajudam a construir as representações, e passivo, sendo as práticas sociais que ele produz compartilhadas pelos outros indivíduos do grupo.

Beiras *et al.* (2008, p. 103-104) trazem à tona o papel da mídia sobre a construção social das representações de masculinidade e feminilidade que, segundo eles, frequentemente evidenciam práticas sociais baseadas em perspectivas reducionistas, inviabilizando mudanças nas relações estabelecidas, e perguntam a quem interessaria a manutenção de visões essencialistas das relações entre os gêneros.

De acordo com Miranda (2006, p. 65), “a mídia, ao ser tomada como uma instituição social e linguística, funciona como um espelho que reflete os conceitos e as ideias que circulam na sociedade e no cotidiano social”. O discurso da imprensa é um elemento da comunicação verbal destinado a um auditório imaginado que interage na criação das estratégias discursivas do redator. Entretanto, além de refletir ideias da história dos homens, a

mídia refrata conceitos de maneira a chegar aos leitores uma história que é construída pela voz da instituição, mais ou menos verdadeira, e sempre passível de uma leitura crítica.

[...] todos aqueles que querem fazer valer sua vontade, em qualquer situação e contexto social, esforçam-se por alcançar a submissão voluntária e pacífica, e, até mesmo convicta de seus interlocutores/subordinados, o que poderíamos dizer que buscam alcançar uma legitimidade. (MIRANDA, 2006, p. 70)

Um gênero discursivo, “sempre ligado a uma situação no mundo social” (CLOT, 2006, p. 223), tem seus propósitos comunicativos e representacionais que, no caso dos gêneros midiáticos, dotam quem tem o poder de representar também do “poder de definir e determinar identidades” (SILVA, 2007c, p. 91). No caso do jornalismo de revista, objeto dessa pesquisa (*vide* item 2.2), segundo Vilas-Boas (1996), a atualidade e representação de aspectos cotidianos tornam-se recorrentes, relevantes e usuais. No caso de revistas semanais, o acontecimento reportado ainda deve ser considerado atual quando da publicação: “o fato levado à condição de notícia não é o foco central da cobertura, e sim o contexto” (VILAS-BOAS, 1996, p. 87-88).

#### 1.4.2 Gênero Reportagem

“Contar ou reproduzir a um terceiro o que me disseram e que eu mesmo não vi é uma atividade estruturante da humanidade” (AMORIM, 2004, p. 96), e a reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal, de acordo com o *Manual de Redação e Estilo* (MARTINS, 1997, p. 254-255), diferenciando-se da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A forma linear de construção de uma reportagem seria o título, o primeiro parágrafo, a cabeça ou *lead*, e o desenvolvimento da história, narrativa ou texto.

No *Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo* (2001, p. 24), pode ser lido que boas reportagens devem sempre ouvir as partes envolvidas na questão que gerou o fato e transmitir, de maneira ágil, informações novas, objetivas (que possam ser contestadas por terceiros) e precisas sobre fatos, personagens, ideias e produtos relevantes: “toda boa reportagem exige cruzamento de informações”, primando pela imparcialidade e objetividade, e sua redação deve começar com o que é mais relevante ao público. Segundo Bahia (1990, p. 52), a reportagem implica a forma de ver a notícia, podendo projetar o fato ao observá-lo sob diferentes ângulos.



[...] a crônica, o editorial, a coluna e o artigo são gêneros jornalísticos marcados, em maior ou menor grau, pelo caráter opinativo. Desses formatos o leitor não espera isenção, distanciamento e objetividade. Neles, a manifestação explícita da opinião, seja do autor ou veículo, não é mal recebida. [...] O mesmo não acontece com os gêneros de caráter informativo, como a notícia e a reportagem. Ao selecionar qual matéria daquela edição será destacada na manchete de primeira página, é muito raro um editor optar por um artigo, editorial ou coluna. O que chama a atenção da maioria do público – acreditam os jornalistas –, o que vende jornal, é a novidade anunciada pela notícia, é a revelação feita pela reportagem. A simples observação das primeiras páginas estampadas em qualquer banca de jornais permite constatar que são a reportagem e especialmente a notícia os gêneros que os veículos pressupõem ser os de maior consumo, de maior impacto junto ao público. (FRANCESCHINI, 2004, p. 147)

Grillo (2005, p. 1164) acredita que “a imprensa brasileira tem sido caracterizada tanto pelo direcionamento do noticiário em função da linha ideológica do jornal, quanto pela diversidade de perspectivas nela representadas”. E, se esses dois enfoques não são mutuamente excludentes, “o gênero reportagem constitui-se em objeto privilegiado para observar como o ponto de vista do jornal organiza as vozes em conflito dos envolvidos”. Por isso, as noções bakhtnianas de polifonia e de dialogismo dão suporte para caracterizar o gênero reportagem como um gênero constituído pelo conflito de posições e de confronto entre os discursos dos atores sociais, conclui (*id.*, p. 1165).

Para a autora (*id.*, *id.*), o confronto entre os diversos pontos de vista envolvidos nos fatos pode ser observado na reportagem através do discurso citado, o qual é fator de organização da sua forma composicional. A citação – DD -, o relato – DI -, bem como formas híbridas – DH - do discurso citado, como o relato seguido da citação, e a modalização em discurso segundo, servem para interpretar ao mesmo tempo em que produzem efeitos de fidelidade às vozes dos atores. Essas diferentes formas caracterizam o diálogo estabelecido entre o contexto transmissor e o discurso alheio.

“Para a fala cotidiana, o sujeito que fala e sua palavra não é um objeto de representação literária, mas um objeto de transmissão praticamente interessado” (BAKHTIN, 1993, p. 140). A transmissão desse discurso alheio visa a fins específicos, nunca é desinteressada, e isso pode ser percebido nas formas de diálogo entre o contexto transmissor e o discurso citado, finaliza Grillo (2005, p. 1165).

Ao analisar o gênero reportagem, essa autora (*id.*, p. 1168) mostra que a polifonia pode ser a própria essência da reportagem quando, por meio do discurso citado, deixa vir a tona posições ou vozes em confronto sobre o assunto abordado. Nesse caso, tanto o diálogo quanto o conflito de pontos de vista, característicos da polifonia, aparecem nas vozes de atores sociais que se manifestam de modo privilegiado nas formas de apreensão e transmissão do discurso alheio.

Essas vozes, entretanto, são distintamente distribuídas e valorizadas pelo(s) repórter(es) nos diferentes espaços do jornal (paratexto, texto), em razão, sobretudo, da identidade ou do distanciamento da linha editorial do jornal. A presença do discurso direto produz um efeito de fidelidade literal à fala dos atores sociais, entretanto, a homogeneidade estilística e normativa dos discursos analisados indica que eles são reformulados e se constituem, do ponto de vista da produção, em discurso indireto. Por fim, a percepção desses procedimentos é fundamental para que o leitor identifique a linha argumentativa, julgue as posições em conflito e assuma, com independência, uma posição pessoal. (GRILLO, 2005, p. 1168)

Outra relevante consideração acerca do gênero reportagem é feita por Franceschini (2004, p. 144), o qual entende que distingui-lo da notícia pode auxiliar o público a aumentar o senso crítico em relação ao veículo midiático que acompanha, seja ele jornal, revista, rádio ou televisão, na medida em que permite ao leitor, ouvinte ou telespectador perceber a motivação daquele veículo em divulgar informações sobre determinados assuntos, e não sobre outros.

Franceschini (*id.*, p. 148) diz que é a notícia, dentre os gêneros jornalísticos, o que mais conta com uma aura de imparcialidade e que leva o leitor a aceitar determinado relato como verdadeiro e isento. Principalmente em torno da notícia é que se consolidou o mito da objetividade no jornalismo, responsável pela enorme acolhida e o potencial de convencimento. E para perpetuar esse mito da objetividade, o jornalismo estabeleceu uma espécie de acordo: produzir notícias sem distorções ou mentiras em relação aos fatos concretos.

“Mas o que é notícia? De forma simplista, pode-se dizer que é o anúncio de um fato novo, o anúncio da novidade. Nem mesmo para os jornalistas parece fácil a tarefa de defini-la de modo mais satisfatório” (*ibid.*, *id.*). Entretanto, para Lage (1999, p. 16), a diferença entre a notícia e outros formatos textuais está na forma em que ela é redigida e não no seu conteúdo ou na natureza das informações: notícia é o fato redigido a partir do dado capaz de gerar maior interesse, seguindo-se as demais informações em ordem decrescente de importância.

Franceschini (2004, p. 149) lembra que a técnica diz que toda notícia polêmica tem dois lados e ambos precisam ser ouvidos, e ressalta que o gênero reportagem é a designação de um outro gênero jornalístico específico e distinto do gênero notícia – os leitores dificilmente percebem essa distinção – que, até mesmo os jornalistas, os quais não acham fácil definir satisfatoriamente o que é notícia, têm dificuldade em relação à definição exata (*id.*, p. 150). Para Lage (2001), muito da dificuldade para definir a reportagem tem a ver com suas amplas possibilidades, compreendendo “desde um simples complemento de uma notícia até um texto que revela conteúdos de interesse permanente, a partir da prática histórica” (LAGE, 1982, p. 83).

O autor (*id.*, p. 35) diz que a reportagem trata de assuntos que não são necessariamente fatos novos. Se a notícia representa o novo imediato, a reportagem representa o atual mais abrangente, oferecendo maiores detalhes àquilo que já foi anunciado. “Noticiar um fato depende em menor grau de uma intenção própria daquele veículo em publicá-lo, enquanto que investigar um aspecto da realidade por meio de uma reportagem depende quase que exclusivamente dessa intenção” (FRANCESCHINI, 2004, p. 152).

Segundo Vilas-Boas (1996), o formato do gênero reportagem também se destaca por procurar destrinchar um assunto por meio de pesquisa mais acurada, focalizando o assunto e não somente o fato que deu origem a esse. A reportagem pode organizar seu texto a partir da revisão de fatos que envolvem um tema, atualizando e ampliando suas dimensões. Por seu caráter marcadamente interpretativo, o gênero reportagem revela de forma mais visível a fragilidade da postura imparcial da mídia na exposição, comentários, explicações, comparações, previsões e provas com as quais ela (re)constrói o fato. Sendo assim, para Benites (2002, *apud* SOUZA, 2007, p. 02), o gênero reportagem permite à mídia argumentar de forma ardilosa ou velada para muito além dos limites do seu dizer, construindo verdades e manipulando a opinião pública através de recortes da realidade.

A reportagem, portanto, é assim como a notícia um gênero de caráter informativo, produzido em obediência às mesmas técnicas básicas, apesar de praticar uma liberalidade maior no uso da linguagem. Nos dois formatos de texto, o leitor comum espera encontrar isenção e objetividade, apesar de essa meta ser utópica. Tanto uma como outra podem ser publicadas sem assinatura – já que utopicamente são “fiéis espelhos da realidade” e não uma visão pessoal do repórter – assim como também podem estampar os nomes do seu autor, se essa for a decisão dos editores. Como diferença, destaca-se que a publicação da notícia reflete em menor grau uma intenção do veículo, enquanto que a publicação da reportagem, ao contrário, reflete quase que exclusivamente a intenção do veículo de divulgar aquele assunto naquele momento. (FRANCESCHINI, 2004, p. 153)

Porém, mesmo com todas as tentativas de classificação, no dizer de Bahia (1990, p.50), “toda reportagem é notícia, mas nem toda notícia é reportagem“, acreditando que o que determinará um tratamento dado à informação mais enxuto na notícia, ou mais exaustivo no gênero reportagem, definido como “a soma das diferentes versões de um mesmo acontecimento”, é seu potencial de sociabilidade e de imprevisibilidade.

“A passagem de um gênero a outro ou a utilização de vários gêneros em um mesmo texto constituem, para certas obras, momentos decisivos na produção do saber” (AMORIM, 2004, p. 64). Para Bakhtin (1997), a hibridização é “uma mistura de duas linguagens sociais dentro dos limites de um único enunciado; um encontro, dentro da arena de um enunciado,

entre duas consciências linguísticas diferentes, separadas uma da outra por uma época, pela diferenciação social ou por algum outro fator”.

“O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação – em que a notícia deixa de ser sinônimo de nota – e se situa no detalhamento, no questionamento de causa e efeito, na interpretação e no impacto” (BAHIA, 1990, p. 50).

Nessa pesquisa, sigo a classificação proposta por Bonini (2009, no prelo). O autor (*id.*, p. 18, *apud* MOTTA-ROTH & LOVATO, 2009), estudando a mídia norte-americana, concorda que é difícil diferenciar notícia e reportagem por haver diferentes “ecologias de gênero” – modo como as pessoas se adaptam em certos ambientes por meio de práticas que realizam e os gêneros que usam. Bonini (2009, no prelo, p. 07, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008) enfatizou ser complicado também caracterizar os gêneros jornalísticos no Brasil, especialmente no que tange à notícia e à reportagem, e descreve a “estrutura retórica” da notícia em três partes e oito movimentos, identificando “oito tipos de reportagens” (*ibid.*, p. 28, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008), conforme exposto no QUADRO 8.

GRUPO	GÊNERO	PROPÓSITO
<b>Baseado em fatos da realidade</b>	Notícia	Reporta/noticia um fato ou um evento
	Reportagem de retrospectiva	Explica a origem do fato
	Reportagem de opinião	Aborda um fato ou assunto através de pesquisa de opinião
	Reportagem que traça perfis	Descreve uma pessoa ou instituição relacionada a um fato, um tema atual, um tema prestigiado socialmente e/ou famoso
	Reportagem de capa	Reporta o dia-a-dia de uma instituição, grande evento/festa, ou um fato duradouro
<b>Baseado em um tema</b>	Reportagem de produto/propaganda	Descreve um novo produto/pessoa
	Reportagem de pesquisa	Apresenta dados para interpretação de um problema atual ou de tendência comportamental social
	Reportagem didática	Explica um assunto, situação conflituosa ou serviço
	Reportagem de itinerário	Apresenta possibilidades de turismo/viagens

**QUADRO 8: Organização Retórica da Reportagem<sup>27</sup> – adaptado de Bonini (2009, no prelo, p. 28, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008).**

<sup>27</sup> Trad. minha.

A reportagem didática e a de pesquisa apresentam características similares na medida em que ambas têm foco em algum objeto do conhecimento. A diferença entre as reportagens diz respeito à função e ao objetivo de cada uma delas. Por exemplo, a reportagem de pesquisa apresenta novos conhecimentos sobre tendências comportamentais ou temas correntes na sociedade e sua organização retórica tende a incluir a apresentação de dados e opiniões de especialistas; a reportagem didática, por sua vez, está voltada à divulgação de explicações sobre um tópico de conhecimento já evidenciado e à apresentação de sugestões ao leitor. Esse tipo de reportagem pode contemplar um tópico cronologicamente distante dos fatos correntes, reportados nas notícias do jornal, ser guardado em um arquivo por um tempo e ser impresso quando o jornal não tiver muitas notícias com conteúdos importantes para divulgar. Desse modo, a diferença entre as reportagens diz respeito à função e ao objetivo de cada uma delas, conclui Bonini (*id.*, p. 12-15, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008).

### 1.5 Gênero Social

“Ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram de forma figurada os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais”, diz Joan Scott (1995, p. 72), professora de Ciências Sociais no *Instituto de Estudos Avançados de Princeton - USA*, historiadora e militante feminista norte-americana. Segundo a autora, as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” para se referirem à organização social da relação entre os sexos.

A conexão do termo gênero - aqui entendido como “gênero social” - com a gramática é ao mesmo tempo explícita, porque o uso implica em regras que decorrem da designação do masculino ou feminino, bem como cheia de possibilidades inexploradas, porque em vários idiomas indo-europeus existe também o sexo indefinido ou neutro, uma terceira categoria. No seu uso mais recente, prossegue Scott (*id.*, *id.*), a palavra “gênero” surgiu primeiro entre as feministas americanas que insistiam na “qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo”, rejeitando o determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. E, “por mais hesitante que sejam os passos iniciais, essa metodologia implica não apenas em uma nova história das mulheres, mas em uma nova história” (*ibid.*, p. 73).

[...] o “gênero” era um termo proposto por aquelas que defendiam que a pesquisa sobre mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas no seio de cada disciplina. As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que o estudo das mulheres acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. (SCOTT, 1995, p. 73)

Scott (1994, p. 81-83, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 113), afirma que a história das mulheres tem uma força política potencialmente crítica que desafia e desestabiliza a ordem estabelecida, questionando a prioridade da “história do homem” sobre a “história da mulher” e “desafia a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto dessa ciência – o Homem Universal”. O eco dessa força política contribuiu para o discurso da identidade coletiva que tornou possível o movimento de mulheres da década de 1970.

O feminismo foi um protesto contra a exclusão das mulheres da política; seu objetivo foi o de eliminar a diferença sexual na política. Mas a sua campanha foi voltada às mulheres. Pelo fato de agir em favor das mulheres, o feminismo produziu a diferença sexual que buscava eliminar – chamando a atenção exatamente para a questão que pretendia eliminar. (SCOTT, 2005, p. 20-21)

Scott (*id.*, p. 18) sublinha que “é devido a diferenciais de poder entre homens e mulheres que as feministas têm-se referido às mulheres como uma minoria, mesmo que elas perfaçam mais da metade da população”. Mas questões de gênero social já eram discutidas desde o final da primeira metade do século passado por teóricas de destaque, como a antropóloga Margaret Mead<sup>28</sup> e a filósofa Simone de Beauvoir<sup>29</sup>, que enfatizavam os condicionamentos culturais como construtores das diferenças invariavelmente essencializadas e atribuídas à biologia que subordinavam as mulheres.

Os estudos acerca de gênero social dizem respeito à criação social das características de homens e mulheres, ou seja, sobre a construção social e histórica produzida sobre as diferenças percebidas entre os sexos. A utilização inicial da categoria gênero nos estudos de história surgiu como uma contestação ao determinismo biológico presente nas categorias de sexo e de papel sexual.

Segundo Scott (*id.*, p. 92), “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado”, referindo-se à oposição homem/mulher e fundamentando o seu sentido. Para a reivindicação do poder político, “a referência tem que parecer segura e estável, como que fazendo parte de uma ordem natural ou divina”. O termo

---

<sup>28</sup> Cf.: MEAD, M. **Sexo e temperamento**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1999.

<sup>29</sup> Cf.: BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1980.

“política” é entendido por Scott (1994, p. 18, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 115) como o processo pelo qual jogos de poder e saber constituem identidades e experiências - fenômenos discursivos organizados em contextos particulares. Assim, a oposição binária homem/mulher, e o processo social das relações de gênero são partes do sentido do próprio poder. “Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro. Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como é que as coisas mudam?” (*ibid.*, *id.*). De um ponto de vista geral, responde-se que a mudança pode ter várias origens.

São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá – políticos no sentido de que vários atores e várias significações enfrentam-se para conseguir o controle. [...] Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendentem; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas. [...] essa nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas feministas atuais e o futuro (utópico), porque ela sugere que o gênero tem que ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não só o sexo, mas também, a classe e a raça. (SCOTT, 2005, p. 93)

De acordo com Pereira (2004, p. 195), o conceito de gênero gerou rupturas na visão biológica do termo “sexo”, instituindo uma noção social. O gênero, sendo uma categoria analítica sob diversas perspectivas disciplinares, reforçou a corrente não-essencialista dos estudos de identidade (estudos melhor abordados no item 1.5.3) e enfraqueceu o determinismo biológico que eternizava a subjugação das mulheres. A redefinição dos processos de subjetividade e de identidade favoreceu o estudo de construções ou hierarquias que podem ser interligadas: “[...] os estudos de gênero propõem que se estude também o modo pelo qual as diferentes hierarquias sociais (de gênero, classe, raça ou idade) incidem umas sobre as outras, modelando-se mutuamente” (HEILBORN & CARRARA, 1998, p. 373).

Saffioti (1994) lembra que foi a partir da década de 1980 que voltaram a aparecer no cenário científico estudos caracteristicamente essencialistas, os quais buscavam uma explicação genética para os comportamentos, e que centralizam suas reflexões nas relações de poder tradicionais a que são submetidas as mulheres, embora as teorias resultantes das pesquisas feministas fossem suficientes para fundamentar as posturas que defendem a construção social do gênero.

Os(as) historiadores(as) feministas utilizaram toda uma série de abordagens na análise do gênero, mas estas podem ser resumidas em três posições teóricas. A primeira, um esforço inteiramente feminista que tenta explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no seio

de uma tradição marxista e procura um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 1995, p. 77)

“Aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história” (*ibid.*, p. 71). História que, para Scott (1994, p. 13-14, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 111), é tanto objeto da atenção analítica quanto um método de análise e que, vista sob esses dois ângulos, oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido. Nesse sentido, segundo Siqueira (2008, p. 111), o conhecimento histórico não é o documento fiel da realidade vivida, não documenta as reais e únicas condições vivenciadas por homens e mulheres ao longo do tempo.

Scott (1989, p. 46, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 112-113) também faz referência à questão das limitações da proposta da história das mulheres, dizendo que essas questões só começaram a ser estudadas quando os historiadores passaram a se perguntar “por que” e “como” as mulheres se tornaram invisíveis na história. É na busca por uma análise mais rigorosa do processo de como se dá e porque se reproduz a invisibilidade da mulher no processo de produção do conhecimento histórico que surge o seu conceito de “gênero como categoria útil de análise” (SIQUEIRA, 2008, p. 113).

No seu uso recente mais simples, “gênero” é sinônimo de “mulheres”, lembra Scott (1995, p. 75), apesar do termo “gênero” ter uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”. Mas o interesse por categorias como de classe, de raça e de gênero, prossegue a autora (*id.*, p.73), marcava de início um comprometimento de pesquisadores - os quais levavam em relação o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, esses três eixos<sup>30</sup> - com a história também dos oprimidos e com a análise da natureza dessa opressão. “Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? “Como é que o gênero dá um sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categoria de análise” (*ibid.*, p. 74).

O termo “gênero” como substituto de “mulheres” também é usado sugerindo que “a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro” (*ibid.*, p. 75), designando assim, as relações sociais entre os sexos e referindo-se às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. Segundo essa definição, o termo se torna “uma categoria social imposta sobre um

---

<sup>30</sup> Aqui considero também o eixo “idade”.



corpo sexuado”, um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. Porém, no seu uso descritivo, “gênero” é um termo associado com o estudo do que está relacionado às mulheres que, mesmo sendo um novo campo de pesquisas históricas, não tem a força de análise suficiente para interrogar os paradigmas históricos existentes, diz Scott (*id.*, p. 76).

[...] mesmo na tentativa de Lauretis, a realidade social (isto é, “as relações materiais, econômicas e interpessoais que são de fato sociais, e numa perspectiva mais amplamente históricas”) parece situar-se à revelia do sujeito. Falta uma maneira de conceber a “realidade social” em termos de gênero. (SCOTT, 1995, p. 83)

Para Siqueira (2008, p. 114-115), Scott entende as relações entre os sexos como construídas socialmente; porém, isso ainda significa pouco para ela, pois não explica como e porque são construídas, nem diz como funcionam ou como mudam essas relações de forma desigual que privilegiam o sujeito masculino. Scott chega à conclusão que só essa constatação não tem força suficiente para integrar ou mudar os paradigmas históricos existentes, e vai além das propostas anteriores, relacionando as noções de construção social e de poder para dizer que gênero tem duas partes e diversas subpartes ligadas entre si e distintas analiticamente: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primeira de dar significado às relações de poder.

É com base em identidades e diferenças que o poder é distribuído. Em um mundo desprovido de alteridade, as afirmações de identidade nada significariam. Mas as diferenças existem, ou melhor, são construídas, e, com elas, vêm as segregações e os consequentes conflitos de poder. O gênero dá significado a essas relações, pois é “um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. (SCOTT, 1995, p. 88)

Swain (2001, p. 12) pergunta se, no senso comum e na análise teórica, o fim do feminismo já não estaria decretado, visto que os gêneros estariam sendo construídos por igual socialmente por igual no discurso – “discurso de gênero” que Pires (1999, p. iv) entende como “uma construção cultural que representa, produz sentidos e estrutura a identidade do sujeito feminino com base em padrões sócio-históricos conservadores que atestam a desigualdade entre homens e mulheres nas relações sociais”. Swain (2001, p. 12) observa que, se colocarmos a constituição do feminino e do masculino no mesmo assujeitamento ao social, podemos esquecer facilmente o caráter hierárquico da “generização” do humano. O que ela chama de “ufanismo discursivo da igualdade de oportunidades” não encobre ainda uma

profunda polarização da sociedade ocidental em imagens de contornos assimétricos de mulheres e homens com formatos binários que “delimitam, autorizam, e definem os papéis e a ação, o ser no mundo”.

O feminismo acabou? O infinito e insidioso ruído do discurso social sussurrado, explicitado, demonstrado, sugere a desnecessária continuidade de um movimento tornado obsoleto diante das “evidentes” conquistas das mulheres: no plano político, já podem votar e ser votadas, qual a queixa? São minoria nos altos postos legislativos e judiciários? Questão de tempo. No campo profissional as portas se abrem, para algumas eleitas. Questão de competência. Salários desiguais para tarefas idênticas? Os ajustes se fazem aos poucos... (SWAIN, 2001, p. 12)

A autora (*id., id.*) chama a atenção para a prática social cotidiana das mulheres, recheada de violência direta e indireta, que vai desde agressões físicas e humilhações até palavras e gestos, e que “é apenas marco de imagens e representações que instauram um corpo genitalmente definido e reduzido a um sexo biológico”. Nesse sentido, Fiorin (2006, p. 19), parafraseando Bakhtin, lembra que todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam, por conseguinte toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras. Quando alguém diz “é mulher”, não está simplesmente enunciando um dado da realidade. Se estiver declarando isso com admiração, mostrando que as mulheres são dotadas de uma fibra incomum, estará opondo-se a outros discursos, que embebem essa afirmação de desdém, que insistem em manifestar a inferioridade do sexo feminino.

[...] o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; o gênero é também o significado discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou o “sexo natural” é produzido e estabelecido como uma forma “pré-discursiva” anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura age. (BUTLER, 1990, p. 7)<sup>31</sup>

No Ocidente, as mulheres têm sido diabolizadas ou santificadas com representações em torno do feminino desde o grego Aristóteles até o bíblico Paulo de Tarso, passando por inumeráveis caminhos discursivos e temporalidades até a modernidade, lembra Swain (2001, p. 15-16). “Assim a sedução perversa, a inferioridade física e social, a incapacidade intelectual, a dependência de seu corpo e de seu sexo, a passividade vem sendo reafirmadas em imagens e palavras que povoam o imaginário ocidental” (*ibid.*, p. 16).

A terceira onda feminista e as teorias pós-estruturalistas contribuíram para complexos e sutis entendimentos acerca de relações de poder e gênero social no trabalho dentro de ordens sociais específicas. Dois importantes discernimentos para uma ACD feminista foram o

---

<sup>31</sup> Trad. minha.

reconhecimento da diferença entre mulheres (e homens), os quais chamam ao comprometimento com uma análise de gênero e sexismo cultural e historicamente situada; e a perversidade da sutileza em trabalhos discursivos acerca do poder na modernidade. (LAZAR, 2005, p. 09)<sup>32</sup>

### 1.5.1 Gênero Social e Mídia

A engrenagem complexa que “compreende todo um sistema de representações e autorrepresentação social codificada em normas, regras, paradigmas morais e modelos corpóreos, que delimitam os campos do aceitável, do dizível, do compreensível” (SWAIN, 2001, p. 18) é chamada por Lauretis (1987, p. 05) de *sex gender system*: “um construto sociocultural e um aparato semiótico, um sistema de representação que confere sentido (identidade, valor, prestígio, localização no parentesco, *status* na hierarquia social, etc.) aos indivíduos na sociedade”. “Essas tecnologias no mundo contemporâneo têm sua expressão paroxística no discurso midiático”, diz Swain (2001, p. 18-19).

[...] a apropriação social do discurso se dá em diferentes instâncias discursivas, lugares de fala, posições de autoridade que legitimam ou excluem, delimitam ou expandem as hierarquias e os valores definidores de sentido e de lugares sociais, na Ordem do Discurso, na economia de um imaginário onde se pode detectar a hegemonia das representações tradicionais e naturalizadas de gênero. (SWAIN, 2001, p. 18-19)

Pires (1999, p. 140) observa que, atualmente, “com o desenvolvimento dos meios de comunicação, tornaram-se absolutamente frágeis os limites que separavam o público do privado”. Knoll (2007), partindo do conceito de linguagem como prática social, ou seja, da linguagem constituinte e constitutiva da sociedade, afirma que os discursos produzidos nas práticas cotidianas, incluindo os discursos midiáticos, ajudam a construir aquilo que se consideram os gêneros sociais feminino e masculino, características, valores e comportamentos que se relacionam a um ou outro gênero, mas ainda “a mulher é silenciada na imprensa escrita, excetuando-se as revistas femininas e os encartes específicos dos jornais, dedicados à sua condição feminina” (PIRES, 1999, p. 06).

O mundo da comunicação contemporâneo é hoje, talvez o único espaço sem fronteiras e a circulação de imagens e representações sociais é virtualmente sem limites; as matrizes de inteligibilidade partilhadas e veiculadas pela mídia atualizam, das profundezas da memória discursiva, imagens estereotipadas do feminino e do masculino, mas não apenas em um espaço cultural definido. (SWAIN, 2001, p. 20)

---

<sup>32</sup> Trad. minha.

Swain (*id.*) avança a hipótese de que o feminismo hoje se encontra desdobrado em teorias que apontam para a multiplicidade da condição feminina, mas a mídia do mundo globalizado continua a homogeneizar essa condição, tentando recuperar a imagem do que seria uma “verdadeira mulher”, o complemento do masculino, ou a “costela de Adão reinventada”, feita para o amor, para a maternidade e para a sedução. “Verdades construídas, datadas, que circulam no social com a força da evidência, com o selo do natural e do inquestionável, quando se trata de corpos sexuados feitos mulheres” (*ibid.*, p. 33).

As tecnologias da mídia, especialmente as que dizem respeito às revistas femininas, elaboram contornos de um corpo sexuado impregnado de valores e crenças, numa infinita atualização das representações, diz a autora (*id.*, p. 41). Ela (*id.*, p. 42) acrescenta que podemos perceber no discurso da mídia uma das tecnologias de produção do corpo sexuado feminino, dentro das normas heterossexuais que instituem o binário inquestionável do sexo biológico no social, utilitário e obediente, fazendo funcionar na linguagem os mecanismos de assujeitamento à essas normas.

Ouve-se dizer que o feminismo acabou. Que tudo já foi conseguido pelas mulheres, conquistas em todos os campos do social. Apesar de evidentes modificações nas relações de gênero em alguns países do Ocidente, o que aqui se pretende analisar é a dimensão das representações sociais do feminino, constitutivas das configurações identitárias e corpóreas, já que presentes na apreensão do real. A mídia e as revistas femininas compõem um locus especial de análise da ação do discurso e das imagens, modelando corpos e assujeitando-os a uma certa representação do feminino. (SWAIN, 2001, p.11)

### 1.5.2 Estereotipia

As formalizações semânticas não espelham as formas representadas em nossa mente e, nesse ponto, Bakhtin critica Saussure e a oposição dicotômica língua/fala, definida como uma oposição entre o social e o individual, juntando-se aí a uma certa concepção estruturalista pós-saussureana, observa Amorim (2004, p. 107).

Em trabalho anterior, lembrei (TAMANINI-ADAMES, 2008, p. 167) que a questão do sentido que atribuímos às coisas do mundo remonta de Aristóteles<sup>33</sup> até, mais recentemente, Frege (1978), o qual fez uma distinção entre significado e referência no século XIX. Entretanto, só com Saussure (2001), no início do século XX, a noção de significado foi sistematizada. Embora esse autor tenha excluído o referente do conceito de signo, remetendo

---

<sup>33</sup> Cf.: ARISTOTE. **Rhétorique** (Livre 1 et 2). 2e éd. Trad. M. Dufour et A. Wartelle. Paris: Société d’Édition “Les Belles Lettres”, 1960.

a realidade para além de seu estudo, suas ideias incentivaram pesquisas no último século sobre “significado, referência e referenciação”.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure (2001, p. 80-81) postula que o sistema de signos é compartilhado por pessoas do sistema histórico-cultural, ou da instituição social. O signo linguístico, o qual para ele é a união de uma representação mental e uma imagem acústica, é arbitrário porque também é arbitrária a ligação entre essa representação mental chamada “significado” a essa imagem acústica chamada “significante”. O linguísta (*id.*, p. 83) acrescenta dizendo que o signo é arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.

Baseada em Scliar-Cabral (2002), apontei (TAMANINI-ADAMES, 2008, p. 172) que, em virtude do caráter abstrato dos conceitos, é difícil conceber como eles estarão representados na memória semântica, embora Scliar-Cabral (2002) entenda que, não obstante o significado ser um evento mental, ainda deve ser necessário especificá-lo, e a forma mais fácil seria adotar a teoria saussureana da indissolubilidade do signo linguístico, em que para cada significado (conceito) corresponderia um significante (imagem acústica). Contudo, essa teoria colocaria enormes problemas teóricos e empíricos, já que não existe uma relação unívoca entre um conceito e sua suposta representação fonêmica, seja ao aceitarmos uma representação composicional de traços semânticos, ou uma rede semântica constituída de nós, ou uma hierarquia de estereótipos.

Tradicionalmente a referência tem sido compreendida como um problema de representação do mundo, devendo as formas linguísticas selecionadas para tal fim serem avaliadas em termos de sua correspondência ou não com objetos do “mundo real” que lhes cabe espelhar, postulam Koch *et al.* (2005, p. 07). Segundo Salomão (2005, p. 165), da perspectiva reconhecida pelos trabalhos de Vygotsky e Bakhtin, linguagem e mundo estão interligados: a mente é parte do mundo, não o representando, mas agindo sobre ele, e o transformando ao transformar-se. Assim, analisada em meio às práticas sociais e às situações enunciativas, a língua deixou de ser identificada com a capacidade apenas mental, racional e intuitiva de corresponder à realidade, concluem os autores (*id.*, p. 08).

Woodward (2000, p. 17) diz que é por meio dos significados gerados pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos, posicionando-nos como sujeitos. Na verdade, de acordo com Salomão (2005, p. 162), uma vez que cada um dos sujeitos que participa de um grupo social adquire, pela aprendizagem, o conjunto de representações das experiências das gerações precedentes, na forma de um acervo de modelos

culturais, esse indivíduo passa a ter acesso a uma base de dados que seria incapaz de constituir sozinho no decurso de sua vida pessoal.

Para Vinnicombe & Singh (2002), o estereótipo constitui um conjunto de crenças, teorias e visões de um ou vários grupos sociais sobre o seu objeto de estereotipia, e tem como função formar e orientar tanto a comunicação como os comportamentos, surgindo, conforme Billigmeier (1990), como representações partilhadas que refletem e têm origem em projetos, problemas e estratégias dos grupos sociais.

Yim & Bond (2002) acrescentam que os estereótipos referem-se a percepções socialmente partilhadas de sujeitos pertencentes a grupos diferentes, as quais adquirem um caráter de rigidez e alto grau de generalização, sendo uma de suas características enquanto produtos de interação social, “precisamente, a sua irracionalidade e em grande medida invulnerabilidade mesmo face à evidência de informação disponível correta” (BILLIGMEIER, 1990, p. 474).

Para Shin & Kleiner (2001), um estereótipo tem um ponto de aplicação normalmente restrito, um forte componente afetivo e encontra-se com frequência na base de atitudes de discriminação social. Contudo, os autores (*id.*) enfatizam que essa rigidez própria do estereótipo não implica que ele comporte necessariamente uma percepção falsa da realidade. Entretanto, de qualquer modo, eles adquirem um enorme grau de estabilidade no tempo e um alto nível de convencionalidade social que os torna dificilmente alteráveis, mesmo quando os atores sociais que os detêm dispõem de ulteriores informações que invalidam o seu conteúdo. Assim, a irracionalidade do estereótipo não advém em primeiro lugar do seu conteúdo - que pode não remeter para informações falsas, apenas deficientemente processadas - mas da inflexibilidade do seu caráter, mesmo em face de eventuais evidências racionais que o contradigam.

Yim & Bond (2002) acreditam que o estereótipo é uma forma de categorização da realidade que possui uma forte coloração avaliativa e afetiva, frequentemente negativa, mas que também pode surgir com conteúdo positivo. Mas, sejam eles negativos ou positivos, os estereótipos têm como função reduzir a incerteza e organizar a realidade envolvente, tornando-se eles mesmos elementos reais constituintes desse mesmo meio.

Convivemos com clichês, fórmulas e estereótipos. Em alguns casos, trata-se mais de elementos da língua(gem). Em outros, trata-se de construtos histórico-sociais - pensam-se frequentemente os grupos humanos por meio de estereótipos, o que frequentemente condiciona discursos na política, na literatura, na publicidade, na escola, ao mesmo tempo em que é nesses lugares que eles surgem e se mantêm. As fórmulas circulam muito mais do que se imagina, talvez. E numerosos discursos se fundam em estereótipos. [...] O fenômeno sempre ocorreu, mas talvez

se tenha intensificado no mundo contemporâneo. A mídia é talvez seu principal veículo [...]. A relação entre língua, ideologia e sociedade é frequentemente de mão dupla/tripla. Um estereótipo social pode ser crucial para um texto, um texto pode seguir ou ser uma fórmula. (POSSENTI & ALKIMIN, 2008, p. 01)

Para Amossy (1991), os estereótipos são o *prêt-à-porter* do espírito: ideias pré-concebidas que cada sujeito faz de uma classe ou tipo de pessoas, representações coletivas através das quais esse sujeito apreende a realidade cotidiana e constrói as significações do mundo. De maneira recíproca, a produção cultural se nutre das imagens que circulam nessa sociedade pós-moderna assentada em um estoque pré-existente de representações coletivas, fazendo modificações necessárias e, com isso, alcançando mais ou menos sucesso. E, nesse vai-e-vem incessante, as imagens se firmam em nossa mente através de uma divulgação abundante das ideias e representações advindas da mídia.

Frege (1978) defende que a representação é historicamente determinável, mas “sentido” e “referência” estão atados à busca da verdade e, de acordo com Grillo (2003, p. 90), a distinção fregeana sentido-referência/representação pode ser equiparada com a dicotomia fato/valor ou objetividade/subjetividade. Assim, para que a objetividade dos gêneros informativos seja alcançada, a função da linguagem teria de ser primordialmente referencial e informativa, bem como concebida como um instrumento neutro de acesso ao real, conclui (*id.*, p. 99).

Entretanto, se as palavras ganham sentidos a partir dos processos interativos do qual participam, como diz Bakhtin (1997), tornando-se signos ideológicos revestidos de valores atribuídos por sujeitos na concepção dialógica, é um contra-senso falar em uma linguagem neutra, cujo sentido possa ser aferido exclusivamente pelo valor de verdade das proposições.

Se a referência de um sinal é um objeto sensorialmente perceptível, minha representação é uma imagem interna, emersa das lembranças de impressões sensíveis passadas e das atividades, internas e externas, que realizei. [...] A representação é subjetiva: a representação de um homem não é a mesma de outro. [...] A representação, por tal razão, difere essencialmente do sentido de um sinal, o qual pode ser a propriedade comum de muitos e, portanto, não é uma parte ou modo da mente individual [...] (FREGE, 1978, p. 64-65)

Do ponto de vista comportamental, a relação entre estereótipos e comportamento discriminatório nem sempre é automática, alertam Vinnicombe & Singh (2002). No caso da representação feminina, o que o estereótipo faz é criar uma imagem rígida de mulher, que não existe por si só, mas que vai sendo construída nas interações sociais a partir das representações pré-existentes e que, tornando-se uma crença, por vezes exagerada, está

associada a uma categoria dada que é aceita e partilhada socialmente por um grupo de pessoas que se identificam com tal imagem.

Resultado de contradições e ambivalências, a figura feminina é produzida na cultura de massas contemporânea como sujeito, no sentido de agente de práticas sociais, tanto quanto como objeto. O reflexo dessa ambivalência entre o moderno e o tradicional faz com que repercutam no meio social os estímulos a sugestões político-emancipacionistas, mas também os estereótipos ligados às visões mais tradicionais. (PIRES, 1999, p. 141)

Segundo Swain (2001, p. 12-13), as composições de gênero social determinam os valores e os modelos do corpo feminino, criando “paradigmas físicos, morais, mentais cujas associações tendem a homogeneizar o *ser mulher*, desenhando em múltiplos registros o perfil da verdadeira mulher”. Embora o modelo masculino também seja submetido a modelos estereotípicos de comportamento, “a hierarquia que funda sua instituição no social desnuda o solo sobre o qual se apoia a construção dos estereótipos: o exercício de um poder que se exprime em todos os níveis do social” (*ibid., id.*). Além dos papéis sociais feminino e masculino, as imagens de gênero social também constroem os corpos biológicos, não só enquanto sexo genital, mas “moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas no Ocidente” (*ibid., id.*).

A maior beleza é a do corpo livre, desinibido em seu jeito próprio de ser, gracioso porque todo ser vivo é gracioso quando não vive oprimido e com medo. É a livre expressão de nossos humores, desejos e odores; é o fim da culpa e do medo que sentimos pela nossa sensualidade natural; é a conquista do direito e da coragem a uma vida afetiva mais satisfatória; é a liberdade, a ternura e a autoconfiança que nos tornarão belas. É essa a beleza fundamental. (KEHL, 1982, p. 14-15)

### 1.5.3. Identidade

Para Possenti (2002, p. 156), o estereótipo (anteriormente visto no item 1.5.2) - construção social e imagética que representa de modo reducionista e com força frequentemente negativa um grupo social ou uma pessoa em particular - relaciona-se com a identidade no sentido dessa ser também uma representação imaginária, não sendo uma cópia do real.

Como bem diz Pires (1999, p. 128), “a memória histórico-social bakhtiniana, de natureza polifônica e coletiva, desempenha um papel fundamental na construção da identidade do sujeito, pois “buscar uma identidade é procurar elos com a história” e, conseqüentemente, essa constituição identitária subjetiva é “um movimento em direção ao



outro, um reconhecimento de si pelo outro que tanto pode ser a sociedade como a cultura, e o elo de ligação é a linguagem” (*ibid.*, p. 70).

Segundo um dos principais teóricos sobre o assunto, o norte-americano Eli Zaretsky (1994), o termo “identidade”, vindo da filosofia pós-estruturalista, refere-se a duas questões fundamentais: aquilo que dá a algo sua natureza essencial e sua continuidade, e o que faz duas coisas iguais. O conceito de identidade, então, envolve negação e diferença: algo é uma coisa e não outra. Mas o pós-estruturalismo complicou a questão da “política da identidade” ao introduzir o termo “política da diferença”, a qual se preocupa mais em subverter do que conquistar, desestabilizando identidades ao privilegiar termos como “lugares, espaços, alteridade e posições do sujeito”, em detrimento de outros tais como “grupos, direitos, valor e sociedade”, escreve Zaretsky (*id.*). A identidade social da mulher não é unitária, mas resulta de diferenças. Identidade e diferença que, para Fairclough (1997, p. 296), são dois lados da mesma moeda que representam atualmente os maiores dilemas da vida social.

Se identidades de grupo são um fato da existência social e se as possibilidades de identidades individuais repousam sobre elas tanto em sentido positivo quanto negativo, então não faz sentido tentar acabar com os grupos ou propositadamente ignorar sua existência em nome dos direitos dos indivíduos. (SCOTT, 2005, p. 29)

O fenômeno da política da identidade foi antecipado pelo movimento negro norte-americano nos anos 50 e 60 do último século. Porém, a força mais importante na redefinição da questão da identidade foi, sem dúvida, a emergência do movimento de liberação das mulheres no final dos anos 60 ao desnudar a natureza social da família, a natureza “pública” do “privado”. “A política de identidade pressupõe universalismo”, diz Zaretsky (1994); mas tanto para grupos étnicos quanto para grupos compostos por *gays*, lésbicas e mulheres, uma identidade “branca, masculina, ocidental, heterossexual e androcêntrica”, ainda funciona como uma lógica de dominação – e aqui acredito que uma identidade “jovem” também funcione.

[...] a sexualidade torna-se o eixo principal da identidade e do ser no mundo, fundamentando-se em termos de valores institucionais tais como procriação, casamento, família; a hegemonia da heterossexualidade, prática sexual entre outras, como atesta a multiplicidade de culturas, torna-se naturalizada. (SWAIN, 2001, p. 18)

Vieira (2005, p. 207) traz à tona a questão da globalização, a qual, modificando as ordens do discurso, também traz mudanças na constituição da identidade da mulher diante de novas práticas discursivas. As transformações das relações sociais dificultam a construção

identitária feminina na medida em que alteram a vida e a intimidade das pessoas, modificando-lhes o modo de ser.

As diferentes ordens do discurso, responsáveis pelas mudanças do sujeito, constituem a identidade feminina e, por estarem submissas a momentos históricos específicos, abrigam experiências particulares, emoções e vivências culturais que permitem a construção social da subjetividade da mulher. Cada época, a seu modo, influencia o sujeito na forma de pensar e de agir. (VIEIRA, 2005, p. 210)

A tecnologia e a mídia são potentes agentes fragmentadores da identidade da mulher no mundo contemporâneo. Em decorrência da nova ordem econômica, continua Vieira (*id.*, p. 208-209), os sujeitos passam por profundas transformações que implicam mudanças políticas, culturais e tecnológicas, uma vez que recebem influências, principalmente do avançado sistema de comunicação. Segundo Vieira (*id.*, p. 209), a transformação das relações sociais dificulta a definição identitária em geral e, em particular, do gênero feminino. Mesmo que as identidades estejam em contínua construção, existe um descompasso em relação a essa mudança e à evolução global. Dessas diferenças resultam dificuldades, especialmente para as mulheres, em construir uma nova identidade.

De acordo com Vieira (2005, p. 212), “o texto é o lugar privilegiado para a negociação da identidade e da diferença”. Novas identidades são construídas textualmente pelas práticas discursivas, associadas às identidades existentes, cujos limites entre vozes são redesenhados, com outras vozes somadas ao discurso, ao mesmo tempo.

Identificamos aqui o problema da construção da identidade através da designação de seu outro, problema que está sempre presente em Ciências Humanas e, principalmente, em sua escrita: as indicações de alteridade no texto – os outros integrados e os outros não aceitos, os outros citados no corpo principal do texto e os outros citados no rodapé, etc. – constituem também as fronteiras através das quais se tece a representação que faz o texto de sua própria identidade. (AMORIM, 2004, p. 39)

Vieira (*id.*, p. 237) acredita que a consolidação da identidade feminina, decorrendo da construção discursiva, depende mais de influências de valorações masculinas do que femininas, e por isso devem ser mudadas as práticas discursivas masculinas a respeito da mulher, para que ela possa construir-se em outra direção.

Uma instância de interdiscursividade no discurso de gênero é a coexistência de um discurso tradicional que constitui identidades femininas na esfera privada (lar) e novos discursos de gênero que relacionam as mulheres à esfera pública (trabalho, política...). Em um estudo acerca

das propostas femininas para a Constituição brasileira de 1988, essas duas identidades são encontradas. (MAGALHÃES, 2005, p. 183-184)<sup>34</sup>

Vieira (2005, p. 213) não acredita em sujeitos completamente livres ou totalmente assujeitados, mas sim em sujeitos ativos e agentes de seus discursos que se tornam assujeitados e repetidores de discursos pré-existentes em alguns momentos, e que são, em determinados papéis, responsáveis pela constituição da identidade. Embora não existam sujeitos livres ao ponto de produzir ideias novas desvinculadas de qualquer influência ideológica, pois, ao interagir na sociedade, rendem-se às formas de pensar, comuns ao grupo social, existem sujeitos ativos que estabelecem uma negociação entre o papel de assujeitado e de livre, estabelecendo um meio-termo. Assim, cada sujeito apresentará marcas exclusivas que se incorporam a sua identidade.

Com as mudanças tecnológicas e sociais dos tempos pós-modernos, o sentido de identidade individual e social se fragmenta diariamente. Mulheres são especialmente afetadas, já que suas maneiras de ser e de se apresentar ao mundo são ameaçadas por discursos persuasivos que impõem e valorizam certos ‘estilos de vida’ enquanto desvalorizam ou excluem outros. Seus corpos se tornam um ‘lócus’ de comodificação nos discursos, da propaganda, do tratamento do corpo, nas práticas de emagrecimento, nas academias de ginástica e na cirurgia plástica. Na cultura de consumo, a mulher é constantemente ‘informada’ que deve ser eternamente jovem, magra e bonita. Ao manipular (e muita vezes mutilar) seu corpo, a mulher pós-moderna se transforma e, desta forma, medeia a relação entre a sua identidade própria e uma identidade social imposta pela sociedade de consumo. (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 59)

“A diferença sexual, em tese, depende do fato de alguém ter nascido moça ou rapaz” (VIEIRA, 2005, p. 220-221); mas, “depois que alguém nasce, começa um longo processo social de construção de identidade, cujos efeitos sobre cada indivíduo são imprevisíveis”. No caso da identidade das mulheres, são difíceis e lentas as mudanças sociais, “pois cada alteração deve desconstruir processos históricos de séculos de preconceitos e de crenças, solidamente estratificados no seio da sociedade” (*ibid.*, p. 223). Nesse caso, é pertinente dizer, com Simone de Beauvoir, que “não se nasce uma mulher”: mulher essa que, para Vieira (*id.*, p. 227), “é uma espécie de mundo em construção e mudança, cuja identidade reflete as cores da sociedade contemporânea com suas qualidades, erros, falhas e fragilidades”.

#### 1.5.4 A Identidade Feminina na Maturidade

Segundo a cartilha governamental *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* (2005, p. 08-09), em todo o mundo, a proporção de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo

---

<sup>34</sup> Trad. minha.

mais rapidamente que a de qualquer outra faixa etária. Entretanto, o envelhecimento da população, apesar de representar um trunfo da humanidade, é atualmente um dos grandes desafios, causando um aumento das demandas sociais e econômicas em todo o mundo.

Quanto às mulheres que, sempre relegadas à invisibilidade, somente no século XX começaram a mostrar a face frequentando universidades, trabalhando, e tendo controle da própria fertilidade, o desafio parece dobrar quando se pensa que a juventude, a beleza e o sexo nunca estiveram tão em evidência quanto nesse momento da cultura contemporânea ocidental. Envelhecer e perder a beleza da juventude é algo que propagadamente deve – e já pode – ser postergado.

O imaginário social de nossa cultura em relação a mulheres no climatério ou pós-menopausa está mudando. Porém, como bem nos lembra Michelle Perrot (2006, p. 42), a quarta idade ainda é feminina. As mulheres povoam as casas de repouso. A solidão das mulheres idosas, empobrecidas, com uma aposentadoria reduzida e poucos recursos, é um dos problemas de nosso tempo que sugere a ambivalência do progresso. Mas a autora (*id., id.*) diz também que a distância entre os sexos tende a reduzir-se, à medida que o modo de vida das mulheres se aproxima do modo de vida dos homens: elas fumam, bebem, trabalham, circulam, viajam como eles, vivem e morrem quase como eles.

O século XXI, então, está revelando uma humanidade com maior acesso à ciência e à informação, bem como a luta pela igualdade de direitos entre raças, minorias e sexos. A vida da mulher aproxima-se à do homem, mesmo que sua presença ainda se mostre tímida em vários setores de atividades. Mas sua imagem de objeto sexual parece permanecer, principalmente na mídia.

Perrot (*id.*, p. 48) recorda como a vida da mulher durava pouco até o século XIX: a menopausa, tão secreta quanto a puberdade, marcava o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade. Então o que dizer dessa nova mulher pós-menopausa? A indústria do consumo já está se fazendo essa pergunta há algum tempo. Existem “senhoras” que têm poder aquisitivo para viajar, comprar imóveis e carros, além de consumirem roupas e produtos de beleza. Muitas delas não compram só revistas de moda e artesanato, mas também revistas de finanças e política. E o mercado editorial está atento.

Com a liberação sexual iniciada no século passado e o aumento na expectativa de vida, a busca pela beleza eterna faz crescer o mercado estético mundial. Com isso, as “avós” já não são mais as mesmas. Existem mulheres que estão passando ou já passaram pela menopausa, com poder aquisitivo para consumir, e sem necessariamente estarem relacionadas a uma figura masculina. Isso está provocando um processo de mudança no imaginário social a partir

de referentes reais e, para Fairclough (2003a, p. 124), os discursos não somente representam o mundo: eles também projetam mundos possíveis, podendo estar ligados a projetos de mudança da realidade.

O ideal de objetividade na mídia, que se revela predominantemente autoritário, não é buscado apenas pela agência produtora de notícias, mas também é resultado das expectativas dos leitores.

Basta olhar para a televisão ou qualquer outra revista. A cada hora do dia toda mulher é bombardeada pela visão de jovens esguias tentando vender este sabão ou aquele cigarro que a fará jovem para sempre. Tudo, desde a moda até a filosofia de vida está baseado na magreza e na juventude da mulher. Paira no ar a convicção de que a vida só vale a pena ser vivida se a mulher for jovem e magra. Evidentemente, nenhuma mulher pode pensar que permanecerá com vinte anos para sempre, mas 'se eu ficar magra e puser bastante maquiagem, posso ao menos parecer mais jovem'. Passa então, a sofrer as torturas diárias de um regime para emagrecer, esperando, secretamente, competir com moças dez, quinze anos mais novas ou até, eventualmente, com a própria filha. E, como a maior parte das mulheres não consegue manter eternamente um peso reduzido, conforme vão atingindo uma idade maior, vão também perdendo o interesse pela vida e pelo sexo, param de fazer regimes, desleixam a aparência, engordam, desistem, justamente quando poderiam gozar de todos os prazeres da vida com mais maturidade e, portanto, muito mais intensamente do que os jovens. (MURARO, 1971, p. 70)

Segundo Castro (1995/1996, p. 116), nos anos 70, até mesmo em publicações femininas de prestígio, havia uma regra tácita que dizia para as mulheres que lutavam por seus direitos trazerem ao rosto uma “expressão de mulher madura, forte e que faz de sua vida uma luta”. Ou seja, beleza e juventude feminina não significavam necessariamente inteligência e seriedade. “Se Muraro não chega a fazer um elogio do excesso de peso, pelo menos diz que estar fora dos padrões estéticos oficiais tem a sedução de um ato essencialmente subversivo”, completa Castro (*id.*, p. 119).

Hoje, para que a mulher seja ao mesmo tempo 'moderna' (ativa, independente, trabalhadora, etc.) e atraente dentro dos mesmos padrões de boneca de luxo de antigamente, precisa consumir muito mais. Civilização avançada é isso aí. A indústria dos bens supérfluos nos oferece cotidianamente uma tecnologia que nos convida a intervir sobre o corpo de modo a esconder sua condição de estar vivo, para exibir apenas sua potencialidade como depositário do desejo do outro. O outro, a quem nosso corpo não deve incomodar, cheirar, melar, molhar, revelar-se. O outro que não aceita nosso corpo caso ele envelhecer, engordar, perder a consistência "pneumática", empalidecer, engravidar... (KEHL, 1982, p.14-15)

De acordo com dados do *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE* (2004), ao longo do século XX, a expectativa de vida das mulheres brasileiras aumentou perceptivelmente entre os anos de 1910 (34,6 anos) e 1990 (69,1 anos) e, em 2000, já era de 72,6 anos. Há, então, conseqüentemente, um número crescente de mulheres no climatério.

Oliveira *et al.* (2008, p. 43) escrevem que o termo “climatério” deriva da palavra grega *climakter*, que significa “ponto crítico da vida humana”. Caracteriza-se como a fase de

evolução biológica da mulher, com a transição do período reprodutivo para o não-reprodutivo, que o Ministério da Saúde, no *Manual da Assistência ao Climatério*, preconiza que esteja compreendido em torno de 25 anos: ou seja, dos 40 aos 65 anos (BRASIL, 1994). Já a popular “menopausa“, continuam Oliveira *et al.* (2008, p. 43), que também se origina do grego, resulta da união das palavras “mês” e “interrupção”, e é um processo específico que consiste na parada permanente da menstruação em função da perda da atividade folicular ovariana.

A culturalmente estabelecida associação de sexo com reprodução, dizem os autores (*id.*, p. 47), cria no imaginário feminino a ideia de que, com a menopausa, a mulher não precisa mais dar voz às suas necessidades sexuais, pois sua função enquanto procriadora está cumprida. Mas não apenas se coloca em questão a maternidade com a menopausa, são todos os papéis culturalmente atribuídos à mulher, dizem Carvalho & Coelho (2006, p. 114).

Envelhecer implica enfrentar uma série de perdas reais e simbólicas. A mulher, com o término de sua capacidade reprodutiva, configurada pela menopausa, tende a se perceber entre dois momentos socialmente antagônicos: a juventude e a velhice. No entanto, se a jovem é exaltada, a mulher idosa, parafraseando Simone de Beauvoir, é sempre a outra. [...] No Brasil, parece ser precária a quantidade de serviços na rede pública de saúde e de estudos destinados à menopausa e à maturidade, o que contribui para uma visão estereotipada das dificuldades que as mulheres enfrentam nessa etapa da vida. (CARVALHO & COELHO, 2006, p. 113)

Analisando determinantes sociais presentes no climatério, Mendonça (2004, p.159) afirma que a imagem do “ser mulher”, construída a partir de estereótipos sedimentados na beleza, na juventude, na fertilidade, atinge profundamente sua identidade. O advento da menopausa afeta negativamente a construção da autoimagem feminina, marcando decisivamente a concepção do envelhecer da mulher, seja associando o início do envelhecer a ela, seja apelando para a tecnologia para tentar apagar os primeiros sinais físicos da idade e retardar o envelhecimento. Nesse sentido, Oliveira *et al.* (2008, p. 48) advertem que a eterna juventude é almejada a preços altos, tanto por meio de procedimentos estéticos, quanto pelo sofrimento da não aceitação da imagem de si por parte daquela maioria da população brasileira não privilegiada economicamente. O envelhecimento, então, não é determinado apenas pela cronologia biológica, mas também pela condição sócio-econômica e singularidade das histórias de vida das mulheres, dizem Carvalho & Coelho (2006, p. 117).

O fantasma da velhice aparece como uma advertência para as mulheres que não seguem os recursos médico-cosmetologistas. Vemos assim, nestas superfícies discursivas, a medicalização dos corpos, a criação de um novo invólucro, de uma nova categoria: as mulheres na menopausa. Vaginas desérticas, ossos quebradiços, desejo esquecido, o discurso médico generaliza e cria a menopausa como um castigo, num corpo envelhecido, caminho de todas, se... não seguirem a hormonoterapia, os cuidados com a pele e os cabelos, a ginástica, a dieta. (SWAIN, 2001, p. 37)

Além disso, segundo Carvalho & Coelho (2006, p. 114), ainda é comum se detectar na mídia uma “discriminação implícita pela propagação de uma visão negativa da mulher que envelhece”. Elas (*id.*, p. 117-118) concordam que a violência exercida por discursos de exaltação da juventude supõe um modelo de desvalorização do envelhecer, como se não pudesse mais existir o desejo nem o acesso a direitos elementares. Essas autoras (2005, p. 231) bem lembram do dito popular, o qual diz que “falar sobre a depressão na mulher é um pleonasmo”, embora essa queixa depressiva pareça ter articulações com a transição marcada por estereótipos que refletem uma desvalorização do envelhecimento feminino pelo qual está passando, concluem Carvalho & Coelho (2006, p. 120).

Cancellata & Abrão (2005, p. 157), analisando mulheres na faixa etária de 40 a 48 anos, observaram que elas traziam em seu discursos “o traço de uma geração de mulheres socialmente impedidas de fazer e de realizar os próprios projetos”; mulheres que pertenceram à geração que “experimentou as consequências de uma das mais profundas mudanças de comportamento já ocorridas no universo feminino”, no cerne de uma revolução sexual, bem como passou por mudanças bruscas tanto na maneira de ver a vida quanto no exercício da sua cidadania. Oliveira *et al.* (2008, p. 48) percebem nessa mulher certo estranhamento em relação a si mesma nessa etapa da vida chamada climatério, mas a qual também proporciona o esboço de uma “nova identidade, antes não reconhecida e, muitas vezes, não compreendida pela mulher nem por aqueles que com ela convivem”.

## 2 METODOLOGIA, *CORPUS* E MULHER “MADURA”

[...] há em sua cozinha todo um potencial de pães a serem produzidos, mas lá, na cozinha, reduzem-se apenas à farinha, ou seja, a farinha é todo o potencial de significado que, ao ser manuseado pelos profissionais, transformar-se-á em bolos, pães, brioche, croissants, biscoitos, roscas, pães de queijo, e toda a gama de espécies que podem ser produzidas, de acordo com o contexto de situação daquela padaria. Logo, essas diferentes espécies de pães são ‘textos’ instanciados a partir da farinha: a farinha é o sistema, o pão é o texto. A influência do contexto, ainda, vai definir a que gênero o pão-texto pertence, pois, para a mesma ocorrência temos, em diferentes contextos de situação, diferentes tipos de pão, inclusive com nomes distintos em contextos variados.

(Orlando Vian Junior)<sup>35</sup>

A metodologia dessa pesquisa tem a pretensão de ser polifônica por estar aberta a vozes sistemáticas, vozes críticas e vozes dialógicas que recuperam sujeitos históricos através de enunciados.

Wodak (2004, p. 232), numa visão panorâmica do desenvolvimento da tradição crítica na análise do discurso, menciona o uso da linguística hallidayana, da sociolinguística de Bernstein, e também do trabalho de críticos literários e de filósofos como Foucault, Habermas e Bakhtin, e apoia a sugestão de outros linguistas críticos que acreditam que as relações entre a linguagem e a sociedade são tão complexas que é necessário adotar um foco interdisciplinar de pesquisa.

Desse modo, combinando a ACD (*vide* item 1.1), a ADD (*vide* item 1.2) e a LSF (*vide* em 1.3), dentro da Teoria dos Gêneros do Discurso (*vide* item 1.4), analiso um exemplar do gênero reportagem<sup>36</sup> (*vide* item 1.4.2) representativo para os estudos de gênero social (*vide* item 1.5), especificamente para a verificação de como a presença de estereótipos (*vide* item 1.5.2) nas vozes da mídia (*vide* item 1.4.1) afeta a construção de identidades (*vide* item 1.5.3) no gênero social feminino na maturidade (*vide* item 1.5.4), conforme o exposto a seguir.

---

<sup>35</sup> (VIAN JUNIOR, 2009, p. 110).

<sup>36</sup> A opção por um *corpus* de apenas uma reportagem foi sugerida pela Professora Nina Célia de Almeida Barros, arguidora quando da *Qualificação de Mestrado* dessa autora em 06/07/2009, pela representatividade da mesma em relação às questões propostas aqui.



## 2.1 Estudo Contextual e Linguístico

Embasado pela abordagem funcional, esse estudo analítico insere-se em uma perspectiva polifônica de análise discursiva que parte do contexto e segue em direção ao texto, adotando-se uma visão interfocal que inclui simultaneamente o discurso e a ideologia e a lexicogramática que os constitui.

A partir da “Composição da Rede Sistêmica” que divide a linguagem em dois sistemas, o “Sistema de Dados do Contexto Social” e o “Sistema Linguístico”, a metodologia combina vertentes sociais de estudos da linguagem com enquadres teóricos convergentes das relações entre contexto e texto: a ACD, que aborda a sociedade em relação dialética com práticas discursivas (autores inspirados na teoria crítica de Fairclough - *vide* item 1.1); a ADD, em que o gênero discursivo é considerado enquanto prática sócio-ideologicamente situada (autores inspirados no princípio dialógico de Bakhtin - *vide* item 1.2); e LSF, em que o gênero discursivo é constituído na dimensão semiótica da interação social (autores inspirados na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Martin - *vide* item 1.3).

### 2.1.1 Análise Sistêmica

Devido à adesão à metodologia sociológica de Bakhtin (2006, p. 127), inicio pelo estudo do contexto – demarcado no item 1.5 – para posteriormente chegar à base linguística – “[...] A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual”. - requerida também por Fairclough e Halliday.

A partir do “Sistema de Dados do Contexto Social”, começo essa análise qualitativa estudando os significados do contexto expressos pelas formas da linguagem, ou seja, pelas escolhas dos falantes nas variáveis contextuais Campo, Relações e Modo. No que concerne ao Campo, considera-se a natureza da prática social, o que está sendo promovido e com quais propósitos naquela situação de uso da linguagem; sobre as Relações, evocam-se os papéis dos participantes da atividade social e a conexão entre eles, quem são os participantes, e qual sua distância social; o Modo refere-se ao modo simbólico e aos canais retóricos que são adotados para a transmissão da mensagem.

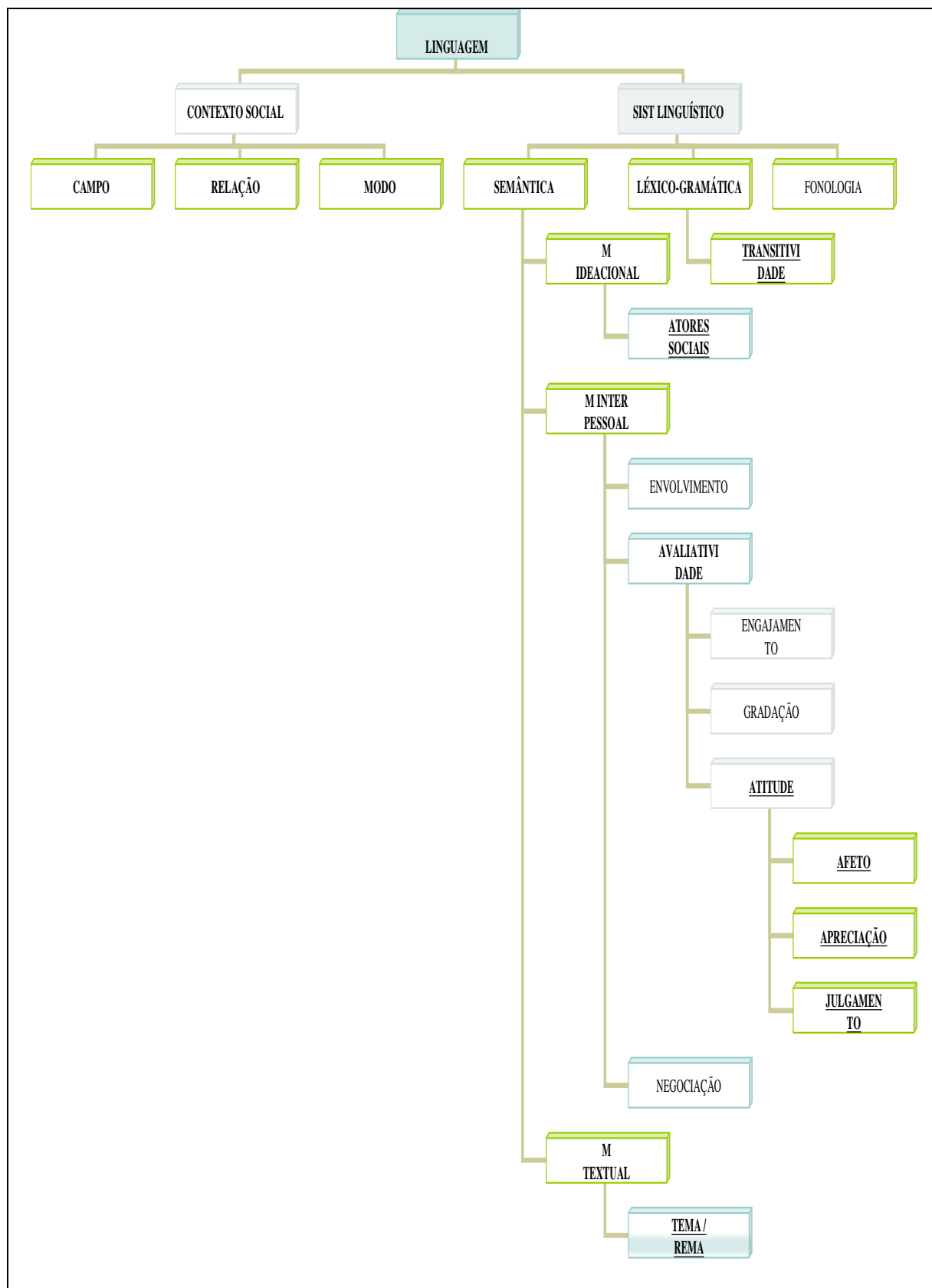
A partir do “Sistema Linguístico”, dentro do Subsistema Semântico (*vide* item 1.3.3), estudo:

a) a metafunção ideacional (*vide* item 1.3.3.1), a qual deve expressar o conteúdo do texto através das escolhas feitas por seu autor - e que Fairclough (2001, 2003a) relaciona a significados representacionais (*vide* item 1.3.1) ou “sistemas de conhecimento e crença” (FIGUEIREDO & MORITZ, 2008, p. 57) -, com base em van Leeuwen (1997), identificando como os principais atores sociais estão representados – incluídos e/ou excluídos;

b) a metafunção interpessoal (*vide* item 1.3.3.2), a qual deve expressar a maneira como o autor do texto usa a linguagem para interagir socialmente, posicionando-se em relação ao seu leitor - e que Fairclough (2001, 2003a) relaciona a significados acionais/relacionais e identitários (*vide* item 1.3.1) “relativos às formas de ser, às identidades sociais construídas pelos textos” (Figueiredo & Moritz, 2008, p. 56) -, com base em White (2004) e Martin & White (2005), para, através da Teoria da Avaliatividade, identificar caracteres avaliativos atitudinais de Afeto, Apreciação e Julgamento (*vide* item 1.3.3.2.1);

c) a metafunção textual (*vide* item 1.3.3.3), com base em Halliday (2004), relacionando aspectos semânticos e gramaticais, e identificando, a partir da organização das orações baseada nas estruturas de Tema e Rema, relativas regularidades que o processo de auscultação crítica, dialógico e polifônico deve trazer à tona.

Por fim, a partir do “Sistema Linguístico”, dentro do Subsistema Léxico-Gramatical (*vide* item 1.3.4), o qual está condicionado às escolhas do Subsistema Semântico, e organizado, entre outros, pelo Sistema de Transitividade, verifico escolhas léxico-gramaticais de Processos Verbais de Transitividade presentes no texto, bem como, com base em Cunha & Souza (2007) e Halliday (2004), identifico suas circunstâncias e participantes - FIGURA 7.



**FIGURA 7: Composição da Rede Sistêmica - adaptado de Almeida (2002)<sup>37</sup>.**

<sup>37</sup> O termo *Valoração* foi substituído por *Avaliatividade* por razões expostas nos itens 1.4.2 e 1.4.3.1.2.

### 2.1.2 Análise Dialógica

Baseada nas reflexões da ADD (*vide* item 1.2), a qual, segundo Rodrigues (2008, p. 69-70), não possui categorias prévias estabelecidas para classificar os dados, mas pressupostos metodológicos e teóricos de análise que trazem à tona relativas regularidades, realizo um estudo metalinguístico (*vide* item 1.2.3) do texto, considerando:

a) o discurso bivocal, pois “o extraverbal não é a causa exterior do enunciado e sim um constituinte necessário de sua estrutura semântica”, conforme Amorim (2004, p. 107); então, essa análise deve revelar também a maneira como as vozes de outrem se misturam com a voz do sujeito no enunciado;

b) as vozes valorativas presentes também em outras reportagens da mesma instituição midiática que veicula o *corpus* da presente pesquisa, partindo do dialogismo de Bakhtin, que diz que “todo enunciado é dialógico e constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (FIORIN, 2006, p. 24), a fim de verificar o processo de mudança do imaginário social em relação ao estereótipo da atual mulher madura e a construção identitária dessa mulher através das vozes da sociedade refletidas e refratadas na mídia.

### 2.1.3 Análise Crítica

Lazar (2005, p. 05) entende que uma analista crítica e feminista do discurso deve estar comprometida em analisar discursos que sustentam uma ordem social patriarcal, ou seja, relações de poder que sistematicamente privilegiam os homens como grupo social e excluem e enfraquecem as mulheres como tal. Sendo a ACD parte de uma ciência social crítica e emancipatória comprometida com uma ordem social mais justa através de uma crítica do discurso, começo a parte final da análise pela identificação do tipo da reportagem, baseada em Bonini (2009, no prelo, p. 28, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008).

Finalmente, sigo o “Modelo Analítico de Fairclough” (2003b, p.184) para resumir a investigação das relações existentes entre os eventos sociais, as práticas sociais e as estruturas sociais, baseada nos resultados obtidos nas etapas analíticas anteriores, que inclui:

1º focalizar um problema social e seu aspecto semiótico;

2º identificar seus obstáculos para poder abordá-los, seja através da análise da rede de práticas nas quais estão localizados, seja através da relação semiótica que eles mantêm com outros elementos da(s) prática(s) social (ais) onde se inserem no discurso (isto é, da própria semiose), o que inclui a análise linguística anterior;

3º considerar se a ordem social (a rede de práticas) depende desse problema para existir;

4º identificar as possíveis formas de superar os obstáculos;

5º refletir criticamente sobre a análise.

## 2.2 Revista *Veja*

Para Caldas-Coulthard (2005, p. 121-122), atualmente muitas revistas para mulheres têm sido objeto de análise crítica sociológica e cultural. Sendo uma constante na vida de muitas pessoas, como qualquer objeto de cultura de massa, elas desempenham importante papel na manutenção de valores culturais, construindo uma “leitora ideal que é, ao mesmo tempo, produzida e *aprisionada* pelo texto”. Segundo a autora (*id.*, p. 122-123), essas revistas são “aparentemente avançadas” mas, na verdade, só fazem reafirmar uma visão tradicional do que seria o papel da mulher na sociedade.

Aqui o *corpus* selecionado para a análise é composto por uma reportagem oriunda da revista *Veja* (2008c). Essa publicação foi especialmente escolhida porque, além de ter uma representativa tiragem semanal, justamente destina-se ao público em geral, e não somente às mulheres, conferindo assim uma maior amplitude de vozes de leitores-alvo presente no texto. Acredito que, assim, essa publicação possa refletir de forma mais evidente o pensamento de parte da sociedade brasileira contemporânea acerca de mudanças que possam estar ou não ocorrendo nos estereótipos femininos e como isso está afetando a identidade da mulher na maturidade.

Com relação à Revista *Veja*, Pereira Jr. & Müller (1998)<sup>38</sup> demonstram, após um estudo sobre as conotações ideológicas da expressão “acadêmico”, que os veículos de comunicação de massa ocupam um lugar central na construção da sociabilidade, frisando que as revistas semanais desempenham um papel extremamente importante na compreensão do mundo. Para os autores, as relações do homem com o mundo são cada vez mais construídas por esses veículos, pois são utilizados para fins informativos, para entretenimento e, inclusive, para organização da vida. Entretanto, os autores chamam a atenção para o fato de que, ao passarem informação, esses veículos estariam contribuindo para a visão de mundo que as pessoas têm da sociedade. (CARMO, 2005, p. 110)

---

<sup>38</sup> Cf.: PEREIRA JR, A. E. V.; MÜLLER, K. M. Conotações ideológicas da expressão “acadêmico” na revista *Veja*. **Áquila**. Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 3, p. 41-59, jan./jun.1998.

De acordo com Silva (2007b), o texto de uma revista semanal é mais investigativo, interpretativo e mais criativo, porém menos objetivo. Na revista semanal, a construção das frases é mais complexa, pois o texto precisa ter ecos e ressonâncias, podendo fazer com que cada frase se torne um território minado, sujeito a interpretações, sem que se diga que “algo está escrito nas entrelinhas”, conclui (*id.*).

[...] a revista passou por sérias mudanças de perfil nos últimos anos, deixando a condição de magazine de cobertura “objetiva” de grandes eventos e passando a trabalhar na maior parte de suas reportagens com elementos claramente opinativos. No dizer de Coimbra<sup>39</sup>: “A *Veja* parece preocupada mais em provar seu ponto de vista do que em contar o que está acontecendo”. (SILVA, 2007b, p. 74)

*Veja* é uma revista semanal brasileira publicada pela Editora Abril desde 1968. Atualmente, com uma tiragem superior a um milhão de exemplares, é a revista de maior circulação no Brasil e a quarta maior revista semanal do mundo, superada apenas pelas norte-americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News & World Report*. Aborda temas a respeito do cotidiano da sociedade brasileira e mundial, como política, economia, cultura, comportamento e guerras, bem como conflitos e negociações diplomáticas. Seus textos são elaborados em sua maior parte por jornalistas, porém, nem todas as seções são assinadas. Trata também temas como tecnologia, ecologia e religião. Possui seções fixas sobre cinema, literatura, música e guias práticos sobre assuntos diversos<sup>40</sup>.

Conforme Jornada (2009, p. 17-18), foram confirmados, via *email*, dados com a equipe editorial, tais como a média semanal de 7.500.000 leitores, bem como a associação de sua “missão à insistência na necessidade de consertar, reformular e repensar o Brasil, existindo para que os leitores entendam melhor o mundo em que vivemos”.

### 2.3 Susana Vieira

A atriz brasileira Sônia Maria Vieira Gonçalves, mais conhecida como Susana Vieira, atualmente com 67 anos, começou na televisão Tupi, em 1960. Em 1961, Susana casou-se com o diretor Régis Cardoso e, por pressão do marido, interrompeu a carreira artística para ser dona-de-casa, mas voltou ao trabalho depois que nasceu seu único filho, em 1964.

<sup>39</sup> Cf.: COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo, SP: Ática, 1993.

<sup>40</sup> Fonte: **Wikipédia** (s/d). Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Veja>>. Acesso em 05/06/2009.

Em 1972 Susana divorciou-se de Régis. No ano de 1975, já na *Rede Globo*, ganhou o seu primeiro troféu como melhor atriz, embora somente em 1976 tenha feito seu primeiro papel como protagonista de telenovela na emissora, em *Anjo Mau*. Em 1981 posou nua para a extinta *Status Plus*, e em 1985, aos 43 anos, posou para a mundialmente conhecida revista masculina *Playboy*. Em 1986 casou-se com Carson Gardezabal, de quem se separou em 2003. Recebeu, em 2002, uma homenagem especial durante a entrega do *Prêmio Austragésilo de Athayde*, oferecido pela *Academia Brasileira de Letras* – ABL.

No dia 30 de setembro de 2006 Susana Vieira casou-se com o então policial militar Marcelo Silva, 28 anos mais jovem, entretanto, em 10 de novembro de 2008, ela mesma põe fim ao casamento, após descobrir que o marido tinha uma amante bem mais jovem do que ela, Fernanda Cunha. Marcelo foi encontrado morto em 11 de dezembro de 2008, no Rio de Janeiro, por overdose de cocaína, um mês após a separação. Atualmente Susana namora Sandro Pedrosa, de 25 anos de idade. A atriz é ainda avó de dois meninos. Se dizendo uma católica devota, sempre declarou que gostava de homens bem mais novos.

Ultimamente Susana se envolveu em escândalos como os de fotos adulteradas por programas de computador para dar-lhe uma aparência mais jovem e participou recentemente da minissérie *Cinquentinha*, na *Rede Globo*, no papel de Lara Romero, a protagonista central.<sup>41</sup> Em entrevista à revista *Veja* (2009)<sup>42</sup>, a atriz diz “não estar nem aí para preconceitos” e estar “cheia dessa história de que mulher de 60 anos tem de namorar homem de 70 e de ouvir que velha tem de arrumar garotão só para transar”.

Susana representa uma “nova mulher na maturidade”, não só pela aparência física - bem distante das avós do último século -, mas pela coragem de expor sua vida pessoal que desafia lugares-comuns ainda vigentes acerca do comportamento feminino na sociedade ocidental. Parecendo sentir-se num “alvorecer perpétuo”, bem ao contrário da personagem Norma Desmond citada no texto do *corpus*, uma atriz solitária e decadente interpretada por Gloria Swanson em *Crepúsculo dos Deuses*<sup>43</sup>, Susana afirma:

Não somos sessentões, somos estrelas: Marília Gabriela, Elba Ramalho, todo mundo que chegou lá... Em segundo lugar, minha vida não é pautada por encontrar homem. Sempre

---

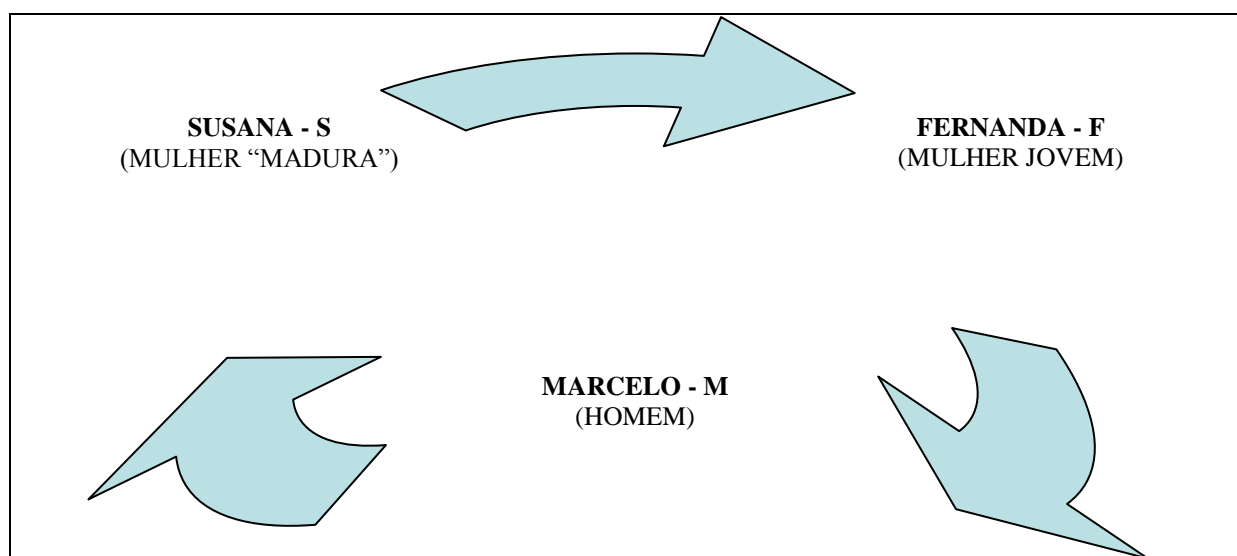
<sup>41</sup> Adaptado de: **Wikipédia**. (S/D). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Susana\\_Vieira](http://pt.wikipedia.org/wiki/Susana_Vieira)>. Acesso em 21/01/2010.

<sup>42</sup> Cf.: **Veja**. Entrevista: Susana Vieira. São Paulo, SP: Abril, ed. 2009, ano 42, n. 2, p. 11-13, 14 de janeiro de 2009.

<sup>43</sup> O filme norte-americano de 1950 *Crepúsculo dos Deuses* (*Sunset Boulevard*) é considerado uma obra-prima do diretor Billy Wilder, com 11 indicações ao *Oscar*, onde a protagonista, Gloria Swanson, parece interpretar a si mesma em final de carreira como Norma Desmond. Adaptado de: **Wikipédia**. (S/D). Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Crep%C3%BAsculo\\_dos\\_Deuses](http://pt.wikipedia.org/wiki/Crep%C3%BAsculo_dos_Deuses)>. Acesso em 25/01/2010.

gostarei de alguém, sempre beijarei e transarei. A gente tem o direito de amar quem quiser. Quem é que não gosta de homem bonito? Homem velho tem ex-mulher que vai encher a paciência e filho que vai chatear. Envelhecer deve ser horrível, mas, como não envelheço, estou ótima. (VEJA, 2009, p. 13)<sup>44</sup>

Por representarem três estereótipos distintos – MULHER JOVEM, HOMEM, MULHER “MADURA” – Fernanda Cunha (F), Marcelo Silva (M), e Susana Vieira (S), respectivamente, são os atores sociais ou “heróis” da reportagem, colocados nos vértices do que chamarei doravante de “triângulo” de análise - FIGURA 8.



**FIGURA 8: O “Triângulo”.**

A opção por não delimitar a idade de Marcelo – HOMEM – na FIGURA 8 foi proposital porque, mesmo que o atual discurso feminista reivindique a beleza madura da mulher pós-menopausa e critique os ideais de beleza da sociedade, concordo aqui com Castro (1995/1996, p. 123) quando ela observa que ainda “somente aos homens cabe o direito de serem belos enquanto jovens, charmosos enquanto maduros, interessantes enquanto velhos”. Sendo assim, acredito que o gênero social feminino é mais afetado no eixo “idade” que o masculino, conforme deve revelar a ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS – item 3 - a seguir, principalmente pelo estudo dos significados textuais representacionais – item 3.3.2 -, analisados através da maneira como estão representados esses três atores sociais por categorias sociossemânticas de “inclusão” e “exclusão” (van LEEUWEN, 1997) - item 3.1.2.1.4 – no nível ideacional, bem como pelas “vozes valorativas” – item 3.2.2 – de outras reportagens.

<sup>44</sup> Cf.: **Veja**. Entrevista: Susana Vieira. São Paulo, SP: Abril, ed. 2009, ano 42, n. 2, p. 11-13, 14 de janeiro de 2009.



### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Estou pronta para o meu close, Mr. DeMille.  
(Norma Desmond)<sup>45</sup>

Nessa seção, as análises são feitas e discutidas dialogicamente sob o ângulo de três abordagens que se interconectam e se completam de maneira polifônica e evidenciam vozes valorativas presentes no discurso midiático.

A primeira abordagem é a sistêmico-funcional hallidayana (*vide* item 1.3), na qual sistematizo as análises em torno de dois eixos: o do “Sistema de Dados do Contexto Social”, onde começo a verificação dos significados do contexto expressos nas variáveis Campo, Relações e Modo; e o do “Sistema Linguístico”, em que essas variáveis são realizadas e onde procedo uma avaliação dos resultados através do Sistema de Tema e Rema, referente à metafunção textual (*vide* item 1.3.3.3), do Sistema de Representação dos Atores Sociais proposto por van Leeuwen (1997), que corresponde à metafunção ideacional (*vide* item 1.3.3.1), e do Sistema de Avaliatividade, abordado como metafunção interpessoal (*vide* itens 1.3.3.2 e 1.3.3.2.1) no Subsistema Semântico, e, por fim, do Sistema Verbal de Transitividade no Subsistema Léxico-Gramatical (*vide* item 1.3.4).

A segunda abordagem é a dialógica bakhtiniana (*vide* item 1.2), na qual, através de um estudo metalinguístico (*vide* item 1.2.3), observo o discurso bivocal, bem como trago vozes de outras reportagens que abordam também a questão da mulher na maturidade, objeto de análise da pesquisa.

A última abordagem citada nessa seção é a ACD (*vide* item 1.1), em que identifico o tipo da reportagem e respondo ao “Modelo Analítico de Fairclough” (*vide* item 2.1.3) com base nos resultados encontrados nas etapas analíticas anteriores.

#### 3.1 Sistematização

A primeira etapa de análise é suportada pela Gramática Sistêmico-Funcional (*vide* item 1.3), a fim de organizar os resultados analíticos em torno, primeiramente, do “Sistema de

---

<sup>45</sup> Fonte: < <http://cienemasonho.blogspot.com/2009/07/crepusculo-dos-deuese-sunset-blvd.html>>.

Dados do Contexto Social” e, por fim, em torno do “Sistema Linguístico”, que se inter-relacionam (*vide* FIGURA 7- item 2.1.1).

### 3.1.1 Sistema de Dados do Contexto Social

Conforme observado no item 1.5, Swain (2001, p. 15-16) escreve que, no Ocidente, as mulheres têm sido “diabolizadas” ou “santificadas” com representações em torno do feminino. Segundo Scott (1994, p. 81-83, *apud* SIQUEIRA, 2008, p. 113), a história das mulheres tem um poder político que desafia e desestabiliza a ordem estabelecida, pois, para reivindicação desse poder, “a referência tem que parecer segura e estável” (SCOTT, 2005, p. 92). As relações entre os sexos, construídas socialmente, são processos políticos em que “vários atores e várias significações enfrentam-se para conseguir o controle” (*ibid.*, p. 93).

Os discursos midiáticos – aqui representados por reportagens da revista *Veja* - ajudam a construir aquilo que se consideram os gêneros sociais feminino e masculino, mas, de acordo com Swain (2001, p. 20), a mídia continua a homogeneizar a condição feminina, tentando recuperar o estereótipo do que seria uma “verdadeira mulher”.

Para Vinnicombe & Singh (2002), o estereótipo - conjunto de visões de um ou vários grupos sociais sobre o seu objeto de estereotipia -, tem como função formar e orientar tanto a comunicação como os comportamentos e, conforme Shin & Kleiner (2001), tem um forte componente afetivo e encontra-se com frequência na base de atitudes de discriminação social. No caso da representação feminina, o estereótipo pode criar uma imagem rígida de mulher, que vai sendo construída nas interações sociais a partir de representações pré-existentes.

Figueiredo & Moritz (2008, p. 59) acreditam que o sentido de identidade individual e social se fragmenta continuamente nesses “tempos pós-modernos”, afetando principalmente as mulheres através de discursos que “valorizam certos ‘estilos de vida’ enquanto desvalorizam ou excluem outros”. Assim, como escreve Mendonça (2004, p.159), mulheres pós-menopausa ainda são afetadas negativamente quando da construção da sua autoimagem. Aqui, a atriz Susana Vieira foi escolhida para representar a mulher pós-menopausa atual.

Nessa pesquisa, uma das formas de realizar uma avaliação contextual foi considerar as três variáveis que, de acordo com Halliday (1989, 2004) – autor que entende o texto como uma unidade semântica dependente de elementos textuais e extratextuais –, definem o contexto de situação: Campo, Relação e Modo (*vide* QUADRO 1 - item 1.3).

#### 3.1.1.1 Campo

Nessa variável, deve-se considerar “a natureza da prática social”, relacionando-se as escolhas léxico-gramaticais dos interlocutores em nível ideacional (*vide* itens 1.3.3.1 e 3.1.2.1.4). No texto analisado (*vide* ANEXO 1), percebe-se a representação discursiva de uma instituição midiática - revista *Veja* – representada por um(a) jornalista – o texto não informa sua autoria – acerca de três estereótipos distintos: Fernanda – *a outra* -, Marcelo – *no vigor de seus 38 anos* -, e Susana – *que vem casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos* – (*vide* QUADRO 10). Sob o pretexto de reportar a notícia da morte trágica de Marcelo em companhia da nova namorada Fernanda, ex-marido de Susana, está presente na reportagem principalmente uma representação discursiva que inclui avaliativamente uma retrospectiva sobre a história de mulheres mais velhas e de sucesso profissional e seus relacionamentos amorosos - há um “quadro adicional” à reportagem sobre essa questão: *Mulher bonita, rica e poderosa procura...*

### 3.1.1.2 Relações

Na variável de relações, considera-se os “papéis dos participantes da situação e a conexão entre eles”, e relaciona-se com a metafunção interpessoal (*vide* itens 1.3.3.2 e 3.1.2.2) e com a maneira como os interlocutores usam a linguagem para interagir socialmente. Nesse texto, as relações se dão dialogicamente entre o leitor e o(a) jornalista, o(a) qual faz uso de várias categorias avaliativas para referir-se aos atores sociais citados na reportagem, tais como: *bela* (Fernanda), *físico de atleta* (Marcelo) e *aparência jovial ajudada pelas plásticas de costume* (Susana) – (*vide* QUADRO 11).

### 3.1.1.3 Modo

O modo adotado para a transmissão da mensagem relaciona-se diretamente à metafunção textual (*vide* itens 1.3.3.3 e 3.1.2.1.1) e aos aspectos semânticos e gramaticais do texto. Apesar de eu considerar que todos os textos são multimodais, o modo aqui analisado é somente o escrito - apesar da reportagem apresentar várias imagens, essas não são analisadas.

## 3.1.2 Sistema Linguístico

Em acordância com Vian Junior (2009, p. 109), o qual escreve que a linguagem “realiza” o contexto e o texto “instancia” o sistema (*vide* item 1.3.2), divido essa etapa analítica em duas partes.

Na primeira parte, que chamo de “Avaliação do Texto”, a partir da divisão das orações através do Sistema de Tema e Rema (*vide* item 1.3.3.3), verifico os Processos Verbais de Transitividade (*vide* item 1.3.4), como os atores sociais do “triângulo” estão incluídos ou excluídos (*vide* item 1.3.3.1), bem como identifico a presença no texto de discurso citado (citações, relatos e discursos híbridos) numa antecipação ao discurso bivocal (*vide* item 1.2.3) observado posteriormente no item 3.2.1.

Na segunda parte, que chamo de “Avaliatividade do Sistema”, aponto caracteres avaliativos atitudinais de Afeto, Julgamento e Apreciação (*vide* item 1.3.3.2.1). Isso se faz por concordar com o fato de que o processamento da avaliação do texto poder ser feito também a partir da avaliatividade do sistema (*vide* FIGURA 3 – item 1.3), cujos índices avaliativos não estão em um universo textual, mas vão além disso, para um universo extra-textual, em um processo dialético em nível semântico-discursivo, e aproximando as abordagens sistêmico-funcional e dialógica.

### 3.1.2.1 Sistema Linguístico - Avaliação do Texto<sup>46</sup>

#### 3.1.2.1.1 Tema

O Tema e o Rema foram verificados em todas as orações do texto (*vide* APÊNDICE 1) e os dados quantificados aparecem na TABELA 1<sup>47</sup>.

---

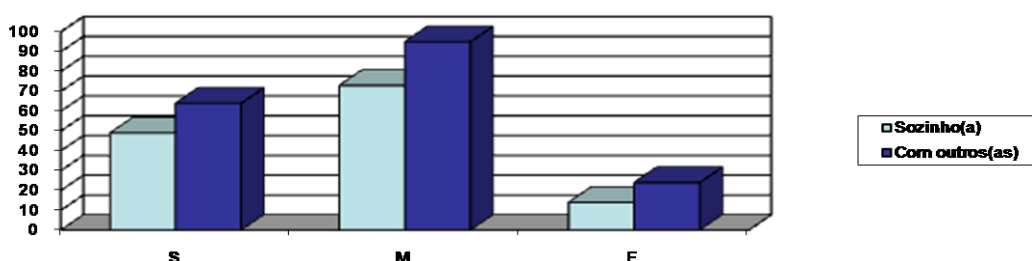
<sup>46</sup> A análise completa das orações em exemplos enumerados está no APÊNDICE 1: “Avaliação do Texto no Sistema Linguístico”.

<sup>47</sup> A presença dos três principais atores sociais no Rema não foi citada aqui por esse estar presente em todas as outras análises.

Ocorrências no Tema					
Susana	Marcelo	Fernanda	Marcelo X Susana	Marcelo X Fernanda	Susana X Marcelo X Fernanda
49	73	14	12	7	3
Ocorrências no Rema					
Susana	Marcelo	Fernanda	Marcelo X Susana	Marcelo X Fernanda	Susana X Marcelo X Fernanda
18	27	12	10	3	3

**TABELA 1: Ocorrências de Tema e Rema no “Triângulo”.**

Embora o texto analisado ser um representante do gênero discursivo reportagem, essa reportagem foi desencadeada pela “notícia” da morte por overdose de cocaína de Marcelo naquela semana da sua publicação pela revista *Veja* (2008c), confirmando a presença desse ator social em maior número no Tema e no Rema. Entretanto, apesar de Marcelo estar acompanhado de Fernanda e não de Susana – de quem já estava separado - na hora da morte, a presença da primeira no Tema é quase que irrelevante se comparada a da segunda. Além disso, na maioria das vezes em que Marcelo não está sozinho no Tema, aparece relacionado a Susana. Desde essa observação inicial, já posso constatar a grande importância temática de Susana no discurso - GRÁFICO 1.



**GRÁFICO 1: Presença do “Triângulo” no Tema.**

### 3.1.2.1.2 Processos Verbais de Transitividade

Quanto às escolhas lexicais dos Processos Verbais de Transitividade (PVT), os Processos Relacionais (PRE), de função classificatória, estão presentes em maior número em todo o texto e em relação aos três atores sociais analisados preferencialmente - TABELAS 2 e 3, GRÁFICOS 2 e 3 -, sendo esse achado condizente com o grande número de caracteres avaliativos atitudinais de julgamento e apreciação presentes na reportagem (conforme aponto no item 3.1.2.2 - QUADRO 10). Entretanto, os PRE podem ser observados mais quando o(a)

autor(a) fala de Susana, indicando uma maior avaliação dessa personagem do “triângulo” do que do personagem Marcelo, que deu origem à reportagem. Eis alguns exemplos:

**Ex. 1**<sup>48</sup>

A história	é tão antiga quanto a humanidade
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Portador:</b> a história do relacionamento amoroso entre mulheres mais velhas [ <i>Susana</i> ] e homens mais jovens [ <i>Marcelo</i> ]	
<b>Atributo:</b> tão antiga quanto a humanidade	

**Ex. 30**

Nessa narrativa tão antiga quanto a humanidade, Susana	<b>era</b> o personagem principal.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Portador:</b> Susana	
<b>Atributo:</b> personagem principal	

**Ex. 31**

e Marcelo	[ <i>era</i> ] aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo desconfia que não vai acabar bem no final.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Portador:</b> Marcelo	
<b>Atributo:</b> coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente	

**Ex. 87**

Fernanda	é uma bela nutricionista de 23 anos, filha de um médico e fazendeiro de Goiânia, que foi para o Rio fazer um curso de pós-graduação.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Portador:</b> Fernanda	
<b>Atributo:</b> bela nutricionista de 23 anos	

O número de Processos Comportamentais (PCO), ações que englobam comportamentos físicos e psicológicos realizados de forma simultânea, aproximando-se dos Processos Relacionais no caso de Marcelo, justifica-se pela reportagem decorrer da notícia recente (*vide* QUADRO 8 – item 1.4.2) da sua morte por overdose e de seus últimos e “alucinantes” dias junto a Fernanda, como em:

**Ex. 8**

[ <i>Marcelo</i> ]	<b>procurava</b> um inimigo invisível;
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>
<b>Comportante:</b> Marcelo	
<b>Fenômeno:</b> procura de um inimigo invisível	

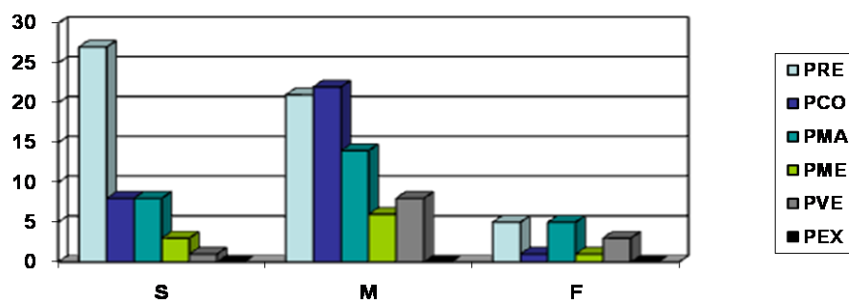
<sup>48</sup> O número dos Exemplos aparece conforme estão organizados no APÊNDICE 1.

## Ex. 9

no final, [Marcelo]	aquietou-se
T	R (PCO)
Comportante: Marcelo	
Fenômeno: ficar quieto	

PVT	Susana	Marcelo	Fernanda	Marcelo X Susana	Marcelo X Fernanda	Susana X Marcelo X Fernanda
PRE	27	21	5	6	2	1
PCO	8	22	1	0	3	0
PMA	8	14	5	0	0	1
PME	3	6	1	0	0	0
PVE	1	8	3	1	0	0
PEX	0	0	0	0	0	0

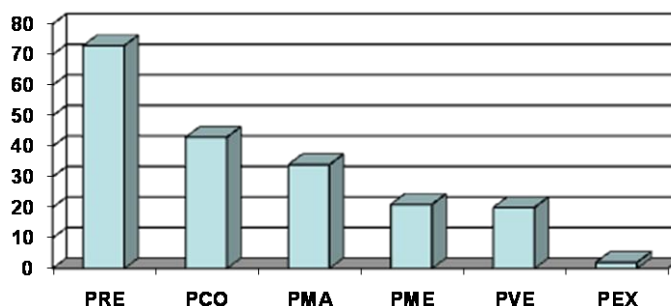
**TABELA 2: Ocorrências dos Processos Verbais de Transitividade Relacionados ao “Triângulo”.**



**GRÁFICO 2: Processos Verbais de Transitividade Relacionados ao “Triângulo”.**

PVT					
PRE	PCO	PMA	PME	PVE	PEX
73	43	34	21	20	2

**TABELA 3: Ocorrências dos Processos Verbais de Transitividade no Texto.**



**GRÁFICO 3: Processos Verbais de Transitividade.**

### 3.1.2.1.3 Discurso Citado e Transitividade Verbal

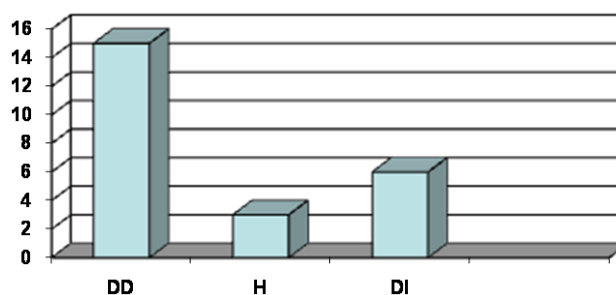
Conforme anteriormente mencionado, a citação do discurso alheio não é desinteressada e visa a fins específicos percebidos nas formas de diálogo entre o contexto transmissor e o discurso citado, segundo Bakhtin (1993, p. 140). O autor considera o discurso citado – citações, relatos ou discursos híbridos – uma forma de manifestação da polifonia, sendo, simultaneamente, “um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 147). Entretanto, nesse caso, as vozes trazidas à tona não estão em contradição ideológica com a voz do(a) autor(a) do texto. É, pois, um texto que tende à monologia e ao fechamento.

De acordo com Acosta-Pereira, “o discurso citado apresenta-se como a confluência de discursos os quais, por sua vez, se integram na construção de sentido do discurso da notícia” (ACOSTA-PEREIRA, 2008b, p. 86). O autor (*id.*, p. 85) ainda lembra que o discurso do outro, incluído na situação enunciativa, sempre se transforma em relação ao seu significado primeiro, influencia na credibilidade do texto, e produz efeitos diversos de significação no texto em que está inserido.

Por ser um texto midiático, de função informativa e persuasiva, justifica-se o grande número citações – DD -, com tendência para representar como “verdadeiras” as palavras dos interlocutores, de modo a demonstrar credibilidade no discurso - TABELA 4, GRÁFICO 4, QUADRO 9.

Citações	Relatos	Discursos Híbridos
15	6	3

**TABELA 4: Ocorrências de Citações, Relatos e Discursos Híbridos.**



**GRÁFICO 4: Citações, Discursos Híbridos e Relatos.**

Citações (15 ocorrências)	
Exs. 59-60 <sup>49</sup>	"O infarto em quem usa cocaína é diferente do habitual na meia-idade, que acontece por causa do entupimento de uma artéria do coração" (DD), explica Dartiu Xavier da Silveira, professor do Departamento de Psiquiatria da Unifesp e diretor-geral do Programa de Orientação e

<sup>49</sup> O número dos Exemplos aparece conforme estão organizados no APÊNDICE 1.



	Atendimento a Dependentes (Proad).
Exs. 61-62	"No caso da cocaína, acontece um espasmo, uma contração abrupta de artérias do coração, e o sangue deixa de circular." (DD) [ <i>explica Dartiu Xavier da Silveira</i> ]
Exs. 95-99	Antes da reconciliação com Fernanda, [ <i>Marcelo</i> ] disse que "ela foi muito fácil, esfregava na minha cara; se eu não chegasse, seria chamado de gay" (DD).
Exs. 100-104	Em relação à atriz, a crueldade [ <i>de Marcelo</i> ] foi inconsciente: "Perdi a melhor mãe que já tive" (antes) (DD). "Agradeço tudo o que a Susana fez por mim, mas as coisas têm início, meio e fim; eu e Fernanda estamos felizes" (depois) (DD).
Exs. 110-112	"Nunca aprovamos a união deles, Mas era um ser humano que estava com nossa filha" (DD), diz a mãe de Fernanda, a psicóloga Terezinha Cunha.
Exs. 113-114	"Fernanda deu sorte de não ter sido morta por ele durante o surto" (DD), afirma o irmão dela, Cristiano.
Exs. 137-143	"Ela pegou um cara do subúrbio, trouxe para a Barra da Tijuca, deu a ele uma vida deslumbrante, algo meio Disney, depois tirou. Ele não tinha base e pirou" (DD), descreve, sem meias palavras, uma pessoa que conheceu os dois.
Exs. 149-151	"Ele tinha um comportamento autodestrutivo, e os riscos de recaída eram visíveis" (DD), descreve a psiquiatra Magda Vaissman, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que cuidou de Marcelo durante três meses.
Exs. 152-153	"Ele era fascinado pela exposição em que vivia, pelo espetáculo. O que aconteceu foi uma tragédia, causada por uma doença difícil e traiçoeira." (DD) [ <i>descreve a psiquiatra Magda Vaissman</i> ]
Exs. 166-168	"Susana Vieira tem uma grande e rara comunicação com o público porque é muito forte e corajosa como mulher e como intérprete" (DD), diz o autor Silvio de Abreu.
Exs. 169-170	"O público vai sempre acompanhar seus trabalhos porque, como na vida real, Susana é muito sincera consigo mesma e não tem medo de expor suas fraquezas ou suas virtudes." (DD) [ <i>diz o autor Silvio de Abreu</i> ]
Exs. 172-173	Quando a notícia da morte de Marcelo Silva chegou, todos se lembraram da invectiva da apresentadora Ana Maria Braga, antes da tragédia: "Se você desaparecesse da face da Terra agora, seria uma coisa maravilhosa para todo mundo" (DD).
Exs. 179-182	"Ela pode escolher um mais jovem pelo puro prazer físico, um desejo respeitável, mas passível de riscos. Ou pode escolher um homem da sua idade, mas, além de raros, uma vez que também querem moças mais novas, esses homens envelheceram muito pior do que elas" (DD), diz a psicóloga Lidia Aratangy.
Exs. 191-192	"Nunca tive um homem que ganhasse mais do que eu" (DD), diz realista, Ana Maria, atualmente casada com Marcelo Frisoni.
<b>Discursos Híbridos (3 ocorrências - 2 DD + 4 DI)</b>	
Exs. 6-11	O carro onde Marcelo morreu: segundo a namorada [ <i>Fernanda</i> ] (DI), ele [ <i>Marcelo</i> ] dizia (DI) estar sendo perseguido, procurava um inimigo invisível; no final, aquietou-se e [ <i>Marcelo</i> ] disse: "Te peguei" (DD)
Exs. 40-42	Antes de morrer, no começo da manhã de quinta-feira ele se jogou no banco do carro estacionado na garagem do prédio onde morava, "como se estivesse atracado com alguém" (DD), disse a namorada, Fernanda Cunha (DI), com quem dividiu os últimos e escandalosos dias.
Exs. 44-46	"Te peguei, Te peguei", gritou [ <i>Marcelo</i> ] (DD), segundo Fernanda contou à polícia (DI).
<b>Relatos (6 ocorrências)</b>	
Exs. 14-15	Mesma praia, mulheres diferentes: Marcelo com Susana, em agosto, e com Fernanda, em novembro; enquanto o caso foi clandestino, ele [ <i>Marcelo</i> ] dizia que ia às reuniões dos Narcóticos Anônimos para se encontrar com a outra (DI)
Exs. 63-67	A jornada de Marcelo rumo a esse espasmo fatal começou no início da tarde de quarta-feira, quando comprou cocaína de ex-colegas de farda num estacionamento no centro do Rio de Janeiro. Foi o que disse Fernanda (DI), segundo o depoimento no qual ela aparece dormindo em diversos e convenientes momentos – no caso, só aparece dormindo a tempo de vê-lo conversando com dois policiais ao lado de um carro da PM.
Exs. 69-72	No começo da noite, Fernanda conta (DI) ter presenciado o comportamento transtornado pela primeira vez. Ele [ <i>Marcelo</i> ] dizia (DI) estar sendo perseguido, falava sozinho, olhava nos cantos do quarto.
Ex. 76	Às 4h30 da madrugada, segundo as contas de Fernanda (DI), voltaram para o apart-hotel onde moravam havia um mês, na Barra da Tijuca.
Exs. 134-135	É impossível que uma mulher como Susana não soubesse das trocas presentes nesse tipo de

	relação, mesmo se sentindo desejada e amada de verdade, como testemunham amigos que acompanharam o envolvimento <b>(DI)</b> .
--	---

**QUADRO 9: Citações, Discursos Híbridos e Relatos.**

Halliday (*id.*, p. 443) aponta três modos de diferenciação dos níveis de projeção: 1º o nível - ideia *versus* locução; 2º o modo – que indica se a projeção é um relato (DI) ou uma citação (DD) -; e, 3º a função discursiva - que indica se o conteúdo do que é projetado é uma asserção ou uma proposta.

Quanto à função discursiva, o modo de projeção em relato é considerado um Processo Mental (PME) que representa um significado ou uma ideia em modo hipotático, limitando-se a asserções e propostas - a oração que projeta contém um verbo de Processo Mental. O modo de projeção em citação é um Processo Verbal que representa uma locução e permite uma grande variedade de formas a serem projetadas, desde asserções e propostas até exclamações e saudações, segundo Halliday (*id.*, p. 448-449). Entretanto, pode haver uma representação hipotática de um Processo Verbal, mas nesse caso não devemos esquecer que nos Discursos Indiretos o que é reportado não é necessariamente o que foi realmente dito, pois a perspectiva da oração projetada é a do autor do texto. Na citação paratática, a perspectiva central da oração projetada é aquela marcada pela pessoa que pronunciou aquelas palavras, lembra Halliday (*id.*, p. 452-453).

Considera-se, então, que a presença do relato no texto faz parte também de Processos Mentais do(a) autor(a), que refletem principalmente sua opinião pessoal e/ou da instituição jornalística que representa (*vide* QUADRO 9 – anterior - e item 3.2.1), podemos afirmar que esses PME permeiam quase que sublimarmente toda extensão da reportagem (*vide* Exs. 23, 25, 26, 32, 33, 35, 43, 73, 89, 102, 110, 134, 135, 136, 158, 159, 163, 171, 172, 174, e 186 – APÊNDICE 1).

Nesse caso, a escolha léxico-gramatical dos Processos Verbais de Transitividade justifica-se também através da análise semântica em nível de metafunção ideacional, como em:

**Ex. 25<sup>50</sup>**

É por isso que o público	a <b>ama</b> ,
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>
<b>Experienciador:</b> público	
<b>Fenômeno:</b> amor à Susana	

<sup>50</sup> O número dos Exemplos aparece conforme estão organizados no APÊNDICE 1.

**Ex. 43**

Nos momentos derradeiros,	<b>imaginava</b> ter finalmente agarrado o algoz imaginário, o fantasma que o perseguia.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>
<b>Experienciador:</b> Marcelo <b>Fenômeno:</b> imaginação de agarrar o algoz imaginário	

**Ex. 136**

E é impossível que ele	não <b>se deslumbrasse</b> com a nova vida, de súbita notoriedade e múltiplas benesses.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>
<b>Experienciador:</b> Marcelo <b>Fenômeno:</b> deslumbramento com a nova vida	

**Ex. 158**

Os probos e sérios	<b>riram-se</b> do mau gosto dele e do pouco juízo dela.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>
<b>Experienciador:</b> probos e sérios <b>Fenômeno:</b> riso do mau gosto de Marcelo e do pouco juízo de Susana	

**Ex. 163**

e não é preciso nem falar mais nada	para <b>saber</b> o que acontece.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>
<b>Experienciador:</b> [?] <b>Fenômeno:</b> ciência do que acontece quando uma mulher mais velha se envolve com um homem mais novo	

## 3.1.2.1.4 Representação dos Atores Sociais

Quanto à Representação dos Atores Sociais, as “inclusões com avaliação de atores sociais” mostram que as atuais mulheres maduras, no caso Susana, estão em processo de mudança de representação estereotípica, pois embora sendo *bem-sucedidas pessoas de seu tempo, de aparência jovem, ainda que devido a cirurgias plásticas*, parecem ainda destinadas à solidão, pois lhes resta apenas relacionamentos com *homens mais jovens, menos ricos, e de caráter duvidoso*.

É interessante também observar que, embora Susana esteja presente menos no Tema (*vide* GRÁFICO 1 – item 3.1.2.1.1), aqui ela aparece tão avaliada quanto quem supostamente deu origem à reportagem, Marcelo - QUADRO 10.

Susana	Marcelo	Fernanda	Marcelo e Susana
<ul style="list-style-type: none"> <li>- bem-sucedida</li> <li>- diferente de Fernanda</li> <li>- estrela</li> <li>- capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor</li> <li>- temperamento difícil e competitivo</li> <li>- personagem principal</li> <li>- mulher oficial</li> <li>- melhor mãe</li> <li>- aparência jovial (ajudada pelas plásticas de costume)</li> <li>- pessoa de seu tempo e de seu meio</li> <li>- pouco juízo</li> <li>- clássico com maravilhosas qualidades</li> <li>- grande e rara comunicação com o público</li> <li>- forte</li> <li>- corajosa</li> <li>- sincera consigo mesma</li> <li>- sem medo de expor suas fraquezas e suas virtudes</li> <li>- personagem para uma novela</li> <li>- poderosa</li> <li>- famosa</li> <li>- casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos</li> <li>- de grande projeção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- coadjuvante</li> <li>- caráter duvidoso</li> <li>- comportamento inconveniente</li> <li>- no vigor dos 38 anos</li> <li>- assombrado</li> <li>- usuário acostumado</li> <li>- quem usa cocaína</li> <li>- comportamento transtornado</li> <li>- perseguido</li> <li>- alucinado</li> <li>- fazendo declarações incrivelmente grosseiras</li> <li>- boa-praça</li> <li>- meio destrambelhado</li> <li>- fala as besteiras como lhe vêm à cabeça</li> <li>- crueldade inconsciente</li> <li>- desnorteado</li> <li>- dividido</li> <li>- ser humano</li> <li>- incontornável fraco por mulheres</li> <li>- súbita notoriedade</li> <li>- nova vida de múltiplas benesses</li> <li>- sem base</li> <li>- autodestrutivo</li> <li>- mau gosto</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- a outra</li> <li>- muito fácil</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- trama mirabolante de novela</li> <li>- vida deslumbrante, algo meio Disney</li> <li>- faziam tudo com grande estardalhaço</li> </ul>

**QUADRO 10: Principais Inclusões com Avaliações de Atores Sociais.**

Apesar de o texto apresentar um número bem maior de inclusões de atores sociais nas orações<sup>51</sup> analisadas (*vide* APÊNDICE 1), as “exclusões com supressão de atores sociais” revelaram-se importante ferramenta de análise da ambiguidade textual porque dão margem a variadas interpretações por parte dos leitores. Esses tipos de supressão, dependendo de como são interpretadas, trazem a tona vários índices de preconceito velado em relação ao gênero social feminino na maturidade.

Segundo van Leeuwen (1997), quando há essa supressão radical, os leitores supostamente já devem saber quem é o ator social ou - como acredito aqui -, ela é usada como forma de impedir o acesso a detalhes que provocariam reações nos leitores: “a prática fica representada como algo que não vai ser reexaminado nem contestado” (FUZER, 2008, p. 134).

Conforme mencionado no item 2.2, nos textos de revistas semanais – como a *Veja* – a construção frasal é mais complexa, o que pode fazer com que cada frase esteja sujeita a

<sup>51</sup> Aqui não analiso “enunciados”, como em um estudo metalinguístico (*vide* item 3.2), mas orações separadamente, embora de forma a interpretá-las de acordo com minha visão de leitura do texto como um todo.

interpretações, omitindo algo “escrito nas entrelinhas” (SILVA, 2007b), como verifico nos exemplos a seguir:

**Ex. a (a)**<sup>52</sup>

<b>Escândalo, pó e morte</b>	<b><i>escândalo de quem?</i></b>
<i>Marcelo pelo vício?, Marcelo por trair Susana com Fernanda?, Susana por se envolver com homens jovens?</i>	

**Ex. a (b)**

<b>Escândalo, pó e morte</b>	<b><i>pó de quem?</i></b>
<i>da cocaína de Marcelo?, de Susana pela “idade”?</i>	

**Ex. 1**

<b>A história</b> é tão antiga quanto a humanidade,	<b><i>história de quem é antiga?</i></b>
<i>Susana e Marcelo? mulheres maduras com homens jovens e finais infelizes?</i>	

**Ex. 3**

<b>Dava um livro, um filme – e, claro, uma novela</b>	<b><i>o que ou quem dava uma novela?</i></b>
<i>a história de Susana?, o fim trágico de Marcelo?, a história do envolvimento de Susana, Marcelo e Fernanda?</i>	

**Ex. b**

<b>Humilhação</b>	<b><i>quem foi humilhado(a)?</i></b>
<i>Susana pela traição?, Marcelo por perder a vida boa? Marcelo por usar drogas?, mulheres maduras?</i>	

**Ex. c**

<b>Autodestruição</b>	<b><i>quem autodestrói-se?</i></b>
<i>Marcelo com a droga?, Susana com seus relacionamentos?</i>	

**Ex. e**

<b>Cada vez mais jovens</b>	<b><i>cada vez mais jovens quem?</i></b>
<i>mulheres maduras?, estrelas como Susana?, maridos de Susana?</i>	

**Ex. f**

<b>Dois caras</b>	<b><i>dois caras de quem?</i></b>
<i>de Susana [madura] e Fernanda [jovem]?, de Marcelo [boa praça de caráter duvidoso]?</i>	

**Ex. 22**

<b>Se não ganha o papel principal desde o início,</b>	<b><i>início de que por quem?</i></b>
<i>das novelas de Susana?, dos relacionamentos de Susana?</i>	

**Ex. 28**

<b>É um lugar-comum comparar</b> a vida de atores às tramas mirabolantes das novelas,	<b><i>quem compara a vida dos atores com as tramas mirabolantes das novelas?</i></b>
<i>brasileiros?, autor(a) do texto?, todo mundo?</i>	

<sup>52</sup> O número dos Exemplos aparece conforme estão organizados no APÊNDICE 1.

**Ex. 29 (a)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de <b>amor</b> , fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>amor de quem?</i>
<i>Susana por Marcelo?, Marcelo por Susana?, Marcelo por Fernanda?, Fernanda por Marcelo?, brasileiros por Susana?</i>	

**Ex. 29 (b)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, <b>fama</b> , poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>fama de quem?</i>
<i>Susana?, Marcelo?</i>	

**Ex. 29 (c)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, <b>poder</b> , deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>poder de quem?</i>
<i>Susana?, Marcelo?, drogas?, estrelas?, jovens?</i>	

**Ex. 29 (d)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, <b>deslumbramento</b> , ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>deslumbramento de quem?</i>
<i>Marcelo pela súbita fama e riqueza?, Susana pelo sucesso?</i>	

**Ex. 29 (e)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, <b>ascensão social</b> , traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>ascensão social de quem?</i>
<i>Marcelo de segurança a marido de estrela?, Susana de dançarina a atriz?</i>	

**Ex. 29 (f)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, <b>traição</b> e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>traição de quem?</i>
<i>Marcelo para com Susana?, Susana para com os brasileiros?</i>	

**Ex. 29 (g)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e <b>escândalo</b> que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.	<i>escândalo de quem?</i>
<i>morte de Marcelo?, relação de Susana com Marcelo?, traição de Marcelo com Fernanda?</i>	

**Ex. 29 (h)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a <b>força de mil sóis da paixão</b> e o apelo abissal da autodestruição.	<i>força de mil sóis da paixão de quem?</i>
<i>Susana por Marcelo?, Marcelo por Susana? Marcelo por Fernanda?, Fernanda por Marcelo? Marcelo pela fama e riqueza?</i>	

**Ex. 29 (i)**

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o <b>apelo abissal da autodestruição</b> .	<i>apelo abissal da autodestruição de quem?</i>
<i>Marcelo com a droga?, Susana com seus relacionamentos?</i>	

**Ex. 32**

É a lição de moral que <b>o senso comum de justiça exige</b> ,	<i>lição de moral que o senso comum de justiça de quem exige?</i>
<i>brasileiros?, autor(a) do texto?</i>	

**Ex. 103**

mas <b>as coisas têm início, meio e fim</b> ;	<i>coisas relacionadas a quem têm início, meio e fim?</i>
<i>ao relacionamento de Marcelo e Susana?, a todos os relacionamentos?, à vida das pessoas?</i>	

**Ex. 152**

“Ele era fascinado pela exposição em que vivia, pelo <b>espetáculo</b> .	<i>espetáculo de quem?</i>
<i>de Marcelo?, de Susana?, das estrelas?</i>	

**Ex. 160**

<b>A mais conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha por um homem mais jovem</b> é o filme <i>Crepúsculo dos Deuses</i> , ou <i>Sunset Boulevard</i> , no título original.	<i>história ficcional de paixão mais conhecida por quem?</i>
<i>por todo mundo?, pelos brasileiros?, pelo autor(a) do texto?</i>	

**Ex. 163 (a)**

e não é preciso nem falar mais nada <b>para saber</b> o que acontece.	<i>para quem saber?</i>
<i>autor(a) do texto?, todas as pessoas?, brasileiros?</i>	

**Ex. 163 (b)**

e não é preciso nem falar mais nada para saber <b>o que acontece</b> .	<b>o que acontece com quem?</b>
<i>com mulheres maduras e homens mais novos e seus finais infelizes?, com as estrelas e sua decadência ao passar do tempo?</i>	

**Ex. 164**

Como tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea, o filme de 1950 virou um clássico pela pura passagem do tempo – sem desmerecer suas <b>maravilhosas qualidades</b> .	<b>maravilhosas qualidades do que ou de quem?</b>
<i>filme?, Susana?, clássicos?</i>	

**Ex. 171**

<b>Difícil pensar</b> em personagem melhor para uma novela.	<b>difícil para quem pensar?</b>
<i>autor(a) do texto?, brasileiros?</i>	

**Ex. g**

Mulher bonita, rica e poderosa <b>procura...</b>	<b>procura o que ou quem?</b>
<i>prazer físico?, homens como Marcelo?, felicidade? companheiros?</i>	

**Ex. 173**

"Se você desaparecesse da face da Terra agora, seria uma coisa maravilhosa para <b>todo mundo</b> ".	<b>para todo mundo quem?</b>
<i>todas as pessoas?, brasileiros?, mulheres?, mulheres maduras?</i>	

**Ex. 174 (a)**

E <b>todo mundo</b> pensou nas similitudes.	<b>todo mundo quem?</b>
<i>todas as pessoas?, brasileiros?, mulheres?, mulheres maduras?, autor(a) do texto?</i>	

**Ex. 174 (b)**

E todo mundo pensou nas <b>similitudes</b> .	<b>similitudes do que ou entre quem?</b>
<i>do que Ana Maria disse e o que aconteceu com Marcelo?, de Ana Maria com Susana?, de Marcelo Silva com Marcelo Frisoni?</i>	

**Ex. 177**

os sensíveis egos masculinos não suportam a <b>comparação</b> .	<b>comparação com que ou quem?</b>
<i>mulheres famosas – Susana?, mulheres ricas – Susana?, mulheres maduras - Susana?, mulheres jovens – Fernanda?, pessoas em geral?</i>	

**Ex. 183 (a)**

Os <b>finais infelizes</b> não são surpresa.	<b>finais infelizes de quem?</b>
<i>mulheres maduras e homens jovens?, Susana e Marcelo?, mulheres maduras?, estrelas?, drogados?</i>	

**Ex. 183 (b)**

Os finais infelizes <b>não são surpresa</b> .	<b>não são surpresa para quem?</b>
<i>autor(a) do texto?, brasileiros?, todo mundo?</i>	

**Ex. 185 (a)**

O <b>deslumbramento com a fama</b> é de desequilibrar qualquer um.	<b>por parte de quem?</b>
<i>Susana?, Marcelo?, ?, estrelas?</i>	



**Ex. 185 (b)**

O deslumbramento com a fama é de desequilibrar <b>qualquer um.</b>	<i>qualquer um quem?</i>
<i>todas as pessoas?, brasileiros?, estrelas?, mulheres maduras?, homens</i>	

## 3.1.2.2 Sistema Linguístico - Avaliatividade do Sistema

A presença de Afeto permeia todo o texto - QUADRO 11 -, estando presente tanto nos caracteres avaliativos atitudinais de Julgamento quanto nos de Apreciação, indicando uma busca constante de sensibilização do leitor-alvo para com o assunto tratado, bem como para com os atores sociais envolvidos na reportagem.

<b>Afeto<sup>53</sup>, Julgamento<sup>54</sup> e Apreciação<sup>55</sup></b>
<u>Escândalo</u> (1), pó e morte (1) Julgamento de sanção social / propriedade –
<u>A história é tão antiga quanto a humanidade</u> (2), mas todo mundo continua a acompanhar <b>com emoção</b> (3) a <u>trama de poder, fama, traição e vício que uniu Susana Vieira e Marcelo Silva, depois os separou</u> (4) e por fim o levou à overdose fatal em companhia da <u>nova</u> (5) e <u>bela</u> (6) namorada. (2) Julgamento de estima social / normalidade –; (3) Afeto; (4) Julgamento de sanção social / propriedade –; (5) Apreciação +; (6) Apreciação +
<u>Dava um livro, um filme – e, claro, uma novela</u> (7). (8) Julgamento de estima social / normalidade –
<b>Humilhação</b> (8) (8) Afeto
<u>Susana: a novela verdadeira da atriz rica e bem-sucedida que foi traída em público duas vezes</u> (9) pelo <u>marido 28 anos mais jovem</u> (10) (9) Julgamento de estima social / capacidade –; (10) Apreciação +
<u>Autodestruição</u> (11) (11) Julgamento de estima social / tenacidade –
Marcelo com Fernanda: doze horas de uso contínuo de cocaína e surto alucinatório, até a morte ao lado da <u>jovem</u> (12) por quem havia largado Susana (12) Apreciação +
<u>Cada vez mais jovens</u> (13) (13) Apreciação +
<u>O rosto que as câmeras adoram</u> (14) e <u>está na memória coletiva</u> (15): Susana no início da carreira com o primeiro marido, Régis Cardoso; com Carson, o segundo, e com Marcelo, o <u>bonitão da Baixada</u> (16) que foi <u>expulso da PM depois do primeiro escândalo de drogas e quebradeira</u> (17) (14) Afeto; (15) Julgamento de estima social / normalidade +; (16) Apreciação +; (17) Julgamento de sanção social / propriedade –
<u>Duas caras</u> (18) (18) Julgamento de sanção social / veracidade –
Mesma praia, <u>mulheres diferentes</u> (19): Marcelo com Susana, em agosto, e com Fernanda, em novembro; enquanto o caso foi clandestino, ele dizia que ia às reuniões dos Narcóticos Anônimos para se encontrar com <u>outra</u> (20) (19) Apreciação –; (20) Julgamento de sanção social / propriedade –
<u>O nome e o rosto de Susana Vieira estão gravados na memória coletiva dos brasileiros</u> (21). (21) Julgamento de estima social / normalidade +

<sup>53</sup> **Negrito**<sup>54</sup> Sublinhado<sup>55</sup> *Itálico*

<p>Ela divide com algumas poucas estrelas, como Hebe Camargo e Glória Menezes, a <b>sensação</b> (22) de que <u>existem desde sempre</u> (23) – o que é verdade, se o marco zero da história for o começo da televisão.</p> <p>(22) Afeto; (23) Julgamento de estima social / normalidade +</p>
<p>Aos 66 anos, tem uma característica rara: continua a ser protagonista de novelas (24).</p> <p>(24) Julgamento de estima social / normalidade +</p>
<p>Se não ganha o papel principal desde o início, em algum momento ela o <b>devora</b> (25), pela <u>capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor</u> (26).</p> <p>(25) Afeto; (26) Julgamento de estima social / capacidade +</p>
<p>A isso se chama o poder de <b>empatia</b> (27) e <b>sedução</b> (28) das estrelas (29).</p> <p>(27) Afeto; (28) Afeto; (29) Julgamento de estima social / capacidade +</p>
<p>É por isso que o público a <b>ama</b> (30), ao contrário de colegas que <b>se atrimam</b> (31) com a atriz de temperamento difícil e competitivo (32).</p> <p>(30) Afeto; (31) Afeto; (32) Julgamento de estima social / tenacidade –</p>
<p>E é por isso que não existe mulher no Brasil que não tenha acompanhado suas aventuras na TV e suas desventuras na vida real (33), que culminaram com a morte do ex-marido Marcelo Vieira da Silva, que por duas vezes a traiu e <b>humilhou</b> (34) em público (35).</p> <p>(33) Julgamento de estima social / normalidade -; (34) Afeto; (35) Julgamento de sanção social / propriedade –</p>
<p>É um lugar-comum comparar a vida de atores às tramas mirabolantes das novelas (36), mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a <u>história de amor</u> (37), <u>fama, poder, deslumbramento</u> (38), <u>ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão</u> (39) e o apelo abissal da autodestruição (40).</p> <p>(36) Julgamento de estima social / normalidade -; (37) Afeto; (38) Afeto; (39) Afeto; (40) Julgamento de sanção social / propriedade –</p>
<p>Nessa narrativa tão antiga quanto a humanidade, Susana era o personagem principal e Marcelo aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo <b>desconfia</b> (41) que não vai acabar bem no final (42).</p> <p>(41) Afeto; (42) Julgamento de sanção social / propriedade –</p>
<p>É a lição de moral que o senso comum de justiça <b>exige</b> (43) (44), mas que quando acontece não pode deixar ninguém <b>feliz</b> (45).</p> <p>(43) Afeto; (44) Julgamento de sanção social / propriedade -; (45) Afeto</p>
<p>Marcelo Silva, ex-soldado da PM, morreu <i>no vigor dos 38 anos</i> (46) <b>assombrado por alucinações terríveis</b> (47) que o <b>atormentaram</b> (48) durante as suas últimas doze horas de vida.</p> <p>(46) Apreciação +; (47) Afeto; (48) Afeto</p>
<p><b>Imaginava</b> (49) estar sendo seguido por um homem e passou a noite tentando encontrá-lo.</p> <p>(49) Afeto</p>
<p>Antes de morrer, no começo da manhã de quinta-feira, ele se jogou no banco do carro estacionado na garagem do prédio onde morava, "como se estivesse atracado com alguém", disse a namorada, <u>Fernanda Cunha, com quem dividiu os últimos e escandalosos dias</u> (50).</p> <p>(50) Julgamento de sanção social / propriedade –</p>
<p>Nos momentos derradeiros, <b>imaginava</b> (51) ter finalmente agarrado o algoz imaginário, o fantasma que o perseguia.</p> <p>(51) Afeto</p>
<p><u>Mesmo em usuários acostumados</u> (52), ou <i>com físico de atleta</i> (53), como Marcelo, pode acontecer o momento em que o corpo não aguenta, pelo excesso de droga ou, o que é mais raro em razão da qualidade inferior do pó distribuído no Brasil, por sua pureza incomum.</p> <p>(52) Julgamento de sanção social / propriedade -; (53) Apreciação +</p>
<p>Foi o que disse Fernanda, segundo o depoimento no qual <u>ela aparece dormindo em diversos e convenientes momentos</u> (54) – no caso, só acordou a tempo de vê-lo conversando com dois policiais ao lado de um carro da PM.</p> <p>(54) Julgamento de sanção social / propriedade –</p>
<p>No começo da noite, Fernanda conta ter presenciado o <b>comportamento transtornado</b> (55) pela primeira vez.</p> <p>(55) Afeto</p>
<p>Ele dizia estar sendo <b>perseguido</b> (56), falava sozinho, olhava nos cantos do quarto.</p> <p>(56) Afeto</p>
<p>Chegou a <b>imaginar</b> (57) que Fernanda estava "de rolo" com o tal perseguidor.</p> <p>(57) Afeto</p>
<p><u>Os surtos em drogados funcionam de maneira quase idêntica aos de uma doença mental como a esquizofrenia paranóide</u> (58).</p> <p>(58) Julgamento de sanção social / propriedade –</p>

Enquanto dirigia, ele cheirou mais e chegou <b>alucinado</b> (59) à garagem do prédio. (59) Afeto
Fernanda é uma <i>bela</i> (60) nutricionista de 23 anos, filha de um médico e fazendeiro de Goiânia, que foi para o Rio fazer um curso de pós-graduação, conheceu Marcelo, <b>apaixonou-se</b> (61) e <b>desencadeou o último escândalo ao usar o truque clássico – e baixo – da "outra": ligar para a mulher oficial e contar tudo, na tentativa de forçar uma ruptura</b> (62). (60) Apreciação +; (61) Afeto; (62) Julgamento de sanção social / propriedade –
Depois de uma agressão que resultou em queixa à polícia, os dois <b>se reconciliaram</b> (63), contra a vontade da família dela, que chegou a cortar a mesada da <i>jovem</i> (64). (63) Afeto; (64) Apreciação +
Marcelo apareceu em programas de televisão <b>fazendo declarações incrivelmente grosseiras, mas condizentes com seu perfil de boa-praça, meio destrambelhado, que fala as besteiras como lhe vêm à cabeça</b> (65). (65) Julgamento de estima social / tenacidade –
Antes da <b>reconciliação</b> (66) com Fernanda, disse que " <b>ela foi muito fácil</b> (79), <b>esfregava na minha cara; se eu não chegasse, seria chamado de gay</b> (67)". (66) Afeto; (67) Julgamento de sanção social / propriedade –
Em relação à atriz, a <b>crueledade foi inconsciente</b> (68): <b>Perdi a melhor mãe</b> (69) <b>que já tive</b> " (antes) e " <b>Agradeço</b> (70) <b>tudo o que a Susana fez por mim, mas as coisas têm início, meio e fim; eu e Fernanda estamos felizes</b> (71)" (depois) (72). (68) Afeto; (69) Afeto; (70) Afeto; (71) Afeto; (72) Julgamento de sanção social / propriedade –
Nos bastidores, <b>parecia desnorteado</b> (73) e <b>dividido</b> (74) entre Susana, de quem parecia <b>gostar de verdade</b> (75), e Fernanda, com quem <b>fazia planos</b> (76) de casar e ter filhos (77). (73) Afeto; (74) Afeto; (75) Afeto; (76) Afeto; (77) Julgamento de estima social / tenacidade –
Há duas semanas, embarcou com a namorada numa viagem de navio de Santos ao Rio, num encontro promovido pelo grupo Narcótico Anônimos – uma incrível ironia, considerando-se que, quando estava com Susana Vieira, mentia que ia a reuniões do gênero para se encontrar com a <i>outra</i> (78). (78) Julgamento de sanção social / propriedade –
" <b>Nunca aprovamos</b> (79) a união deles, <b>mas era um ser humano</b> (80) que estava com nossa filha", diz a mãe de Fernanda, a psicóloga Terezinha Cunha. (79) Afeto; (80) Julgamento de estima social / normalidade –
Eram tempos ainda ingênuos quando fez o <b>primeiro papel importante</b> (81), o da babá malvada na novela Anjo Mau, da Globo. (81) Julgamento de sanção social / propriedade –
<b>Num processo incomum, ela foi ganhando mais destaque com o tempo</b> (82), que sempre pareceu desmentir com a <i>aparência jovial ajudada pelas plásticas de costume</i> (83) e o <b>temperamento desafiador</b> (84). (82) Julgamento de estima social / normalidade –; (83) Apreciação –; (84) Julgamento de estima social / normalidade –
<b>O segundo marido e o primeiro mais novo foi Carson Gardezabal</b> (85). (85) Julgamento de sanção social / propriedade –
<b>Casou-se com ele em 1986, enfrentou uma temporada de escândalos</b> (86) quando ele foi acusado de duplo homicídio se separou em 2003. (86) Julgamento de sanção social / propriedade –
A diferença de dezesseis anos saltou para 28 em 2006, quando ela conheceu Marcelo Silva, um <i>típico bonitão da Baixada</i> (87), <i>de olhos verdes</i> (88), <i>corpo sarado</i> (89), e <b>um incontornável fraco por mulheres</b> (90) (91). (87) Apreciação +; (88) Apreciação +; (89) Apreciação +; (90) Afeto; (91) Julgamento de sanção social / propriedade –
<b>É impossível que uma mulher como Susana não soubesse</b> (92) das trocas presentes nesse tipo de relação (93), mesmo <b>se sentindo desejada</b> (94) e <b>amada de verdade</b> (95), como testemunham amigos que acompanharam o envolvimento. (92) Afeto; (93) Julgamento de sanção social / propriedade –; (94) Afeto; (95) Afeto
<b>E é impossível que ele não se deslumbrasse</b> (96) com a nova vida, de súbita notoriedade e múltiplas benesses (97). (96) Afeto; (97) Julgamento de estima social / normalidade –
"Ela pegou um <b>cara do subúrbio</b> (98), trouxe para a Barra da Tijuca, deu a ele uma vida <b>deslumbrante</b> (99), <i>algo meio Disney</i> (100), e depois tirou. (98) Julgamento de estima social / normalidade –; (99) Afeto; (100) Apreciação –
<b>Ele não tinha base e pirou</b> " (101), descreve, sem meias palavras, uma pessoa que conheceu os dois. (101) Julgamento de estima social / tenacidade –
Na verdade, <b>mais do que a falta de base era o excesso de pó que conturbava a vida de Marcelo</b> (102). (102) Julgamento de estima social / tenacidade –

<p>A atriz, que como uma pessoa de seu tempo e de seu meio (103) não ignorava o assunto, oscilava entre a <b>irritação</b> (104) e o <b>desejo de ajudar</b> (105).</p> <p>(103) Julgamento de estima social / normalidade -; (104) Afeto; (105) Afeto</p>
<p>"Ele tinha um comportamento autodestrutivo, e os riscos de recaída eram visíveis (106)", descreve a psiquiatra Magda Vaissman, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que cuidou de Marcelo durante três meses.</p> <p>(106) Julgamento de estima social / tenacidade -</p>
<p>"Ele era <b>fascinado</b> (107) pela exposição em que vivia, pelo espetáculo (108).</p> <p>(107) Afeto; (108) Julgamento de estima social / normalidade -</p>
<p>Foi a médica quem recomendou a internação numa clínica de recuperação depois do <b>primeiro e humilhante</b> (109) escândalo em que Marcelo se envolveu (110): o quebra-quebra num motel onde se drogava em companhia de uma garota de programa.</p> <p>(109) Afeto; (110) Julgamento de sanção social / propriedade -</p>
<p>Com grande estardalhaço, como tudo o que faziam (111) - e, quando não havia fotografos por perto, ele os chamava -, Marcelo e Susana <b>se reconciliaram</b> (112).</p> <p>(111) Julgamento de estima social / normalidade -; (112) Afeto</p>
<p>Como prova de <b>amor</b> (113), ele gravou o rosto da atriz numa <i>enorme tatuagem</i> (114) sobre as costelas.</p> <p>(113) Afeto; (114) Apreciação -</p>
<p>Os probos e sérios <b>riram-se</b> (115) do mau gosto dele e do pouco juízo dela (116).</p> <p>(115) Afeto; (116) Julgamento de sanção social / propriedade -</p>
<p>Os que já passaram pelo teste da <b>paixão</b> (117) - fazer uma coisa que normalmente a pessoa não faria, e sabendo que vai dar errado - <b>preferiram não julgar</b> (118), ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre (119).</p> <p>(117) Afeto; (118) Afeto; (119) Julgamento de estima social / tenacidade -</p>
<p>A mais conhecida história ficcional de <b>paixão</b> (120) de uma <i>mulher mais velha</i> (121) por um <i>homem mais jovem</i> (122) é o filme Crepúsculo dos Deuses, ou <i>Sunset Boulevard</i>, no título original.</p> <p>(120) Afeto; (121) Apreciação -; (122) Apreciação +</p>
<p>Numa cena <b>venerada</b> (123) pelos <b>amantes</b> (124) do cinema, a fita começa com um corpo boiando na piscina e um narrador contando como ele foi parar lá - um roteirista endividado se refugia no jardim de uma estrela decadente e não é preciso nem falar mais nada para saber o que acontece (125).</p> <p>(123) Afeto; (124) Afeto; (125) Julgamento de sanção social / propriedade -</p>
<p>Como tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea, o filme de 1950 virou um clássico pela pura passagem do tempo - sem desmerecer suas maravilhosas qualidades (126).</p> <p>(126) Julgamento de estima social / normalidade -</p>
<p>É possível que em menos tempo as reviravoltas e os dramas na vida de Susana se tornem um clássico (127).</p> <p>(127) Julgamento de estima social / normalidade -</p>
<p>"Susana Vieira tem uma grande e rara comunicação com o público porque é muito forte e corajosa como mulher e como intérprete (128)", diz o autor Silvio de Abreu.</p> <p>(128) Julgamento de sanção social / veracidade +</p>
<p>"O público vai sempre acompanhar seus trabalhos porque, como na vida real, Susana é muito sincera consigo mesma e <b>não tem medo</b> (129) de expor suas fraquezas ou suas virtudes (130)."</p> <p>(129) Afeto; (130) Julgamento de sanção social / veracidade +</p>
<p>Diffícil <b>pensar</b> (131) em personagem melhor para uma novela (132).</p> <p>(131) Afeto; (132) Julgamento de estima social / normalidade -</p>
<p>Mulher <i>bonita</i> (133), <i>rica e poderosa procura...</i> (134)</p> <p>(133) Apreciação +; (134) Julgamento de estima social / capacidade -</p>
<p>Quando a notícia da morte de Marcelo Silva chegou, todos <b>se lembraram</b> (135) da invectiva da apresentadora Ana Maria Braga antes da tragédia: "Se você desaparecesse da face da Terra agora, seria uma coisa maravilhosa (136) para todo mundo".</p> <p>(135) Afeto; (136) Julgamento de sanção social / propriedade -</p>
<p>E todo mundo <b>pensou</b> (137) nas similitudes.</p> <p>(137) Afeto</p>
<p>Como Susana, Ana Maria é uma mulher famosa e poderosa que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos (138).</p> <p>(138) Julgamento de sanção social / propriedade -</p>
<p>Em qualquer faixa etária, as mulheres de grande projeção enfrentam problemas para encontrar parceiros (139) - os sensíveis egos masculinos <b>não suportam</b> (140) a comparação (141).</p> <p>(139) Julgamento de estima social / normalidade -; (140) Afeto; (141) Julgamento de estima social / normalidade -</p>

A partir de determinada idade, o difícil vira impossível (142). (142) Julgamento de estima social / normalidade –
"Ela pode escolher um mais jovem pelo puro prazer físico, um <b>desejo</b> (143) respeitável, mas passível de riscos (144). (143) Afeto; (144) Julgamento de sanção social / propriedade –
Ou pode escolher um homem da sua idade, mas, além de raros, uma vez que também querem moças mais novas, esses homens envelheceram muito pior do que elas (145)", diz a psicóloga Lidia Aratangy. (145) Julgamento de estima social / normalidade –
Os finais <b>infelizes</b> (146) não são surpresa (147). (146) Afeto; (147) Julgamento de estima social / normalidade –
O casamento de Elizabeth Taylor com o caminhoneiro Larry Fortensky, ela aos 59 anos, ele aos 39, acabou entre bebedeiras e pancadaria (148). (148) Julgamento de sanção social / propriedade –
O <b>deslumbramento</b> (149) com a fama é de desequilibrar qualquer um (150). (149) Afeto; (150) Julgamento de estima social / normalidade –.
<b>Imagem</b> (151) Daniel Ducruet na primeira vez em que entrou pela porta da frente do Palácio de Mônaco, não como guarda-costas, mas como marido da princesa Stéphanie (ele foi despachado ao ser fotografado em flagrante delito com outra (152); ela engravidou de mais um segurança (153)). (151) Afeto; (152) Julgamento de sanção social / propriedade –; (153) Julgamento de sanção social / propriedade –
Isolada no mundo do alto estrelato, Britney Spears não viu alternativa que não um então desconhecido dançarino de sua trupe (154), Kevin Federline – que esperava um filho com outra (155). (154) Julgamento de estima social / normalidade –; (155) Julgamento de sanção social / propriedade –
Uma das mulheres mais <b>cobiçadas</b> (156) do mundo, mesmo com toda a <b>loucura</b> (157), até hoje ela não arranhou outro namorado propriamente dito (158). (156) Afeto; (157) Afeto; (158) Julgamento de estima social / capacidade -
"Nunca tive um homem que ganhasse mais do que eu", diz, realista, Ana Maria (158), atualmente casada com Marcelo Frisoni. (158) Julgamento de estima social / normalidade –.

### QUADRO 11: Exemplos de Afeto, Julgamento e Apreciação no Texto.

Aqui entendo que, quanto mais apela para a emoção do leitor na tentativa de solidarizar-se com ele, mais o(a) autor(a) do texto afasta-se da objetividade jornalística. Assim posto, concordo com Shin & Kleiner (2001), quando esses autores dizem que os estereótipos (*vide* item 1.5.2) são encontrados com frequência na base de atitudes de discriminação social com um forte componente afetivo.

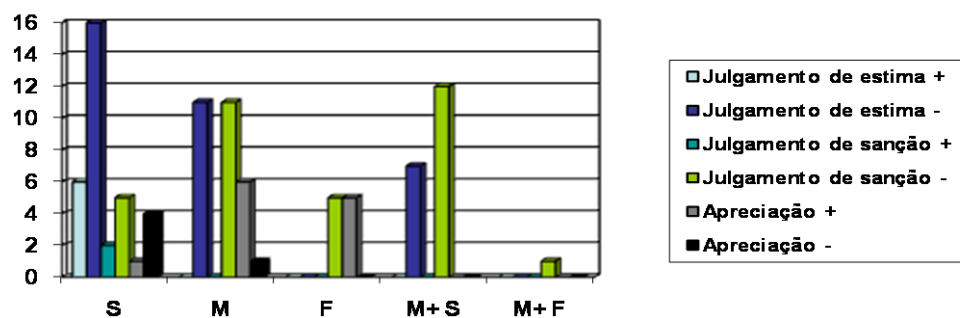


GRÁFICO 5: Ocorrências de Julgamentos e Apreciações.

Ao observarmos o GRÁFICO 5, vemos que as apreciações positivas estão relacionadas a Marcelo – *o bonitão no vigor dos 38 anos* (vide QUADRO 11: 16, 46) – e Fernanda – descrita como *nova e bela* (vide QUADRO 11: 5, 6) –, mas quase nunca a Susana. Ao contrário, as apreciações negativas estão relacionadas quase que exclusivamente a Susana – *aparência jovial ajudada pelas plásticas de costume* (vide QUADRO 11: 83) –, muito pouco a Marcelo e nenhuma a Fernanda, indicando a juventude feminina como parte importante do padrão estético ocidental:

O rosto que as câmeras adoram e está na memória coletiva: Susana no início da carreira com o primeiro marido, Régis Cardoso; com Carson, o segundo, e com Marcelo, o **bonitão** da Baixada que foi expulso da PM depois do primeiro escândalo de drogas e quebraadeira

Marcelo Silva, ex-soldado da PM, morreu **no vigor dos 38 anos** assombrado por alucinações terríveis que o atormentaram durante as suas últimas doze horas de vida.

A história é tão antiga quanto a humanidade, mas todo mundo continua a acompanhar com emoção a trama de poder, fama, traição e vício que uniu Susana Vieira e Marcelo Silva, depois os separou e por fim o levou à overdose fatal em companhia da **nova e bela** namorada.

Num processo incomum, ela foi ganhando mais destaque com o tempo, que sempre pareceu desmentir com a **aparência jovial ajudada pelas plásticas de costume** e o temperamento desafiador.

Em relação aos julgamentos, somente Susana recebe os de estima social positiva: o que é compreensível, pois se trata de uma atriz de grande sucesso. Nesse caso, ela aparece quebrando estereótipos: Susana continua fazendo sucesso - *mesmo aos 66 anos* - pois as pesquisas indicam que a maioria das atuais mulheres na pós-menopausa ainda perde não só a auto-estima, mas também espaço no mercado de trabalho ao envelhecerem, conforme o observado no item 1.5.4 (vide QUADRO 11: 24):

**Aos 66 anos, tem uma característica rara:** continua a ser protagonista de novelas.

Por outro lado, é Susana quem recebe também o maior número de julgamentos de estima social negativa, mas desta vez, por causa de seu envolvimento com homens mais jovens, no caso, com Marcelo (vide QUADRO 11: 9, 33, 36, 119):

Susana: a novela verdadeira da atriz rica e bem-sucedida que foi **traída em público duas vezes pelo marido 28 anos mais jovem**

E é por isso que não existe mulher no Brasil que não tenha acompanhado suas aventuras na TV e **suas desventuras na vida real, que culminaram com a morte do ex-marido Marcelo Vieira da Silva, que por duas vezes a traiu e humilhou em público.**

É um lugar-comum comparar a vida de atores às tramas mirabolantes das novelas, mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a **história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.**

Os que já passaram pelo teste da paixão – **fazer uma coisa que normalmente a pessoa não faria, e sabendo que vai dar errado** – preferiram não julgar, ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre.

Ainda sobre os julgamentos de estima social negativa, como mencionado na FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA (*vide* item 1.5.4), a imagem da sedução feminina relaciona-se diretamente à sua capacidade reprodutiva, a qual finda no climatério. Nessa reportagem, o(a) autor(a) escreve que *Marcelo queria casar com Fernanda e ter filhos com ela*. Susana, obviamente pela idade, não pode mais tê-los (*vide* QUADRO 11: 77), gerando uma sentença decisiva sobre o amor maduro: *após certa idade, pelo menos para as mulheres, ele não existe mais* (*vide* QUADRO 11: 142):

Nos bastidores, parecia desnordeado e dividido entre **Susana, de quem parecia gostar de verdade, e Fernanda, com quem fazia planos de casar e ter filhos.**

**A partir de determinada idade, o difícil vira impossível .**

Quanto aos julgamentos de sanção social negativa, esses aparecem como os mais relevantes pelo conteúdo fortemente discriminatório em relação à união de mulheres com homens mais jovens (*vide* GRÁFICO 5), em que o(a) autor(a) afirma que *desde sempre mulheres mais velhas e homens mais novos têm problemas e todo mundo sabe disso* (*vide* QUADRO 11: 42) e até *pessoas sérias riram diante do casal Susana-Marcelo* (*vide* QUADRO 11: 116), assim, *o final infeliz desses relacionamentos é a lição de moral que o senso comum de justiça exige* (*vide* QUADRO 11: 44):

Nessa **narrativa tão antiga quanto a humanidade**, Susana era o personagem principal e Marcelo aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo desconfia que não vai acabar bem no final .

**Os probos e sérios riram-se do mau gosto<sup>56</sup> dele e do pouco juízo dela.**

**É a lição de moral que o senso comum de justiça exige**, mas que quando acontece não pode deixar ninguém feliz.

<sup>56</sup> Aqui entendido contextualmente como um “mau gosto” ambíguo: será só pela tatuagem “enorme”?

### 3.2 Metalinguística

Nessa segunda etapa analítica, tento ir além das limitações impostas por uma análise de linguística de base unicamente sistêmico-funcional, apesar dessa não prescindir também de uma análise dialógica para uma acurada interpretação textual, fazendo com que o analista lance mão também de elementos extraverbais (conforme visto no item 3.1.2.2). De acordo com Grillo (2006, p. 123), Bakhtin apresenta tanto a linguística quanto a metalinguística como estudando sob diferentes ângulos o mesmo fenômeno, o discurso. “A epistemologia de uma metalinguística funda-se sobre três aspectos: a complementaridade em relação à linguística de sua época, a delimitação de um objeto de pesquisa e a proposição de um campo de fenômenos a estudar” (*ibid.*, p.122).

Aqui considero o texto como enunciado na concepção bakhtiniana: o momento de enunciação, segundo Pires (1999), se refere à relação dos sujeitos com a língua no processo que marca materialmente a presença da subjetividade no discurso. Por isso, divido essa ADD em duas partes: a primeira apontando o discurso bivocal – DB -, e a segunda trazendo para a análise vozes de outras reportagens da mesma instituição midiática.

Em relação à primeira parte desse item, como mencionado no item 1.2.3, Bakhtin (2008, p. 309) diz que o diálogo exterior é inseparável do diálogo interior, e ambos são inseparáveis do grande diálogo do texto, que chama outras vozes a todo o momento para sua construção. Então, uma análise metalinguística deve levar em consideração o chamado discurso bivocal (DB), visto sob uma perspectiva diferente da citação e do relato anteriormente citados no item 3.1.2.1.3. Ou seja, o discurso de outrem é introduzido pelo autor sob o ângulo da comunicação dialógica e se materializa no texto como enunciado.

Quanto à segunda parte, concordo que processos valorativos devem estar sempre ligados a questões ideológicas. Conforme mencionado anteriormente, Caldas-Coulthard (2005) reconhece que há vários tipos de ideologia que são as âncoras das revistas e, segundo Bakhtin (1997), tudo que é ideológico se “encarna” em algum material semiótico, ou seja, na linguagem, que reflete e refrata a realidade. Se “o contexto da situação compreende tudo aquilo que é relevante para a interação” (MARTIN, 1992, p. 494), acho importante trazer aqui vozes de outras reportagens de *Veja*, a fim de que se verifique de modo mais abrangente como essa fase de transição da representação imagética das mulheres no climatério ou pós-menopausa está sendo percebida por essa representativa revista brasileira.



### 3.2.1 Discurso Bivocal

No dialogismo - que, segundo Barros (1994, p. 02) é a condição de sentido e o princípio constitutivo, às vezes mascarado, de todo discurso, e a característica essencial da linguagem - da mídia jornalística, as vozes das fontes são usadas “como referências, posições e recursos informativos que consubstanciam a constituição e o funcionamento desse gênero”, conforme Acosta-Pereira (2008b, p. 88). Por meio do discurso de outrem, ainda segundo o mesmo autor, “o autor constrói sua voz de forma refratada e revalorada, orquestrando pela intersecção de vozes e pelas posições socioaxiológicas esse dialogismo” (*ibid., id.*).

Através da análise sistêmico-funcional, pode-se visualizar de maneira precisa os discursos citados, destacando-se as citações paratáticas onde a perspectiva central da oração é da pessoa que pronunciou aquelas palavras e os relatos, também recuperados por representações hipotáticas de Processos Verbais através de Processos Mentais de Transitividade presentes no texto, e onde o que é reportado não é necessariamente o que foi realmente dito (*vide QUADRO 9 - item 3.1.2.1.3*).

O estudo fecundo do diálogo pressupõe, entretanto, uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo. (BAKHTIN, 2006, p. 149)

Em um estudo metalinguístico, de modo diverso, recupera-se marcas do discurso relatado indireto de outrem integrado(as) no discurso citante. Fiorin (2006, p. 38-39) diz que, mesmo que essas marcas de discurso bivocal não tenham demarcações nítidas entre as vozes, elas podem ser claramente percebidas. Além disso, discursos que representam o senso comum frequentemente estão presentes nos textos jornalísticos, visto que fazem parte da busca por identificação com os leitores-alvo.

Como pode ser observado, além do grande número de ocorrências de citações, relatos e discursos híbridos anteriormente localizados (*vide QUADRO 9 - item 3.1.2.1 e APÊNDICE 2*), o resto do texto está repleto de outras vozes não percebidas apenas em uma leitura sistêmica, entre as quais destaco:

Voz de Fernanda – o que é previsível, pois o fato que gerou a notícia e, por conseguinte a reportagem, foi a morte de Marcelo, da qual ela é testemunha:

Enquanto dirigia, ele chegou alucinado à garagem do prédio. Circulava entre as vagas, freava bruscamente, gritava. Quando parou o carro, um Polo prata, começou a revistá-lo. Só interrompeu o surto de atividades frenéticas ao se jogar, prostrado, no banco do carona. Dali não saiu vivo.

Vozes de outras notícias – achado também previsível, pois Susana Vieira é uma pessoa pública e famosa, e, como está escrito na própria reportagem, seu envolvimento com Marcelo foi amplamente divulgado na mídia:

E é por isso que não existe mulher no Brasil que não tenha acompanhado suas aventuras na TV e suas desventuras na vida real, que culminaram com a morte do ex-marido Marcelo Vieira da Silva, que por duas vezes a traiu e humilhou em público.

Vozes de especialistas não citados em citações ou relatos – como Marcelo morreu de overdose, o(a) autor(a) teve de recorrer a pesquisas científicas para explicar sobre o efeito das drogas nos seres humanos:

Mesmo em usuários acostumados, ou com físico de atleta, como Marcelo, pode acontecer o momento em que o corpo não aguenta, pelo excesso de droga ou, o que é mais raro em razão da qualidade inferior do pó distribuído no Brasil, por sua pureza incomum.

Quanto ao discurso de senso comum, revela-se com uma inclinação discriminatória da mulher que envelhece, bem como para uma exaltação da juventude:

Dava um livro, um filme – e, claro, uma novela

Aos 66 anos, tem uma característica rara: continua a ser protagonista de novelas.

Nessa narrativa tão antiga quanto a humanidade, Susana era o personagem principal e Marcelo aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo desconfia que não vai acabar bem no final. É a lição de moral que o senso comum de justiça exige

Marcelo Silva, ex-soldado da PM, morreu no vigor dos 38 anos assombrado por alucinações terríveis que o atormentaram durante as suas últimas doze horas de vida.

Fernanda é uma bela nutricionista de 23 anos, filha de um médico e fazendeiro de Goiânia, que foi para o Rio fazer um curso de pós-graduação, conheceu Marcelo, apaixonou-se e desencadeou o último escândalo ao usar o truque clássico – e baixo – da "outra": ligar para a mulher oficial e contar tudo, na tentativa de forçar uma ruptura.

Eram tempos ainda ingênuos quando fez o primeiro papel importante, o da babá malvada na novela Anjo Mau, da Globo. Num processo incomum, ela foi ganhando mais destaque com o tempo, que sempre pareceu desmentir com a aparência jovial (ajudada pelas plásticas de costume) e o temperamento desafiador.

Os que já passaram pelo teste da paixão – fazer uma coisa que normalmente a pessoa não faria, e sabendo que vai dar errado – preferiram não julgar, ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre.

A mais conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha por um homem mais jovem é o filme *Crepúsculo dos Deuses*, ou *Sunset Boulevard*, no título original.

Como tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea, o filme de 1950 virou um clássico pela pura passagem do tempo – sem desmerecer suas maravilhosas qualidades.

A partir de determinada idade, o difícil vira impossível.

Os finais infelizes não são surpresa.

### 3.3.2 Vozes Valorativas

A ADD considera que as interações sociais se desenvolvem através de valorações, bem como de orientações ideológicas que “se entrecruzam na constituição e no funcionamento dos enunciados e dos gêneros da esfera do jornalismo”, conforme postula Acosta-Pereira (2008b, p. 72). Baseada nessa afirmação, seleciono e comento a seguir algumas passagens retiradas de reportagens publicadas poucos meses antes da reportagem analisada pelo mesmo veículo midiático, e que trataram do tema do envelhecimento:

Quando se trata de desfrutar a vida com as vantagens da maturidade, mas a uma distância ainda segura dos desconfortos da velhice, o 50 é o novo 40. Ou, dito de outra maneira: a combinação de experiência e vitalidade que até pouco tempo atrás caracterizava os quarentões agora também distingue homens e mulheres que ultrapassaram a barreira dos 50 anos. A explicação de fundo para isso é, digamos, de saúde pública: as pessoas estão vivendo mais, e envelhecem melhor. (VEJA, 2008a, p. 89)

Nesse caso, o “envelhecer melhor” concorda com o texto analisado (*vide* APÊNDICE 1 - Exs. 180 e 181), embora esse diga que *as mulheres envelheceram melhor que os homens*. Entretanto, visto que no texto analisado (*vide* APÊNDICE 1 - Ex. 105) Susana é descrita como *melhor mãe* pelo ex-marido e Fernanda como a que lhe provocou o desejo de *ter filhos*, a citação acima parece referir-se mais à saúde física na velhice do que ao direito a uma vida sexual ativa - tanto para homens quanto para mulheres -, a qual talvez ainda esteja ligadas à capacidade reprodutiva – essa só destinada a mulheres jovens fora do período do climatério, mas aos homens em qualquer etapa da vida.

Como comprovam as contas do dermatologista, da academia e da farmácia, as mulheres precisam se dedicar com afinco à missão de estar bem na metade da vida. Homens, um pouco menos, para a eterna inveja delas. Como cabelo grisalho e rugas discretas nunca foram impedimento para o sucesso social masculino, permanecem galãs apesar (ou por causa) da idade madura os irresistíveis Pierce Brosnan, um poço de charme aos 55, Richard Gere, inalterável jeitinho carente aos 58, e José Mayer, que, aos 59 e longe de sua melhor forma (por força do papel, ressalte-se), anda aos beijos com Juliana Paes em *A Favorita*, folhetim das 8 da Globo. Com ou sem muito esforço, o fato é que a população de meia-idade (termo, por sinal, cada vez mais impopular) envelhece (mais impopular ainda) com muito menos marcas, internas e externas, do que seus pais. (VEJA, 2008b, p. 98-99)

A citação acima, também exemplo de discurso de senso comum, atenta explicitamente sobre as cobranças de juventude eterna para as mulheres do mundo ocidental contemporâneo, pois para o sexo feminino parece ser negado o direito de “ser grisalho e ter rugas”. Novamente, é um “envelhecer melhor” altamente questionável e que parece também relacionado diretamente às condições socioeconômicas das mulheres.

Uma vida afetiva e sexual é parte inerente do ser humano adulto, mas para as atuais mulheres pós-menopausa – na verdade, para todas as mulheres -, ao contrário dos homens maduros, isso demanda sérias preocupações relacionadas à aparência física - FIGURA 10. Entretanto, esse início de século está em uma fase evidente de transformações sociais profundas, pois as mulheres com mais de 50 anos – as “tigronas” - demonstram estar buscando também o direito ao prazer físico, bem como rejeitando falsos estereótipos acerca de seu gênero social, como mostram as FIGURAS 9 e 10, respectivamente. Mas, apesar de por um lado as mulheres pós-menopausa afirmarem que “não têm nada a ver com suas mães na mesma idade” - FIGURA 10 -, por outro a sociedade – refletida nas instituições midiáticas - resiste a essa mudança comportamental feminina, ao ponto de comparar a *tramas mirabolantes de novelas* (vide APÊNDICE 3: A “Novela”) a vida daquelas que, como a atriz Susana Vieira, com grande esforço físico, psicológico e social, lutam, tanto pelo direito a um envelhecimento ativo em todos os aspectos e com *final feliz*, quanto pela aceitação e pelo respeito às suas diferenças.



FIGURA 9: Com Mais Prazer (VEJA, 2008b, p. 99).

## “MADURA”, NÃO

Como as mulheres acima de 50 anos se vêem — e o que não gostam que seja dito a seu respeito



FIGURA 10: “Madura”, Não (VEJA, 2008b, p. 100).

### 3.3 Análise Crítica e Feminista do Discurso<sup>57</sup>

Como outrora argumentado no item 1.1, a ACD se interessa por analisar a linguagem daqueles que acredita serem os responsáveis pela existência de desigualdades, e que, estando no poder, possuem meios de melhorar as condições gerais da sociedade. Segundo Lazar (2005, p. 01), uma perspectiva crítica sobre arranjos sociais desiguais mantidos através do uso da linguagem, com objetivos que incluem transformação e emancipação social, constitui não só o cerne da ACD, mas também de muitos estudos feministas da linguagem.

Conforme mencionado no item 2.1.3, nessa etapa final analítica, primeiramente identifiquei o tipo da reportagem pesquisada de acordo com Bonini (2009, no prelo, p. 28, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008). Posteriormente respondo ao “Modelo Analítico de

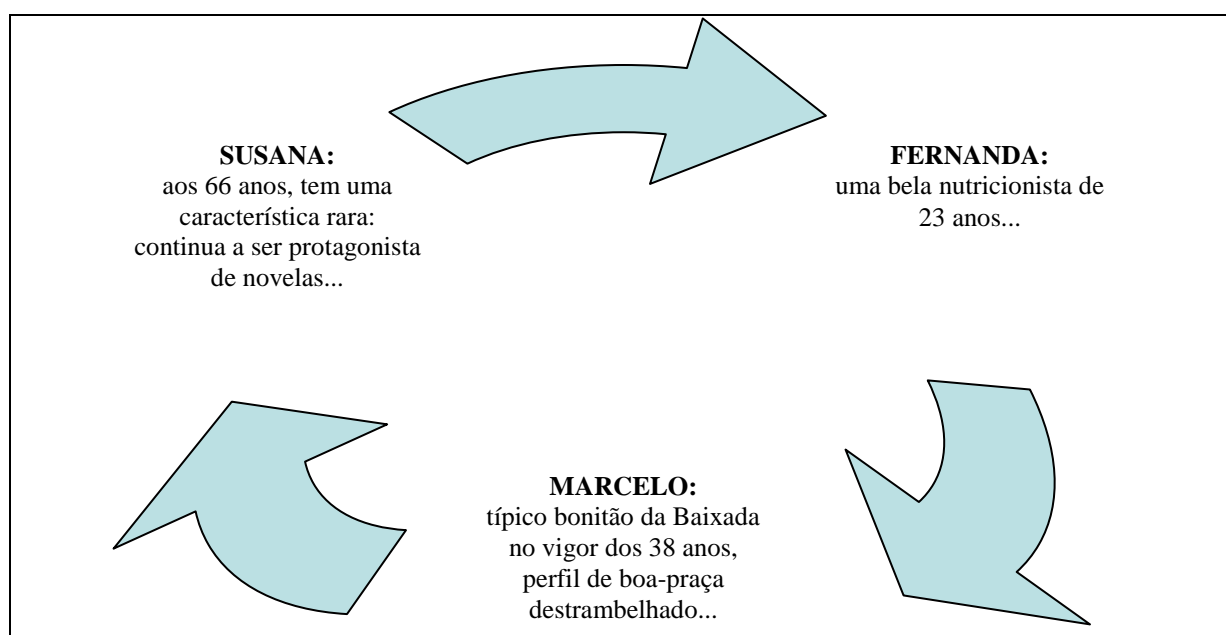
<sup>57</sup> Na defesa dessa dissertação, a Profa. Désirée Motta-Roth sugeriu esse item como introdutório na ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS, mas minha orientadora, Profa. Vera Lúcia Pires, achou por bem deixá-lo aqui por configurar-se como um “resumo” das discussões anteriores.

Fairclough” (2003b, p.184) de investigação das relações existentes entre os eventos sociais, as práticas sociais e as estruturas sociais, ou as escolhas por significados de “identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (*id.*, 2001, p. 104), a fim de concluir e sintetizar esse estudo.

### 3.3.1 Tipo da Reportagem

Embora eu não tenha feito aqui uma investigação de fato sobre a sua “organização retórica” como proposta por Bonini (2009, no prelo, p. 28, *apud* MOREIRA & MOTTA-ROTH, 2008), baseada no QUADRO 8 (*vide* item 1.4.2), a reportagem pode ser descrita primeiramente como uma reportagem de capa - *coverage reportage* (*vide* ANEXO 2) -, que enfoca um fato acontecido recentemente. Mas, além de ser também uma reportagem sobre fatos da realidade - *factual reportage* -, igualmente demonstra ser uma reportagem de retrospectiva - *retrospective reportage* -, e, significativamente, uma reportagem que traçou perfis - *profile reportage*.

Nessa análise crítica, tanto a Avaliação do Texto (*vide* item 3.1.2.1), quanto a Avaliatividade do Sistema (*vide* item 3.1.2.2) e a Metalinguística (*vide* item 3.2) revelaram três perfis ou estereótipos nitidamente demarcados no texto, conforme observo na FIGURA também QUADRO 10 – item 3.1.2.1.4).



**FIGURA 11: Perfis Estereotípicos do “Triângulo”.**

### 3.3.2 Modelo Analítico de Fairclough

As respostas ao “Modelo Analítico de Fairclough” (2003b, p.184) ajudam a entender as relações existentes entre os eventos sociais, as práticas sociais e as estruturas sociais pesquisados aqui, de maneira coerente e sintética, de modo a finalizar essa seção, e incluem:

#### 1º Problema social e seu aspecto semiótico:

A representação estereotípica de mulheres no climatério ou pós-menopausa percebida através das vozes veiculadas por uma instituição midiática relevante e a relação com a construção identitária dessas mulheres.

#### 2º Identificação dos obstáculos para abordar o problema:

Seleção de um *corpus* representativo do problema - reportagem da revista *Veja* – e seleção de metodologia que revelasse de maneira clara o problema social detectado - Gramática Sistêmico-Funcional como ferramenta para uma ACD sob uma perspectiva dialógica.

3º Consideração sobre a ordem social ou rede de práticas depender desse problema para existir:

Essa análise revela a manutenção de uma lógica masculina na sociedade refletida em uma das principais instituições midiáticas do país, que tende a resistir à mudança, tentando manter padrões estereotípicos femininos baseados na juventude, o que irá afetar negativamente na construção e na consolidação da identidade das mulheres no climatério ou na pós-menopausa. Levo-me a perguntar aqui, com Caldas-Coulthard (2005, p. 125), se as mulheres dependem de vozes de *experts*, “geralmente masculinas, para reger suas vidas”?

#### 4º Identificação de possíveis formas de superar os obstáculos:

Divulgação dos resultados da pesquisa a fim de sensibilizar os que detém o poder – no caso, o poder da mídia - e são responsáveis pela representação negativa da mulher na maturidade, e que poderiam adotar uma perspectiva que buscasse mais a abertura e a diversidade, trazendo democraticamente à tona vozes de grupos sociais com interesses divergentes.

#### 5º Reflexão crítica da análise:

Fairclough (1997, p. 296) critica a dominação e o poder de certas classes de sujeitos sobre outros, e contribui com a concepção de que a construção do sujeito do discurso resulta de um processo ideológico, conceito defendido pela ACD, preferindo falar, conforme Figueiredo & Moritz (2008, p. 56), em diferentes significados que os textos criam, reproduzem ou alteram, em vez de funções exercidas por eles (*vide* QUADRO 2 – item 1.3.1): “esses significados podem ser encontrados simultaneamente em textos, uma vez que estão dialeticamente relacionados, ou seja, cada um internaliza os outros” (RAMALHO, 2006, p. 322).

Os significados textuais representacionais - correspondentes à metafunção ideacional de Halliday (2004) -, revelados na forma como estão representados os atores sociais desse “triângulo” (*vide* item 3.1.2.1.4), mostram “mulheres maduras” em processo de mudança estereotípica, como é o exemplo da atriz Susana Vieira, mas provocando forte resistência para com a aceitação dessa nova imagem pela instituição midiática em questão.

Os significados textuais acionais ou relacionais aproximam-se da metafunção interpessoal e incorporam a metafunção textual hallidayana, segundo Ramalho (2006, p. 322). Nesse estudo, eles evidenciam um(a) autor(a) buscando solidariedade para com os leitores com um discurso que “avalia” e “julga” (*vide* item 3.1.2.2) de maneira relevantemente negativa mulheres que, *após certa idade*, ousam fugir de padrões imagéticos pré-estabelecidos.

Por último, os significados textuais identitários – que também incorporam traços da metafunção interpessoal de Halliday (2004) – mostram que ainda existem certas forças centrípetas de poder manifestas nas vozes da mídia a serviço da permanência de ideologias pré-concebidas, as quais constroem identidades de sexo que, no caso da mulher, ligam a juventude à beleza física e a maturidade a uma vida sexual questionável.

Chouliaraki e Fairclough (1999) defendem que a modernidade tardia mina identidades individuais e coletivas, logo, lutas para a construção de identidades no discurso são um traço saliente da vida social nessa fase da modernidade. Harvey (1989)<sup>58</sup> contribui para a sustentação dessa defesa, ao identificar, segundo Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 78), dois tipos de reação às mudanças ocorridas na modernidade tardia: de um lado, uma exploração das múltiplas possibilidades geradas, por exemplo, no cruzamento de fronteiras e no hibridismo de práticas; de outro lado, uma reação mais defensiva que tenta restabelecer identidades individuais e coletivas e que envolve tematização da nação, da religião, da comunidade e da família em formas de novos movimentos sociais. [...] Uma das funções da ciência crítica é tentar desvelar aspectos negativos da “nova ordem mundial” hegemônica e mostrar que podem ser mudados pela agência humana, dado que não são naturais, mas são, pelo menos em parte, o

---

<sup>58</sup> Cf.: HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad. Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo, SP: Loyola, 1992.



resultado de estratégias particulares engendradas por meio de decisões políticas de acordo com interesses determinados. (RESENDE & RAMALHO, 2004, p. 200-201)

Para Vieira (2005, p. 235), **o sexo masculino ainda é o responsável direto pela formação discursiva da identidade da mulher**. Sendo assim, a quebra dos padrões discursivos e a desnaturalização das crenças e dos comportamentos verbais presentes no discurso masculino sobre a mulher devem iniciar qualquer mudança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu canto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
sou poeta. [...]  
Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a asa ritmada.  
E um dia sei que estarei mudo:  
— mais nada.  
(Cecília Meireles)

Essa pesquisa teve como objetivo principal desvendar como é a “lista” de características avaliativas acerca do que chamei de estereótipo de uma “nova mulher na maturidade”, expressa através das vozes veiculadas pelos gêneros do discurso midiático e que, acreditei, daria pistas sobre a construção identitária dessa mulher.

Respondendo às perguntas feitas na INTRODUÇÃO, a “lista de características”, ou estereótipo, que constroem nosso esquema mental para o conceito de “mulher madura” revelou-se contraditória. Hoje em dia, com o aumento do número de mulheres inseridas no mercado de trabalho, no “espaço público”, mulheres na maturidade já podem ser percebidas como bem-sucedidas e fortes pessoas do seu tempo. Entretanto, ainda são vistas como solitárias e com problemas para encontrar parceiros, o que não é verdade de acordo com a FIGURA 9, a qual mostra que 77,6% das mulheres são sexualmente ativas após os 50 anos. Mas, fazendo a escolha por homens mais jovens, elas foram vistas pelas vozes da reportagem como detentoras de pouco juízo, pois isso, diz o texto, se deve apenas ao puro prazer físico.

Sobre a mídia brasileira estar acompanhando o surgimento de uma “nova mulher madura”, nessa dissertação de inspiração crítica e feminista, a análise qualitativa do discurso da reportagem revelou forças centrípetas e que buscam o fechamento e a monologia na instituição midiática através de padrões discursivos que tendem à manutenção de estereótipos: de um lado ficou a atriz Susana Vieira e seu “temperamento desafiador”, do outro uma “história tão antiga quanto a humanidade” que, segundo o texto, lhe reserva homens de caráter duvidoso e cujo final é sempre infeliz.

Quanto ao efeito da mídia no processo da construção da identidade feminina na maturidade, cito Bernardes (2009, p. 78), que diz que a imagem tornou-se poderosa no mundo pós-moderno fragmentado e diversificado, circulando mundialmente através da mídia e criando valores e crenças que “pouco ou nada têm que ver com a história das áreas em que

vivemos ou até mesmo com nossa história particular”. Isso, de acordo com a autora (*id., id.*), compromete a nossa própria identidade, localizando-nos em um momento de transição.

Conforme Fairclough (2003a, p. 66), esse período de transição pós-moderna cria uma tensão que ora pressiona no sentido da estabilização de uma nova ordem social, ora pressiona continuamente pela mudança. No caso das mulheres maduras - elas mesmas rejeitam esse “rótulo” (*vide* FIGURA 10) -, não há identificação com o que, segundo elas (93%), seriam falsos conceitos sobre seu grupo, tais como o fato de que não têm vida social e de que não gostam de sexo. Mas, a identificação com um padrão de beleza universal veiculado pela mídia parece colocá-las todas sob o mesmo fenômeno de preocupação com a deterioração física decorrente da idade.

Por fim, constatei que as “mulheres maduras” não estão representadas da mesma forma que os homens da mesma faixa etária no gênero discursivo reportagem. A atriz Susana Vieira, por exemplo, tem uma aparência jovial sim, mas o texto enfatiza os procedimentos estéticos aos quais costuma recorrer, além de questionar seus relacionamentos - no item 3.3.2 mostro que a mesma revista *Veja* traz exemplos de homens “maduros” – também famosos - inscritos de maneira bem diversa: *Pierce Brosnan, um poço de charme aos 55, Richard Gere, inalterável jeitinho carente aos 58, e José Mayer, que, aos 59 e longe de sua melhor forma (por força do papel, ressalte-se), anda aos beijos com Juliana Paes em A Favorita...*

Como objetivo secundário, a proposta desse estudo foi desenvolver uma metodologia adequada e com a pretensão de ser polifônica por estar aberta à vozes sistemáticas, críticas e dialógicas de três diferentes abordagens: LSF, ACD e ADD.

Baseada em Fairclough, Resende (2006, p. 1073) diz que uma análise discursiva, sendo um nível intermediário entre o texto em si e seu contexto social, deve ser simultaneamente a análise de como os significados representacionais, acionais ou relacionais, e identitários (*vide* itens 1.3.1 e 3.3.2) são realizados em traços linguísticos dos textos e da conexão entre o evento social e as práticas sociais. Segundo ela (*id., id.*), “gêneros, discursos e estilos ligam o texto a outros elementos do social – as relações internas do texto a suas relações externas, por isso a operacionalização desses conceitos mantém o cerne do pensamento de Halliday.

Embora Bakhtin (2006, p. 30) afirmar em 1929 que “a reflexão linguística de caráter formal-sistemático é incompatível com uma abordagem histórica e viva da língua”, ele referia-se a uma reflexão linguística advinda do campo das línguas mortas e que foi, na época, “coagida a adotar em relação às línguas vivas uma posição conservadora e acadêmica, isto é, a tratar a língua viva como se fosse algo acabado” (*ibid., id.*), o que implicou numa hostilidade

em relação às inovações linguísticas. Introduzindo uma metodologia que se iniciava pela identificação do contexto social, ele próprio não excluía um estudo linguístico posterior e complementar das formas da língua - “estudo linguístico habitual” (BAKHTIN, 2006, p. 127). “Todo procedimento abstrato, para se legitimar, deve ser justificado por um propósito teórico e prático preciso. Uma abstração pode ser fecunda ou estéril, útil para certos fins e determinadas tarefas e não para outras” (BAKHTIN, 2006, p. 97). Além disso, penso que não devemos desconsiderar que a abordagem baseada na Gramática Sistemico-Funcional de Halliday (2004) não deixa de levar em conta o contexto social para se ater somente à materialidade linguística, sob pena de cairmos na mesma armadilha do início do século passado que se fechava a inovações.

Como já mencionado, o gênero discursivo selecionado para minha análise no estilo *top-down*, partindo do contexto social em direção ao texto, de idas e vindas da situação ao texto, foi o gênero reportagem. Porém, a reversibilidade analítica em estilo *bottom-up* que, segundo Rojo (2007, p. 199), é um estilo descritivo paralelo dos textos para posterior colocação dos resultados em relação com aspectos da situação social, revelou-se profícua e necessária, pois em análises qualitativas dialógicas não se sabe ao certo o que se vai encontrar. Isso ficou evidente em pelo menos dois itens dessa pesquisa: primeiro, na relação entre os Processos Verbais de Transitividade e o Discurso Citado (*vide* item 3.1.2.1.3), em que Processos Mentais recuperaram Discursos Indiretos no texto; e, segundo, na verificação das categorias de inclusão e exclusão dos atores sociais (*vide* item 3.1.2.1.4), em que as “exclusões com supressão de atores sociais” revelaram-se de modo surpreendente uma importante ferramenta de análise da ambiguidade textual.

Uma das limitações que verifiquei nesse estudo foi o *corpus* ser composto por apenas uma reportagem, apesar da representatividade da mesma em relação às questões propostas. Entretanto, o fato de não ser “assinada”, com autor(a) desconhecido(a), considerei como relevante mostra do caráter opinativo institucional da revista *Veja* acerca da mulher na maturidade. Isso pode ser comprovado pelo fato das outras reportagens citadas aqui, no item 3.3.2, partes de uma reportagem especial maior intitulada “A vida começa aos 50”, serem assinadas por três jornalistas mulheres: Sílvia Rogar, Sandra Brasil e Camila Pereira. Então, além de me fazer considerar a inserção feminina cada vez maior no mercado de trabalho, me fez pensar nas suas “jovens” vozes expressas nas “velhas” instituições midiáticas detentoras do poder de representar.

Por fim, para se realizar uma análise mais completa do gênero reportagem, sugiro para novos estudos, dentro da Teoria da Avaliatividade de White (2004), que se verifiquem

também caracteres de Engajamento (*vide* item 1.3.3.2.2) e de Gradação (*vide* item 1.3.3.2.3), bem como a análise multimodal de imagens em uma perspectiva de “complementaridade intersemiótica” (ROYCE, 2007)<sup>59</sup> conforme proposta por Kress & van Leeuwen (2006)<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> *Cf.*: ROYCE, T. D. Intersemiotic complementarity: A framework for multimodal discourse analysis. *In*: ROYCE, T. D.; BOWCHER, W. L. (eds.). **New directions in the analysis of multimodal discourse**. Mahwah, NJ/USA: Lawrence Erlbaum Associates, 2007, p. 63-109.

<sup>60</sup> *Cf.*: KRESS, G. R.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2a. ed. London, UK: Routledge, 2006.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA-PEREIRA, R. Gêneros do discurso – experiências psicossociais tipificadas. **Letra Magna**. Santa Cruz do Sul, RS, ano 4, n. 9, p. 01-20, 2º Semestre 2008a.

\_\_\_\_\_. **O gênero jornalístico notícia** – dialogismo e valorização. 229f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008b.

ALMEIDA, P. M. C. **Atendimento de check-in de companhia aérea: análise sistêmico-funcional de um gênero discursivo do português**. 193f. Dissertação. (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2002.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo, SP: Musa, 2004.

AMOSSY, R. **Les idées reçues: sémiologie du stéréotype**. Paris, FRA: Nathan, 1991.

BAHIA, J. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. 4ª ed. São Paulo, SP: Ática, 1990.

BAKHTIN, M. M. **O Discurso no romance: questões de literatura e de estética - a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini *et al.* 3ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, SP: Hucitec, 2006.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.

BARKER, C.; GALASINSKI, D. **Cultural studies and discourse analysis: a dialogue on language and identity**. London, UK: Sage, 2001.

BARROS, D. L. P de Dialogismo, polifonia e enunciação. *In*: BARROS, D. L. P de; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo, SP: Edusp, 1994, p. 01-09.

BATHIA, V. K. Interdiscursivity in critical genre analysis. *In*: Simpósio Internacional de Gêneros Textuais, IV, ago. 2007, Tubarão, SC. **Anais** (CD ROM). Tubarão, SC: Unisul, 2007, p. 391-400.

BEIRAS, A.; SOUZA, C. D. de; KASZUBOWSKI, E.; SOARES, M. S.; LAGO, M. C. de S. Sexo e gênero em revistas: uma análise preliminar do discurso. **Psicologia em Estudo**. Maringá, PR, v. 13, n. 1, p. 97-104, jan./mar. 2008.

BENITES, S. A. L. **Contando e fazendo a história: a citação no discurso jornalístico**. São Paulo, SP: Arte & Ciência; Assis, SP: Núcleo Editorial Proleitura, 2002.

BERNARDES, W. W. Pós-Modernidade, mídia e perfil identitário feminino. *In*: VIEIRA, J. A.; SILVEIRA, R. C. P.; MAGALHÃES, C. M.; BENTO, A. L.; SILVA, F. C. O. da; MANDARINO, G. A.; ROCHA, H. da; FERRAZ, J. de A.; ORMUNDO, J. da S.; BERNARDES, W. W. (orgs.). **Olhares em Análise de Discurso Crítica**. Brasília, DF: Editora da UnB, 2009, p. 75-88.

BEZERRA, P. Polifonia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo, SP: Contexto, 2005, p. 191-200.

BILLIGMEIER, R. Social Discrimination. *In*: THOMAS, M. (ed.). **The encyclopedia of human development and education: theory, research and studies**. New York, NY/USA: Pergamon Press, 1990.

BONINI, A. The distinction between news and reportage in the Brazilian journalistic context: a matter of degree. *In*: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D. C. (orgs.). **Genre in a changing world – advances in genre theory, analysis, and teaching**. West Lafayette, IN/USA: Parlor Press; Fort Collins, CO/USA: WAC Clearinghouse, 2009, no prelo.

BRAIT, B. **Anotações em sala de aula**. São Paulo, SP: Editora da PUC, 2000.

\_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, SP: Contexto, 2006, p. 09-31.

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York, NY/USA: Routledge, 1990.

BUTT, D. **Using functional grammar: an explorer's guide**. Sydney, AUS: Macquarie University, 1998.

CABRAL, S. R. S.; BARROS, N. C. A. de Linguagem e avaliação: uma análise de texto opinativo. *In*: **Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress**, São Paulo, SP, p. 722-734, 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/34ev\\_cabral\\_722a734.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/34ev_cabral_722a734.pdf)>. Acesso em 10/10/2008.

CALDAS-COULTHARD, C. R. O picante sabor do proibido: narrativas pessoais e transgressão. *In*: FUNK, S. B.; WIDHOLZER, N. (orgs.). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis, SC: Mulheres; Santa Cruz do Sul, RS, Edunisc, 2005, p. 121-146.

CANCELLA, M. E. de A; ABRÃO, L. G. M. A mulher na maturidade: sua construção histórica e sua trajetória de vida nos dias atuais. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**. Uberlândia, MG, v. 9.2, n. 1, p. 157-163, jul./dez. 2005.

CARMO, C. M. **Relações lexicais, interdiscursividade e representação: o sincretismo e a questão racial em corpus de jornais e revistas brasileiras**. 235f. Tese. (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2005.

CARVALHO, I. S.; COELHO, V. L. D. Mulheres na maturidade: histórias de vida e queixa depressiva. **Estudos de psicologia**. Natal, RN, v. 10, n. 2, p. 231-238, mai./ago. 2005.

\_\_\_\_\_. Mulheres na maturidade e queixa depressiva: compartilhando histórias, revendo desafios. **Psico-USF**. Itatiba, SP, v. 11, n. 1, p.113- 121, jan./jun. 2006.

CASTRO, M. C. e Feminismo prêt-à-porter – significação da aparência na imprensa feminina e feminista do Brasil. **Cadernos AEL - Arquivo Edgard Leuenroth**. Campinas, SP, n. 3/4, p. 111-152, 1995/1996.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 1999.

CLOT, Y. Psicologia. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo, SP: Contexto, 2006, p. 219-241.

CUNHA, M. A. Z.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro, RJ: Lucena, 2007.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional grammar**. London, UK: Printer Publishers, 1994.

EMERSON, C. A polifonia pode existir? Se pode, ela é aplicável? *In*: EMERSON, C. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2003, p. 164-169.

**Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Trad. Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde Produção Editorial, 2005. Disponível em: <[http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf)>. Acesso em 15/10/2009.

FAIRCLOUGH, N. Critical and descriptive goals in discourse analysis. **Journal of pragmatics**. Maryland Heights, MO/USA, n. 9, p. 739-763, 1985.

\_\_\_\_\_. **Language and power**. London, UK: Longman, 1989.

\_\_\_\_\_. **Media discourse**. London, UK: Edward Arnold, 1995.

\_\_\_\_\_. Critical discourse analysis in the 1990s: challenges and responses. *In*: PEDRO, E. R. (org.). **Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference on Discourse Analysis**. Lisboa, POR: Edições Colibri, 1997.

\_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Trad. Isabel Magalhães *et al.* Brasília, DF: Editora UnB, 2001.



\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London, UK; New York, NY/USA: Routledge, 2003a.

\_\_\_\_\_. El análisis crítico del discurso como método para la investigación em ciencias sociales. *In:* WODAK, R.; MEYER, M. (orgs.). **Métodos de análisis crítico del discurso.** Barcelona, ESP: Gedisa Editorial, 2003b, p. 179-204.

FARACO, C. A. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil. *In:* BRAIT, B. (org.). **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas.** Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 27-38.

\_\_\_\_\_. Autor e autoria. *In:* BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo, SP: Contexto, 2005, p. 37-60.

FIGUEIREDO, D. C.; MORITZ, M. E. W. Discurso e sociedade: a perspectiva da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional. *In:* BRAGA, S.; MORITZ, M. E. W.; REIS, F. J. (orgs.). **Ciências da linguagem: avaliando o percurso, abrindo caminhos.** Blumenau, SC: Nova Letra Gráfica e Editora, 2008, p. 47-65.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo, SP: Ática, 2006.

FRANCESCHINI, F. Notícia e reportagem: sutis diferenças. **Comum.** Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 22, p. 144-155, jan./jun. 2004.

FREGE, G. Sobre sentido e a referência. *In:* FREGE, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem.** Trad. Paulo Alcoforado. São Paulo, SP: Cultrix, 1978, p. 59-86.

FUZER, C. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal:** como operadores do Direito representam atores sociais em um sistema de gêneros. 269 f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

GEE, J. P. **An introduction to discourse analysis: theory and method.** New York, NY/USA / London, UK: Routledge, 2000.

GRILLO, S. V. de C. Manuais de redação e estilo: gêneros do discurso, linguagem e objetividade na imprensa. **The specialist.** São Paulo, SP, v. 24, p. 85-110, 2003.

\_\_\_\_\_. Polifonia e transmissão do discurso alheio no gênero reportagem. **Estudos Linguísticos.** Campinas, SP, n. 34, p. 1164-1169, 2005.

\_\_\_\_\_. A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem. **Horizontes.** São Paulo, SP, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006.

HALLIDAY, M. A. K. Part A. *In:* HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective.** Oxford, UK: Oxford University Press, 1989, p. 3-49.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional grammar.** 3rd. Edition. Revised by Christian M.I.M. Matthiessen. London, UK: Arnold, 2004.

\_\_\_\_\_ ; HASAN, R. **Language, context, and text:** Aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford, UK: Oxford University Press, 1989.

HASAN, R. What's going on: a dynamic view of context n language. *In:* CLORAN, C; BUTT, D.; WILLIAMS, G. (eds.). **Ways of saying, ways of meaning:** selected papers of Ruqaiya Hasan. London, UK / New York, NY/USA: Cassel, 1996, p. 37-50.

HEBERLE, V. A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres. **Discurso y Sociedad.** Barcelona, ESP, v.1, n.3, p 73-86, set. 1999.

HEILBORN, M. L.; CARRARA, S. L. Em cena, os homens... **Estudos feministas.** Florianópolis, SC, v. 6, n. 2, p. 370-374, 1998.

HURFORD, J. R.; HEASLEY, B. **Semantics:** a coursebook. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1983.

**IBGE.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov>>. Acesso em: 15/05/2008.

JORNADA, D. Z. **Avaliatividade:** estratégia discursiva na representação de atores sociais. 86f. (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

KEHL, M. R. Beleza é fundamental, sim. **Mulherio.** São Paulo, SP, ano 2, n. 5, p. 14-15, jan./fev. 1982.

KNOLL, G. F. **Relações de gênero na publicidade:** palavras e imagens constituindo identidades. 136f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2007.

KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (org.). **Referenciação e discurso.** São Paulo, SP: Contexto, 2005.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **A estrutura da notícia.** 5ª ed. São Paulo, SP: Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. **A reportagem, teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística.** São Paulo, SP: Record, 2001.

LAURETIS, T. de A tecnologia do gênero. *In:* HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e Impasses:** o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1994, p. 206-242.

LAZAR, M. M. Politicizing gender in discourse: feminist critical discourse analysis as political perspective and praxis. *In:* LAZAR, M. M. (ed.). **Feminist Critical Discourse Analysis** – gender, power and ideology in discourse. New York, NY/USA: Palgrave Macmillan, 2005, p. 01-28.

MAGALHÃES, I. Interdiscursivity, gender identity and the politics of literacy in Brazil. *In:* LAZAR, M. M. (ed.). **Feminist Critical Discourse Analysis** – gender, power and ideology in discourse. New York, NY/USA: Palgrave Macmillan, 2005, p. 181-204.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARTIN, J. R. **English text: system and structure**. Philadelphia, PA/USA / Amsterdam, NED: John Benjamins, 1992.

\_\_\_\_\_; WHITE, P. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York, NY/USA: Palgrave, 2005.

MARTINS, E. **Manual de redação e estilo**. São Paulo, SP: O Estado de São Paulo, 1997.

MELO, M. S. de S. A representação da mulher em revistas femininas. **Revista virtual de estudos da linguagem**. São Leopoldo, RS, v. 4, n. 6, mar. 2006. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/site2007/\\_pdf/6/artigos/revel\\_6\\_a\\_representacao\\_feminina.pdf](http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/6/artigos/revel_6_a_representacao_feminina.pdf)>. Acesso em 10/05/2009.

MENDONÇA, E. A. P. Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa. **Revista ciência & saúde coletiva**. Rio de Janeiro, RJ, v. 9, n. 1, p. 155-166, fev. 2004.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. 2ª ed. São Paulo, SP: Parábola, 2007.

MIRANDA, C. E. S. Mídia e identidade: a construção do discurso amoroso em revistas femininas. **Letras & Letras**. Uberlândia, MG, v. 22, n. 2, p. 65-84, jul./dez. 2006.

MOITA-LOPES, L. P. da **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

MOREIRA, T. M.; MOTTA-ROTH, D. Popularização da ciência: uma visão panorâmica do Diário de Santa Maria. *In*: Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, VIII, out. 2008, Porto Alegre, RS. **Anais** (CD ROM). Pelotas, RS: Educat, 2008, p. 01-12.

MOTTA-ROTH, D.; HEBERLE, V. O conceito de "estrutura potencial do gênero" de Ruqayia Hasan. *In*: MEURER, J. L.; A. BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros teorias, métodos e debates**. São Paulo, SP: Parábola, 2005, p. 12-28.

\_\_\_\_\_; LOVATO, C. Organização retórica do gênero notícia de popularização da ciência: um estudo comparativo entre português e inglês. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 9, n. 2, p. 273-302, mai./ago. 2009.

MURARO, R. M. **Libertação sexual da mulher**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

**Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo**. São Paulo, SP: Folha de São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, D. M. de; JESUS, M. C. P. de; MERIGHI, M. A. B. O climatério sob a ótica de mulheres assistidas em uma unidade de saúde da família de Juiz de Fora – Minas Gerais. **Revista de atenção primária à saúde**. Juiz de Fora, MG, v. 11, n. 1, p. 42-53, jan./mar. 2008.

PEREIRA, V. L. Gênero: dilemas de um conceito. *In*: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. (orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

PINHEIRO, N. F. A noção de gênero para análise de textos midiáticos. *In*: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros textuais**. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 259-290.

PIRES, V. L. **Discurso e relações de gênero**: sob o signo da contradição, o rompimento do senso comum e a instauração do sentido outro. 198f. Tese. (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1999.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba, PR: Criar, 2002.

\_\_\_\_\_; ALKIMIN, T. M. Fórmulas e estereótipos: teoria e análise. **Projeto do Centro de Pesquisa do PPGL-UFSCAR**. São Carlos, SP, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao04/pdfs/festa.pdf>>. Acesso em 15/10/2009.

RAMALHO, V. C. V. S. Constituição da Análise de Discurso Crítica: um percurso teórico-metodológico. **Signótica**. Goiânia, GO, v. 17, n. 2, p. 275-298, jul./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. Macrofunção interpessoal da linguagem e construção de identidades em discursos sobre conflitos internacionais. *In*: **Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress**, São Paulo, SP, p. 315-330, 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/15id\\_ramalho\\_315a330.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/15id_ramalho_315a330.pdf)>. Acesso em 10/04/2010.

RECHDAN, M. L. de A. Dialogismo ou polifonia? **Revista de Ciências Humanas**. Taubaté, SP, v. 9, n. 1, p. 45-54, jan./jun. 2003.

RESENDE, V. de M. Análise de Discurso Crítica: uma perspectiva transdisciplinar entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Ciência Social Crítica. *In*: **Proceedings 33rd International Systemic Functional Congress**, São Paulo, SP, p. 1069-1081, 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/53cda\\_resende\\_1069a1081.pdf](http://www.pucsp.br/isfc/proceedings/Artigos%20pdf/53cda_resende_1069a1081.pdf)>. Acesso em 10/04/2010.

\_\_\_\_\_; RAMALHO, V. C. V. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 5, n.1, p. 185-207, jul./dez. 2004.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2ª ed. São Paulo, SP: Parábola, 2007, p. 152-183.

\_\_\_\_\_. A análise de discurso na perspectiva do círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. *In*: MOTTA-ROTH, D.; CABAÑAS, T.; HENDGES, G. R. (orgs.). **Análises de textos e discursos: relações entre teorias e práticas**. Santa Maria, RS: PPGL-UFSM Editores, 2008, p. 65-87.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e metodológicas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. 2ª ed. São Paulo, SP: Parábola, 2007, p. 184-207.

SAFFIOTI, H. I. B. Posfácio: conceituando gênero. *In*: SAFFIOTI, H. I. B.; MUÑOZ-VARGAS, M. (orgs.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos, 1994, p. 271-283.

SALOMÃO, M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. *In*: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2005, p. 151-168.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 23ª ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2001.

SCHNAIDERMAN, B. Bakhtin 40 graus – uma experiência brasileira. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005, p. 13-21.

SCLIAR-CABRAL, L. Referência: qual a referência e como evocá-la? **Delta**. São Paulo, SP, v. 18, n. especial, p. 57-85, 2002.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SOUZA, L. V. e; MISHIMA, F. K. T.; SANTOS, M. A. dos A beleza do erro puro do engano da (im)perfeição: reflexões pós-modernas. **Revista Eletrônica de Comunicação**. Franca, SP, v. 5, n. 1, p. 01-12, jan./jun. 2008.

SCOTT, J. W. El problema de la invisibilidad. *In*: ESCANDÓN, C. R. (org.). **Gênero e História**. Ciudad de México, MEX: Instituto Mora/UAM, 1989, p. 38-65.

\_\_\_\_\_. Preface a gender and politics of history. **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, n. 3, p. 11-27, 1994.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. Guacira Lopes Louro. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, RS, v. 2, n. 20, p.71-99, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. O enigma da igualdade. Trad. Jo Klanovicz & Susana Bornéo Funck. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, SC, n. 13, v. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SHIN, S.; KLEINER, B. H. The psychological effects of working in a racially hostile environment. **International journal of sociology and social policy**. London, UK, v. 7, n. 8-9-10, p. 59-64, 2001.

SILVA, G. J. O uso do discurso relatado na construção do texto informativo *on-line*: nota e reportagem de tema polêmico. *In*: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, IV, v. 1, ago. 2007, Tubarão, SC. **Anais** (CD ROM). Tubarão, SC: Unisul, 2007a, p. 1056-1068.

SILVA, M. J. S. da **Jornalismo e Literatura** – uma relação possível. 88f Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, 2007b.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007c, p. 73-102.

SIQUEIRA, T. L. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**. Rio de Janeiro, RJ, v. 8, p.110-117, jun. 2008.

SOBRAL, A. Ato/atividade e evento. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo, SP: Contexto, 2006, p. 11-36.

SOUZA, J. A. Uma ceia nada santa: visão sacrílega do banquete do poder, capturada pelas cores berrantes da paródia. *In*: Congresso de Leitura do Brasil, XVI, jul. 2007, Campinas, SP. **Anais** (CD ROM). Campinas, SP: ALB – Associação de Leitura do Brasil, p. 02-10.

SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 418f. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2006.

SWAIN, T. N. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas “femininas”. **História: Questões & Debates**. Curitiba, PR, n. 34, p. 11-44, 2001.

TAMANINI-ADAMES, F. A. Significado, referência e referenciação. **Expressão**. Santa Maria, RS, v. 1, n. 2, p. 167-180, jul./dez. 2008.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London, UK: Edward Arnold, 1996.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Trad. Carmen Grisci *et all*. 6ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

van DIJK, T. **Racism in the press**. London, UK: Arnold, 1986.

van LEEUWEN, T. A. A representação dos actores sociais. *In*: PEDRO, E. R. (org.). **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa, POR: Caminho, 1997, p. 169-222.

VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. O Tema: caracterização e realização em português. **Direct Papers**. São Paulo, SP/Liverpool, UK, n. 47. p. 01-16, 2002.

VENTURELLI, P. C. O romance como arena polifônica. **IHU on-line**. São Leopoldo, RS, 2006. Disponível em: <www.unisinos.br/ihu>. Acesso em 05/10/2009.

VIAN JUNIOR, O. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **Delta**. São Paulo, SP, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

VIEIRA, J. A. A identidade da mulher na modernidade. *In*: MAGALHÃES, I.; RAJAGOPALAN, K. (orgs.). **Delta**. São Paulo, SP, v. 21, n. especial, p. 207-238, 2005.

VILAS BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo, SP: Summus, 1996.

VINNICOMBE, S.; SINGH, V. Sex role stereotyping and requisites of successful top manager. **Woman in management review**. London, UK, v. 17, n. 3/4, p. 120-130, 2002.

WHITE, P. Valoração: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 4, n. esp., p. 177-205, 2004.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. Trad. Débora de Carvalho Figueiredo. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 4, n. esp., p. 223-243, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 07-72.

YIM, P. C.-Y.; BOND, M. H. Gender stereotyping of managers and the self-concept of business students across their undergraduate education. **Woman in management review**. London, UK, v. 17, n 8, p. 364-372, 2002.

ZARETSKY, E. **Social Theory and the Politics of Identity**. London, UK: Blackwell, 1994.

## REFERÊNCIAS DAS REPORTAGENS CITADAS

**Veja.** Especial: A aurora dos cinquentões. São Paulo, SP: Abril, ed. 2068, ano 41, n. 27, p. 88-89, 09 de julho de 2008a.

**Veja.** Especial: Velhice? Fica para mais tarde. São Paulo, SP: Abril, ed. 2068, ano 41, n. 27, p. 98-100, 09 de julho de 2008b.

**Veja.** Sociedade: Escândalo, pó e morte. São Paulo, SP: Abril, ed. 2091, ano 41, n. 50, p. 132-138, 17 de dezembro de 2008c.



**ANEXOS**

**ANEXO 1**

Sociedade<sup>61</sup>

## Escândalo, pó e morte

A história é tão antiga quanto a humanidade, mas todo mundo continua a acompanhar com emoção a trama de poder, fama, traição e vício que uniu Susana Vieira e Marcelo Silva, depois os separou e por fim o levou à overdose fatal em companhia da nova e bela namorada. Dava um livro, um filme – e, claro, uma novela

Mauricio Melo



### Humilhação

Susana: a novela verdadeira da atriz rica e bem-sucedida que foi traída em público duas vezes pelo marido 28 anos mais jovem

Tony Andrade/Ag. O Globo



### Autodestruição

Marcelo com Fernanda: doze horas de uso contínuo de cocaína e surto alucinatório, até a morte ao lado da jovem por quem havia largado Susana

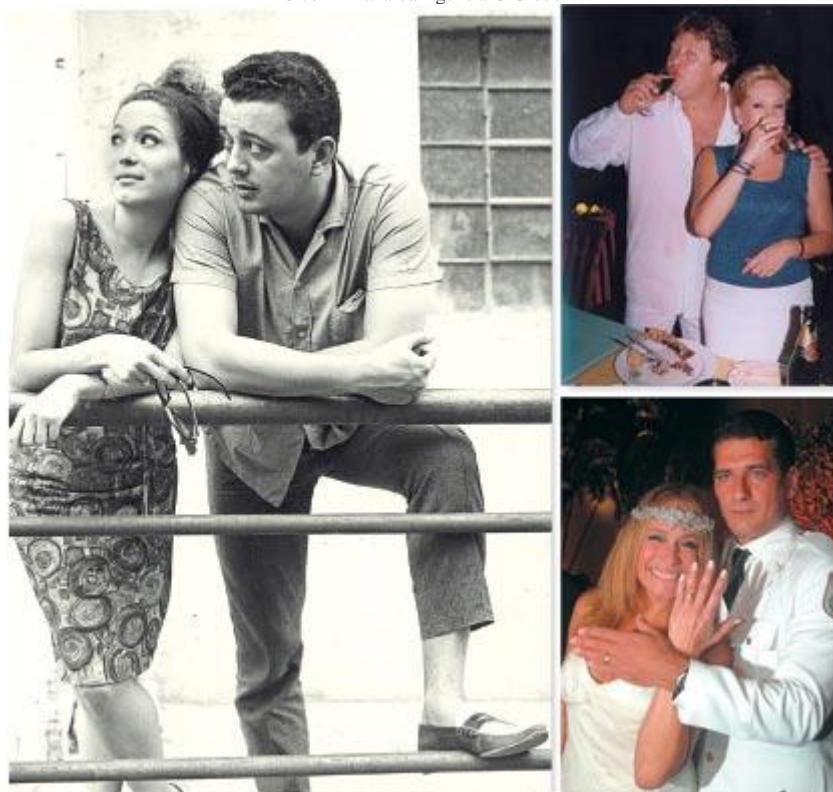
O nome e o rosto de Susana Vieira estão gravados na memória coletiva dos brasileiros. Ela divide com algumas poucas estrelas, como Hebe Camargo e Glória Menezes, a sensação de que existem desde sempre – o que é verdade, se o marco zero da história for o começo da televisão. Aos 66 anos, tem uma característica rara: continua a ser protagonista de novelas. Se não ganha o papel principal desde o início, em algum momento ela o devora, pela capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor. A isso se chama o poder de empatia e sedução das estrelas. É por isso que o público a ama, ao contrário de colegas que se atritam com a atriz de temperamento difícil e competitivo. E é por isso que não existe mulher no Brasil que não tenha acompanhado suas aventuras na TV e suas desventuras na vida real, que culminaram com a morte do ex-marido Marcelo Vieira da Silva, que por duas vezes a traiu e humilhou em público. É um lugar-comum comparar a vida de atores às tramas mirabolantes das novelas, mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição. Nessa narrativa tão antiga quanto a humanidade, Susana era o personagem principal e Marcelo aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo desconfia que não vai acabar bem no

<sup>61</sup> Segui a formatação conforme o disponível *online* em < [http://veja.abril.com.br/171208/p\\_132.shtml](http://veja.abril.com.br/171208/p_132.shtml)>.

final. É a lição de moral que o senso comum de justiça exige, mas que quando acontece não pode deixar ninguém feliz.

Marcelo Silva, ex-soldado da PM, morreu no vigor dos 38 anos assombrado por alucinações terríveis que o atormentaram durante as suas últimas doze horas de vida. Imaginava estar sendo seguido por um homem e passou a noite tentando encontrá-lo. Tanto os delírios quanto o infarto que provavelmente o matou foram provocados pela cocaína que cheirou sem cessar. A nória e a overdose, no linguajar dos drogados, são fenômenos diferentes, mas se uniram para destruir Marcelo de maneira inapelável. Antes de morrer, no começo da manhã de quinta-feira, ele se jogou no banco do carro estacionado na garagem do prédio onde morava, "como se estivesse atracado com alguém", disse a namorada, Fernanda Cunha, com quem dividiu os últimos e escandalosos dias. Nos momentos derradeiros, imaginava ter finalmente agarrado o algoz imaginário, o fantasma que o perseguia. "Te peguei, te peguei", gritou, segundo Fernanda contou à polícia. Em seguida se acalmou, como se estivesse dormindo. Aliviada, a namorada voltou ao carro e se sentou ao lado dele. Marcelo estava morto. Uma moradora que havia acudido foi a primeira a perceber ao iluminar o rosto dele com uma lanterna e notar um fio de sangue correndo pela boca.

Cleomir Tavares/Agência O Globo



#### CADA VEZ MAIS JOVENS

O rosto que as câmeras adoram e está na memória coletiva: Susana no início da carreira com o primeiro marido, Régis Cardoso; com Carson, o segundo, e com Marcelo, o bonitão da Baixada que foi expulso da PM depois do primeiro escândalo de drogas e quebraadeira

A morte por overdose costuma decorrer de derrame ou infarto: o sistema cardiovascular não agüenta a descarga de noradrenalina, um neurotransmissor, o mesmo responsável pela inefável sensação de euforia que vem com a coca. Mesmo em usuários acostumados, ou com físico de atleta, como Marcelo, pode acontecer o momento em que o corpo não agüenta, pelo excesso de droga ou, o que é mais raro em razão da qualidade inferior do pó distribuído no Brasil, por sua pureza incomum. "O infarto em quem usa

cocaína é diferente do habitual na meia-idade, que acontece por causa do entupimento de uma artéria do coração", explica Dartiu Xavier da Silveira, professor do Departamento de Psiquiatria da Unifesp e diretor-geral do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (Proad). "No caso da cocaína, acontece um espasmo, uma contração abrupta de artérias do coração, e o sangue deixa de circular." A jornada de Marcelo rumo a esse espasmo fatal começou no início da tarde de quarta-feira, quando comprou cocaína de ex-colegas de farda num estacionamento no centro do Rio de Janeiro. Foi o que disse Fernanda, segundo o depoimento no qual ela aparece dormindo em diversos e convenientes momentos – no caso, só acordou a tempo de vê-lo conversando com dois policiais ao lado de um carro da PM. Dali, foram para o motel Shalimar, nas proximidades da favela do Vidigal.

No começo da noite, Fernanda conta ter presenciado o comportamento transtornado pela primeira vez. Ele dizia estar sendo perseguido, falava sozinho, olhava nos cantos do quarto. Chegou a imaginar que Fernanda estava "de rolo" com o tal perseguidor. Os surtos em drogados funcionam de maneira quase idêntica aos de uma doença mental como a esquizofrenia paranóide. Como nos acometidos pelo distúrbio, os delírios parecem terrivelmente verdadeiros. Às 4h30 da madrugada, segundo as contas de Fernanda, voltaram para o apart-hotel onde moravam havia um mês, na Barra da Tijuca. Enquanto dirigia, ele cheirou mais e chegou alucinado à garagem do prédio. Circulava entre as vagas, freava bruscamente, gritava. Quando parou o carro, um Polo prata, começou a revistá-lo. Só interrompeu o surto de atividades frenéticas ao se jogar, prostrado, no banco do carona. Dali não saiu vivo.

Fernanda é uma bela nutricionista de 23 anos, filha de um médico e fazendeiro de Goiânia, que foi para o Rio fazer um curso de pós-graduação, conheceu Marcelo, apaixonou-se e desencadeou o último escândalo ao usar o truque clássico – e baixo – da "outra": ligar para a mulher oficial e contar tudo, na tentativa de forçar uma ruptura. Conseguiu. Depois de uma agressão que resultou em queixa à polícia, os dois se reconciliaram, contra a vontade da família dela, que chegou a cortar a mesada da jovem. Marcelo apareceu em programas de televisão fazendo declarações incrivelmente grosseiras, mas condizentes com seu perfil de boa-praça meio destrambelhado, que fala as besteiras como lhe vêm à cabeça. Antes da reconciliação com Fernanda, disse que "ela foi muito fácil, esfregava na minha cara; se eu não chegasse, seria chamado de gay". Em relação à atriz, a crueldade foi inconsciente: "Perdi a melhor mãe que já tive" (antes) e "Agradeço tudo o que a Susana fez por mim, mas as coisas têm início, meio e fim; eu e Fernanda estamos felizes" (depois). Nos bastidores, parecia desnorteado e dividido entre Susana, de quem parecia gostar de verdade, e Fernanda, com quem fazia planos de casar e ter filhos. Estava montando um negócio de transporte para executivos. Há duas semanas, embarcou com a namorada numa viagem de navio de Santos ao Rio, num encontro promovido pelo grupo Narcóticos Anônimos – uma incrível ironia, considerando-se que, quando estava com Susana Vieira, mentia que ia a reuniões do gênero para se encontrar com a outra. "Nunca aprovamos a união deles, mas era um ser humano que estava com nossa filha", diz a mãe de Fernanda, a psicóloga Terezinha Cunha. "Fernanda deu sorte de não ter sido morta por ele durante o surto", afirma o irmão dela, Cristiano.

Susana Vieira estreou na nascente televisão brasileira em 1963. Tinha o tipo de rosto que as câmeras adoram, mas ainda estava no fundo da tela – era contratada da TV Tupi para dançar durante a apresentação de cantores. Lá conheceu o primeiro marido, o diretor Régis Cardoso, falecido em 2005. Teve com ele o filho único, empresário que mora em Miami. Eram tempos ainda ingênuos quando fez o primeiro papel importante, o da babá malvada na novela *Anjo Mau*, da Globo. Num processo incomum, ela foi ganhando mais destaque com o tempo, que sempre pareceu desmentir com a aparência jovial (ajudada pelas plásticas de costume) e o temperamento desafiador. O segundo marido e o primeiro mais novo foi Carson Gardeazabal. Casou-se com ele em 1986, enfrentou uma temporada de escândalos quando ele foi acusado de duplo homicídio e se

separou em 2003. A diferença de dezesseis anos saltou para 28 em 2006, quando ela conheceu Marcelo Silva, um típico bonitão da Baixada, de olhos verdes, corpo sarado e um incontornável fraco por mulheres. O primeiro encontro foi num ensaio da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio, onde ela era a madrinha de bateria e ele fazia bico como segurança. Em duas semanas, Marcelo se mudou de Nilópolis para a casa dela, na Barra. Em três meses, anunciaram o casamento.

Fotos Francisco Silva/Ag. News



#### DUAS CARAS

Mesma praia, mulheres diferentes: Marcelo com Susana, em agosto, e com Fernanda, em novembro; enquanto o caso foi clandestino, ele dizia que ia às reuniões dos Narcóticos Anônimos para se encontrar com a outra

É impossível que uma mulher como Susana não soubesse das trocas presentes nesse tipo de relação, mesmo se sentindo desejada e amada de verdade, como testemunham amigos que acompanharam o envolvimento. E é impossível que ele não se deslumbrasse com a nova vida, de súbita notoriedade e múltiplas benesses. "Ela pegou um cara do subúrbio, trouxe para a Barra da Tijuca, deu a ele uma vida deslumbrante, algo meio Disney, e depois tirou. Ele não tinha base e pirou", descreve, sem meias palavras, uma pessoa que conheceu os dois. Na verdade, mais do que a falta de base era o excesso de pó que conturbava a vida de Marcelo. Quando conheceu Susana, ele tinha saído de um tratamento para se livrar da dependência química. A atriz, que como uma pessoa de seu tempo e de seu meio não ignorava o assunto, oscilava entre a irritação e o desejo de ajudar. Procurou assistência psiquiátrica para o marido. "Ele tinha um comportamento autodestrutivo, e os riscos de recaída eram visíveis", descreve a psiquiatra Magda Vaissman, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que cuidou de Marcelo durante três meses. "Ele era fascinado pela exposição em que vivia, pelo espetáculo. O que aconteceu foi uma tragédia, causada por uma doença difícil e traiçoeira." Foi a médica quem recomendou a internação numa clínica de recuperação depois do primeiro e humilhante escândalo em que Marcelo se envolveu: o quebra-quebra num motel onde se drogava em companhia de uma garota de programa. Com grande estardalhaço, como tudo o que faziam – e, quando não havia fotógrafos por perto, ele os chamava –, Marcelo e Susana se reconciliaram. Como prova de amor, ele gravou o rosto da atriz numa enorme tatuagem sobre as costelas.

Os probos e sérios riram-se do mau gosto dele e do pouco juízo dela. Os que já passaram pelo teste da paixão – fazer uma coisa que normalmente a pessoa não faria, e sabendo que vai dar errado – preferiram não julgar, ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre. A mais conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha por um homem mais jovem é o filme *Crepúsculo dos Deuses*, ou *Sunset Boulevard*, no título original. Numa cena venerada pelos amantes do cinema, a fita começa com um corpo boiando na piscina e um narrador contando como ele foi parar lá – um roteirista endividado se refugia no jardim de uma estrela decadente e não é preciso nem falar mais nada para saber o que acontece. Como tudo com mais de

cinquenta anos na cultura contemporânea, o filme de 1950 virou um clássico pela pura passagem do tempo – sem desmerecer suas maravilhosas qualidades. É possível que em menos tempo as reviravoltas e os dramas na vida de Susana se tornem um clássico. "Susana Vieira tem uma grande e rara comunicação com o público porque é muito forte e corajosa como mulher e como intérprete", diz o autor Silvio de Abreu. "O público vai sempre acompanhar seus trabalhos porque, como na vida real, Susana é muito sincera consigo mesma e não tem medo de expor suas fraquezas ou suas virtudes." Difícil pensar em personagem melhor para uma novela.

### Mulher bonita, rica e poderosa procura...



Quando a notícia da morte de Marcelo Silva chegou, todos se lembraram da invectiva da apresentadora **Ana Maria Braga**, antes da tragédia: "Se você desaparecesse da face da Terra agora, seria uma coisa maravilhosa para todo mundo". E todo mundo pensou nas similitudes. Como Susana, Ana Maria é uma mulher famosa e poderosa que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos. Em qualquer faixa etária, as mulheres de grande projeção enfrentam problemas para encontrar parceiros – os sensíveis egos masculinos não suportam a comparação. A partir de determinada idade, o difícil vira impossível. "Ela pode escolher um mais jovem pelo puro prazer físico, um desejo respeitável, mas passível de riscos. Ou pode escolher um homem da sua idade, mas, além de raros, uma vez que também querem moças mais novas, esses homens envelheceram muito pior do que elas", diz a psicóloga Lidia Aratangy. Os finais infelizes não são surpresa. O casamento de **Elizabeth Taylor** com o caminhoneiro **Larry Fortensky**, ela aos 59 anos, ele aos 39, acabou entre bebedeiras e pancadaria. O deslumbramento com a fama é de desequilibrar qualquer um. Imaginem **Daniel Ducruet** na primeira vez em que entrou pela porta da frente do Palácio de Mônaco, não como guarda-costas, mas como marido da princesa **Stéphanie** (ele foi despachado ao ser fotografado em flagrante delito com outra; ela engravidou de mais um segurança). Isolada no mundo do alto estrelato, **Britney Spears** não viu alternativa que não um então desconhecido dançarino de sua trupe, Kevin Federline – que esperava um filho com outra. Uma das mulheres mais cobiçadas do mundo, mesmo com toda a loucura, até hoje ela não arranjou outro namorado propriamente dito. "Nunca tive um homem que ganhasse mais do que eu", diz, realista, Ana Maria, atualmente casada com **Marcelo Frisoni**.

**ANEXO 2**





**APÊNDICES**

## **APÊNDICE 1**

**Avaliação do Texto no Sistema Linguístico [1]:**

1º Título da reportagem [2]

Escândalo [*Susana, Marcelo e Fernanda?*], pó [*Marcelo, Susana?*] e morte [*Marcelo*]**Ex. a****Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** escândalo [*Susana, Marcelo e Fernanda*]; pó [*Marcelo*]; morte [*Marcelo*]**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** escândalo de quem?; pó de quem?

2º Lead

A história [ <i>de Susana e Marcelo?</i> ]	é tão antiga quanto a humanidade
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 1****Portador:** a história do relacionamento amoroso entre mulheres mais velhas [*Susana*] e homens mais jovens [*Marcelo*] - **Atributo:** tão antiga quanto a humanidade**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** história [*envolvimento de Susana e Marcelo*]**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** humanidade [*seres humanos*]**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** história de quem?

mas todo mundo [ <i>brasileiros</i> ]	<b>continua a acompanhar</b> com emoção a trama de poder, fama, traição e vício que uniu Susana Vieira e Marcelo Silva, depois os separou e por fim o levou à overdose fatal em companhia da nova e bela namorada [ <i>Fernanda</i> ].
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 2****Comportante:** todo mundo [*brasileiros*] - **Fenômeno:** acompanhamento emocionado da história de Susana e Marcelo**Inclusão – generalização:** todo mundo [*brasileiros*]**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Susana Vieira; Marcelo Silva**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** nova [*Fernanda*]**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação física:** bela [*Fernanda*]**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** namorada [*Fernanda: Marcelo*]**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** trama de poder, fama que uniu [*Susana e Marcelo*] X trama de traição e vício que separou [*Susana e Marcelo*]**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** poder de quem?; fama de quem?; traição de quem?; vício de quem?

[ <i>A história de Susana?</i> ]	<b>Dava</b> um livro, um filme e, claro uma novela.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 3****Característica:** história de Susana - **Valor:** um livro, um filme, uma novela**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** o que ou quem dava uma novela?

3º Legenda da Foto 1 [3]

Humilhação [*Susana e Marcelo?*]**Ex. b****Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** Humilhação [*Susana*]**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** quem foi humilhado(a)?

Susana: a novela verdadeira da atriz rica e bem-sucedida	que <b>foi traída</b> em público duas vezes pelo marido 28 anos mais jovem [ <i>Marcelo</i> ]
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 4**

**Agente:** marido 28 anos mais jovem [*Marcelo*] - **Afetado:** atriz rica e bem-sucedida [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** novela verdadeira [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** atriz [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** rica [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** bem-sucedida [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** marido [*Marcelo: Susana*]; 28 anos mais jovem [*Marcelo: Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** atriz rica e bem-sucedida [*Susana profissional*] X traída em público duas vezes [*Susana mulher madura*]

4º Legenda da Foto 2

Autodestruição [ <i>Marcelo?, Susana?</i> ]
---

**Ex. c**

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** Autodestruição [*Marcelo*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** quem autodestrói-se?

Marcelo com Fernanda: doze horas de uso contínuo de cocaína e surto alucinatorio, até a morte ao lado da jovem	por quem <b>havia largado</b> Susana
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 5**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo; Fernanda; Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** jovem [*Fernanda*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** uso contínuo de cocaína [*Marcelo*]; surto alucinatorio [*Marcelo*]; morte [*Marcelo*]

5º Legenda da Foto 3 [4]

Fantasma interior [ <i>Marcelo</i> ]
--------------------------------------

**Ex. d**

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** fantasma interior [*de Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** fantasma [*Marcelo - que morreu dentro do carro*]

O carro onde Marcelo	<b>morreu:</b>
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 6**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** morrer

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

segundo a namorada [ <i>Fernanda</i> ], ele [ <i>Marcelo</i> ]	<b>dizia</b> estar sendo perseguido [ <i>pelo fantasma?</i> ], ,
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 7**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** dizer estar sendo perseguido

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** namorada [*Fernanda: Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** quem perseguia Marcelo?

[ <i>Marcelo</i> ]	<b>procurava um inimigo invisível;</b>
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 8**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** procura de um inimigo invisível

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** inimigo [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** invisível [*inimigo de Marcelo*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] procurava...

no final, [ <i>Marcelo</i> ]	<b>aquietou-se</b>
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 9**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** ficar quieto

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] aquietou-se...

e [ <i>Marcelo</i> ]	<b>disse:</b>
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 10**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** dizer que pegou o fantasma que o perseguia

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] disse...

“Te [ <i>Marcelo ao fantasma que o perseguia</i> ]	<b>peguei”</b>
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 11**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** o fantasma que o perseguia

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** te [*Marcelo ao fantasma que o perseguia*]

6º Legenda das Fotos 4, 5 e 6

Cada vez mais jovens [ <i>Marcelo, Susana e Fernanda?</i> ]
---

**Ex. e**

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** jovens [*Marcelo e Fernanda*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** cada vez mais jovens quem?

O rosto [ <i>Susana</i> ] que as câmeras [ <i>brasileiros</i> ] adoram	e <b>está</b> na memória coletiva [ <i>dos brasileiros?</i> ]:
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 12**

**Portador:** rosto de Susana - **Atributo:** estar na memória coletiva

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** rosto [*Susana*]; câmeras [*brasileiros*]

**Inclusão – generalização:** câmeras [*brasileiros*], memória coletiva [*dos brasileiros*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** memória coletiva de quem?

Susana no início da carreira com o primeiro marido, Régis Cardoso; com Carson, o segundo, e com Marcelo, o bonitão da Baixada	que <b>foi</b> expulso da PM depois do primeiro escândalo de drogas e quebraadeira
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 13**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** expulso da PM

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana; Carson; Marcelo  
**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** primeiro [*Régis: Susana*]; marido [*Régis: Susana*]; segundo [*Carson: Susana*]  
**Inclusão – ator social nomeado semiformalmente:** Régis Cardoso  
**Inclusão - ator social identificado por identificação física:** bonitão [*Marcelo*]  
**Inclusão - ator social identificado por classificação:** da Baixada [*Marcelo*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** PM [*policiais*]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** primeiro escândalo [*de Marcelo*]

7º Legenda das Fotos 11 e 12

Duas caras [ <i>Marcelo, Susana e Fernanda?</i> ]	
---	--

**Ex. f**

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** a madura Susana [*cara 1*] X a jovem Fernanda [*cara 2*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) :** caras [*de Marcelo, de Susana e Fernanda*]  
**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** duas caras quem ou de quem?

Mesma praia [ <i>Susana e Marcelo</i> ], mulheres diferentes: Marcelo com Susana, em agosto, e com Fernanda, em novembro; enquanto o caso [ <i>de Marcelo e Fernanda</i> ]	<b>foi</b> clandestino,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 14**

**Portador:** caso entre Marcelo e Fernanda - **Atributo:** clandestino

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** mesma praia [*história de mulheres maduras –Susana - com homens jovens - Marcelo*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulheres [*Susana e Fernanda*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** diferentes [*Susana e Fernanda*]; clandestino [*Marcelo e Fernanda*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo; Susana; Fernanda  
**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** [*Marcelo*] com Fernanda  
**Inclusão - ator(es) social(is) :** caso [*Marcelo e Fernanda*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** mulheres diferentes [*maduras - Susana, Elizabeth, Ana Maria... X jovens – Fernanda*]

ele [ <i>Marcelo</i> ]	<b>dizia</b> que ia às reuniões dos Narcóticos Anônimos para se encontrar com a outra [ <i>Fernanda</i> ]
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 15**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** dizer que ia às reuniões dos Narcóticos Anônimos para se encontrar com Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*]  
**Inclusão - ator social avaliado:** a outra [*Fernanda*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** Narcóticos Anônimos: [*dependentes químicos: Marcelo*]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] ia...

8º Texto da reportagem

O nome e o rosto de Susana Vieira	<b>estão</b> gravados na memória coletiva dos brasileiros.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 16**

**Portador:** nome e rosto de Susana Vieira - **Atributo:** gravados na memória coletiva dos brasileiros

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Susana Vieira

**Inclusão - ator social identificado por classificação:** brasileiros

**Inclusão – generalização:** memória coletiva dos brasileiros

Ela [ <i>Susana</i> ]	<b>divide</b> com algumas poucas estrelas, como Hebe Camargo e Glória Menezes, a sensação de que existem desde sempre –
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 17**

**Possuidor:** Susana - **Possuído:** sensação de existir desde sempre

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** estrelas [*Susana, Hebe, Glória...*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Hebe Camargo; Glória Menezes

o que [ <i>a existência eterna de Susana</i> ]	<b>é</b> verdade,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 18**

**Característica:** existência eterna de Susana - **Valor:** verdade

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** o que [*a existência eterna de Susana*]

se o marco zero da história [ <i>dos brasileiros</i> ]	<b>for</b> o começo da televisão [ <i>Susana</i> ]
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 19**

**Identificador:** marco zero da história [*dos brasileiros*] - **Identificado:** começo da televisão

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** história [*dos brasileiros*]; começo da televisão [*começo da carreira de Susana*]

Aos 66 anos [ <i>Susana</i> ]	<b>tem</b> uma característica rara:
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 20**

**Possuidor:** Susana - **Possuído:** característica rara

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** 66 anos [*Susana*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Susana*] tem...

[ <i>Susana</i> ]	<b>continua a ser</b> protagonista de novelas.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 21**

**Portador:** Susana - **Atributo:** protagonista de novelas

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** protagonista de novelas [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação** (exs. 20 e 21): 66 anos [*Susana*] X



protagonista de novelas [Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] continua...

Se [Susana]	não <b>ganha</b> o papel principal desde o início,
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 22**

**Comportante:** Susana - **Fenômeno:** obtenção do papel principal desde o início

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] não ganha...

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** início de que?

em algum momento ela [Susana]	o <b>devora</b> , pela capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 23**

**Experienciador:** Susana - **Fenômeno:** “devoramento” dos papéis que interpreta

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [Susana]; o [papel principal]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** tudo a seu redor: *outras pessoas*

**Inclusão – generalização:** tudo a seu redor [outras pessoas]

A isso [capacidade de ofuscar de Susana]	<b>se chama</b> o poder de empatia e sedução das estrelas.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 24**

**Identificador:** capacidade de ofuscar de Susana - **Identificado:** poder de empatia e sedução das estrelas

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** estrelas [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** isso [capacidade de ofuscar de Susana]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** quem chama?

É por isso que o público [brasileiros]	a [Susana] <b>ama</b> ,
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 25**

**Experienciador:** público - **Fenômeno:** amor à Susana

**Inclusão – generalização:** público [brasileiros]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** a [Susana]

ao contrário de colegas	que <b>se atritam</b> com a atriz de temperamento difícil e competitivo [Susana].
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 26**

**Experienciador:** colegas de Susana - **Fenômeno:** atrito com Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** colegas [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** atriz [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** de temperamento difícil [Susana]; de temperamento competitivo [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação** (exs. 25 e 26): público que ama Susana X colegas que se atritam com Susana

E é por isso [ <i>empatia e temperamento de Susana</i> ]	que não <b>existe</b> mulher no Brasil que não tenha acompanhado suas [ <i>Susana</i> ] aventuras na TV e suas [ <i>Susana</i> ] desventuras na vida real, que culminaram com a morte do ex-marido Marcelo Vieira da Silva, que por duas vezes a traiu e humilhou em público.
<b>T</b>	<b>R (PEX)</b>

**Ex. 27**

**Existente:** mulher no Brasil que não tenha acompanhado as aventuras na TV e desventuras na vida real de Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** isso [*empatia e temperamento de Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** suas [*Susana*] aventuras; suas [*Susana*] desventuras

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulher no Brasil [*brasileiras*]

**Inclusão – generalização:** mulher no Brasil [*brasileiras*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** ex-marido [*Marcelo: Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) – formalmente:** Marcelo Vieira da Silva

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** aventuras [*de Susana*] na TV X desventuras [*de Susana*] vida real

É um lugar-comum [ <i>brasileiros?</i> ]	<b>comparar</b> a vida de atores [ <i>Susana</i> ] às tramas mirabolantes das novelas,
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 28**

**Comportante:** [*brasileiros*] - **Fenômeno:** comparação da vida de atores às tramas das novelas

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** atores [*Susana*]

**Exclusão – Supressão do(s) ator(es) social(is):** quem compara?

mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo [ <i>de Marcelo, Susana e Fernanda?</i> ]	que <b>aproximou</b> e <b>afastou</b> Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 29**

**Agente:** história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo - **Afetado:** Susana e Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s)** (exs. 28 e 29): tramas mirabolantes das novelas [*relacionamento de Susana e Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo; Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** história [*envolvimento de Susana e Marcelo*]; paixão [*Susana*]; autodestruição [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** história de amor, fama, poder [*de Susana e Marcelo*] X história de deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo [*de Susana e Marcelo*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** amor de quem?; fama de quem?; poder de quem?; deslumbramento de quem?; ascensão social de quem?; traição de quem?; escândalo de quem?; força da paixão de quem?; apelo da autodestruição de quem?

Nessa narrativa tão antiga quanto a humanidade, Susana	<b>era</b> o personagem principal.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 30**

**Portador:** Susana - **Atributo:** personagem principal

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** personagem principal [*Susana*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** humanidade [*seres humanos*]

e Marcelo	[ <i>era</i> ] aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo [ <i>brasileiros</i> ] desconfia que não vai acabar bem no final.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 31**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** coadjuvante [*Marcelo*]; de caráter duvidoso [*Marcelo*]; comportamento inconveniente [*Marcelo*]

**Inclusão – generalização:** todo mundo [*brasileiros*]

**Inclusão - ator (es) social(is) personalizados por diferenciação** (exs. 31 e 32): Susana - personagem principal  
X Marcelo – coadjuvante

É a lição de moral [ <i>final da história de Susana e Marcelo</i> ] que o senso comum de justiça [ <i>dos brasileiros?</i> ]	<b>exige,</b>
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 32**

**Experienciador:** senso comum de justiça - **Fenômeno:** exigência de lição de moral

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** lição de moral [*final da história de Susana e Marcelo*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** senso comum de justiça de quem?

mas que quando [ <i>final da história de Susana e Marcelo</i> ] acontece	não <b>pode deixar</b> ninguém [ <i>brasileiros</i> ] feliz.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 33**

**Experienciador:** ninguém [*brasileiros*] - **Fenômeno:** felicidade

**Inclusão – generalização:** ninguém [*brasileiros*]

Marcelo Silva, ex-soldado da PM,	<b>morreu</b> no vigor dos 38 anos assombrado por alucinações que o atormentaram durante as suas últimas doze horas de vida.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 34**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** morte no vigor dos 38 anos

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Marcelo Silva

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** no vigor dos 38 anos [*Marcelo*]; assombrado [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** ex-soldado da PM [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** o [*Marcelo*] atormentaram; suas [*Marcelo*]

[ <i>Marcelo</i> ]	<b>Imaginava</b> estar sendo seguido por um homem
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 35**

**Experienciador:** Marcelo - **Fenômeno:** imaginação de ser seguido

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] imaginava...

e [Marcelo]	passou a noite tentando encontrá-lo [um homem].
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 36**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** tentativa de encontrar homem imaginário

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** encontrá-lo [um homem: Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] passou...

Tanto os delírios quanto o infarto que provavelmente o [Marcelo] matou	<b>foram provocados</b> pela cocaína que [Marcelo] cheirou sem cessar.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 37**

**Agente:** cocaína cheirada por Marcelo - **Afetado:** delírios e infarto de Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** o [Marcelo] matou

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] cheirou...

A nóia e a overdose, no linguajar dos drogados [Marcelo],	<b>são</b> fenômenos diferentes,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 38**

**Identificador:** nóia e overdose de Marcelo - **Identificado:** fenômenos diferentes

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** drogados [Marcelo]

mas [a nóia e a overdose] se uniram	para <b>destruir</b> Marcelo de maneira inapelável.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 39**

**Agente:** nóia e overdose de Marcelo - **Afetado:** Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

Antes de morrer, no começo da manhã de quinta-feira ele [Marcelo]	<b>se jogou</b> no banco do carro estacionado na garagem do prédio onde morava,
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 40**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** banco do carro

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** onde [Marcelo] morava...

"como se [Marcelo]	<b>estivesse</b> atracado com alguém",
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 41**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** atracado com alguém

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** atracado com alguém [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** como se [Marcelo] estivesse...

disse	a namorada, Fernanda Cunha, com quem [Marcelo] dividiu os últimos e escandalosos dias.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 42**

**Dizente:** a namorada, Fernanda Cunha - **Verbiagem:** dizer que Marcelo estava como que atracado com alguém

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** namorada [*Fernanda: Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Fernanda Cunha

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** com quem [*Marcelo*] dividiu...; os últimos e escandalosos dias [*de Marcelo e Fernanda*]

Nos momentos derradeiros, [ <i>Marcelo</i> ]	<b>imaginava</b> ter finalmente agarrado o algoz imaginário, o fantasma que o perseguia.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 43**

**Experenciador:** Marcelo - **Fenômeno:** imaginação de agarrar o algoz imaginário

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** algoz [*fantasma de Marcelo*]; imaginário [*fantasma de Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** o [*Marcelo*] perseguia

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] imaginava...

"Te [ <i>Marcelo ao fantasma que o perseguia</i> ]	<b>peguei,</b>
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 44**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** o fantasma que o perseguia

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** te [*Marcelo ao fantasma que o perseguia*]

"Te [ <i>Marcelo ao fantasma que o perseguia</i> ]	<b>peguei",</b>
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 45**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** o fantasma que o perseguia

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** te [*Marcelo ao fantasma que o perseguia*]

<b>gritou,</b> [ <i>Marcelo</i> ]	segundo Fernanda contou à polícia.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 46**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** gritar que pegou o fantasma que o perseguia

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** polícia [*policiais*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** gritou [*Marcelo*]...

Em seguida [ <i>Marcelo</i> ]	<b>se acalmou,</b>
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 47**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** acalmar-se

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] se acalmou...

como se [ <i>Marcelo</i> ]	<b>estivesse dormindo.</b>
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 48**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** dormindo

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] estivesse...

Aliviada, a namorada [Fernanda]	<b>voltou</b> ao carro [de Marcelo]
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 49</b>	
<b>Agente:</b> namorada [Fernanda] - <b>Afetado:</b> carro	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> aliviada [Fernanda]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> namorada [Fernanda: Marcelo]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> carro [de Marcelo]...	
e [Fernanda]	<b>se sentou</b> ao lado dele [Marcelo].
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 50</b>	
<b>Agente:</b> Fernanda - <b>Afetado:</b> Marcelo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> dele [Marcelo]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [Fernanda] se sentou...	
Marcelo	<b>estava</b> morto.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 51</b>	
<b>Portador:</b> Marcelo - <b>Atributo:</b> morto	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:</b> Marcelo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> morto [Marcelo]	
Uma moradora que havia acudido [Marcelo]	<b>foi</b> a primeira a perceber
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 52</b>	
<b>Portador:</b> moradora - <b>Atributo:</b> primeira a perceber a morte de Marcelo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> moradora [vizinha: Marcelo]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> havia acudido [Marcelo]...; perceber [Marcelo] morto	
ao [moradora]	<b>iluminar</b> o rosto dele [Marcelo] com uma lanterna
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 53</b>	
<b>Agente:</b> moradora - <b>Afetado:</b> rosto de Marcelo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> dele [Marcelo]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [moradora] iluminar...	
e [moradora]	<b>notar</b> um fio de sangue correndo pela boca [de Marcelo].
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 54</b>	
<b>Agente:</b> moradora - <b>Afetado:</b> fio de sangue	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [moradora] notar...; fio de sangue correndo pela boca [de Marcelo]	
A morte por overdose [Marcelo]	<b>costuma decorrer</b> de derrame ou infarto:
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 55</b>	

**Identificador:** morte por overdose de Marcelo - **Identificado:** derrame ou infarto

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** morte por overdose [*de Marcelo*]

o sistema cardiovascular [ <i>Marcelo</i> ]	não <b>agüenta</b> a descarga de noradrenalina, um neurotransmissor, o mesmo responsável pela inefável sensação de euforia que vem com a coca.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 56**

**Comportante:** sistema cardiovascular de Marcelo - **Fenômeno:** descarga de noradrenalina na overdose

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** sistema cardiovascular [*de Marcelo*]

Mesmo em usuários acostumados, ou com físico de atleta, como Marcelo,	<b>pode acontecer</b> o momento em que o corpo não agüenta, pelo excesso de droga
<b>T</b>	<b>R (PEX)</b>

**Ex. 57**

**Existente:** momento em que o corpo não agüenta

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** usuários acostumados [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação física:** físico de atleta [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** corpo [*de Marcelo*]

ou, o que é mais raro [ <i>o corpo de Marcelo</i> ]	não <b>agüenta</b> em razão da qualidade inferior do pó distribuído no Brasil, por sua pureza incomum.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 58**

**Comportante:** corpo de Marcelo - **Fenômeno:** não agüentar pela qualidade inferior do pó distribuído no Brasil

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** corpo [*de Marcelo*]...

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** distribuído no Brasil por quem?

"O infarto em quem usa cocaína [ <i>Marcelo</i> ]	é diferente do habitual na meia-idade, que acontece por causa do entupimento de uma artéria do coração",
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 59**

**Identificador:** infarto em quem usa cocaína - **Identificado:** diferente do habitual na meia-idade

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** quem usa cocaína [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** meia-idade [*pessoas mais velhas*]

explica	Dartiu Xavier da Silveira, professor do Departamento de Psiquiatria da Unifesp e diretor-geral do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (Proad).
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 60**

**Dizente:** Dartiu Xavier da Silveira - **Verbiagem:** explicar sobre infarto em drogados

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** Dartiu Xavier da Silveira, professor, diretor-geral do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** do Departamento de Psiquiatria da Unifesp [*Dartiu*]

"No caso da cocaína,	<b>acontece</b> um espasmo, uma contração abrupta de artérias do coração,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 61</b>	
<b>Circunstância:</b> uso de cocaína por Marcelo	
e o sangue	<b>deixa de circular."</b>
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>
<b>Ex. 62</b>	
<b>Comportante:</b> sangue de Marcelo - <b>Fenômeno:</b> deixar de circular pelo uso de cocaína	
A jornada de Marcelo rumo a esse espasmo fatal	<b>começou</b> no início da tarde de quarta-feira,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 63</b>	
<b>Identificador:</b> jornada de Marcelo até a morte - <b>Identificado:</b> começou no início da tarde de quarta-feira	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:</b> Marcelo	
quando [ <i>Marcelo</i> ]	<b>comprou</b> cocaína de ex-colegas de farda num estacionamento no centro do Rio de Janeiro.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 64</b>	
<b>Agente:</b> Marcelo - <b>Afetado:</b> cocaína	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> ex-colegas [ <i>de Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:</b> farda: <i>policiais</i>	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> quando [ <i>Marcelo</i> ] comprou...	
Foi o que disse	Fernanda,
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>
<b>Ex. 65</b>	
<b>Dizente:</b> Fernanda - <b>Verbiagem:</b> dizer que Marcelo comprou cocaína na tarde de quarta-feira	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:</b> Fernanda	
segundo o depoimento [ <i>de Fernanda</i> ]	no qual ela [ <i>Fernanda</i> ] <b>aparece</b> dormindo em diversos e convenientes momentos –
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 66</b>	
<b>Portador:</b> Fernanda - <b>Atributo:</b> dormindo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> ela [ <i>Fernanda</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> dormindo em diversos e convenientes momentos [ <i>Fernanda</i> ]	
<b>Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):</b> depoimento [ <i>de Fernanda</i> ]	
no caso, [ <i>Fernanda</i> ]	só <b>aparece</b> dormindo a tempo de vê-lo [ <i>Marcelo</i> ] conversando com dois policiais ao lado de um carro da PM.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 67</b>	
<b>Portador:</b> Fernanda - <b>Atributo:</b> dormindo	



**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** vê-lo [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** dois policiais

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** PM [policiais]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Fernanda] só aparece...

Dali, [Marcelo e Fernanda]	<b>foram</b> para o motel Shalimar, nas proximidades da favela do Vidigal.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 68**

**Comportante:** Marcelo e Fernanda - **Fenômeno:** ir para o motel Shalimar

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo e Fernanda] foram...

No começo da noite, Fernanda	<b>conta</b> ter presenciado o comportamento transtornado [de Marcelo] pela primeira vez.
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 69**

**Dizente:** Fernanda - **Verbiagem:** contar ter presenciado o comportamento transtornado de Marcelo pela primeira vez

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** comportamento transtornado [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** comportamento transtornado [de Marcelo]

Ele [Marcelo]	<b>dizia</b> estar sendo perseguido,
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 70**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** dizer estar sendo perseguido

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** perseguido [Marcelo]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** perseguido por quem?

[Marcelo]	<b>falava</b> sozinho,
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 71**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** falar sozinho

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** sozinho [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] falava...

[Marcelo]	<b>olhava</b> nos cantos do quarto.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 72**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** olhar nos cantos do quarto

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] olhava...

[Marcelo]	<b>Chegou a imaginar</b> que Fernanda estava "de rolo" com o tal perseguidor.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 73**

**Experienciador:** Marcelo - **Fenômeno:** imaginação sobre Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda  
**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** perseguidor [*fantasma de Marcelo*]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] chegou a imaginar...

Os surtos em drogados [ <i>Marcelo</i> ]	<b>funcionam</b> de maneira quase idêntica aos de uma doença mental como a esquizofrenia paranóide.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 74**

**Identificador:** surtos em drogados - **Identificado:** doença mental

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** drogados [*Marcelo*]  
**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** doença mental como a esquizofrenia paranóide [*esquizofrênicos*]

Como nos acometidos pelo distúrbio, os delírios [ <i>Marcelo</i> ]	<b>parecem</b> terrivelmente verdadeiros.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 75**

**Característica:** delírios de Marcelo - **Valor:** terrivelmente verdadeiros

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** acometidos pelo distúrbio [*esquizofrênicos*]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** os delírios dos drogados [*Marcelo*]

Às 4h30 da madrugada, segundo as contas de Fernanda, [ <i>Marcelo e Fernanda</i> ]	<b>voltaram</b> para o apart-hotel onde moravam havia um mês, na Barra da Tijuca.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 76**

**Comportante:** Marcelo e Fernanda - **Fenômeno:** volta para o apart-hotel

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo e Fernanda*] voltaram...; [*Marcelo e Fernanda*] moravam...

Enquanto [ <i>Marcelo</i> ]	<b>dirigia,</b>
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 77**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** carro

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] dirigia...

ele [ <i>Marcelo</i> ]	<b>cheirou</b> mais
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 78**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** cocaína

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*]

e [ <i>Marcelo</i> ]	<b>chegou</b> alucinado à garagem do prédio.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 79**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** chegar alucinado à garagem

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** alucinado [*Marcelo*]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] chegou...

[Marcelo]	Circulava entre as vagas,
T	R (PCO)

**Ex. 80**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** circular entre as vagas da garagem

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] circulava...

[Marcelo]	freava bruscamente,
T	R (PMA)

**Ex. 81**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** carro

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] freava...

[Marcelo]	gritava.
T	R (PCO)

**Ex. 82**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** gritar

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] gritava...

Quando [Marcelo]	parou o carro, um Polo prata,
T	R (PMA)

**Ex. 83**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** carro

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] parou...

[Marcelo]	começou a revistá-lo.
T	R (PMA)

**Ex. 84**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** carro

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] começou...

Só [Marcelo]	interrompeu o surto de atividades frenéticas ao se jogar, prostrado, no banco do carona.
T	R (PCO)

**Ex. 85**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** interromper o surto de atividades frenéticas

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** prostrado [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] interrompeu...

Dali [Marcelo]	não saiu vivo.
T	R (PRE)

**Ex. 86**

**Circunstância:** morte de Marcelo na garagem

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** não vivo [morto: Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] não saiu...

Fernanda	é uma bela nutricionista de 23 anos, filha de um médico e fazendeiro de Goiânia, que foi para o Rio fazer um curso de pós-graduação.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 87**

**Portador:** Fernanda - **Atributo:** bela nutricionista de 23 anos

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação física:** bela [Fernanda]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** nutricionista [Fernanda]; médico [pai de Fernanda]; fazendeiro [pai de Fernanda]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** de 23 anos [Fernanda]; de Goiânia [pai de Fernanda]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** filha [Fernanda]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** que [Fernanda] foi para o Rio...

[Fernanda]	conheceu Marcelo,
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 88**

**Agente:** Fernanda - **Afetado:** Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Fernanda] conheceu...

[Fernanda]	apaixonou-se [por Marcelo]
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 89**

**Experienciador:** Fernanda - **Fenômeno:** paixão

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Fernanda] apaixonou-se...; apaixonou-se [por Marcelo]

e [Fernanda]	<b>desencadeou</b> o último escândalo ao usar o truque clássico – e baixo – da "outra" [Fernanda]; ligar para a mulher oficial [Susana] e contar tudo, na tentativa de forçar uma ruptura [com Marcelo].
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 90**

**Agente:** Fernanda - **Afetado:** último escândalo

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** mulher oficial [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** mulher oficial [Susana: Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** "outra" [Fernanda] X mulher oficial [Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Fernanda] desencadeou...

[Fernanda]	<b>Conseguiu.</b> [ruptura de Susana e Marcelo]
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 91**

**Agente:** Fernanda - **Afetado:** ruptura [de Marcelo e Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Fernanda] conseguiu; ruptura [de Susana e Marcelo]

Depois de uma agressão que resultou em queixa à polícia, os dois [Marcelo e Fernanda]	<b>se reconciliaram</b> , contra a vontade da família dela, que chegou a cortar a mesada da jovem [Fernanda].
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 92**

**Comportante:** Marcelo e Fernanda - **Fenômeno:** reconciliação

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** polícia [*policiais*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** os dois [*Marcelo e Fernanda*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** família [*mãe, pai, irmão: Fernanda*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** dela [*Fernanda*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** jovem [*Fernanda*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo e Fernanda*] se reconciliaram

Marcelo	<b>apareceu</b> em programas de televisão fazendo declarações incrivelmente grosseiras,
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 93**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** aparição em programas de televisão

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** fazendo declarações incrivelmente grosseiras [*Marcelo*]

mas [ <i>declarações</i> ] condizentes com seu [ <i>Marcelo</i> ] perfil de boa-praça meio destrambelhado,	que <b>fala</b> as besteiras como lhe [ <i>Marcelo</i> ] vêm à cabeça.
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 94**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** falar as besteiras como lhe vêm à cabeça.

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** seu [*Marcelo*]; lhe [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** boa-praça [*Marcelo*]; meio destrambelhado [*Marcelo*]; que fala as besteiras como lhe vêm à cabeça [*Marcelo*]

<b>Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação</b> (exs. 93 e 94): fazendo declarações incrivelmente grosseiras [ <i>Marcelo</i> ] X boa-praça meio destrambelhado que fala as besteiras como lhe vêm à cabeça [ <i>Marcelo</i> ] Antes da reconciliação com Fernanda, [ <i>Marcelo</i> ]	<b>disse</b>
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 95**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** dizer coisas sobre Fernanda e Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Marcelo*] disse...

que "ela [ <i>Fernanda</i> ]	<b>foi</b> muito fácil;
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 96**

**Portador:** Fernanda - **Atributo:** muito fácil

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [*Fernanda*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** muito fácil [*Fernanda*]

[ <i>Fernanda</i> ]	<b>esfregava</b> na minha [ <i>Marcelo</i> ] cara;
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 97**

**Comportante:** Fernanda - **Fenômeno:** provocação a Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** minha [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Fernanda] esfregava...

se eu [Marcelo]	não <b>chegasse</b> [em Fernanda],
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 98**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** chegar em Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** eu [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** não chegasse [em Fernanda]...

[eu - Marcelo]	<b>seria</b> chamado de gay".
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 99**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** gay

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** gay [homem homossexual]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] seria...

Em relação à atriz [Susana], a crueldade [de Marcelo]	<b>foi</b> inconsciente:
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 100**

**Identificador:** crueldade de Marcelo - **Identificado:** inconsciente

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** atriz [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** crueldade inconsciente [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** crueldade [de Marcelo]...

[eu - Marcelo]	" <b>Perdi</b> a melhor mãe [Susana] que já tive" (antes)
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 101**

**Agente:** Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** mãe [Susana:Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** melhor mãe [Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** eu [Marcelo] perdi...

e [eu - Marcelo]	" <b>Agradeço</b> tudo o que a Susana fez por mim
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 102**

**Experienciador:** Marcelo - **Fenômeno:** gratidão

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** mim [Marcelo]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** eu [Marcelo] agradeço...

mas as coisas [Susana, Marcelo e Fernanda, pessoas?]	<b>têm</b> início, meio e fim;
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 103**

**Possuidor:** coisas [das pessoas?] - **Possuído:** início, meio e fim

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** coisas relacionadas a quem?

eu [Marcelo] e Fernanda	estamos felizes" (depois).
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 104</b>	
<b>Portador:</b> Marcelo e Fernanda - <b>Atributo:</b> felizes	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> eu [Marcelo]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:</b> Fernanda	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> felizes [Marcelo e Fernanda]	
Nos bastidores, [Marcelo]	<b>parecia</b> desnortado e dividido entre Susana, de quem [Marcelo] parecia gostar de verdade, e Fernanda, com quem [Marcelo] fazia planos de casar e ter filhos.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 105</b>	
<b>Portador:</b> Marcelo - <b>Atributo:</b> desnortado e dividido	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> desnortado [Marcelo]; dividido [Marcelo]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:</b> Fernanda; Susana	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> de quem [Susana: Marcelo]; com quem [Fernanda: Marcelo]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:</b> Susana: gostar de verdade X Fernanda: planos de casar e ter filhos	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [Marcelo] parecia...	
[Marcelo]	<b>Estava</b> montando um negócio de transporte para executivos.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 106</b>	
<b>Portador:</b> Marcelo - <b>Atributo:</b> montando um negócio de transporte para executivos	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:</b> executivos	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [Marcelo] estava...	
Há duas semanas, [Marcelo]	<b>embarcou</b> com a namorada [Fernanda] numa viagem de navio de Santos ao Rio, num encontro promovido pelo grupo Narcótico Anônimos –
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>
<b>Ex. 107</b>	
<b>Comportante:</b> Marcelo - <b>Fenômeno:</b> embarque numa viagem de navio com a namorada Fernanda	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> namorada [Fernanda: Marcelo]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:</b> grupo Narcótico Anônimos [drogados e ex-drogados - Marcelo]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [Marcelo] embarcou...	
uma incrível ironia, considerando-se que, quando [Marcelo]	<b>estava</b> com Susana Vieira,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 108</b>	
<b>Portador:</b> Marcelo - <b>Atributo:</b> com Susana Vieira	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:</b> Susana Viera	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [Marcelo] estava...	

[Marcelo]	<b>mentia</b> que ia a reuniões do gênero para se encontrar com a outra [Fernanda].
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 109**

**Dizente:** Marcelo - **Verbiagem:** mentir que ia a reuniões

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** do gênero [dos drogados e ex-drogados - Marcelo]  
**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** a outra [Fernanda]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] mentia...

[nós – familiares de Fernanda]	"Nunca <b>aprovamos</b> a união deles [Marcelo e Fernanda],
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 110**

**Experienciador:** família de Fernanda - **Fenômeno:** aprovação

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** deles [Marcelo e Fernanda]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** nós [familiares de Fernanda] nunca...

Mas [Marcelo]	<b>era</b> um ser humano que estava com nossa filha" [Fernanda],
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 111**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** ser humano

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** ser humano [Marcelo]  
**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** nossa [pais de Fernanda],  
**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** filha [Fernanda]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] era...

<b>diz</b>	a mãe de Fernanda, a psicóloga Terezinha Cunha.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 112**

**Dizente:** mãe de Fernanda - **Verbiagem:** dizer sua opinião sobre o relacionamento de Marcelo e Fernanda

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** mãe [Fernanda]  
**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda  
**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** psicóloga Terezinha Cunha

"Fernanda	<b>deu</b> sorte de não ter sido morta por ele [Marcelo] durante o surto",
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 113**

**Portador:** Fernanda - **Atributo:** sorte

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Fernanda  
**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Marcelo]  
**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** surto [de Marcelo]

<b>afirma</b>	o irmão dela [Fernanda], Cristiano.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 114**

**Dizente:** irmão de Fernanda - **Verbiagem:** afirmar que Fernanda teve sorte em não ser morta por Marcelo  
**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** irmão [Cristiano: Fernanda]



**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** dela [Fernanda]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Cristiano

Susana Vieira	<b>estreou</b> na nascente televisão brasileira em 1963.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 115**

**Agente:** Susana Vieira - **Afetado:** televisão brasileira

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Susana Vieira

[Susana]	<b>Tinha</b> o tipo de rosto que as câmeras [brasileiros] adoram.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 116**

**Possuidor:** Susana

**Possuído:** rosto que as câmeras adoram

**Inclusão – generalização:** câmeras [brasileiros]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] tinha...

mas [Susana]	ainda <b>estava</b> no fundo da tela –
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 117**

**Identificador:** Susana - **Identificado:** fundo da tela

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** no fundo da tela [Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] ainda estava...

[Susana]	<b>era</b> contratada da TV Tupi durante a apresentação de cantores.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 118**

**Portador:** Susana - **Atributo:** contratada da TV Tupi para dançar

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** TV Tupi [donos da emissora de TV]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** cantores

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] era...

Lá [Susana]	<b>conheceu</b> o primeiro marido, o diretor Régis Cardoso, falecido em 2005.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 119**

**Agente:** Susana - **Afetado:** primeiro marido de Susana, o diretor Régis Cardoso

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** primeiro [Régis: Susana]; marido [Régis: Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** o diretor Régis Cardoso

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** falecido [Régis]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] conheceu...

[Susana]	<b>Teve</b> com ele [Régis] o filho único, empresário que mora em Miami.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 120**

**Possuidor:** Susana - **Possuído:** filho único de Susana, empresário que mora em Miami

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Régis*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** filho [*de Susana*]; único [*de Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** empresário [*filho de Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** que mora em Miami [*filho de Susana*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Susana*] teve...

Eram tempos ainda ingênuos quando [ <i>Susana</i> ]	<b>fez</b> o primeiro papel importante, o da babá malvada na novela <i>Anjo Mau</i> , da Globo.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 121**

**Agente:** Susana - **Afetado:** primeiro papel importante de Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** primeiro papel importante [*Susana*]; malvada [*personagem de Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** babá [*personagem de Susana*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Susana*] fez...

Num processo incomum, ela [ <i>Susana</i> ]	<b>foi ganhando</b> mais destaque com o tempo, que sempre pareceu desmentir com a aparência jovial (ajudada pelas plásticas de costume) e o temperamento desafiador.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 122**

**Comportante:** Susana - **Fenômeno:** ganhar mais destaque com o tempo - pelas plásticas

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** aparência jovial ajudada pelas plásticas [*Susana*]; temperamento desafiador [*Susana*]

O segundo marido e o primeiro mais novo [ <i>de Susana</i> ]	<b>foi</b> Carson Gardezabal.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 123**

**Identificador:** segundo marido de Susana - **Identificado:** Carson Gardezabal

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** segundo [*Carson: Susana*]; marido [*Carson: Susana*]; primeiro [*Carson: Susana*]; mais novo [*Carson: Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Carson Gardezabal

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** mais novo [*de Susana*] foi...

[ <i>Susana</i> ]	<b>Casou-se</b> com ele [ <i>Carson</i> ] em 1986,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 124**

**Circunstância:** casamento entre Susana e Carson

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Carson*]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [*Susana*] casou-se...

[ <i>Susana</i> ]	<b>enfrentou</b> uma temporada de escândalos quando ele [ <i>Carson</i> ] foi acusado de duplo homicídio
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 125**

**Comportante:** Susana - **Fenômeno:** enfrentamento de uma temporada de escândalos

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Carson]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** acusado de duplo homicídio [Carson]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] enfrentou...

e [Susana]	<b>se separou</b> [de Carson] em 2003.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 126**

**Circunstância:** separação entre Susana e Carson

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] se separou...; se separou [de Carson]...

A diferença de dezesseis anos [entre Susana e Carson]	<b>saltou</b> para 28 [entre Susana e Marcelo] em 2006,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 127**

**Identificador:** diferença de dezesseis anos entre Susana e Carson - **Identificado:** salto para 28 anos

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** diferença de dezesseis anos [Carson] saltou para 28 [Marcelo]

quando ela [Susana]	<b>conheceu</b> Marcelo Silva, um típico bonitão da Baixada, de olhos verdes, corpo sarado e um incontornável fraco por mulheres.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 128**

**Agente:** Susana - **Afetado:** Marcelo Silva

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Marcelo Silva

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação física:** bonitão [Marcelo]; de olhos verdes [Marcelo]; corpo sarado [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** da Baixada [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** típico [Marcelo]; incontornável fraco por mulheres [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulheres

O primeiro encontro [de Marcelo e Susana]	<b>foi</b> num ensaio da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 129**

**Identificador:** primeiro encontro - **Identificado:** num ensaio da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** escola de samba Acadêmicos da Grande Rio [sambistas]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** primeiro encontro [de Marcelo e Susana] foi...

onde ela [Susana]	<b>era</b> a madrinha de bateria
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 130**

**Portador:** Susana - **Atributo:** madrinha de bateria

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** madrinha de bateria [Susana]

e ele [Marcelo]	<b>fazia</b> bico como segurança.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 131**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** bico como segurança

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** segurança [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação** (exs. 130 e 131): madrinha de bateria [Susana] X bico como segurança [Marcelo]

Em duas semanas, Marcelo	<b>se mudou</b> de Nilópolis para a casa dela [Susana], na Barra.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 132**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** mudança para a casa de Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** dela [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** de Nilópolis [Marcelo] X da Barra [Susana]

Em três meses [Marcelo e Susana],	<b>anunciaram</b> o casamento.
<b>T</b>	<b>R (PVE)</b>

**Ex. 133**

**Dizente:** Susana e Marcelo - **Verbiagem:** anunciar o casamento

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo e Susana] anunciaram...; o casamento [de Marcelo e Susana]

É impossível que uma mulher como Susana	não <b>soubesse</b> das trocas presentes nesse tipo de relação [Marcelo e Susana],
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 134**

**Experienciador:** Susana - **Fenômeno:** ciência das trocas presentes nesse tipo de relação

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** uma mulher como Susana; tipo de relação [Marcelo e Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** nesse tipo de relação [Marcelo e Susana]

mesmo [Susana]	<b>se sentindo</b> desejada e amada de verdade, como testemunham amigos que acompanharam o envolvimento [Marcelo e Susana].
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 135**

**Experienciador:** Susana - **Fenômeno:** sentimento de desejo e amor

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** amigos [de Marcelo e Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] se sentindo...; desejada [por Marcelo]...; amada [por Marcelo]...; envolvimento [de Marcelo e Susana]

E é impossível que ele [Marcelo]	não <b>se deslumbrasse</b> com a nova vida, de súbita notoriedade e múltiplas benesses.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 136**

**Experienciador:** Marcelo - **Fenômeno:** deslumbramento com a nova vida

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** nova vida [relacionamento de Marcelo com Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** súbita notoriedade [Marcelo]; múltiplas benesses [Marcelo]

"Ela [ <i>Susana</i> ]	<b>pegou</b> um cara do subúrbio [ <i>Marcelo</i> ],
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 137</b>	
<b>Agente:</b> Susana - <b>Afetado:</b> cara do subúrbio [ <i>Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> ela [ <i>Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:</b> um cara [ <i>Marcelo</i> ]; do subúrbio [ <i>Marcelo</i> ]	
[ <i>Susana</i> ]	<b>trouxe</b> [ <i>Marcelo</i> ] para a Barra da Tijuca,
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 138</b>	
<b>Agente:</b> Susana - <b>Afetado:</b> Marcelo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação (exs. 137 e 138):</b> subúrbio [ <i>Marcelo</i> ] X Barra da Tijuca [ <i>Susana</i> ]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [ <i>Susana</i> ] trouxe...; trouxe [ <i>Marcelo</i> ]...	
[ <i>Susana</i> ]	<b>deu</b> a ele [ <i>Marcelo</i> ] uma vida deslumbrante, algo meio Disney,
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 139</b>	
<b>Agente:</b> Susana - <b>Afetado:</b> Marcelo	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> ele [ <i>Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> uma vida deslumbrante, algo meio Disney [ <i>Susana, Marcelo</i> ]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [ <i>Susana</i> ] deu...	
e [ <i>Susana</i> ]	depois <b>tirou</b> [ <i>de Marcelo</i> ]
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 140</b>	
<b>Agente:</b> Susana - <b>Afetado:</b> Marcelo	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [ <i>Susana</i> ] tirou.... tirou de [ <i>Marcelo</i> ]...	
Ele [ <i>Marcelo</i> ]	não <b>tinha</b> base
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 141</b>	
<b>Portador:</b> Marcelo - <b>Atributo:</b> sem base	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> ele [ <i>Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> sem base [ <i>Marcelo</i> ]	
e [ <i>Marcelo</i> ]	<b>pirou</b> ",
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>
<b>Ex. 142</b>	
<b>Comportante:</b> Marcelo - <b>Fenômeno:</b> piração	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> [ <i>Marcelo</i> ] pirou...	
<b>descreve,</b>	sem meias palavras, uma pessoa que conheceu os dois [ <i>Marcelo e Susana</i> ].
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>
<b>Ex. 143</b>	

**Dizente:** uma pessoa que conheceu Marcelo e Susana - **Verbiagem:** descrever sem meias palavras a relação de Marcelo e Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** uma pessoa que conheceu os dois [Marcelo e Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** os dois [Marcelo e Susana]

Na verdade, mais do que a falta de base [de Marcelo] era o excesso de pó	que <b>conturbava</b> a vida de Marcelo.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 144**

**Comportante:** excesso de pó na vida de Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** falta de base [de Marcelo]...

Quando [Marcelo]	<b>conheceu</b> Susana,
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 145**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Marcelo] conheceu...

ele [Marcelo]	<b>tinha saído</b> de um tratamento para se livrar da dependência química.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 146**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** saída de um tratamento para se livrar da dependência química

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [Marcelo]

A atriz [Susana], que como uma pessoa de seu tempo e de seu meio não ignorava o assunto,	<b>oscilava</b> entre a irritação e o desejo de ajudar [Marcelo].
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 147**

**Comportante:** Susana: uma pessoa de seu tempo e de seu meio - **Fenômeno:** indefinição sobre o que fazer com Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** atriz [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** pessoa de seu tempo e de seu meio [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** irritação [Susana] X desejo de ajudar [Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** desejo de ajudar [Marcelo]...

[Susana]	<b>Procurou</b> assistência psiquiátrica para o marido [Marcelo].
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 148**

**Comportante:** Susana - **Fenômeno:** procura de assistência psiquiátrica para Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** assistência psiquiátrica [médicos]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** marido [Marcelo: Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] procurou...

"Ele [ <i>Marcelo</i> ]	<b>tinha</b> um comportamento autodestrutivo,
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 149**

**Possuidor:** Marcelo - **Possuído:** comportamento autodestrutivo

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** autodestrutivo [*Marcelo*]

e os riscos de recaída [ <i>de Marcelo</i> ]	<b>eram</b> visíveis",
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 150**

**Portador:** riscos de recaída de Marcelo - **Atributo:** visíveis

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** riscos de recaída [*de Marcelo*] eram...

descreve	a psiquiatra Magda Vaissman, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que cuidou de Marcelo durante três meses.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 151**

**Dizente:** psiquiatra Magda Vaissman - **Verbiagem:** descrever o comportamento de Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** psiquiatra Magda Vaissman, professora

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** da Universidade Federal do Rio de Janeiro [*Magda*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

"Ele [ <i>Marcelo</i> ]	<b>era</b> fascinado pela exposição em que vivia, pelo espetáculo.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 152**

**Portador:** Marcelo - **Atributo:** fascinado pela exposição em que vivia, pelo espetáculo

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** espetáculo de quem?

O que aconteceu [ <i>com Marcelo</i> ]	<b>foi</b> uma tragédia, causada por uma doença difícil e traiçoeira."
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 153**

**Identificador:** morte de Marcelo - **Identificado:** tragédia

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** aconteceu [*com Marcelo*]...

Foi a médica	quem <b>recomendou</b> a internação numa clínica de recuperação depois do primeiro e humilhante escândalo em que Marcelo se envolveu:
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 154**

**Comportante:** médica de Marcelo - **Fenômeno:** recomendação de internação de Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** médica [*Magda, psiquiatra de Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** internação [*de Marcelo*]..; clínica de recuperação [*de drogados – Marcelo*]...

o quebra-quebra num motel onde [ <i>Marcelo</i> ]	<b>se drogava</b> em companhia de uma garota de programa.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 155**

**Comportante:** Marcelo - **Fenômeno:** uso de drogas

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** garota de programa

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** onde [*Marcelo*]...

Com grande estardalhaço, como tudo o que faziam – e, quando não havia fotografos por perto, ele [ <i>Marcelo</i> ] os chamava –, Marcelo e Susana	<b>se reconciliaram.</b>
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 156**

**Circunstância:** reconciliação de Marcelo e Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*], os [*fotógrafos*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Marcelo, Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** faziam tudo com grande estardalhaço [*Marcelo e Susana*]

Como prova de amor, ele [ <i>Marcelo</i> ]	<b>gravou</b> o rosto da atriz [ <i>Susana</i> ] numa enorme tatuagem sobre as costelas.
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>

**Ex. 157**

**Agente:** Marcelo - **Afetado:** rosto de Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** atriz [*Susana*]

Os probos e sérios [ <i>brasileiros?</i> ]	<b>riram-se</b> do mau gosto dele [ <i>Marcelo</i> ] e do pouco juízo dela [ <i>Susana</i> ].
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 158**

**Experienciador:** probos e sérios - **Fenômeno:** riso do mau gosto de Marcelo e do pouco juízo de Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** probos e sérios [*brasileiros?*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** dele [*Marcelo*]; dela [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** mau gosto [*Marcelo*]; pouco juízo [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** mau gosto dele [*Marcelo*] X pouco juízo dela [*Susana*]

Os que já passaram pelo teste da paixão [ <i>brasileiros?</i> ] – fazer uma coisa que normalmente a pessoa [ <i>Susana</i> ] não faria, e sabendo que vai dar errado –	<b>preferiram</b> não julgar, ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 159**

**Experienciador:** os que já passaram pelo teste da paixão - **Fenômeno:** preferência pelo não julgamento da história de Susana e Marcelo

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** os que já passaram pelo teste da paixão



[brasileiros?]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** a pessoa [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação** (exs. 158 e 159): probos e sérios [brasileiros?] X os que já passaram pelo teste da paixão [brasileiros?]

A mais conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha [Susana] por um homem mais jovem [Marcelo]	é o filme <i>Crepúsculo dos Deuses</i> , ou <i>Sunset Boulevard</i> , no título original.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 160**

**Identificador:** mais conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha por um homem mais jovem - **Identificado:** filme *Crepúsculo dos Deuses*

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulher mais velha [Susana]; homem mais jovem [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** velha [Susana] X jovem [Marcelo]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** mais conhecida por quem?

Numa cena venerada pelos amantes do cinema, a fita	<b>começa</b> com um corpo boiando na piscina e um narrador contando como ele foi parar lá –
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 161**

**Circunstância:** começo de uma cena venerada pelos amantes do cinema

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** amantes do cinema

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** narrador

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [corpo de alguém]

um roteirista endividado [Marcelo]	<b>se refugia</b> no jardim de uma estrela decadente [Susana]
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 162**

**Comportante:** roteirista endividado - **Fenômeno:** refúgio no jardim de uma estrela decadente

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** roteirista

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional e avaliado(s):** endividado [Marcelo]; estrela [Susana]; decadente [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** roteirista endividado [Marcelo] X estrela decadente [Susana]

e não é preciso nem falar mais nada	para <b>saber</b> o que acontece.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 163**

**Experienciador:** [leitores?, brasileiros?] - **Fenômeno:** ciência do que acontece quando uma mulher mais velha se envolve com um homem mais novo

**Exclusão por supressão do(s) ator(es) social(is):** não é preciso nem quem falar?; para quem saber?; o que acontece com quem?

**Diálogo com leitor:** não é preciso nem falar mais nada para saber o que acontece...

Como tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea [Susana], o filme de 1950	<b>virou</b> um clássico pela pura passagem do tempo – sem desmerecer suas maravilhosas qualidades.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 164**

**Portador:** tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea - **Atributo:** clássico

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mais de cinquenta anos na cultura contemporânea [Susana]

**Inclusão – generalização:** tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** clássico [Susana]; maravilhosas qualidades [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** clássico pela pura passagem do tempo [Susana] X clássico pelas suas maravilhosas qualidades [Susana]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** maravilhosas qualidades de quem?

É possível que em menos tempo as reviravoltas e os dramas na vida de Susana	<b>se tornem</b> um clássico.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 165**

**Portador:** reviravoltas e os dramas na vida de Susana - **Atributo:** clássico

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

"Susana Vieira	<b>tem</b> uma grande e rara comunicação com o público [brasileiros]
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 166**

**Possuidor:** Susana Vieira - **Possuído:** grande e rara comunicação com o público

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Susana Vieira

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** grande e rara comunicação com o público [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** público [brasileiros]

**Inclusão – generalização:** público [brasileiros]

porque [Susana]	é muito forte e corajosa como mulher e como intérprete",
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 167**

**Portador:** Susana - **Atributo:** muito forte e corajosa como mulher e como intérprete

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** forte [Susana]; corajosa [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulher [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** intérprete [Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [Susana] é...

<b>diz</b>	o autor Silvio de Abreu.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 168**

**Dizente:** autor Silvio de Abreu - **Verbiagem:** dizer coisas sobre Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** autor Silvio de Abreu

"O público [brasileiros]	vai sempre <b>acompanhar</b> seus [Susana] trabalhos
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 169**

**Comportante:** público [brasileiros] - **Fenômeno:** acompanhamento dos trabalhos de Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** público [brasileiros]

**Inclusão – generalização:** público [brasileiros]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** seus [Susana]

porque, como na vida real, Susana	é muito sincera consigo mesma e não tem medo de expor suas [Susana] fraquezas ou suas [Susana] virtudes."
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 170**

**Portador:** Susana - **Atributo:** muito sincera consigo mesma

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** sincera consigo mesma [Susana]; não tem medo de expor suas fraquezas [Susana]; não tem medo de expor suas virtudes [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** suas [Susana]; suas [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** fraquezas [Susana] X virtudes [Susana]

Difícil [brasileiros?]	<b>pensar</b> em personagem melhor para uma novela [Susana].
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 171**

**Experienciador:** [brasileiros?] - **Fenômeno:** pensamento em personagem melhor para uma novela do que Susana

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** personagem para uma novela [Susana]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** difícil para quem pensar?

**Diálogo com o leitor:** Difícil pensar...

9º Quadro adicional à reportagem (Fotos 7, 8, 9 e 10)

Mulher bonita, rica e poderosa [Susana],	<b>procura...</b> [Marcelo]
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. g**

**Comportante:** mulher bonita, rica e poderosa [Susana] - **Fenômeno:** procura de mulheres maduras por homens

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulher [Susana]; rica [Susana],

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação física:** bonita [Susana],

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** poderosa [Susana]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** procura o que?

Quando a notícia da morte de Marcelo Silva chegou, todos [brasileiros]	<b>se lembraram</b> da invectiva da apresentadora Ana Maria Braga [Susana], antes da tragédia:
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 172**

**Experienciador:** todos - **Fenômeno:** lembrança da invectiva da apresentadora Ana Maria Braga

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Marcelo Silva

**Inclusão – generalização:** todos [brasileiros]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** apresentadora Ana Maria Braga

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** tragédia [de Marcelo]...

"Se você [Marcelo] desaparecesse da face da Terra agora,	<b>seria</b> uma coisa maravilhosa para todo mundo".
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 173**

**Identificador:** desaparecimento de Marcelo - **Identificado:** coisa maravilhosa

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** você [Marcelo]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** todo mundo quem?

E todo mundo [brasileiros]	<b>pensou</b> nas similitudes.
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 174**

**xperienciador:** todo mundo - **Fenômeno:** pensamento no que aconteceu com Marcelo e o que Ana Maria disse

**Inclusão – generalização:** todo mundo [brasileiros]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** similitudes do que ou com quem?

Como Susana, Ana Maria	<b>é</b> uma mulher famosa e poderosa [Susana] que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos [Marcelo].
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 175**

**Portador:** Ana Maria - **Atributo:** mulher famosa e poderosa que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:** Susana; Ana Maria

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulher [Susana]; homens [Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** famosa [Susana]; poderosa [Susana]; que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** alguns anos mais jovens [Marcelo: Susana]; muitos milhões menos ricos [Marcelo: Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** mulher famosa e poderosa [Susana] X homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos [Marcelo]

Em qualquer faixa etária, as mulheres de grande projeção [Susana]	<b>enfrentam</b> problemas para encontrar parceiros –
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 176**

**Possuidor:** mulheres de grande projeção - **Possuído:** problemas para encontrar parceiros

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** mulheres [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** qualquer faixa etária [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** de grande projeção [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** parceiros

os sensíveis egos masculinos	não <b>suportam</b> a comparação.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 177**

**Comportante:** sensíveis egos masculinos - **Fenômeno:** não suportar a comparação com mulheres de grande projeção

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** sensíveis egos masculinos [homens]

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** comparação de quem?

A partir de determinada idade [Susana], o difícil	<b>vira</b> impossível.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 178**

**Característica:** a partir de determinada idade - **Valor:** impossível [encontrar parceiros?]

**Inclusão - ator(es) social(is) impersonalizados:** a partir de determinada idade [mulheres maduras – Susana];

difícil [relacionamento de mulheres maduras com qualquer tipo de homem]; impossível [relacionamento de mulheres maduras com qualquer tipo de homem]

"Ela [a mulher madura – Susana]	<b>pode escolher</b> um mais jovem [Marcelo] pelo puro prazer físico, um desejo respeitável, mas passível de riscos.
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 179**

**Comportante:** mulher madura - **Fenômeno:** escolha de um homem mais jovem pelo puro prazer físico

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [mulher madura – Susana]; um [homem – Marcelo]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** mais jovem [Marcelo: Susana]

Ou [a mulher madura – Susana]	<b>pode escolher</b> um homem da sua idade,
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 180**

**Comportante:** mulher madura - **Fenômeno:** escolha de um homem da sua idade

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** homem

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** sua [Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** da sua idade [homens maduros: Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação** (exs. 179 e 180): homem mais jovem [Marcelo] X homem da sua idade

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** a mulher madura [Susana] pode...

mas, além de raros, uma vez que também querem moças mais novas [Fernanda], esses homens [homens maduros]	<b>envelheceram</b> muito pior do que elas [mulheres maduras – Susana]",
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>

**Ex. 181**

**Comportante:** homens maduros - **Fenômeno:** envelhecimento muito pior do que o das mulheres maduras

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** raros [homens maduros]; envelheceram muito pior do que elas [mulheres maduras – Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** moças [Fernanda],

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** mais novas [mulheres: homens maduros]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** esses homens [homens maduros]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** elas [mulheres maduras – Susana]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** moças mais novas [Fernanda] X elas [mulheres maduras – Susana]

**Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):** [homens maduros] também querem...

<b>diz</b>	a psicóloga Lidia Aratangy.
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>

**Ex. 182**

**Dizente:** psicóloga Lidia Aratangy - **Verbiagem:** dizer sobre homens maduros e mulheres maduras

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) - formalmente - pelo título profissional:** psicóloga Lidia Aratangy

Os finais infelizes [Marcelo e Susana]	não são surpresa.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 183**

**Identificador:** finais infelizes - **Identificado:** surpresa

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** finais infelizes de quem?; não são surpresa para quem?

O casamento de Elizabeth Taylor [ <i>Susana</i> ] com o caminhoneiro Larry Fortensky [ <i>Marcelo</i> ], ela aos 59 anos, ele aos 39,	<b>acabou</b> entre bebedeiras e pancadaria.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 184**

**Circunstância:** casamento de Elizabeth Taylor com o caminhoneiro Larry Fortensky acabar entre bebedeiras e pancadaria

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Elizabeth Taylor [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) – formalmente - pelo título profissional:** caminhoneiro Larry Fortensky [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ela [*Elizabeth - Susana*], ele [*Larry - Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:** 59 anos [*Elizabeth - Susana*]; 39 [*Larry - Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** ela [*Elizabeth - Susana*] aos 59 anos X ele [*Larry - Marcelo*] aos 39

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** bebedeiras de quem?, pancadaria de quem?

O deslumbramento com a fama [ <i>Susana e Marcelo</i> ]	<b>é</b> de desequilibrar qualquer um.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 185**

**Característica:** deslumbramento das pessoas com a fama – **Valor:** desequilíbrio

**Inclusão – generalização:** qualquer um

**Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):** deslumbramento com a fama por quem?

[ <i>Vocês – leitores</i> ]	<b>Imagem</b> Daniel Ducruet [ <i>Marcelo</i> ] na primeira vez em que entrou pela porta da frente do Palácio de Mônaco, não como guarda-costas, mas como marido da princesa Stéphanie
<b>T</b>	<b>R (PME)</b>

**Ex. 186**

**Experienciador:** leitores - **Fenômeno:** imaginação de Daniel Ducruet na primeira vez em que entrou pela porta da frente do Palácio de Mônaco como marido da princesa Stéphanie

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:** Daniel Ducruet [*Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:** guarda-costas [*Daniel – Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:** marido [*Daniel – Marcelo: Stéphanie - Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) – semiformalmente - pelo título profissional:** princesa Stéphanie [*Susana*]

**Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:** guarda-costas [*Daniel – Marcelo*] X marido da princesa [*Stéphanie - Susana*]

**Diálogo com o leitor:** [*Vocês – leitores*] Imaginem...

(ele [ <i>Daniel – Marcelo</i> ])	<b>foi</b> despachado ao ser fotografado em flagrante delito com outra [ <i>Fernanda</i> ];
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>

**Ex. 187**

**Portador:** Daniel - **Atributo:** despachado ao ser fotografado em flagrante delito com outra

**Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):** ele [*Daniel – Marcelo*]

**Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):** despachado [*Daniel – Marcelo*]; outra [*Fernanda*]

ela [ <i>Stéphanie</i> ]	<b>engravidou</b> de mais um segurança [ <i>Marcelo</i> ].
<b>T</b>	<b>R (PMA)</b>
<b>Ex. 188</b>	
<b>Agente:</b> Stéphanie - <b>Afetado:</b> mais um segurança	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> ela [ <i>Stéphanie - Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> mais um [ <i>Daniel – Marcelo: Stéphanie - Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:</b> segurança [ <i>Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:</b> ela [ <i>princesa - Susana</i> ] X segurança [ <i>Marcelo</i> ]	
Isolada no mundo do alto estrelato, Britney Spears	não viu alternativa que não um então desconhecido dançarino de sua trupe, Kevin Federline [ <i>Marcelo</i> ] – que esperava um filho com outra [ <i>Fernanda</i> ].
<b>T</b>	<b>R (PCO)</b>
<b>Ex. 189</b>	
<b>Comportante:</b> Britney Spears - <b>Fenômeno:</b> casamento com alguém que espera o filho de outra	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> isolada no mundo do alto estrelato [ <i>Britney - Susana</i> ]; desconhecido [ <i>Kevin - Marcelo</i> ]; outra [ <i>Fernanda</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) pelo título profissional:</b> dançarino [ <i>Kevin- Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:</b> Britney Spears [ <i>Susana</i> ]; Kevin Federline [ <i>Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:</b> de sua trupe [ <i>Kevin - Marcelo: Britney- Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> sua [ <i>Britney- Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> filho [ <i>de Kevin- Marcelo</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) personalizados por diferenciação:</b> mundo do alto estrelato [ <i>Britney - Susana</i> ] X desconhecido [ <i>Kevin - Marcelo</i> ]	
Uma das mulheres mais cobiçadas do mundo, mesmo com toda a loucura, até hoje ela [ <i>Britney Spears</i> ]	não <b>arranjou</b> outro namorado propriamente dito.
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 190</b>	
<b>Possuidor:</b> Britney - <b>Possuído:</b> namorado propriamente dito	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> uma das mulheres mais cobiçadas do mundo [ <i>Britney</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> ela [ <i>Britney- Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> namorado [ <i>Britney- Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:</b> namorado propriamente dito [ <i>homem da classe social de Britney</i> ]	
<b>Exclusão – supressão do(s) ator(es) social(is):</b> cobiçadas por quem?	
"Nunca [ <i>eu – Ana Maria Braga - Susana</i> ]	<b>tive</b> um homem que ganhasse mais do que eu",
<b>T</b>	<b>R (PRE)</b>
<b>Ex. 191</b>	
<b>Possuidor:</b> Ana Maria - <b>Possuído:</b> homem que ganhasse mais	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por classificação:</b> homem	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) identificado(s) por identificação relacional:</b> que ganhasse mais [ <i>homem: Ana Maria- Susana</i> ]	
<b>Inclusão - ator(es) social(is) ativado(s):</b> eu [ <i>Ana Maria- Susana</i> ]	
<b>Exclusão – encobrimento do(s) ator(es) social(is):</b> eu [ <i>Ana Maria Braga – Susana</i> ] nunca tive...	

<b>diz</b> realista,	Ana Maria [ <i>Susana</i> ], atualmente casada com Marcelo Frisoni [ <i>Marcelo</i> ].
<b>T (PVE)</b>	<b>R</b>
<b>Ex. 192</b>	
<p><b>Dizente:</b> Ana Maria - <b>Verbiagem:</b> dizer realisticamente sobre os homens com que se relacionou</p> <p><b>Inclusão - ator(es) social(is) avaliado(s):</b> realista [<i>Ana Maria – Susana</i>]</p> <p><b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) informalmente:</b> Ana Maria [<i>Susana</i>],</p> <p><b>Inclusão - ator(es) social(is) nomeado(s) semiformalmente:</b> Marcelo Frisoni [<i>Marcelo</i>]</p> <p>[1] Separei o texto – no ANEXO 1 como publicado na <i>Veja on line</i> - em orações conforme preconizado pelo Sistema de Tema e Rema.</p> <p>[2] Mantive o Português original do texto com os três personagens do “triângulo amoroso” sublinhados para fins de análise.</p> <p>[3] A numeração das fotos (não analisadas aqui) baseia-se na ordem sequencial em que aparecem nas páginas impressas da reportagem.</p> <p>[4] Essa foto não aparece na versão <i>on-line</i> da reportagem.</p>	



## **APÊNDICE 2**

**Exemplos de Discurso Bivocal [1]:**

Humilhação - Susana: a novela verdadeira da atriz rica e bem-sucedida que foi traída em público duas vezes pelo marido 28 anos mais jovem (+ **vozes de outras notícias** – o romance – e a história de vida de Susana - foi amplamente divulgado na mídia)

Autodestruição - Marcelo com Fernanda: doze horas de uso contínuo de cocaína e surto alucinatório, até a morte ao lado da jovem por quem havia largado Susana (+ **depoimento de Fernanda**)

Cada vez mais jovens - O rosto que as câmeras adoram e está na memória coletiva: Susana no início da carreira com o primeiro marido, Régis Cardoso; com Carson, o segundo, e com Marcelo, o bonitão da Baixada que foi expulso da PM depois do primeiro escândalo de drogas e quebraadeira (+ **vozes de outras notícias**)

Duas caras - Mesma praia, mulheres diferentes: Marcelo com Susana, em agosto, e com Fernanda, em novembro; enquanto o caso foi clandestino, ele dizia que ia às reuniões dos Narcóticos Anônimos para se encontrar com a outra (+ **vozes de outras notícias**)

A história é tão antiga quanto a humanidade, mas todo mundo continua a acompanhar com emoção a trama de poder, fama, traição e vício que uniu Susana Vieira e Marcelo Silva, depois os separou e por fim o levou à overdose fatal em companhia da nova e bela namorada. (+ **vozes de brasileiros** – todo mundo - + **vozes de outras notícias**)

Dava um livro, um filme – e, claro, uma novela

O nome e o rosto de Susana Vieira estão gravados na memória coletiva dos brasileiros. Ela divide com algumas poucas estrelas, como Hebe Camargo e Glória Menezes, a sensação de que existem desde sempre – o que é verdade, se o marco zero da história for o começo da televisão. Aos 66 anos, tem uma característica rara: continua a ser protagonista de novelas. Se não ganha o papel principal desde o início, em algum momento ela o devora, pela capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor. (+ **vozes de outras notícias**)

A isso se chama o poder de empatia e sedução das estrelas.

É por isso que o público a ama, ao contrário de colegas que se atritam com a atriz de temperamento difícil e competitivo. (+ **vozes de brasileiros** + **vozes de colegas de trabalho de Susana**)

E é por isso que não existe mulher no Brasil que não tenha acompanhado suas aventuras na TV e suas desventuras na vida real, que culminaram com a morte do ex-marido Marcelo Vieira da Silva, que por duas vezes a traiu e humilhou em público. (+ **vozes das brasileiras** + **vozes de outras notícias**)

É um lugar-comum comparar a vida de atores às tramas mirabolantes das novelas, mas provavelmente existem poucos exemplos mais cabíveis do que a história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição. Nessa narrativa tão antiga quanto a humanidade, Susana era o personagem principal e Marcelo aquele coadjuvante de caráter duvidoso e comportamento inconveniente que todo mundo desconfia que não vai acabar bem no final. (+ **vozes de outras notícias**)

É a lição de moral que o senso comum de justiça exige, mas que quando acontece não pode deixar ninguém feliz.

Marcelo Silva, ex-soldado da PM, morreu no vigor dos 38 anos assombrado por alucinações terríveis que o atormentaram durante as suas últimas doze horas de vida. Imaginava estar sendo seguido por um homem e passou a noite tentando encontrá-lo. (+ **depoimento de Fernanda**)

Tanto os delírios quanto o infarto que provavelmente o matou foram provocados pela cocaína que cheirou sem cessar. (+ **depoimento de Fernanda** + **vozes de especialistas**)

A noia e a overdose, no linguajar dos drogados, são fenômenos diferentes, mas se uniram para destruir Marcelo de maneira inapelável. (+ **vozes de drogados** + **depoimento de Fernanda**)

Nos momentos derradeiros, imaginava ter finalmente agarrado o algoz imaginário, o fantasma que o perseguia.

[...] Em seguida se acalmou, como se estivesse dormindo. Aliviada, a namorada voltou ao carro e se sentou ao lado dele. Marcelo estava morto. (+ **depoimento de Fernanda**)

Uma moradora que havia acudido foi a primeira a perceber ao iluminar o rosto dele com uma lanterna e notar um fio de sangue correndo pela boca. (+ **voz de uma moradora**)

A morte por overdose costuma decorrer de derrame ou infarto: o sistema cardiovascular não aguenta a descarga de noradrenalina, um neurotransmissor, o mesmo responsável pela inefável sensação de euforia que vem com a coca. Mesmo em usuários acostumados, ou com físico de atleta, como Marcelo, pode acontecer o momento em que o corpo não aguenta, pelo excesso de droga ou, o que é mais raro em razão da qualidade inferior do pó distribuído no Brasil, por sua pureza incomum. (+ **vozes de especialistas**)

Dali, foram para o motel Shalimar, nas proximidades da favela do Vidigal. [...] Chegou a imaginar que Fernanda estava "de rolo" com o tal perseguidor. (+ **depoimento de Fernanda**)

Os surtos em drogados funcionam de maneira quase idêntica aos de uma doença mental como a esquizofrenia paranóide. Como nos acometidos pelo distúrbio, os delírios parecem terrivelmente verdadeiros. (+ **vozes de especialistas**)

Enquanto dirigia, ele chegou alucinado à garagem do prédio. Circulava entre as vagas, freava bruscamente, gritava. Quando parou o carro, um Polo prata, começou a revistá-lo. Só interrompeu o surto de atividades frenéticas ao se jogar, prostrado, no banco do carona. Dali não saiu vivo. (+ **depoimento de Fernanda**)

Fernanda é uma bela nutricionista de 23 anos, filha de um médico e fazendeiro de Goiânia, que foi para o Rio fazer um curso de pós-graduação, conheceu Marcelo, apaixonou-se e desencadeou o último escândalo ao usar o truque clássico – e baixo – da "outra": ligar para a mulher oficial e contar tudo, na tentativa de forçar uma ruptura. Conseguiu. Depois de uma agressão que resultou em queixa à polícia, os dois se reconciliaram, contra a vontade da família dela, que chegou a cortar a mesada da jovem. Marcelo apareceu em programas de televisão fazendo declarações incrivelmente grosseiras, mas condizentes com seu perfil de boa-praça meio destrambelhado, que fala as besteiras como lhe vêm à cabeça. [...] Nos bastidores, parecia desorientado e dividido entre Susana, de quem parecia gostar de verdade, e Fernanda, com quem fazia planos de casar e ter filhos. [...] Estava montando um negócio de transporte para executivos. Há duas semanas, embarcou com a namorada numa viagem de navio de Santos ao Rio, num encontro promovido pelo grupo Narcótico Anônimos – uma incrível ironia, considerando-se que, quando estava com Susana Vieira, mentia que ia a reuniões do gênero para se encontrar com a outra. (+ **vozes de outras notícias**)

Susana Vieira estreou na nascente televisão brasileira em 1963. (+ **vozes de outras notícias**) Tinha o tipo de rosto que as câmeras adoram, mas ainda estava no fundo da tela – era contratada da TV Tupi para dançar durante a apresentação de cantores. Lá conheceu o primeiro marido, o diretor Régis Cardoso, falecido em 2005. Teve com ele o filho único, empresário que mora em Miami. Eram tempos ainda ingênuos quando fez o primeiro papel importante, o da babá malvada na novela Anjo Mau, da Globo. Num processo incomum, ela foi ganhando mais destaque com o tempo, que sempre pareceu desmentir com a aparência jovial (ajudada pelas plásticas de costume) e o temperamento desafiador. O segundo marido e o primeiro mais novo foi Carson Gardezabal. Casou-se com ele em 1986, enfrentou uma temporada de escândalos quando ele foi acusado de duplo homicídio e se separou em 2003. A diferença de dezesseis anos saltou para 28 em 2006, quando ela conheceu Marcelo Silva, um típico bonitão da Baixada, de olhos verdes, corpo sarado e um incontornável fracasso por mulheres. O primeiro encontro foi num ensaio da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio, onde ela era a madrinha de bateria e ele fazia bico como segurança. Em duas semanas, Marcelo se mudou de Nilópolis para a casa dela, na Barra. Em três meses, anunciaram o casamento. (+ **vozes de outras notícias**)

E é impossível que ele não se deslumbrasse com a nova vida, de súbita notoriedade e múltiplas benesses. [...] Quando conheceu Susana, ele tinha saído de um tratamento para se livrar da dependência química. A atriz, que como uma pessoa de seu tempo e de seu meio não ignorava o assunto, oscilava entre a irritação e o desejo de ajudar. (+ **vozes de outras notícias**)

Foi a médica quem recomendou a internação numa clínica de recuperação depois do primeiro e humilhante escândalo em que Marcelo se envolveu: o quebra-quebra num motel onde se drogava em companhia de uma garota de programa. (+ **voz da médica de Marcelo + vozes de outras notícias**)

Com grande estardalhaço, como tudo o que faziam – e, quando não havia fotógrafos por perto, ele os chamava – , Marcelo e Susana se reconciliaram. Como prova de amor, ele gravou o rosto da atriz numa enorme tatuagem sobre as costelas. (+ **vozes de outras notícias**)

Os probos e sérios riram-se do mau gosto dele e do pouco juízo dela. (+ **vozes dos brasileiros “corretos”**)

Os que já passaram pelo teste da paixão – fazer uma coisa que normalmente a pessoa não faria, e sabendo que vai dar errado – preferiram não julgar, ou pelo menos entender que esse é um campo onde a irracionalidade vence, sempre.

A mais conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha por um homem mais jovem é o filme Crepúsculo dos Deuses, ou Sunset Boulevard, no título original. Numa cena venerada pelos amantes do cinema, a fita começa com um corpo boiando na piscina e um narrador contando como ele foi parar lá – um roteirista endividado se refugia no jardim de uma estrela decadente e não é preciso nem falar mais nada para saber o que acontece. (**convite ao leitor para continuar esse raciocínio**)

Como tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea, o filme de 1950 virou um clássico pela pura passagem do tempo – sem desmerecer suas maravilhosas qualidades.

Diffícil pensar em personagem melhor para uma novela. (**convite ao leitor para continuar esse raciocínio**)

Quando a notícia da morte de Marcelo Silva chegou, todos se lembraram da invectiva da apresentadora Ana Maria Braga, antes da tragédia: [...] E todo mundo pensou nas similitudes. (+ **vozes de brasileiros**)

Como Susana, Ana Maria é uma mulher famosa e poderosa que vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos. (+ **vozes de outras notícias**)

Em qualquer faixa etária, as mulheres de grande projeção enfrentam problemas para encontrar parceiros – os sensíveis egos masculinos não suportam a comparação. A partir de determinada idade, o difícil vira impossível. [...] Os finais infelizes não são surpresa.

O casamento de Elizabeth Taylor com o caminhoneiro Larry Fortensky, ela aos 59 anos, ele aos 39, acabou entre bebedeiras e pancadaria. (+ **vozes de outras notícias**)

O deslumbramento com a fama é de desequilibrar qualquer um.

**Imagem** Daniel Ducruet na primeira vez em que entrou pela porta da frente do Palácio de Mônaco, não como guarda-costas, mas como marido da princesa Stéphanie (ele foi despachado ao ser fotografado em flagrante delito com outra; ela engravidou de mais um segurança). (**convite ao leitor para continuar esse raciocínio**)

Isolada no mundo do alto estrelato, Britney Spears não viu alternativa que não um então desconhecido dançarino de sua trupe, Kevin Federline – que esperava um filho com outra. Uma das mulheres mais cobiçadas do mundo, mesmo com toda a loucura, até hoje ela não arranjou outro namorado propriamente dito. (+ **vozes de outras notícias**)

[1] Discurso de senso comum: sublinhado.

### **APÊNDICE 3**

## A “Novela”:

<b>Novela verdadeira: <i>Crepúsculo dos Deuses</i></b>			
<b>Autor(a): Desconhecido(a)?</b>			
escândalo, pó e morte; história tão antiga quanto a humanidade; trama de poder, fama, traição e vício; dava um livro, um filme e uma novela; mesma praia, mulheres diferentes; história de amor, fama, poder, deslumbramento, ascensão social, traição e escândalo que aproximou e afastou Susana e Marcelo com a força de mil sóis da paixão e o apelo abissal da autodestruição; narrativa tão antiga quanto a humanidade; lição de moral que o senso comum de justiça exige; início, meio e fim; tragédia; grande estardalhaço; campo onde a irracionalidade vence, sempre; conhecida história ficcional de paixão de uma mulher mais velha por um homem mais jovem... e não é preciso nem falar mais nada para saber o que acontece; a fita começa com um corpo... e um narrador contando...; final infeliz; acaba entre bebedeiras e pancadaria			
<b>Personagem principal: Susana Vieira [protagonista: estrela decadente]</b>	<b>Coadjuvante: Marcelo Silva [herói romântico: roteirista endividado]</b>	<b>A outra: Fernanda Cunha [antagonista]</b>	<b>Outros atores [elenco de apoio]</b>
mulher oficial; atriz; rica; bem-sucedida; traída em público; rosto que as câmeras adoram; nome e rosto gravados na memória coletiva dos brasileiros; estrela; sensação de que existe desde sempre; 66 anos; característica rara: continua a ser protagonista de novelas; capacidade de infundir uma energia tão poderosa que ofusca tudo a seu redor; poder de empatia e sedução; amada pelo público; não amada pelos colegas; temperamento difícil e competitivo; aventuras na TV; desventuras na vida real; humilhada em público; melhor mãe; teve primeiro marido; teve filho único; num processo incomum, foi ganhando mais destaque com o tempo; aparência jovial (ajudada pelas plásticas de costume); temperamento desafiador; teve segundo marido e primeiro mais novo; enfrentou temporada de escândalos; madrinha de bateria; se sentindo desejada e amada de verdade; pessoa de seu tempo e de seu meio; oscilava entre a irritação e o desejo de ajudar Marcelo; pouco juízo; como tudo com mais de cinquenta anos na cultura contemporânea; clássico pela pura passagem do tempo; maravilhosas qualidades; reviravoltas e dramas; grande e rara comunicação com o público; forte e corajosa como mulher e como intérprete; muito sincera consigo mesma; sem medo de expor suas fraquezas	marido 28 anos mais jovem; típico bonitão da Baixada; expulso da PM; envolvido em escândalo de drogas e quebradeira; frequentava o Narcóticos Anônimos; ex-marido; caráter duvidoso; comportamento inconveniente; todo mundo desconfia que não vai acabar bem no final; ex-soldado da PM; no vigor dos 38 anos; nória e overdose; drogado; escandalosos dias; usuário de cocaína acostumado; físico de atleta; surto de atividades frenéticas; perfil de boa-praça meio destrambelhado, que fala as besteiras como lhe vêm à cabeça; desnorteado e dividido; montando um negócio de transporte para executivos; ser humano; olhos verdes; corpo sarado; incontornável fraco por mulheres; bico como segurança; nova vida deslumbrante; súbita notoriedade; cara do subúrbio; não tinha base; excesso de pó; tratamento para se livrar da dependência química; comportamento autodestrutivo; riscos	namorada; nova; bela; namorada; jovem; viveu escandalosos dias; nutricionista; 23 anos; filha de um médico e fazendeiro de Goiânia; no Rio para fazer curso de pós-graduação; usa o truque clássico – e baixo; "outra"; muito fácil; moça	todo mundo; Régis Cardoso; brasileiros; Hebe Camargo; Glória Menezes; estrelas de TV; público de novelas; colegas de Susana; executivos; fantasma; moradora do prédio de Marcelo e Fernanda; professor Dartiu Xavier da Silveira; ex-colegas de farda de Marcelo; dois policiais; drogados; ex-drogados; esquizofrênicos; médico e fazendeiro de Goiânia; psicóloga Terezinha Cunha; Cristiano; cantores; donos da TV Tupi; empresário que mora em Miami; babá malvada; Carson Gardezabal; sambistas da Grande Rio; amigos de Susana e Marcelo; uma pessoa que conheceu Susana e Marcelo; psiquiatra Magda Vaissman; garota de programa; probos e sérios; os que já passaram pelo teste da paixão; fotógrafos; amantes do cinema; autor Silvio de Abreu; Ana Maria Braga; psicóloga Lidia Aratangy; Elizabeth Taylor; caminhoneiro Larry Fortensky; Daniel Ducruet; princesa Stéphanie; mais um segurança; Britney Spears; Kevin Federline; a que esperava um filho de Kevin Federline; Marcelo Frisoni

<p>ou suas virtudes; difícil pensar em personagem melhor para uma novela; mulher famosa e poderosa; vem se casando sucessivamente com homens alguns anos mais jovens e muitos milhões menos ricos; mulher de grande projeção; problemas para encontrar parceiros: o difícil vira impossível; escolhe homens mais jovens pelo puro prazer físico; até hoje não arranjou outro namorado propriamente dito, um homem que ganhasse mais</p>	<p>de recaída visíveis; fascinado pela exposição e pelo espetáculo; quebra-quebra num motel; gravou o rosto de Susana numa enorme tatuagem sobre as costelas; mau gosto; se desaparecesse da face da Terra agora, seria uma coisa maravilhosa para todo mundo; sensível ego; não suporta a comparação; deslumbrado com a fama</p>		
<p><b>Outros papéis no enredo:</b> Hebe Camargo; Glória Menezes; Ana Maria Braga; Elizabeth Taylor</p>	<p><b>Outros papéis no enredo:</b> Carson Gardeazabal; caminhoneiro Larry Fortensky; Daniel Ducruet; Kevin Federline; Marcelo Frisoni</p>	<p><b>Outros papéis no enredo:</b> a que esperava um filho de Kevin Federline</p>	
<p style="text-align: center;"><b>Locações:</b></p> <p><b>1° Rio de Janeiro</b> - praia da Barra da Tijuca; garagem do apart-hotel; delegacia de polícia; estacionamento no centro da cidade; motel Shalimar, nas proximidades da favela do Vidigal; apart-hotel na Barra da Tijuca; Baixada Fluminense; quadra da escola de samba Acadêmicos da Grande Rio; Nilópolis; casa na Barra da Tijuca; subúrbio; clínica de recuperação; outro motel; piscina da mansão; jardim da mansão</p> <p><b>2° Santos</b> – navio</p> <p><b>3° Miami</b></p> <p><b>4° Disneylândia</b></p> <p><b>5° Monte Carlo</b> - Palácio de Mônaco</p> <p><b>6° Outros</b> - sedes de programas de televisão</p>			